

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

LUCIANE PEREIRA DA SILVA NAVARRO

EU MARGINAL:
(DES)ENCONTROS NARRATIVOS EM PRIMEIRA PESSOA

PONTA GROSSA

2014

LUCIANE PEREIRA DA SILVA NAVARRO

EU MARGINAL:

(DES)ENCONTROS NARRATIVOS EM PRIMEIRA PESSOA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguagem.

Linha de Pesquisa: Pluralidade, Linguística e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Sanches Neto

PONTA GROSSA

2014

LUCIANE PEREIRA DA SILVA NAVARRO

EU MARGINAL: (DES)ENCONTROS NARRATIVOS EM PRIMEIRA PESSOA.

Dissertação apresentada para obtenção do título de grau de Mestre em Linguagem,
Identidade e Subjetividade na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de
concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 09 de setembro de 2014.

Miguel Sanches Neto

Doutor em Literatura

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Wânia Resende da Silva

Doutora em Ciências Sociais

Universidade Estadual de Maringá

Marly Catarina Soares

Doutora em Literatura

Universidade Estadual de Ponta Grossa

DEDICATÓRIA

À minha doce filha Beatriz e ao meu amado esposo William Navarro.

AGRADECIMENTOS

À inspiração divina,

Sem a qual eu não enfrentaria meus pequenos dias e me ajudou a romper com o passado e forjou em mim o desejo de escrever, pesquisar e trilhar novos caminhos;

Ao mestre e amigo,

Dr. Miguel Sanches Neto, que fica para sempre no meu coração como um orientador de sonhos, que me conduziu com sabedoria e amizade. Obrigada por me dar a honra de ter seu nome junto ao meu neste trabalho. Sou imensamente grata pelo crescimento pessoal proporcionado pela sua brilhante condução da disciplina Literatura e Identidade Marginal, que me rendeu lágrimas e a coragem de escrever pela primeira vez as memórias de minha infância.

Às professoras,

Doutoras Djane Antonucci Correa, Letícia Fraga, Marly Catarina Soares e Pascoalina Saleh, que me ajudaram a organizar o mosaico de conhecimentos que culmina nesta dissertação.

À Melita Luzia dos Santos,

Que me recebeu em Minas Gerais e abriu as portas da sua casa como quem recebe um velho amigo. Obrigada pelo carinho e por dividir sua história de vida comigo.

RESUMO

Centrado na investigação da linguagem identitária marginal no circuito editorial tradicional e na blogosfera, este estudo de caso se articula em uma análise comparativa entre duas narrativas em primeira pessoa. A revista feminina popular *Sou Mais Eu*, publicada pela Editora Abril, fornece ao estudo a matéria jornalística com o relato de vida de Melita Luzia Santos. Este texto é comparado à narrativa, sem mediação jornalística, da mesma protagonista em seu *blog* pessoal, o *Saída de Emergência*. De acordo com argumentação pautada em Phillipe Lejeune no *Pacto Autobiográfico*, tanto a revista quanto o *blog* são autobiográficos com graus diferentes de abertura à representação e à escrita subalternas. Ambos os textos selecionados têm um "eu" gramatical que se refere ao nome próprio Melita Luzia dos Santos, a diferença entre eles reside no fato de que na revista quem escreve é o jornalista enquanto no *blog* a própria protagonista que toma frente ao texto. Sobre esta dicotomia, o (des)encontro dos 'eus' enunciados nas narrativas são comparados a partir da concepção de uma linguagem identitária, proposta por Roland Barthes em *O Grau Zero da Escritura*. Esta obra também ofereceu o suporte teórico para a escolha da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, como modelo referencial de linguagem em funcionamento de verdade. A escolha deste caminho metodológico foi decisiva para que fosse realizada a análise fora dos limites impostos por uma cultura grafo e androcêntrica, que, muito provavelmente, apontaria para uma análise linguística tradicional. Michel Foucault com o texto *A vida dos Homens Infames* e Gayatri Spivak com a obra *Pode o Subalterno Falar?* compõem o cerco teórico que, em última instância, repousa sobre as autonarrativas femininas subalternas na contemporaneidade, cuja amplitude de implicações contextuais exigiu a adoção do método dialético.

Palavras-chave: jornalismo popular, blogosfera, mulher, autonarrativas;

ABSTRACT

Focused on the investigation of the marginal identity language in the traditional editorial and on the blogosphere, this case study articulates a comparative analysis between two narrations in the first person. The popular women's magazine *Sou mais Eu*, published by Abril publisher, provides this study with a report on the story of life of Melita Luzia Santos. This text is compared to narration, with no journalistic mediation of the protagonist in her personal blog, *Saída de Emergência (Emergency Exit)*. According to the discussion interlined in Phillipe Lejeune on the *Pacto Autobiográfico (The Autobiographical Pact)*, both the magazine and the blog are autobiographic with different degrees of subordinate representation and writing opening. Both texts selected have a grammatical "I" that refers to the name of Melita Luzia dos Santos, the difference between them is in the fact that on the magazine the journalist is the one who writes it while on the blog the protagonist is the one who writes it. On this dichotomy, the usage or misuse of "I" in the narrations are compared from the conception of an identity language, these proposed by Roland Barthes on *O Grau Zero da Escritura (Writing Degree Zero)*. This work has also provided the theoretical support to choose *Quarto de Despejo (Beyond All Pity)*, by Carolina Maria de Jesus, as the referential model of truth functional language. The choice of this methodological approach has been crucial to accomplish the analysis out of the limits imposed by a spelling and andocentric culture that would, likely, point at a traditional linguistic analysis. Michel Foucault with the text *A vida dos Homens Infames (The Life of Coward Men)* and Gayatri Spivak with the work *Pode o Subalterno Falar?(Can the Subaltern Speak?)* compose the theoretical surrounding that, in the end, lies over subordinate female self-narrations in contemporaneity, whose extent and contextual implications required the usage of the dialectic method.

Key-words: popular journalism, blogosphere, woman, autonarrativas, narrative itself;

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

FIGURA 1 - Capa com Ariela Lopes Messias.....	122
FIGURA 2 - Capa Revista Sou Mais Eu.....	123
FIGURA 3 - Recorte da matéria de Isabel Ferreira.....	126
FIGURA 4 - Capa com Priscila Silveira	127
FIGURA 5 - Capa com Marieli Nepomuceno	129

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

CARTAS NA MESA: INTRODUÇÃO À LEITURA	10
1.1 CAMINHOS TEÓRICOS	13
1.1.1 As culturas e os atributos comum, popular, marginal e subalterno	14
1.2 PERCURSO DA PESQUISA	20
1.2.1 O método	22
1.2.2 O estudo de caso	22
1.2.2.1 A construção de um caminho metodológico	24
1.2.2.2 O modelo de linguagem	26
1.1 ORGANIZAÇÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS	27

CAPÍTULO 2

VOZES DIALÉTICAS: MARGINAIS E CÂNONES	29
2.1 INCLUSÃO E ILUSÃO ECONÔMICA	31
2.2 INCLUSÃO OU ILUSÃO MÍDIÁTICA	32
2.2.1 A linguagem como limite	39
2.2.2 A raça como limite	44
2.3 UM CAMINHO À MARGEM DO CÂNONE	45
2.3.1 A marginal no circuito editorial tradicional	47
2.4 A <i>SOU MAIS EU</i> NO ÂMBITO DAS REVISTAS POPULARES	50
2.4.1 Revista <i>Sou Mais Eu</i>	53
2.5 TEXTOS JORNALÍSTICOS EM PRIMEIRA PESSOA	56
2.5.1 Identidades de Escrita	59
2.5.1.1 A relevância da mediação	63
2.6 RELATOS DE VIDA	63
2.6.1 O tratamento textual dos relatos de vida	63

CAPÍTULO 3

DA ESCRITA ÍNTIMA À AUTOPUBLICAÇÃO VIRTUAL	70
3.1 NARRATIVAS PESSOAIS: DE ONDE VIERAM E PARA ONDE VÃO?	72
3.2 DIÁRIOS DO SÉCULO 20	75
3.3 À SOMBRA DO HOMEM	79
3.3.1 A (in)determinação do feminino	81
3.3.2 O feminismo	82
3.3.3 Três ordens do feminino	85
3.3.4 Mulheres Consoantes	88
3.4 A MULHER PELOS DOMÍNIOS DA ESCRITA	90
3.4.1 Lugar e Escrita	92

3.4 JANELAS PARA AUTONARRATIVAS MENORES	96
3.5 VIRTUDE DA VIRTUALIDADE: A MENORIZAÇÃO DO AUTOR	98
3.5.1 Evasão de privacidade	101
3.5.2 Diálogo entre pares	103
3.5.3 A linguagem do <i>blog</i>	105
3.5.4 A linguagem cifrada	109
3.5.5 <i>Blogs</i> Femininos	111

CAPÍTULO 4

LINGUAGENS COMPARADAS	114
4.1 ESTUDO DE LINGUAGEM	115
4.1.1 Carolina-faminta	117
4.1.2 Carolina-dançarina	119
4.1.3 Carolina da capa	121
4.1.4 A negra na capa	123
4.1.5 Carolina homossexual	131
4.2 IDENTIDADE DE LINGUAGEM DE MELITA LUZIA SANTOS	133
4.2.1 Melita Luzia Santos e Maria Carolina de Jesus	141
4.3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS LINGUAGENS: MATÉRIA JORNALÍSTICA E PERFIL DO BLOG	146
4.3.1 A matéria	148
4.3.1.1 Melita avalia sobre a matéria jornalística	150
4.3.2 O texto do perfil do <i>blog</i>	150
4.3.2.1 Melita avalia o papel do <i>blog</i> em sua vida	151
4.3.3 Análise comparativa do <i>blog</i> e da matéria	154

CAPÍTULO 5

ÚLTIMAS PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LINGUAGENS	162
--	-----

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário preliminar de pesquisa.....	183
Apêndice B - Entrevista em profundidade.....	184
Apêndice C - Relato de Vida.....	191

ANEXOS

Anexo A - Capas	197
Anexo B - Reportagem Melita Luzia Santos.....	199
Anexo C - Textos do blog Saída de Emergência	200

CAPÍTULO 1

CARTAS NA MESA: INTRODUÇÃO À LEITURA

Imaginemos um tempo em que a cidadela da escrita seja tomada. Que o jornalismo e a literatura acatem as linguagens ‘imperfeitas’ e que todo ‘eu’ tenha espaço para narrar sua vida infame. Tal aspiração, de raiz foucaultiana, que parece tão distante no mundo do papel, surge sedutora, democrática e real na virtualidade. Esta consideração preliminar traduz a aposta desta investigação: partir do espaço de linguagem concedido à mulher comum na revista *Sou Mais Eu* e atingir o largo campo de possibilidades aberto à autonarrativa em *blogs* pessoais.

O estudo da linguagem jornalística em primeira pessoa e da narrativa de si na blogosfera anima esta pesquisa. A jornada entre o impresso e o virtual prevê uma análise comparativa entre dois textos que trazem à tona relatos de vida de mulheres comuns. Constitui, portanto, objetivo geral desta dissertação estudar a linguagem identitária marginal, investigando como ela se manifesta na *Sou Mais Eu* e no diário virtual de uma mulher que teve sua história reportada pela revista. Dito de outro modo, a intenção é estudar a narrativa em primeira pessoa na contemporaneidade em dois momentos: quando ela se torna possível através da mediação jornalística e quando a mulher subalterna toma frente ao texto sem mediações em *blogs* pessoais. Portanto, o objeto de estudo é a autonarrativa como possibilidade de empoderamento.

Um aspecto que justifica estudar as autonarrativas subalternas a partir de um estudo de caso, pautado no método dialético e na análise comparativa, é justamente o foco narrativo dos textos. A revista, diferentemente de grande parte da imprensa, que publica textos em terceira pessoa, trabalha com depoimentos em primeira pessoa. Isto é, mesmo diante a mediação jornalística, o entrevistado é quem assume o eu enunciado no texto. Já no diário virtual, sem qualquer mediação ou edição, a blogueira toma frente ao texto diretamente e se coloca como protagonista na escrita de si. As especificidades de dois ‘eus’ textualizados, com e sem mediação, foram o ponto distintivo crucial para o fechamento deste estudo.

Considerou-se, portanto, que, ao se narrar (ou ser narrada) em primeira pessoa, a mulher comum desfrutaria de uma espécie de alçamento representacional através do jornalismo ou do *blog*. Ausente ou pouco presente nas demais revistas femininas, ela teria na *Sou Mais Eu* a oportunidade de ser representada a partir da

mediação jornalística. Certamente, existem produtos jornalísticos que se dirigem à mulher subalterna, contudo, nenhuma delas disponibiliza 100% de suas páginas a ela. Para figurar nas páginas da publicação, as leitoras enviam sugestões de pauta. As histórias selecionadas, apesar de narradas em primeira pessoa, resultam da mediação jornalística. Isto é, o jornalista é quem escreve. Esse aspecto, que a faz destoar na paisagem jornalística, justifica a escolha da revista para o estudo.

Considerou-se aqui a hipótese de que, mesmo diante dos limites inerentes à mediação jornalística, a publicação abriria um importante espaço de expressão às mulheres comuns. Ao conceder vez e voz a *Sou Mais Eu* permitiria que mulheres comuns, ao terem suas vidas narradas em primeira pessoa, integrassem o restrito universo da escrita e, portanto, comungassem, mesmo que transitoriamente, dos poderes dele decorrentes. A investigação dessa hipótese exigiu que se problematizasse a legitimidade da representação em termos de linguagem identitária: quais os limites do texto jornalístico? Como o jornalismo trabalha com a identidade linguística do entrevistado? Quais as implicações sobre a identidade quando, no depoimento, o jornalista faz uso da primeira pessoa no lugar do entrevistado? A mediação é sempre necessária?

Na outra ponta da análise, o *blog*, diário virtual, representa uma abertura às chamadas ‘eu-mídias’, que marcam uma era comunicacional pós-massiva em franco desenvolvimento. Nesse contexto, o sujeito não é mais coadjuvante no processo representacional, mas passa a falar por si e de si. O advento da internet publicável e do diário virtual, abre caminho, cada vez mais largo, ao sujeito comum, que pode se representar diretamente. Os internautas emergentes experimentam o sabor da navegabilidade, das autonarrativas e do diálogo com vozes similares e destoantes em escala global. Isto é, para além das possibilidades de escrita e de publicação, existe o acréscimo de um contato, da comunicação entre pares, que, juntos, e em diálogo, constroem um processo de abertura a múltiplas representações marginais na internet. Na Babel virtual, são rompidas barreiras de classe, tempo, lugar e linguagem, tópicos recebem atenção especial na discussão.

O *blog* popularizou e democratizou o diário, tornando-o um caminho possível para a autopublicação do cidadão comum. Mais que isso, as narrativas de si na virtualidade não passam por censura ou correção, o que possibilita a veiculação de uma linguagem singular e identitária. Ao encamparmos a reflexão sobre os diários

virtuais alinhamos o estudo ao que Beatriz Sarlo denomina guinada da subjetividade, expressão que se refere ao momento histórico em que

[...] proliferam as narrações chamadas 'não ficcionais' (tanto no jornalismo como na etnografia social e na literatura): testemunhos, histórias de vida, entrevistas, autobiografias, lembranças e memórias, relatos identitários. A dimensão intensamente subjetiva (um verdadeiro renascimento do sujeito, que nos anos 1960 e 1970 se imaginou estar morto) caracteriza o presente. (SARLO, 2007, p.38)

A abertura para uma literatura pessoal acontece na pós-modernidade, contexto em que, segundo Jean François Lyotard (1990), as grandes narrativas são deslegitimadas. Para Beatriz Sarlo (2007), as 'Verdades' históricas são desconstruídas a partir da noção de 'Sujeito' e reconstruídas a partir do reconhecimento dos sujeitos múltiplos e suas experiências legítimas, encarnadas na narrativa da experiência singular em primeira pessoa.

[...] é surpreendente encontrar nesse campo de idéias a convivência entre um desconstrucionismo filosófico 'brando' e um otimismo identitário que, embora restaure a primazia de Aquele Sujeito anterior ao século XX, constrói Sujeitos Múltiplos [...]. (SARLO, 2007, p.39-40)

Neste processo de desconstrução, narrativas menores conquistaram espaço de linguagem e, conseqüentemente, seus autores saíram da obscuridade. É possível situar um salto dos gêneros confessionais e memorialísticos no momento em que esses textos, antes menos prestigiados, começam a ganhar terreno,

Realmente, o século XX foi o século das memórias. Neste período, uma gama de textos foi escrita e publicada segundo a forma da escrita autobiográfica, na qual um "eu" faz um relato de sua própria existência. Principalmente nas últimas décadas, esta profusão de relatos passa a integrar o panorama de incertezas que nos cerca, já que não cremos numa única direção a ser seguida, nem numa interpretação totalizante dos fatos. Questionamos tanto a validade das formas tradicionais da Literatura quanto a linha divisória entre a arte superior e as formas comerciais, ou subliteratura. (MACIEL, 2004, p.6)

Para além do caráter público e publicável do *blog*, ele constitui uma possibilidade mais democrática de autorrepresentação, onde o 'eu' comum se empodera ao textualizar sua vida em primeira pessoa.

O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma cura da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco

acessíveis à simples introspecção. Não há verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente, tornaram-se cognoscíveis. (SARLO, 2007, p.39)

A proeminência pós-moderna de uma guinada subjetiva, proporcionada pelas narrativas em primeira pessoa, alavancada pelas facilidades da internet publicável e pela abertura das mídias tradicionais à colaboração do cidadão comum, justifica o recorte de pesquisa que se articula entre duas possibilidades de representação do eu, no jornalismo (revista *Sou Mais Eu*) e no *blog* pessoal (*Saída de Emergência*).

1.1 CAMINHOS TEÓRICOS

Muito da sustentação teórica necessária às reflexões deste texto pertencem a um espaço articulador pós-disciplinar. Esse lugar é ocupado por alguns autores dos Estudos Culturais que, desde a década de 60, repensam o colonialismo e o capitalismo a partir das subculturas¹. Inicialmente, para que se compreenda o significado das inferências presentes aqui, é necessário esclarecer que o prefixo 'des' é um operador importante. Etimologicamente, esta prefixação pode agregar valor contrário ao termo primitivo, significar cessação, separação ou reforço. Considerando tais atribuições, vale dizer que, em termos de discussão teórica, o 'des' não promove a mera negação do que lhe serve de referência. Deslocar, descentrar, desconstruir são verbos que sinalizam que algo merece revisão, reflexão. “Dar visibilidade, reforçar as idéias de lugar, centro e construção, para Foucault e Derrida é mais interessante do que simplesmente negá-las, mesmo porque algo só pode ser contrariado ou atacado se visto, e bem visto” (SOUZA, 2013, p.5).

No sentido explicitado por Souza (2013), é prioritariamente necessário olhar para o binômio marginal-central a partir da ideia de desconstrução. A simples inversão de papéis redundaria na similitude de uma nova oposição hierárquica. Portanto, quando o marginal aparece nesta pesquisa ligado a verbos precedidos pelo prefixo 'des' não se pretende situá-lo como mero contrário ao centro. Pretende-se colocá-lo como articulador e desencadeador de um processo de discussão de uma visão

¹ O atributo definidor das subculturas, então, reside na maneira como a ênfase é colocada na distinção entre um grupo cultural - social particular - e uma cultura. A ênfase é na variação de uma coletividade maior que é invariavelmente, mas não sem problemas, posicionada como normal, mediana e dominante. (GELDER; THORNTON, 1997)

monolítica central que o relega a uma condição secundarizada, na sociedade, na cultura e nas mídias. Tal condição é detalhada no próximo tópico.

1.1.1 As culturas e os atributos comum, popular, marginal e subalterno

O sujeito que interessa a esta pesquisa não está, nem nunca esteve, no centro da história, da política, da literatura ou do jornalismo. Este mesmo sujeito, colocado à margem das superestruturas, é também marginalizado por um modelo predominante de jornalismo que se interessa, prioritariamente, pela voz do especialista, do político e da elite cultural. Nesses casos, o valor-notícia dos sujeitos das camadas populares recairia sobre o curioso, o violento, o espetacular. Sob esta perspectiva, histórias singulares e memórias de vida das camadas populares não teriam destaque em meio às fontes jornalísticas.

Expliquemos o uso do termo povo e do adjetivo popular, que aqui estão alinhados à posição defendida por Lúcia Santaella. A semiologista se opõe à ideia de que “o povo seria uma maioria demográfica, ou melhor, seriam as massas trabalhadoras” (BARTRA apud SANTAELLA, 1996, p.298). Santaella afirma que o povo e a cultura popular são realidades múltiplas que não podem ser reduzidas aos modos de produção. A autora concorda com Marilena Chauí quando esta propõe o emprego de culturas populares, com ênfase no uso do termo no plural:

Manter a realidade do múltiplo permitiria que não ocultássemos as dificuldades presentes na palavra “povo” pois [...] costuma-se considerar como povo não só o operário urbano e rural, os assalariados dos serviços, os restos do colonato, mas, ainda, as várias camadas que constituem a pequena burguesia, não sendo possível agrupar em um todo homogêneo as manifestações culturais de todas essas esferas da sociedade. Essa possibilidade vem não somente porque o modo de inserção no sistema produtivo é diverso para essas classes e segmentos de classes, mas sobretudo se considerarmos a cultura como ordem simbólica por cujo intermédio homens determinados exprimem de maneira determinada suas relações com a natureza, entre si e com o poder, bem como a maneira pela qual interpretam essas relações, a própria noção de cultura é avessa à unificação. O plural permitiria, ainda, que não caíssemos no embuste dos dominantes para os quais interessa justamente que a multiplicidade cultural seja encarada como multiplicidade empírica de relações que, de direito, seriam unificáveis e homogêneas [...] se mantivermos viva a pluralidade permaneceremos abertos a uma criação que é sempre múltipla, solo de qualquer proposta política que se pretenda democrática. (CHAUÍ apud SANTAELLA, 1996, p.299)

O homem comum, compreendido como integrante das chamadas culturas populares, não estaria somente à margem dos meios de produção (numa perspectiva de classe) mas também surge como ente periférico dos meios de difusão e representação (perspectiva cultural):

[...] aquilo que chamamos de povo, que longe de ser um reino homogêneo, é, de fato, campo da diversidade. Mas, com isso, torna-se patente para os trabalhadores, também da cultura, que, na faixa de povo, estão todos aqueles que não detêm a propriedade dos meios de produção e difusão cultural, e aqui se dá a unidade, uma unidade da diversidade. (SANTAELLA, 1996, p.308)

Terry Eagleton (2003) aborda a complexidade da palavra cultura e acaba por situá-la em três concepções principais: civilidade (alta cultura), identidade (cultura popular) e comercial (cultura de massa). Estar dentro ou fora, ao centro ou à margem, seja da alta cultura ou da cultura de massa, é uma articulação necessária para a compreensão do embate histórico, polarizado entre alta e baixa cultura. Neste cenário, um modelo de cultura ocidental(izada), pautado em oposições binárias hierarquizantes entra em discussão. Dito de outra maneira, sob a perspectiva da civilidade, as manifestações das camadas populares seriam vistas como culturas em desencaixe, repelidas por sua origem, forma ou conteúdo.

Santaella contesta esta polarização. Defende que, na tríade cultural, nenhuma das perspectivas deve ser demonizada, mas devem ser consideradas como partes distintas de uma compreensão plural da cultura. Assim,

No quadro geral dessa tríade (pois que agora se trata de uma tríade: cultura erudita, cultura popular e cultura de massas), a lógica maniqueísta estabelece uma lógica dicotômica na qual para um reino da salvação (cultura popular) contrapõem-se dois reinos da perdição (cultura erudita e cultura de massas). (SANTAELLA, 1996, p.303)

De certo modo, considerando os aspectos positivos da cultura de massa como porta de abertura para vozes populares, como é o caso da revista *Sou Mais Eu*, pretende-se aqui uma fuga à lógica maniqueísta. Optou-se, todavia, por um olhar mais criterioso sob esta defesa de Santaella, acatando que, para além das possibilidades de empoderamento e de visibilidade midiática, em certas situações, na cultura de massa, é concedido espaço ao marginal na condição ocupável, descartável e útil de

mercadoria excêntrica. Neste sentido, de utilidade agenciada, é possível concordar com Eagleton quando, ao falar dos três sentidos de cultura, o autor defende que a

[...] cultura como crítica deve ser mais do que uma fantasia ociosa, precisa ser indicativa daquelas práticas que prefiguram algo da amizade e da satisfação pelas quais anseia. Ela as encontra em parte na produção artística, e em parte naquelas culturas marginais que ainda não foram absorvidas pela cultura da utilidade. (EAGLETON, 2003, p.37)

Para Eagleton (2003), a cultura é autocontraditória e, nesse sentido, “o pensamento dialético surge porque fica cada vez menos possível ignorar o fato de que a civilização, no próprio realizar alguns potenciais humanos, também suprime outros” (2003, p.38). Apoiada nessa perspectiva, de vozes suprimidas no âmbito da cultura erudita e escassas na cultura de massa, esta pesquisa se apropria dos termos: comum, popular, marginal e subalterno, cujos usos são explicitados agora.

Quando o adjetivo comum é acionado como qualificador associado aos sujeitos, referimo-nos àqueles que não têm destaque ou fama, nos campos da política, esporte, economia, entretenimento ou arte. No sentido de infâmia, pautamo-nos em Foucault no ensaio *A Vida dos Homens Infames*.

É possível, ainda, esclarecer o uso do termo ‘comum’ exemplificando que, diferentemente das revistas femininas de grande circulação que se pautam na vida das famosas, com cargos políticos ou grandes empresárias, a *Sou Mais Eu* torna públicas histórias de professoras, secretárias, donas de casa, empregadas domésticas, estudantes, catadoras de lixo, mestres de obras, motoristas de táxi, desempregadas, entre outras. Assim, nenhum talento extraordinário, notoriedade intelectual, física, política ou social motiva a presença de tais sujeitos na revista. Para utilizar uma expressão foucaultiana, tais mulheres não são as lendas douradas, aquelas que por sangue ou façanha ganham o merecimento do olhar e da representação histórica, social ou midiática.

A começar pelo título desta dissertação, fica claro que o adjetivo marginal ganha sentidos teóricos relevantes. Ele é acionado no estudo como termo que congrega três instâncias. Num primeiro momento, inspira-se no movimento literário de mesmo nome.

A expressão ‘literatura marginal’ serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que

tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais. (NASCIMENTO, 2008, p.22)

Nos anos 90, aderiram ao movimento (e ao adjetivo) escritores das periferias cuja produção estava focada na expressão e representação de negros, pobres, presidiários e favelados. Então, nessa primeira acepção do termo, o marginal é a pessoa que é marginalizada socialmente, sendo que parte dessa condição marginal se refere a preconceitos de cunho econômico, racial ou sexual.

Depois, a rede de significados do termo marginal avança pelo território de um modelo predominante de jornalismo em que os sujeitos comuns não são fontes centrais da noticiabilidade. O marginal na grande imprensa é fonte secundária, terciária ou, simplesmente, ocasional. Quando é central,

[...] a pessoa comum aparece, notadamente, como 'vítima, cidadão reivindicador ou testemunha', [...] Ela é utilizada principalmente no jornalismo popular, rotulado de 'sensacionalista'. Este gênero existe desde os primórdios da imprensa. Mas foi no final do século XIX que o jornalismo popular se consolida - enfatizando o cotidiano do povo, crimes, entretenimento e os dramas pessoais -, com o surgimento da *penny press* e da "imprensa marrom" (lá, *yellow press*) nos EUA, dos *canards* na França e dos tabloides na Inglaterra. [...] Ao dar voz ao povo, o jornalismo usa como fonte o cidadão, eleitor, contribuinte, consumidor, morador, inquilino, passageiro, pedestre, paciente, torcedor, espectador, ouvinte, leitor, usuário, aluno, empregado, operário, criminoso, sonegador, vítima e por aí vai. (SCHMIDT, 2011, p.50)

Finalmente, o termo abriga sentidos no âmbito da linguagem. Mesmo em situações em que aparece representado no jornalismo ou na literatura, a noção de marginal incorpora a possibilidade de um apagamento pela linguagem. Esta ideia, que será explorada mais adiante, diz respeito ao fato de, tanto na grande imprensa quanto no mercado literário tradicional, o sujeito comum não tomar frente às narrativas sobre si. Assim, o marginal não escreve nem fala em primeira pessoa. Sua linguagem, marcada por 'erros', não é mantida nos textos. Aparece editada, aparada e normalizada.

Diante desse percurso teórico, é necessário reforçar que este trabalho se pauta numa marginalidade que começa na sociedade, passa pela mídia e atinge o campo da linguagem. Isto é, é uma marginalidade de acepção múltipla. Assim, o marginal que interessa aqui não é o transgressor, delinquente ou malfeitor (mesmo que, em algum momento, possa vir a sê-lo), mas é aquele sujeito que não é central para as grandes narrativas jornalísticas ou literárias, estejam elas inseridas no campo da cultura erudita ou da cultura de massa.

Vamos ao uso do termo subalterno, que dialoga com os significados do marginal. Na década de 1970, na Índia, reflexões que questionavam a condição dos colonizados inauguraram a pauta teórica da subalternidade. No início dos anos de 1980, Ranajit Guha e Gayatri Spivak lançam mão do termo para debater a representatividade de grupos marginalizados na sociedade indiana. Spivak enfatiza em *Pode o Subalterno Falar?*(2010) que o subalterno é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12). Assim, o subalterno ocupa um lugar social, político e cultural desprestigiado que constitui fator limitante à sua representação.

A teórica indiana Gayatri Spivak (2010) coloca o silêncio, a ausência da representação, como marca do subalterno e reforça que o termo não se refere somente ao oprimido, mas está ligado à sua representação. Subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, deixa de sê-lo. Assim, ao poder falar, ainda segundo Spivak (2010), o subalterno abandonaria sua condição original e passaria a ser sujeito da representação e não mero objeto.

Quando o subalterno tem a oportunidade de falar, Spivak questiona criticamente a legitimidade desta fala, indagando se ela existe na forma identitária (ou agenciada) e se é ouvida. Pautamo-nos nessa indagação quando buscamos as marcas de uma linguagem identitária no *blog* e na matéria jornalística. A busca pela voz subalterna tem a ver com a plausibilidade de objetificação dessa voz em detrimento de uma identidade e de uma subjetividade subalternas.

A partir dos questionamentos de Spivak, considerados num contexto de deslegitimação das grandes narrativas, estudamos o que Lejeune (2008) denomina duplo eu da autobiografia. Assim, quando o subalterno não sabe ou não pode tomar frente ao texto, a mediação desta fala, este agenciamento jornalístico, promove a existência de dois eus no texto. Dessa forma, a autoria, segundo Lejeune (2008), pertenceria a ambos e a nenhum, numa espécie de alucinação ou vertigem do texto:

Os jogos de ilusão engendrados por esse modo de trabalho não são reservados ao leitor, que seria enganado por eles: o modelo e o redator podem ser eles próprios vítimas de uma vertigem ou alucinação. E é verdade que a vida em questão pertence a ambos - mas talvez também, pela mesma razão, não pertença nem a um nem a outro: a forma literária e social do relato de vida, que preexistia ao empreendimento, não seria a "autora" dos dois? (LEJEUNE, 2008, p.123)

Consideramos, a partir de Lejeune, que essa duplicidade redundaria num simulacro de linguagem, numa ficcionalização do eu, resultante da mediação, do agenciamento.

[...] Isso porque, por detrás desses problemas de identidade se escondem problemas de relação de forças (e, ao mesmo tempo, problemas de dinheiro) e restrições impostas pelas regras próprias aos diferentes circuitos de comunicação. O autor de um texto é, na maioria das vezes, aquele que o escreveu: mas o fato de escrever não é suficiente para ser declarado autor. Não se é autor incondicionalmente. Trata-se de algo relativo e convencional: só se torna autor quando se assume, ou quando alguém lhe atribui, a responsabilidade da emissão de uma mensagem (emissão que implica sua produção) no circuito de comunicação. (LEJEUNE, 2008, p.124)

Para abordar a voz subalterna na presença de um duplo eu na narrativa, é possível retomar Spivak (2010) quando ela expõe duas naturezas da representação. Uma intenta um 'falar por' e a outra se coloca no papel de 're-presentar', 'estar no lugar de', na arte, na política ou na filosofia e, no caso deste estudo, no jornalismo. Consideraremos, portanto, que na revista estaria latente um “falar através do outro” (representação) enquanto no *blog* haveria um 'falar por si' (autorrepresentação). Nesta perspectiva representacional, John Beverly (2004) destaca a necessidade de uma história que represente a narrativa da verdade dos subalternos.

Outra questão importante enfatizada por Spivak é a mulher como a subalterna por excelência. Tal condição nos levou a pensar a subalternidade sob a perspectiva de gênero inserida numa cultura que imputou à mulher o incômodo estigma de segundo sexo, ausente da escrita, apagado da História, o que justifica o fato de estudarmos uma revista feminina e um *blog* feminino. Portanto, a proposta é olhar a subalternidade a partir da escrita, mais especificamente quando ela se abre às autonarrativas femininas.

Quem são as subalternas que escrevem nos *blogs* ou que têm suas histórias contadas em primeira pessoa na revista? Uma resposta que sinalizasse uma identidade homogênea seria falaciosa. Portanto, constrói-se aqui um reconhecimento da subalterna heterogênea, intercruzada por questões raciais, geográficas, etárias e sexuais. Considera-se que tais fatores são constitutivos da linguagem singular e da identidade do sujeito. Este estudo não se fecha na linguagem, mas se abre aos contextos de configuração da linguagem.

Considera-se tal amplitude de predicados sob a chancela de Spivak que, ao criticar a divisão sexual, alerta que “as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação” (2010, p.66). Portanto, a pauta dos capítulos abriga multifragmentos, que forjam identidades distantes de uma unicidade. Nem unas nem estáveis, mas complexamente fluidas (BAUMAN, 2005), heterogêneas (SPIVAK, 2010) e descentradas (HALL, 2005).

A tentativa de abarcar alguns eventos desta multiplicidade se inspira na crítica de Spivak à autonomia do sujeito subalterno como uma premissa essencialista. A autora teoriza um sujeito “que não pode ocupar uma categoria monolítica indiferenciada, pois esse sujeito é irredutivelmente heterogêneo” (SPIVAK, 2010, p.11). Diante desta perspectiva, ganha ênfase uma noção de identidade plural e uma singularidade imanente que, justamente, estão na contramão positivista de um sujeito homogêneo e homogeneizável. Calçados nisso, não se pretende aqui a possibilidade de generalização da mulher subalterna ou de sua escrita. A estratégia final para fugir a essa armadilha justifica o encerramento da pesquisa num estudo de caso que explora as especificidades de linguagem, identidade e subjetividade de uma única mulher no *blog* e de sua representação mediada pelo jornalismo da *Sou Mais Eu*.

1.2 PERCURSO DA PESQUISA

O caminho percorrido desde o desejo de investigar as autonarrativas subalternas na contemporaneidade até o fechamento do recorte de pesquisa num estudo de caso é apresentado aqui.

Os primeiros passos para a compreensão da *Sou Mais Eu* tiveram início com uma pesquisa bibliográfica que traça a trajetória da publicação no mercado nacional de revistas populares. A linha editorial, periodicidade, modo de produção e perfil dos leitores foram levantados.

Depois disso, os esforços de pesquisa se voltaram à investigação documental que se desenvolveu por um período de sete meses. A pesquisa documental, além de selecionar a matéria que serviria para a análise comparativa, visou contemplar alguns objetivos específicos: estudar o perfil das mulheres que têm suas histórias publicadas pela revista; observar o foco narrativo das matérias; discutir a marginalização social da qual decorre uma marginalização midiática; investigar que tratamento jornalístico conferido à mulher subalterna nas matérias.

Entre julho de 2012 e janeiro de 2013, foram observadas 24 edições, às quais se somaram edições anteriores, obtidas junto a colecionadores e sebos. O *corpus* de pesquisa foi composto por 243 matérias que propiciaram o levantamento dos dados primários: nome, idade, cidade, estado e profissão. Além de uma familiarização com a linguagem da revista, os resultados propiciaram o reconhecimento do perfil das mulheres retratadas.

A investigação documental forneceu informações necessárias para seleção da blogueira que participaria da pesquisa. Com todas as edições em mãos, o nome de cada entrevistada foi lançado no site de buscas Google. Para facilitar a filtragem, selecionou-se na barra de ferramentas o item *blog* como restritivo de pesquisa. A partir desta metodologia, foram identificadas 17 blogueiras: Anita Luna, edição 280, Bethânia Braga - edição 287, Camila Pires - edição 253, Carla Marnsur - edição 259, Caroline Schneider - edição 150, Stela do Carmo - edição 219, Fabiana Camilo - edição 286, Marta Amorim - edição 273, Juliana Figueiredo - edição 285, Ursula Andress - edição 286, Marcilene Leão - edição 170, Melita Luiza Santos - edição 209, Priscila Ramos - edição 230, Sílvia Santini - edição 209, Solange Santos - edição 288, Viviane Maria Nogueira - edição 208, Lalys Feijó - edição 238.

Identificadas as blogueiras, num segundo momento, os textos da revista e dos *blogs* foram comparados visando selecionar aquele em que houvesse maior proximidade do conteúdo do perfil do *blog* e da narrativa da matéria jornalística. Importante enfatizar a obrigatoriedade de que o *blog* fosse pessoal porque muitas blogueiras mantêm páginas de informação ou entretenimento, categorias que não interessavam à pesquisa, visto que o intuito era estudar relatos autobiográficos.

Desse processo, utilizando os critérios descritos, selecionou-se a matéria e o *blog* de Melita Luzia Santos. O estudo de caso se desenvolve sobre um texto da *Sou Mais Eu*, protagonizado por Melita, e o texto do perfil do *blog* pessoal, o *Saída de Emergência*.

1.2.1 O método

O expediente geral desta pesquisa é pautado no método dialético, que parte da natureza relacional, mutante e contraditória dos fenômenos. A dialética privilegia as mudanças qualitativas em oposição à visão positivista, que enfatiza procedimentos quantitativos. Esta escolha exige que o pesquisador considere uma amplitude de aspectos, relações e conexões, já que leva em conta que o mundo social está em constante transformação. Dito isso, optamos, mesmo na análise da linguagem, por uma interpretação relacional e contextual, “[...] que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais, etc” (GIL, 2008, p. 14).

O método dialético parte das seguintes premissas: “ação recíproca, unidade polar ou tudo se relaciona; mudança dialética, negação da negação ou tudo se transforma; passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa; interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários” (LAKATOS; MARCONI, 2000, p.83). Considera-se que as duas últimas premissas são norteadoras da análise comparativa, que prevê considerações qualitativas quanto aos aspectos comuns, antagonismos e paralelismos. Isso significa dizer que a linguagem identitária é considerada de modo contextual, buscando o entorno sociocultural que afeta a expressão textual dos sujeitos.

1.2.2 O estudo de caso

Como o objetivo da discussão proposta aqui não é a generalização de uma sentença, o trabalho se fecha nas possibilidades qualitativas do estudo de caso. Entende-se, portanto, que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32). Assim,

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos

para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.60)

A investigação do estudo de caso é sempre complexa. Diante dessa responsabilidade, Yin (2001) destaca que o pesquisador, para realizar esse desafio, com êxito, deve fazer uso de várias fontes, que proporcionam a análise dos achados por meio de triangulações (dados, evidências e teorias). A triangulação como estratégia possibilita que a “confiabilidade de um Estudo de Caso poderá ser garantida pela utilização de várias fontes de evidências, sendo que a significância dos achados terá mais qualidade ainda se as técnicas forem distintas” (MARTINS, 2006, p. 80).

Para contemplar a estratégia de triangulação, foram desenvolvidas as seguintes táticas de pesquisa:

- a) Pesquisa documental (revista e *blog*), que resultou na seleção do sujeito de pesquisa do estudo de caso;
- b) Estudo da linguagem da revista a partir de matérias publicadas que têm outras mulheres como protagonistas;
- c) Estudo da linguagem da autora marginal Carolina de Jesus como marco de uma escrita identitária;
- d) Instrumentos de coleta de dados primários: questionário preliminar, entrevista em profundidade e relato de vida.

Em 27 de maio de 2013, um questionário preliminar de pesquisa (Apêndice A), com 13 questões, foi aplicado por email. A participante, Melita Luzia Santos, respondeu a perguntas abertas e fechadas. O objetivo deste instrumento foi a investigação dos caminhos que possibilitaram a publicação, desde o contato com a equipe editorial até a cobertura, fechamento do texto e publicação da matéria.

A análise das respostas do questionário e os achados da pesquisa documental forneceram elementos para o planejamento da entrevista em profundidade que foi realizada em 18 de julho de 2013, na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais. Com a entrevista estruturada em 53 perguntas, objetivou-se: compreender o papel do *blog* na vida do sujeito de pesquisa; levantar as impressões sobre as linguagens na matéria da revista e no *blog*; levantar a identidade de escrita da entrevistada;

Na mesma data em que foi realizada a entrevista em profundidade, efetuou-se a coleta do relato de vida, gravado em áudio. Na última pergunta, a participante foi

estimulada a falar sobre si e sua identidade de escrita sem interferências da pesquisadora. O relato possibilitou estudar em que medida algumas marcas da linguagem oral se aproximam ou se afastam da escrita no *blog*. A estratégia do relato oral permitiu a identificação de aspectos singulares da linguagem da entrevistada.

Ademais, o estudo de caso promove uma escuta do sujeito de pesquisa. Suas opiniões e impressões quanto à matéria jornalística e ao *blog* são acatados e integrados à análise visto que o objetivo secundário deste empreendimento de pesquisa é, em alguma medida, dar voz ao subalterno, acolher suas impressões e dar visibilidade às suas opiniões.

1.2.2.1 A construção de um caminho metodológico

Diante das especificidades qualitativas da pesquisa, surgiu a necessidade de um caminho metodológico próprio para a análise comparativa. Acatou-se que o estudo de uma linguagem identitária, muitas vezes marcada por ‘erros’, não deveria partir de uma análise linguística tradicional. Diante deste impasse metodológico, buscou-se identificar uma matriz de linguagem que fosse apropriada à discussão teórica estabelecida por Barthes em *O Grau Zero da Escritura*.

Na década de 50, Roland Barthes defendeu a ideia de que as escolhas de linguagem que um escritor faz abrigam uma moral na forma do texto, que se revelaria identitária. Barthes oferece, portanto, um modelo teórico no qual “toda forma é também um Valor; por isso entre a língua e o estilo, há espaço para outra realidade formal: a escritura” (BARTHES, 1984, p.125).

A escritura é a identidade que se revela na forma e veicula ideias contidas num além-conteúdo, num além-forma. Considera-se que “a escritura é, portanto, essencialmente, a moral da forma, a escolha da área social no seio da qual o escritor decide situar a Natureza de sua linguagem” (BARTHES, 1984, 125). Barthes defende que no grau zero da escritura “existe a escolha geral de um tom, de um etos, por assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se individualiza claramente porque é nisso que ele se engaja” (BARTHES, 1984, p.124). O engajamento, promovido pelas escolhas formais, reconciliaria o verbo do escritor com o verbo dos homens.

Vê-se desenhar assim a área possível de um novo humanismo: à suspeição geral que atinge a linguagem ao longo da literatura moderna se substituiria uma reconciliação do verbo do escritor com o verbo dos homens. E só então que o escritor poderia dizer-se inteiramente engajado, quando sua liberdade

poética se colocasse dentro de uma condição verbal cujos limites seriam os da sociedade e não de uma convenção ou de um público; (BARTHES, 1984, p.164)

Portanto, o conceito de grau zero da escritura é aquele no qual a linguagem do homem comum entra em discurso como portadora de um espaço social que se revela no ‘conteúdo da forma’. Isto é, subjaz à forma um conteúdo que diz o sujeito. Nessa perspectiva, quando um favelado escreve, a forma veicula um além-conteúdo: a violência emerge, a favela aparece, a exclusão se converte em palavras. Barthes diz que a escritura “descobre meu passado e minha escolha, me dá uma história, alardeia minha situação, engaja-me sem que eu tenha que dizê-la” (BARTHES, 1984, p.132). Ao forjar uma história singular nos interstícios da forma, a teoria de Barthes (1984) defende uma escritura individualizadora, que se aproxima das linguagens realmente faladas e, por assim fazer, veicula maneiras próprias de dizer.

A análise comparativa, inserida no estudo de caso e calçada no método dialético, levará em conta os aspectos comuns, antagonismos e paralelismos que possam ser mapeados na forma do texto através da pontuação, extensão das frases, ortografia e escolhas lexicais. Isso não significa que se almeja discutir a língua, mas sim a escritura que revela a linguagem identitária a partir de pistas formais.

Portanto, a partir do grau zero da escritura, aplicado aqui para definir textos em circulação social, analisaremos:

- a) Pontuação: revelaria um ritmo mais duro ou mais veloz da voz do escritor;
- b) Extensão das frases: conotaria o nível de domínio ou não de construções mais complexas, o que apontaria para um grau de instrução maior ou menor;
- c) Ortografia: aspecto da escrita que apontaria o lugar social de quem escreve, oferecendo pistas quanto ao nível de alfabetização e de marginalização;
- d) Léxico: revelaria pistas quanto à idade, região geográfica de origem, época, pertencimento ou não a determinados grupos de linguagem aos quais determinadas palavras podem ser associadas;

1.2.2.2 O modelo de linguagem

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, livro da década de 60, escrito por Carolina de Jesus poderia ser tomado como manifestação, em termos de linguagem, do conceito de grau zero da escritura de Barthes. Diante desta propriedade

ligada a uma escritura identitária, a obra foi estudada como parâmetro de uma dada linguagem. O estudo da linguagem carolínea foi pautado na pergunta: o que, nas pistas fornecidas pela escrita, revelaria a moral da forma, o lugar social de quem fala? Na obra de Carolina, publicada praticamente sem maiores interferências de edição, esta escrita estaria na sua forma identitária.

A escolha da obra também se justifica em outros argumentos: a exemplo dos *blogs*, o *Quarto de Despejo* é um diário; apresenta uma escritura marginal, sem correções profundas, acatada tanto no jornalismo quanto na literatura; na obra, o subalterno fala por si na sua linguagem identitária e singular.

Depois de justificada a pertinência da obra como um modelo referencial de linguagem, estudada a partir do preceito “conteúdo da forma” (BARTHES, 1984), vamos aos critérios de análise.

Quando, no último capítulo, serão analisados o ponto, a vírgula, as aspas, a ortografia ou sentenças completas e estruturas, mesmo que em superfície pareça uma análise linguística, o objetivo final é compreender tais elementos a partir da Natureza e o Valor para uma escritura identitária/social e pessoal/subjetiva. Essas pistas formais são compreendidas aqui como marcas de uma escritura identitária.

A análise comparativa é norteadas pelas características de linguagem fornecidas por Carolina de Jesus como matriz referencial. Num primeiro momento, testou-se a hipótese da linguagem em “funcionamento de verdade” na obra de Carolina de Jesus, comparando-a com outros textos publicados na revista. o exercício realizado promove a reflexão sobre as diferenças entre textos com e sem mediação. Esta comparação foi aprofundada quando, posteriormente, o texto de Melita Luzia Santos é analisado a partir de Carolina de Jesus. Isto é, a linguagem, tanto da escritora quanto da blogueira, carregaria, na ausência da mediação, marcas das identidades linguísticas de suas protagonistas. Isso aconteceria porque tanto no *blog* quanto na obra, a escrita não é mediada e isso garantiria uma vontade e um limite de expressão. Para que a comparação não fosse aleatória, foram separados trechos temáticos similares. Por exemplo, se no livro Carolina fala dos filhos, no *blog* buscou-se um trecho em que Melita aborda o mesmo tema. Num segundo momento, acontece a análise comparativa das linguagens do *Blog* e da matéria jornalística.

O percurso metodológico pode ser resumido em cinco passos metodológicos: Construção de um método a partir do estudo de Barthes e Foucault; seleção do *Quarto de Despejo* como matriz de linguagem; definição de critérios de análise da linguagem

(pontuação, extensão das frases, ortografia e escolhas lexicais); comparação das linguagens de Carolina e de Melita; comparação das linguagens da revista e do *blog*.

1.1 ORGANIZAÇÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS

Na próxima seção intitulada “Vozes Dialéticas: Marginais e Cânones”, tráfegam as reflexões do eixo social, político e cultural, que debatem o cenário da abertura na última década, em diferentes instâncias (sociais, econômicas, culturais e comunicacionais), às classes sociais mais baixas no Brasil. A discussão segue expondo o ambiente editorial alternativo, jornalístico e literário, que caminhou no mesmo sentido e fomentou o surgimento da revista *Sou Mais Eu*. O lugar social ocupado pelos subalternos é apresentado como fator determinante na constituição do *status* de linguagem. Nesta seção, dialogam sujeitos comuns, autores periféricos e cânones teóricos como Michel Foucault, Roland Bathes, Gayatri Spivak, Pierre Bourdieu, Stuart Hall e Zygmund Bauman.

Ainda na segunda seção, emergem questões específicas sobre a *Sou Mais Eu*. Neste capítulo a trajetória da revista no mercado editorial é apresentada. À revisão histórica e mercadológica, sucede-se o perfil das leitoras e das mulheres retratadas nas matérias jornalísticas. O tratamento de linguagem conferido aos textos fecha abordagem sobre a revista com o que algo relevante para a pesquisa, o uso da primeira pessoa.

Na terceira seção, “Da Escrita Íntima à Autopublicação Virtual”, delineia-se o eixo da escrita de si, em que é mapeado o caminho percorrido desde o diarismo tradicional, como uma conquista da intimidade, até diários na internet como espaço público aberto à autopublicação. O tratamento deste tema exigiu que muitos termos fossem organizados num glossário para que o texto não se tornasse excessivamente fragmentado.

As autobiografias em diários de papel e na internet são abordados a partir dos estudos de Phillipe Lejeune, que é o maior nome dos estudos sobre o tema. A recorrência em acioná-lo neste capítulo surgiu da constatação, a partir da pesquisa bibliográfica, de que grande parte das obras consultadas sobre diarismo e autobiografia cita Lejeune. Portanto, o autor é o pilar teórico que sustenta as discussões apresentadas no terceiro capítulo.

O fechamento desta pesquisa se dá na quarta parte, intitulada “Linguagens Comparadas”, onde primeiramente se realiza um estudo comparativo de linguagem de textos da revista a partir de trechos de matérias e da *Obra Quarto de Despejo*. O segundo passo acontece com a análise comparativa entre as linguagens de Melita de Carolina de Jesus. Depois, a matéria publicada na revista e o texto do *blog* de Melita Luzia Santos são comparados. Ainda neste capítulo são apresentados os resultados da entrevista em profundidade e do questionário que fornecem elementos para a discussão dos resultados. As informações obtidas através desses dois instrumentos de pesquisa são articuladas complementarmente à análise comparativa que parte das observações de linguagem obtidas na análise da obra de Carolina de Jesus.

A quinta seção, denominada “Últimas palavras”, arremata questões desenvolvidas nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 2

VOZES DIALÉTICAS: MARGINAIS E CÂNONES

*Talvez não exista pior privação,
pior carência, que a dos perdedores
na luta simbólica por reconhecimento,
por acesso a uma existência
socialmente reconhecida,
em suma, por humanidade.
Pierre Bourdieu*

Na década de 60, Foucault olhou para o anti-herói do século 16. O interesse foi, justamente, buscar "as lendas negras" em pequenos textos. Ao estudar o sujeito apagado pela História, Foucault funda uma nova arqueologia. Investiga formações discursivas manipuladas pelo poder. Nega a linearidade histórica e considera as descontinuidades. Restaura os interstícios. Confere existência aos 'não-acontecimentos'. Isso feito, os 'não-sujeitos' são trazidos à tona.

Em *A Vida dos Homens Infames*, Foucault investigou as relações entre poder e discurso a partir de documentos compreendidos entre 1660-1760. Arquivos de reclusão, registros policiais, petições e *lettres de cachet*² integraram os textos estudados. O anti-olimpiano, o infame, passa a ser lido, e considerado, a partir de pequenos "textos-existência" analisados por Foucault, pois

[...] nada tendo sido na história, não tendo desempenhado nenhum papel apreciável nos acontecimentos ou entre as pessoas importantes, não tendo deixado à sua roda qualquer traço que possa ser referido, não têm e nunca terão existência a não ser no abrigo precário das palavras. (FOUCAULT, 2009, p.100)

Ao estabelecer este recorte de análise, Foucault propôs investigar:

[...] o insignificante [que] deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confiança fugaz. Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor, o insignificante, a obscuridade, o dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas – mais, escritas. Tornam-se descritíveis e

² Na época da Revolução Francesa, tanto a prisão na Bastilha como a libertação dependiam exclusivamente de uma ordem do rei, ou seja, de uma *lettre de cachet*, o que significava que não resultavam de processo judiciário regular. Nas palavras de Funck-Brentano: "A autoridade real, por sua existência mesma, era a condição essencial da liberdade na França, e a *lettre de cachet* era o único meio de que o rei dispunha para fazer valer essa autoridade. Graças a esse poder latente, que existia em toda parte sem se manifestar por fatos tangíveis, as mil e uma autoridades locais eram mantidas em equilíbrio, e muitas vezes no temor de abusar de seu emaranhamento. De onde se chega à conclusão, por certo bem inesperada, de que as *lettres de cachet* formavam na antiga França a ossatura da liberdade". fonte: www.revolucao-contrarevolucao.com/

transcritíveis. Na própria medida em que são atravessadas pelos mecanismos de poder político. (FOUCAULT, 2009, p.117)

A investigação de Foucault retira o sujeito invisível de sua forçosa transparência para materializá-lo como objeto de estudo. Mais que isso, descentraliza o olhar da ciência, acomodada aos grandes nomes e fatos. Foucault promove, assim, uma abertura para que o ignorado pela História ganhe existência para a pesquisa científica.

Foucault ressalta ainda:

Para que algo chegasse até nós, foi necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que lhes vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam e talvez devessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder: sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto. (FOUCAULT, 2009, p.97)

Justamente, o apagamento desses homens e mulheres, secundarizados pelas reflexões teóricas por conta de sua infâmia, despertou o interesse de Foucault, fazendo com que ele se dedicasse ao estudo e ao resgate daqueles que “durante muito tempo não mereceram ser ditos sem escárnio senão os feitos dos grandes: o sangue, o nascimento e a façanha, e só eles, davam direito à história” (FOUCAULT, 2009, p.117).

Outro aspecto desse estudo sobre os infames reside no fato de que tais sujeitos não entraram em discurso pelas mesmas vias que os grandes nomes. O ingresso se deu pela entrada de serviço da violência, a porta dos fundos da História. Depois, arquivados no “quarto de despejo” do poder. Foucault investigou os cantos obscuros e resgatou fragmentos de vidas ignoradas pela História, as quais denominou 'lendas negras'.

Aí reside um outro traço desta lenda negra. Ela não se transmitiu como aquela que é dourada por alguma necessidade profunda, segundo trajetos contínuos. É, por natureza, sem tradição; rupturas, apagamento, esquecimentos, cruzamentos, reaparecimentos, só por aí é que ela pode chegar até nós. (FOUCAULT, 2009, p.101)

A centralidade da História, focada nas lendas douradas e nos grandes eventos, oferece uma matriz relevante para pensar que, como mecanismo e discurso de poder, a ciência revelaria exclusões dadas nas práticas sociais. Foucault, ao desconstruir o objeto de estudo cartesiano, propõe um olhar crítico para a margem,

para o lugar que o sujeito comum, o infame, ocupou ou deixou de ocupar na representação histórica.

O pensamento foucaultiano quanto aos infames é acatado neste trabalho como ponto de partida para pensar o lugar e a voz do subalterno na sociedade e na comunicação, mais especificamente no que tange às possibilidades representacionais desse sujeito no jornalismo e na blogosfera, expressão que aqui é compreendida como “rede de *blogs* vista como uma comunidade ou rede social” (TELLES, 2009, p.89).

2.1 INCLUSÃO E ILUSÃO ECONÔMICA

Na última década, a exemplo das lendas negras de Foucault, os infames, os sujeitos comuns, começam a experimentar uma visibilidade inédita. Um Brasil que aos poucos abre espaço para vozes marginais, em diferentes âmbitos do espectro social, está se delineando. A visibilidade desses ‘novos’ atores teria desencadeado uma modesta abertura do mercado editorial para a representação e expressão de sujeitos da periferia. O debate sobre a presença identitária (ou não) das vozes subalternas no ambiente comunicacional recebe aqui um tratamento dialético, visto que se pretende considerar que as aberturas ao periférico resultam de um engajamento, mas também são produto de um mosaico de interesses antagônicos.

Durante os anos 2000, o país passou por transformações marcadas pela retomada do crescimento econômico. Este cenário teria promovido a ascensão de classe social³ e a ampliação do poder aquisitivo das classes C e D. Em torno da tendência de crescimento de um mercado consumidor se estabeleceu uma rede de interesses comerciais e comunicacionais. A apologia à festa do consumo, das facilidades de crédito e da ascensão social⁴ possibilitou ao empresariado, às

³ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as classes sociais são classificadas de acordo com as faixas salariais e são representadas pelas letras: A, B, C, D e E. O Instituto organiza as classes de acordo com o número de salários mínimos que entram na renda, por exemplo: Classe Social A (Renda mensal: mais de 15 salários mínimos); Classe Social B (Renda mensal: De 05 a 15 salários mínimos) Classe Social C (Renda mensal: De 03 a 05 salários mínimos) Classe Social D (Renda mensal: De 01 a 03 salários mínimos) Classe Social E (Renda mensal: Até 01 salário mínimo.). Fonte: <http://classe-social.info/>

⁴ De acordo com o Ministério da Fazenda, até o ano da Copa do Mundo, em 2014, o Brasil terá 56% de sua população inserida na classe C. Nesse caso, classe social está aplicada a um conceito econômico, em que se subdivide a sociedade de acordo com a renda. Fonte: <http://classe-social.info/>

instituições e ao governo hastear a bandeira da nova classe média brasileira. Diante da euforia desenvolvimentista, parece prudente considerar que a inclusão no mercado de consumo, em contraste à realidade massiva de endividados, evidenciaria que “[...] o crescimento leva a uma exibição ainda mais frenética de maravilhas de consumo e assim prenuncia o abismo ainda maior entre o desejado e o real” (BAUMAN, 1999, p. 104).

Assim, em termos mercadológicos, o simulacro da inclusão consumista seria a face reversa da exclusão. Esta perspectiva é respaldada no pensamento de Baudrillard quando este afirma que a simulação, na nova cultura, parece mais verdadeira do que o verdadeiro, pois “a presença não desaparece diante do vazio, ela desaparece diante de uma duplicação de presença que desfaz a oposição da presença e da ausência” (BAUDRILLARD, 1996, p.10). Assim, o duplo, a representação, na pretensão de mímica do real, o corrompe pela simulação não pela dissimulação.

2.2 INCLUSÃO OU ILUSÃO MIDIÁTICA

Na segunda metade dos anos 2000, sobre o pano de fundo econômico, tramado por progressões e digressões, surgiram produtos midiáticos focados na base da pirâmide social. As classes populares passaram a merecer mais do que atenção, ganharam território na mídia tradicional e produtos editoriais pautados exclusivamente nelas.

Certamente estamos no olho do furacão em que as mídias estão mais atentas ao consumidor participativo que se expressa na internet através de plataformas de comunicação fixa e móvel. Através de *tablets*, *ipads*, *netbooks* e *smart phones*, a interação com os meios e a produção de conteúdos autônomos resultam numa nova ecologia midiática, em que o emissor pode ser todo aquele que tenha acesso à internet. A produção de conteúdo está agora nas casas da periferia, na palma da mão, no bolso do cidadão. Surge, portanto, o que Levinson (2012) denomina “novo novo cidadão”. Associado a este conceito do sujeito comum como emissor e produtor de conteúdos, emergem possibilidades comunicacionais chamadas de “novos novos meios” (LEVINSON, 2012).

Antes da internet publicável, havia um fluxo unidirecional de produção e recepção de conteúdos, em que o cidadão comum ocupava um *status* de receptor do

que era produzido pelos grandes grupos de comunicação, que eram os emissores. Com o desenvolvimento dos processos participativos através da internet, o cidadão tem voz no ambiente comunicacional e adquire *status* de emissor, de autor. “Na verdade, a Internet praticamente impede o papel passivo do leitor ou receptor, já que obriga-o a debater, refutar ou contradizer determinada informação, notícia ou declaração” (CORREIA; AROSO, 2007). A descentralização dos polos de emissão e recepção abriram campo ao prosumidor:

[...] prosumidor, es decir, personas que no se limitan a consumir información, sino que también producen contenidos. Paul Levinson (2012) vuelve a presentar el tema pero de otra manera, llamando los ciudadanos contemporáneos de new new citizens, pues son los que producen y divulgan informaciones y contenidos mediáticos en sus redes sociales. (RENÓ, 2013, p.153)

Assim, o prosumidor toma frente aos conteúdos e interage com as informações que chegam até ele pelas mídias tradicionais. Denis Porto Renó (2013) destaca a importância da *web 2.0*, especialmente no que tange à blogosfera, como tecnologia gratuita de publicação que possibilitou a emergência do prosumidor.

Fenómenos que antes dependían de condiciones económicas y oficialmente ideológicas, hoy sólo necesitan, para hacerse patentes, unas condiciones de relaciones humanas, de redes de contactos y unos niveles mínimos de conocimiento de tecnologías que se encuentran disponibles gratuitamente en internet, como las redes sociales y la blogosfera. (RENÓ, 2013, p.159)

A desconstrução do papel do emissor, que alçou o receptor ao status autoral, pede novos modelos de atuação do jornalismo, da publicidade e da mídia tradicional, em geral “as tecnologias digitais têm servido como motivador para uma maior interferência popular no processo noticioso” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, 4).

Qualquer indivíduo, qualquer instituição, qualquer organização hoje tem o poder de mídia. Por mais que se queira proteger o jornalismo, na sua forma clássica, comento, é evidente que ele tomou outra configuração e o jornalista deixou de ser o ator principal no sistema da informação – ele agora é um ator coadjuvante, o que não lhe retira importância, mas muda a sua forma de atuar. (COSTA, 2014)

Existem iniciativas das grandes redes de promover a participação do público, mas ainda de modo modesto ou pouco funcional. É possível continuar concordando Adorno quando ele afirma que “[...] o consumidor não é soberano, como a indústria

cultural queria fazer crer, não é o seu sujeito, é o objeto” (ADORNO, 1987, p.149). É possível perceber no ambiente midiático tradicional heranças discursivas dos antigos modelos de comunicação.

Os prosumidores na internet não estão à frente das mídias tradicionais, como rádio, televisão, jornais e revistas. A participação e a produção de conteúdos fora do ambiente virtual é tímida. Nas chamadas mídias *off line*, predomina ainda a figura do consumidor, do receptor. Assim, os avanços e as aberturas na internet, não encontram um paralelo à altura nas mídias tradicionais. Predomina o leitor, o telespectador, o receptor, que figura como objeto e não como sujeito da comunicação.

O ganho de espaço comunicacional parece resultante de um interesse econômico ligado à indústria cultural. Segundo Leandro Marshall, “tudo o que a indústria cultural comunica está marcado pela patologia da realidade, isto é, foi organizado para seduzir e alvejar mercadologicamente os consumidores no nível psicológico” (MARSHALL, 2003, p.149). O ganho de visibilidade em mídias tradicionais como rádio, televisão, jornal e revista ampliaria, virtualmente, a possibilidade de que se conheçam e reconheçam diferentes Brasis que não pertencem ao centro dos discursos. Contudo, predomina um jornalismo que, de modo geral, na busca pela reprodução e de construção de um cenário de verossimilhança, de aproximação com o real, se aproximaria do fato e se afastaria dos sujeitos, especialmente aqueles pertencentes às camadas populares. Zygmund Bauman, teórico da fluidez das novas sociabilidades contemporâneas, consegue enxergar, no contexto da sociedade de consumo no qual se desenvolve a indústria cultural, a permanência do sujeito como mercadoria vendável.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias. (BAUMAN, 2008, p.20)

Predominantemente nas mídias *off-line*, os sujeitos ocupariam o papel de objeto porque não tomariam frente aos discursos, suas falas e imagens ainda atenderiam às demandas de mercado, à estratégia objetificação e instrumentalização enquanto integrantes de um produto de consumo midiático.

Chegaríamos ao paradoxo de que, nessa conjuntura em que a posição sujeito se tornou insustentável, a única posição possível é a do objeto. A única estratégia possível é a do objeto. Com isso precisamos entender não o objeto alienado em via de desalienação [...] mas o objeto como ele desafia o sujeito, tal como ele remete à sua posição impossível de sujeito. (BAUDRILLARD, 1996, p.102)

Nesta linha de pensamento,

O vivido das classes dominadas não está, na verdade, em suas próprias mãos. Como sugere Pierre Bourdieu, 'as classes dominadas não falam, fala-se delas'. Seu vivido é estudado de cima, de um ponto de vista econômico e político [...] é imaginado no discurso jornalístico e romanesco das classes dominantes e nutre tanto seus sonhos (principalmente os camponeses), quanto seus pesadelos (principalmente os operários). (LEJEUNE, 2008, p.133)

Em termos midiáticos mais gerais, o impacto profundo destas questões seria o apagamento da pluralidade cultural brasileira e da singularidade de seus protagonistas, que não se veem representados na grande mídia. Este cenário se repete na especificidade do jornalismo em que

Alguns segmentos sociais são vistos pela imprensa apenas sob alguns ângulos, enquanto permanece na obscuridade toda a complexa riqueza de suas vidas e atividades. Alguns personagens jamais aparecem em muitos órgãos de comunicação, enquanto outros comparecem abusivamente, à saciedade, com uma irritante e enjoativa frequência. (ABRAMO, 2003, p.34-35)

Alguns dos ângulos possíveis dos quais fala Abramo (2003) dizem respeito ao enquadramento da voz subalterna. Grande parte das protagonistas das classes C, D e E ganha espaço no jornalismo através de histórias de pobreza e violência, o que revela uma modalidade de visibilidade depreciativa.

No caso do material jornalístico referente à periferia, dois critérios de seleção se combinam: o preenchimento do tempo-espço dos noticiários prioritariamente com assuntos pertinentes a pessoas de elite e a valorização das notícias negativas [...] sendo, não por mera coincidência, estas notícias negativas bastante encontradas entre os moradores da periferia. (BECKER, 2009, p.105)

Esta visibilidade depreciativa pode ser percebida não somente na escassez de fontes populares que constituem a matéria informativa, mas também nas construções textuais que abrigam suas escassas falas. Como exemplo disso, Amaral

aborda a discriminação existente na seleção das palavras que serão imputadas aos sujeitos populares no texto do chamado jornalismo de referência⁵.

[...] pelos verbos usados para introduzir a opinião das pessoas comuns, já é possível perceber como na maioria das vezes as mantemos em condição de subalternidade. Os verbos mais frequentes indicam emocionalidade (queixar, reclamar, desabafar, lamentar) ou, simplesmente, organizam a argumentação e indicam quem está com a palavra (contar, falar, dizer, explicar). Poucas vezes são usados verbos como indagar ou reivindicar, alertar, salientar, cobrar ou afirmar. (AMARAL, 2011, p.125)

Buitoni comenta que nos anos 70 houve uma tentativa de aproximação da linguagem popular a partir de expressões como "colocou ela na parede" e "e que eles lá em cima sempre abusam mesmo da gente" (2009, p.209). Esta tentativa é um à parte de um jornalismo massivo que desconsidera a linguagem singular do entrevistado como um elemento identitário indispensável à verossimilhança. Tanto no jornalismo quanto na literatura, percebe-se que o dominante agencia a presença marginal, mas, na maioria das vezes, toma a liberdade de apagar as inconveniências, aparar arestas, mascarar as 'imperfeições'.

Nos anos 1970, por exemplo, em *O Estado de São Paulo*, eram ouvidos prefeitos, secretários, administradores regionais, industriais, profissionais liberais, professores, pessoas de um certo nível. Raramente na cobertura local a voz do marginalizado tinha nome, cara, traços mais descritivos e definidores que meros estereótipos. [...] *O Jornal da Tarde* abria um pouco mais espaço para perfis e depoimentos de pessoas de classe baixa. (BUITONI, 2009, p.208)

A instrumentalização da voz marginal como alegórica ou ilustrativa é passível de alinhamento com a afirmação de Marcondes Filho em que “a informação transformada em mercadoria [...] sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (1986, p.12). É perceptível, portanto, que os modelos tradicionais de jornalismo ainda são pautados numa tentativa de homogeneização calcada em categorias uniformes nas quais “o sujeito popular aparece notadamente como vítima, cidadão, reivindicador ou testemunha” (CHARAUDEAU, 2009).

Quem não exerce poder na sociedade, não ocupa cargo ou não tem representatividade econômica não tem voz na notícia, a menos que suas ações produzam efeitos negativos. Normalmente, os jornalistas entrevistam

⁵ José Marques de Melo define jornalismo de referência a partir dos conceitos de territorialidade, política editorial comercial, oficial ou autônoma. O autor destaca o jornalismo de referência como sendo de elite, decomposto em prestígio e qualidade. Fonte: www.industrias-culturais.hypotheses.org/10396

fontes oficiais e especializadas; as fontes populares são consultadas apenas quando são testemunhas de um fato trágico. As fontes oficiais são mais procuradas porque supostamente têm compromisso de informar de forma correta, guardam informações interessantes e têm legitimidade para falar à sociedade. (AMARAL, 2011, p.56)

Esta prática recorrente no jornalismo embasa a afirmação de que, durante grande parte do século 20, não por mera coincidência, aquele que historicamente esteve à margem dos discursos dos meios de comunicação de massa foi também aquele cuja pobreza tangenciava a privação do gozo econômico, político e cultural.

Como na literatura [...] o jornalismo privilegia certas personagens. Políticos, industriais, militares, gente famosa, enfim, os representantes do poder, da cultura de dominação, esses são notícia. Esses fazem notícia. Gente pobre, desimportante, funções subalternas, ah, 'essa gente' só é notícia nas páginas policiais. Agora na cobertura da periferia, a classe baixa aparece de vez em quando dando sua opinião sobre a luz que não há, sobre o riacho que transborda [...] (BUITONI, 2009, p.126)

“A humanização do relato jornalístico é fundamental, desde que a história seja contextualizada. O desafio dos jornalistas é tratar a condição humana e colocar as pessoas em primeiro lugar, sem desligá-las do aparato social” (AMARAL, 2011, p.125). Coimbra (2002), ao falar das reportagens narrativas, que aparecem em menor número na imprensa, afirma que manter as palavras do entrevistado demanda imersão do jornalista no universo narrativo, buscando profundidade de pesquisa e maior percepção na caracterização do entrevistado a partir do gesto, olhar, silêncio e tom da voz. Nesse bojo de caracterizações:

As palavras empregadas por uma personagem [entrevistado] não transmitem somente aquilo que significam literalmente. Servem também para caracterizá-la porque além do significado literal, de um sentido de base, [...] têm ainda valores sócio-contextuais. Valores sócio-contextuais são [...] imagens subsidiárias (daqueles que as empregam costumeiramente ou das situações nas quais tais falantes estão implicados) que se superpõem ao sentido das palavras. (COIMBRA, 2002, p.108)

Esta forma ideal de tratamento, muitas vezes, não se materializa no produto jornalístico. Percebe-se que, para além homogeneização do jornalismo de referência, os estereótipos são outra maneira de enquadramento objetificante também no jornalismo popular. Nesse sentido, a estereotipação do sujeito popular advém de um estereótipo de leitor deste modelo de produto midiático.

No caso do segmento popular, há elementos historicamente atribuídos às classes populares e observáveis até hoje na mídia. Os veículos de comunicação trabalham com um estereótipo de quem deve ser o leitor popular. Mas é preciso considerar que há algumas características típicas do conhecimento popular apontadas por vários estudos, que se generalizam e são incorporadas pelos jornais de maneira espontânea, não consciente (AMARAL, 2011, p.61)

É possível perceber na obra *Notícia e Linguagem*, de Carlos Alberto Nunes (2003), que o jornalismo defende a correção da língua: “é crucial que a notícia seja entendida pelo leitor, desde o menos letrado ao mais culto sem deixar hiatos. Por isso a escolha das palavras deverá ser criteriosa [...] no intento de aproximar-se do popular” (NUNES, 2003, p.15). Aprofundando as questões ligadas ao texto jornalístico, Nunes elenca entre as características específicas da linguagem: objetividade, clareza, concisão, densidade e correção. Interessa-nos especialmente esta última.

Este item trata da correção gramatical. Aqui se encontra a preocupação do profissional de imprensa com sua língua padrão, com as normas vigentes no país, que não devem ser ignoradas nem desrespeitadas. Embora assuntos abominados pela maioria da população e refutados pelos estudantes, o profissional do texto não pode esquivar-se da concordância nominal e verbal, da regência, das grafias corretas, dos porquês, da crase, da acentuação, de tantos outros itens e, sobretudo, da vírgula, esta que, mal colocada, interfere até no sentido da frase. (NUNES, 2003, p.28)

A questão da correção e da obediência à norma no jornalismo como um elemento que acaba reproduzindo a ilusão da homogeneidade nos leva a concordar com Signorini quando, ao avaliar a questão da língua legítima, ela afirma:

Fazer valer no estudo da comunicação social o princípio democrático da igualdade fundamental de condições entre falantes de uma mesma língua [...] significa associar a questão da legitimidade da língua à igualdade entre falantes enquanto falantes e não como cidadãos (nem todos são cidadãos), pares sociais (nem todos são pares sociais), ou qualquer outro recorte do mesmo tipo, muito menos à equivalência do estatuto teórico de variedades de uma mesma língua, conforme prevê a teoria sociolinguística clássica. (SIGNORINI, 2006, p.171)

A linguagem jornalística contribui cotidianamente para a delimitação de espaços de pertencimento e exclusão a partir da língua. Em tempos de deslocamentos e descentralizações, a ilusão purista de sujeito dominante ainda norteia as políticas e as práticas linguísticas. A idealização formal, que condena o ‘erro’ e quem erra, é o produto de um amplo movimento histórico que inviabilizou (e ainda inviabiliza) à grande massa o domínio mínimo de uma variedade de língua de prestígio.

2.2.1 A linguagem como limite

Bagno (2011) afirma que as diferenças de *status* socioeconômico no Brasil promovem um abismo entre falantes do português da maioria da população e dos falantes mais escolarizados, que fazem uso das variedades privilegiadas da língua.

A escola e o ensino da língua portuguesa por si não dão conta de um complexo, amplo e histórico processo que fez da língua uma eficaz ferramenta de exclusão. De acordo com Bagno, isso significa dizer que, “como a educação de qualidade ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas de uso da língua” (2011, p.29).

Por meio da escolarização, todos podem apropriar-se das formas e funções valorizadas pelo Estado e demais instituições e, assim, conquistar a igualdade de condições de comunicação social. Mas como esse é um objetivo sempre postergado para a maioria, inclusive os escolarizados, acabam funcionando como uma espécie de álibi que vai sempre justificar a diferença congênita irredutível que desqualifica a maioria dos falantes enquanto falantes autorizados e, conseqüentemente, enquanto interlocutores, agentes, cidadãos. E para que a questão não se encerre (ou se resolva) pela constatação reiterada das dificuldades de acesso à escola por grande parte da população e, sobretudo, do fracasso da escola nessa empreitada, é preciso voltar à ideia inicial de se recolocar a discussão da igualdade mínima de condições entre falantes como princípio anterior à instauração da ‘lógica diglósica’ (Jaffe, 1990, p.30) e da ‘cultura da padronização’ (Silverstein, 2006), que costumam caracterizar as discussões sobre o assunto. (SIGNORINI, 2006, p.172)

Exclusão social e preconceito linguístico estão diretamente ligados ao valor simbólico apropriado pelos falantes da variedade prestigiada da língua. Podemos concordar, então, com Faraco quando ele afirma que “ainda circula com certa força entre nós um discurso excessivamente purista (ou pseudopurista) sobre questões linguísticas” (2009, p.62). Nesse sentido, Faraco enfatiza que

[...] numa cultura com um viés arraigado normativista como a nossa, o senso de adequação se vê, constantemente, perturbado (em especial entre os segmentos altamente escolarizados) por um senso de correção exacerbado purista. Inverte-se, portanto, a equação empírica: a correção (tomada ilusoriamente em sentido absoluto) seculariza a adequação, quando não a condena. (2008, p.167).

Depois de exposta a relação entre correção, inadequação e exclusão, este estudo não poderia adotar uma análise que corresse o risco mínimo de alinhamento

com um processo histórico, situado entre os séculos 18 e 19, de apagamento das formas de expressão linguística popular. Faraco aborda o tema:

A reação a uma norma-padrão abasileirada [...] se manifestava no mesmo tom com que se combatiam os fenômenos lingüísticos identificados como “português de preto” ou “pretoguês”, essa “língua de negros boçais e raças inferiores” [...] que era entendida pela elite conservadora como sinônimo de corrupção, degeneração, desintegração. (FARACO, 2009, p.79)

[...] O projeto da norma-padrão no Brasil teve, então, como objetivo fundamental, combater as variedades do português popular. Se no século XVIII, com o Diretório dos Índios, se buscou implantar uma política que visava calar as vozes indígenas, em especial a língua geral, no século XIX, a intenção era calar as variedades rurais e (progressivamente) urbanas. Nesse afã, os formuladores e defensores da norma-padrão se opuseram com igual furor às características das variedades cultas faladas aqui. O excessivo artificialismo do padrão que estipularam impediu, porém, que ele se estabelecesse efetivamente entre nós. (FARACO, 2009, p.80)

A partir deste resgate histórico, torna-se explícito: não é de hoje que domínio da língua padrão gera uma grande massa de excluídos, composta por aqueles que não pertencem ao mundo das letras, mas são oprimidos por ele. Na medida em que na escrita ecoam determinadas 'vozes autorizadas', através de leis, normas, obras literárias, ementas, laudos, atas e reportagens, ela se torna instrumento de poder e opressão das vozes ausentes, não autorizadas. Assim é crucial que se dedique atenção especial à reflexão sobre a escrita como uma estratégia por excelência. “Uma teorização que proclama a superioridade da cultura escrita, e não as diferenças entre elas [oralidade e escrita], produz um efeito nefasto sobre 800 milhões de analfabetos do mundo inteiro que, assim são vistos como cidadãos de segunda classe” (PATTANAYAK, 1995, p.117).

Nesse sentido, Bourdieu afirma que “este efeito de imposição de legitimidade é tanto maior [...] quanto maior é o peso da língua legítima, ou seja, quanto mais oficial é a situação e, portanto, mais favorável àqueles que detêm mais ou menos oficialmente o mandato para falar” (2008, p.56). Esta concepção valida escassas vozes autorizadas, não somente a se expressar oralmente, mas dá conta de uma restrição ainda maior, aquela imposta aos que não dominam os códigos da escrita. Não poder escrever é uma restrição decorrente também do não poder falar.

Faraco afirma que as heranças coloniais brasileiras fazem com que a democratização da norma escrita culta/comum/*standart* esteja longe de ser um fenômeno de amplo uso social (FARACO, 2009). Quando falamos de herança estamos nos referindo àquela que sempre utilizou as variedades de língua da elite

portuguesa e a imposição de uma língua legítima como instrumento político que até hoje marginaliza, oprime, desautoriza os falantes de variedades desprestigiadas nos usos da escrita e da fala.

Esse é, portanto, um componente caracterizador da dinâmica sociocultural brasileira relacionado à disseminação da escrita enquanto tecnologia e instrumento de poder e de autoridade herdado da colonização e definitivamente incorporado à aparelhagem do Estado pós-colonial. [...] Outro ingrediente fundamental da dinâmica sociocultural de disseminação da escrita é o da universalização de mitologias relacionadas aos poderes da letra, do texto, do livro, da cultura letrada [...] (SIGNORINI, 2006, p.175)

Cabe frisar aqui que aqueles que detêm, reconhecidamente, maior capital linguístico, gerado pela apropriação e uso de uma língua legítima, têm melhores possibilidades de lucro simbólico porque, para Bourdieu, “os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos” (2008, p. 53).

Disso apreende-se que a escrita se inscreve no campo da economia das trocas linguísticas, contudo, está amplamente e profundamente influenciada por políticas. Para esclarecer esta afirmação é preciso que nos atentemos ao que diz Calvet: “o poder político sempre privilegiou essa ou aquela língua, escolhendo governar o Estado numa língua ou mesmo impor à maioria a língua de uma minoria” (2007, p.11). Ainda no campo das políticas, podemos recorrer a Faraco, quando ele afirma que “os bens educacionais e culturais estão muito mal distribuídos na nossa sociedade. Uma das consequências disso é que só uma minoria tem acesso efetivo à cultura letrada, o que inclui o estudo da chamada norma culta” (2009, p.59).

Portanto, ao escolher a palavra do subalterno como ponto de referência da análise, este estudo opta por uma visão heterogênea de língua e na constatação do acesso desigual à norma culta. Reconhecendo esta disparidade, rejeita-se aqui a prática recorrente no meio acadêmico, em que uma ‘alta cultura’ se debruça sobre a ‘baixa cultura’. A horizontalidade é uma decisão consciente e determinante na proposta de se analisar a voz periférica a partir das marcas linguísticas que a tornam identitária. Entende-se que o recurso ao heterogêneo para discutir uma linguagem essencialmente heterogênea é relevante neste trabalho que considera que

Não existe nenhuma língua no mundo que seja ‘una’, uniforme e homogênea. Toda e qualquer língua humana viva é [...] heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais [...] e em todos os seus níveis

de uso social (variação regional, social, etária, estilística, etc). (BAGNO, 2011, p.28)

Na hipótese de abandono das teorias e dos limites desse texto, numa conversa com pessoas de diferentes lugares sociais e origens, é menos complexa a constatação de que a fala social corrente é marcada pela diversidade do povo brasileiro e pela singularidade de cada falante. Um exemplo da literatura respalda esta posição, o poema *Vício na Fala*, de Oswald de Andrade:

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados
(ANDRADE, 1971)

Oswald de Andrade explicita poeticamente o desnível existente entre a norma-padrão e o português popular. A norma-padrão, de tradição gramatical, repele os ‘desvios’ e se apresenta como uma prescrição hermética de escrita, traço que lhe confere poderes discriminatórios, principalmente, em relação às classes populares, cuja maioria não domina a escrita nem os usos orais da norma culta. “Não faltam também vozes iradas a proclamar o fim dos tempos [...] a degradação e até a putrefação da língua portuguesa no Brasil, motivadas - supostamente - pela incúria, pelo desleixo, pela ignorância de seus falantes” (FARACO, 2009, p.25). Isto é, a fala corrente do povo brasileiro é repudiada nas esferas elitizadas da língua portuguesa.

Até mesmo os usos coloquiais, apesar de não coincidirem com a norma-padrão, também se distanciam da linguagem popular veiculada pela maioria da população brasileira. Assim, a comparação estabelecida por Oswald de Andrade descortina um “português brasileiro [...] certamente heterogêneo, plural e polarizado [...] no entrecruzar-se da criatividade individual, da alteridade social e das limitações estruturais possíveis próprias a qualquer língua” (SILVA, 2004, p.154).

Para além dos usos mais elitizados da língua (oral e escrita), considera-se que o português popular é uma categoria pragmática de alta incidência no cotidiano do brasileiro.

Impossível deixar de afirmar que a interação social no Brasil, sociedade não-segmentada em estamentos estanques, permite o trânsito entre falantes do português popular e do português culto, num entrecruzar-se de possibilidades que justifica a afirmativa da heterogeneidade social do português brasileiro. (SILVA, 2004, p.99).

Fato é que o português congrega uma heterogeneidade constitutiva que requer um reconhecimento fora da moldura normativa. “A fixação de um padrão corresponde a um projeto político que visa impor certa uniformidade onde a heterogeneidade é vista como negativa” (FARACO, 2009, p.172). Assim, do ponto de vista dos puristas, a análise deste trabalho se dá sobre o imperfeito, o errado, o negativo. Do ponto de vista da realidade brasileira, este trabalho se debruça sobre uma língua viva e dinâmica, que abriga os ‘erros’ que a condenam, também, à exclusão midiática. O uso social da língua e de como ela pode ser relacionada à expressão escrita sem preconceitos normativos é central neste estudo.

Assim, tanto Nunes e Faraco quanto Signorini apontam a língua como uma questão política, que divide os falantes a partir de suas condições de acesso às variedades prestigiadas. As oportunidades de expressão de fala e escrita de modo igualitário são teorizáveis, contudo, a prática apresenta um abismo que não pode ser ignorado.

Ao selecionar uma variedade uniforme, bem delineada, para a análise, os teóricos da linguagem podem desejar mostrar que estão preocupados exclusivamente com as propriedades internas da língua e não com questões sociais ou ideológicas [...] Assim quando a variedade padrão é selecionada fica difícil não contrabandear para dentro da análise linguística interna um conjunto de suposições não analisadas que são condicionadas pela ideologia padrão (MILROY, 2011, p.49).

Acata-se aqui a ideia de uma escrita que abrigue fenômenos linguísticos de uma fala social e identitária. Isto é, uma escritura que se aproxime das linguagens realmente faladas é o atalho que nos permite inscrever esta pesquisa no âmbito teórico do grau zero da escritura proposto por Barthes e explicitado anteriormente. Assim, no início do quarto capítulo, a análise dos textos de mulheres midiaticamente marginalizadas terá como referência uma linguagem que as representa.

2.2.2 A raça como limite

O texto apresentou até aqui alguns elementos que redundam na limitação de representação, exclusão ou visibilidade homogeneizada das vozes subalternas no jornalismo. Abordamos a questão das camadas populares, os fatores linguísticos limitantes e agora vamos abordar outro fator que marginaliza as vozes populares, a questão étnica.

Antes de nos aprofundarmos no jornalismo, cabe uma introdução no âmbito da literatura infanto-juvenil. O universo narrativo da personagem Tia Nastácia na obra de Monteiro Lobato, *Sítio do Pica Pau Amarelo*, é um exemplo de como os discursos são estratégias poderosas de reprodução dos conflitos sociais. Na história de Lobato, a ex-escrava Nastácia tem seu lugar narrativo fica restrito à cozinha. São raras as incursões pela sala e varanda. O território da negra Nastácia é a área de serviço. Assim como na sociedade, sua mobilidade também é limitada. Lajolo (2000) salienta que o espaço destinado a ela é o emblema da desqualificação social da personagem.

Falando ainda do negro na literatura, na pesquisa *Personagens do Romance Brasileiro Contemporâneo*, Regina Dalcastagnè traz uma reflexão que coloca as questões de gênero associadas às de raça. A estudiosa afirma que “é possível observar a ampla predominância de homens brancos nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as mulheres negras mal aparecem” (DALCASTAGNÈ, 2008, p.91).

Além da relação que envolve a superioridade do homem sobre a mulher, outro aspecto pertinente à discussão da representação da mulher negra na literatura brasileira é apontado pela autora: “é notável também que duas categorias ‘femininas’ o emprego doméstico e a prostituição ou seus arredores - apareçam com mais frequência do que ‘dona de casa’, a ocupação por excelência das personagens femininas brancas”. (DALCASTAGNÈ, 2008, p.94). Importante destacar que Dalcastagnè, apesar de concentrar seu olhar sobre a produção literária, aponta que “estudos sobre o jornalismo, a telenovela e o cinema apresentam dados similares: a invisibilidade dos negros e os estereótipos a eles associados não são problemas exclusivos da literatura” (DALCASTAGNÈ, 2008, p.97).

A literatura é um termômetro social. Neste caso, absorve e reproduz um preconceito que é marcado também nas relações de trabalho, à mulher negra são

destinados os ofícios e salários menores. Sueli Carneiro, articulista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, afirma que:

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional [...] o que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. (CARNEIRO, 2012, p.76-77)

A mulher ocupa espaços menos valorizados do que os homens no mercado de trabalho. E nesta condição minorizada, entre brancas e negras, as últimas saem perdendo. O mesmo cenário se reproduz tanto no jornalismo de referência quanto nas publicações populares. O território midiático secundarizado na materialidade dos produtos jornalísticos sinaliza que, ainda entre aquelas mulheres que conquistam visibilidade, é necessário que elas ocupem espaços para além das cozinhas e quartos de despejo.

2.3 UM CAMINHO À MARGEM DO CÂNONE

Se de um lado temos um jornalismo que se autodenomina popular, de outro temos iniciativas que percorrem o caminho inverso. Diante dos limites anteriormente apresentados (classe social, domínio da língua, gênero e raça), sujeitos periféricos buscam e constroem espaços de linguagem fora do ambiente editorial tradicional, seja ele literário ou jornalístico. Vejamos alguns exemplos significativos.

No Brasil dos anos 70, surgem práticas alternativas de resistência literária. Como estratégia e crítica às estéticas homogeneizantes, poetas excluídos do circuito editorial tradicional produzem e distribuem livros mimeografados. “Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia” (HOLLANDA apud PARDOI, 2002, p.135). Surge a chamada Geração Mimeógrafo, marcada pelo duplo rompimento, com a linguagem e com o mercado.

Na época, Cacaso, um dos poetas integrantes do Movimento, enfatiza que entre os poetas marginais é “cada vez mais frequente uma poesia cuja existência depende cada vez menos das vias tradicionais, tais como apoio editorial, vendagem

normal nas livrarias, reconhecimento antecipado de padrinhos e instituições literárias” (apud PARDOI, 2002, p.136). Importa para este estudo é a consideração deste movimento como elemento contextual de abertura para as manifestações periféricas e, também, para uma escritura de tônica coloquial, contracultural, anti-canônica.

Entre 2002 e 2004, o Brasil viu chegar às bancas 15 mil exemplares da *Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: a cultura da periferia*. A proposta, idealizada pelo escritor Ferréz, conferiu visibilidade a 48 autores e 80 textos. Segundo Nascimento (2008), a iniciativa impulsionou o movimento recente da literatura iniciado no final dos anos 90 por escritores brasileiros que adotaram o termo ‘marginal’. Em entrevista à Ingrid Hapke, da Universidade de Hamburgo, Alemanha, a antropóloga Érica Peçanha Nascimento, estudiosa da literatura marginal brasileira, afirma que:

Mais recentemente, alguns escritores oriundos das periferias começaram a utilizar a designação “literatura periférica” para classificar sua produção e a de outros escritores com semelhante perfil sociológico, a fim de evitar o sentido do termo “marginal” que reporta aos indivíduos em condição de marginalidade em relação à lei. Entretanto, para diversos escritores e estudiosos, as expressões “literatura marginal” e “literatura periférica” podem ser vistas como sinônimos no cenário contemporâneo. (NASCIMENTO, 2011, p.219)

Nascimento (2011) aponta outra iniciativa relevante de Ferréz, a Selo Povo, que publica exclusivamente edições de bolso de autores marginais. A proposta é considerada um avanço no processo de criação de novos espaços de voz e autoria marginais no Brasil. Para viabilizar o acesso aos livros, Ferréz mantém ativo um *blog*⁶ da Editora, que amplifica o movimento de literatura marginal diante das possibilidades comunicacionais do ambiente virtual. Ferréz aposta numa literatura do povo acessível ao povo, já que os livros publicados pela Editora são comercializados ao custo de R\$ 5,00.

Segundo Nascimento (2008), outro nome que merece destaque é Allan Santos da Rosa, que reuniu alguns amigos da periferia de São Paulo para a criação das Edições Toró. A Editora alternativa se dedica exclusivamente à publicação de obras de escritores da periferia. Entre 2005 e 2009, dezesseis autores tiveram obras editadas. Até março de 2013, foram publicados livros assinados por Dinha, Silvio Diogo, Elizandra Souza, Akins Kinte, Fuzzil, Maria Tereza, Guma, Rodrigo Ciríaco e Conde. Além das obras individuais listadas no site da Editora, há também a obra

⁶ www.selopovo.blogspot.com

coletiva *Um Segredo da Boca do Céu*, realizada por escritores denominados cooperiféricos: Lila Barbosa, Lobão Fandarua, Sérgio Vaz, Elizandra Souza, Allan da Rosa, Augusto, Sales, Cocão, Andréa, Daniel Fagundes, José Neto, Jairo, Seu Lourival, Renato Vital, João Santos, Ricarda Goldoni, Mavot Sirc, Fanti, Casulo, Rose Dorea, Rodrigo Ciríaco, Márcio Batista.

A homogeneização dos sujeitos marginais em classes explicitaria um investimento estratificador. Revelaria também a tentativa de apagamento da condição precária dos sujeitos do povo, do subalterno e, conseqüentemente, de suas manifestações. A estratégia não é nova. Em 1927, o urbanista Alfred Agache, a pedido do prefeito Prado Júnior, comandou um plano de remodelação da cidade do Rio de Janeiro. Uma das ações previstas era a demolição do morro da Favela. O acontecimento inspirou o sambista Sinhô a compor a música *A Favela Vai Abaixo*. Na letra, Sinhô protesta contra a ameaça de desabrigo dos moradores: "[...] a Favela vai abaixo [...] vê agora a ingratidão da humanidade [...] impondo o desabrigo ao nosso povo da Favela". Nos anos 50, com o retorno dos discursos antifavelistas (se é que um dia eles estiveram ausentes), a música foi regravada por Mário Reis. Ainda dentro do campo musical, nos anos 90, Bezerra da Silva, conhecido como *O Embaixador do Morro*, denunciou problemas das comunidades e a falta de representação do favelado na mídia. No samba *Eu Sou Favela* (1999) ele canta: "A favela nunca foi reduto de marginal. Ela só tem gente humilde marginalizada e essa verdade não sai no jornal".

2.3.1 A marginal no circuito editorial tradicional

Agora que abordamos as vozes periféricas a partir de iniciativas fora do circuito editorial tradicional, promoveremos o encontro de duas vertentes importantes para o estudo: a representação marginal a partir da iniciativa de sujeitos periféricos e a abertura para a representação mediada a partir de um projeto editorial da indústria cultural.

Agora que pareamos estas duas modalidades de veiculação da voz marginal, podemos lançar para além dos fatores limitantes abordados até aqui (raça, classe social e domínio da língua), a questão de gênero, a qual, somada às demais, nos leva a indagar: como chegamos hoje a encontrar nas páginas de uma revista semanal

mulheres das classes populares narrando sua vida em primeira pessoa sob uma suposta chancela autoral?

A resposta a esta pergunta demanda um retorno no tempo. É necessário voltar aos anos 50-60 e resgatar um encontro decisivo para a conquista de espaço da mulher marginal. De um lado um jornalista da *Folha da Noite*, Audálio Dantas. De outro, uma favelada e seu diário. Ele buscava uma reportagem sobre a favela. Ela queria publicar um livro sobre a sua vida de catadora. Desse encontro resultou o livro-caso de Carolina Maria de Jesus, que é, no Brasil, e talvez no mundo, o alvorecer de uma escrita não canônica.

Em se tratando de voz marginal, no que ela tem de mais autêntico e grave, a escritora brasileira Carolina é referência. Na obra *Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*, a migrante infausta traz o cotidiano da favela e, mais que isso, estabelece uma denúncia carregada de inconformismo poético. No diário, Carolina delata a rotina hostil de uma nova periferia que se aproximava ‘perigosamente’ do centro durante o processo de modernização da São Paulo dos anos 50.

Da vida pobre surgiu uma obra rica, que ganhou o mundo. Segundo Paulo Moreira Leite (2006), curvaram-se à negra pobre brasileira o jornal francês *Le Monde* e as revistas americanas *Time* e *Life*, além da mais importante revista francesa, a *Paris Match*, que publicou uma matéria com mais de dez páginas.

Como foi possível, lá nos anos 50-60, que o mundo visse Carolina? Foram os olhos do jornalista Audálio Dantas que vislumbraram sob a casca da favelada a potência autoral. Ao se deparar com os cadernos encardidos da catadora, Dantas percebeu que

[...] repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela. Com pouco tempo de escola, apenas dois anos do primário, em Sacramento, Minas Gerais, Carolina podia tropeçar na ortografia, escorregar na concordância e na pontuação, mas construía uma narrativa forte, densa, um retrato sem retoque da dura vida favelada. A fome, personagem principal, aparecia no texto com uma frequência irritante, inarredável. Tinha até cor, na escrita de Carolina. As coisas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do insuportável. A fome era amarela. (DANTAS apud LEITE, 2006)

Dantas emenda: “a história que buscava na favela já estava escrita com furor, revolta” (DANTAS apud LEITE, 2006). O encontro histórico entre Dantas e Carolina é a prova cabal de que o jornalismo, mesmo com todos os seus redutos, foi, antes de

qualquer editora, a porta que se abriu à subalternidade. Nas palavras de Carolina, em entrevista que encerra *Quarto de Despejo*:

Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à Editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar os meus livros em troca de casa e comida e enviei para eles ler. Devolveram-me...depois que eu conheci o repórter [Audálio Dantas] tudo transformou-se. E eu enalteço o repórter por gratidão. (JESUS, 2010, p.195)

Carolina Maria de Jesus, nas palavras de Joel Rufino dos Santos, foi uma 'escritora improvável': mulher, negra, mãe solteira e semianalfabeta.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores dos circos. Eles respondia-me: pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] o branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 2010, p.55-56)

Certamente, a poética contida nos cerca de 20 cadernos amarelados dos diários que originaram a obra não foi gestada nos dois anos que a catadora frequentou a escola. A escritura de Carolina foi catada no lixo em meio às misérias materiais e imateriais da favela. Fome, dor e violência foram sua gramática. Neste sentido, no trecho extraído do prefácio da nona edição, Audálio Dantas destaca que

[...] acima da excitação dos consumidores fascinados pela novidade, pelo inusitado feito daquela negra semianalfabeta que alcançara o estrelato e, mais que isto, ganhara dinheiro, pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza. (JESUS, 2010, p.7)

A abertura da escrita para uma fala em funcionamento de verdade, carregada pela verdade social que se desvela em 'erros' gramaticais e construções vivas, originais, a exemplo dos projetos editoriais dos escritores marginais Allan Santos da Rosa e Ferréz, é ínfima diante da cultura dominante veiculada pelo mercado editorial tradicional. Para além do acaso e da curiosidade, as vozes marginais são escassas, tanto na literatura quanto na História e no jornalismo. Esta asserção põe em relevo a revista *Sou Mais Eu* como um veículo que se pauta nas classes populares.

2.4 A *SOU MAIS EU* NO ÂMBITO DAS REVISTAS POPULARES

Scalzo (2011) situa na década de 50 o grande crescimento de produtos editoriais voltados para a mulher. Nesta época, ela começa a ser vista no mercado de revistas como um público, tanto como leitora quanto como objeto do jornalismo. A jornalista e psicóloga Carmen da Silva, colunista da revista *Cláudia*, é considerada uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento do jornalismo feminino brasileiro no século 20. Nos anos 60, ela criou a coluna *A Arte de Ser Mulher* para debater o 'problema feminino'. A jornalista falava de "solidão, o machismo, o trabalho feminino, a alienação das mulheres, seus problemas sexuais" (SCALZO, 2011, p.34). Já na década seguinte, a mulher estava mais presente no mercado de trabalho e isso impulsiona um salto das revistas femininas. Nesse momento "começam a aparecer também publicações que não tratam as mulheres como simples donas de casa e mães, mas como profissionais em busca de realização" (SCALZO, 2011, p.34).

O grande crescimento de edições populares no Brasil nos anos 2000 tem origem já em 90. Scalzo (2011) identifica o Plano Real, lançado em 1994, como o maior acontecimento no mercado de revistas brasileiro nas últimas décadas. O Plano estabilizou a moeda e permitiu às classes C e D se integrarem ao mercado consumidor.

Como o próprio governo tratou de alardear, aumentaram as vendas de iogurte, frango e refrigerante em todo país. E de revistas também. As editoras, de olho nessa fatia emergente de público, começaram a publicar títulos populares, voltados especialmente para as mulheres da classe C. (SCALZO, 2011, p.49).

De acordo com Caperuto (2007), a tendência do mercado editorial brasileiro é similar ao do Reino Unido, com revistas populares na liderança. O mercado inglês está dividido em títulos genéricos (25% e mais de 115 milhões de exemplares vendidos); celebridades (37% e tiragem de 167 milhões) e *Vida Real - Real Life* (lidera com 38% do total com 174 milhões de revistas).

O jornalismo caracteriza-se como popular quando se interessa pela vida de pessoas do povo. Assim, um fato tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou puder ser comentado por alguém do povo. (AMARAL, 2011, p. 63)

Scalzo enfatiza que os preços baixos dessas publicações permitiram às revistas populares chegar à venda de um milhão de exemplares semanais. "As características deste mercado são preços corrigidos abaixo da inflação [...] este

mercado foi mais desenvolvido nas revistas semanais a partir de 2007 e, nas mensais, a partir de 2008” (IVC, 2011, p.12). Caperuto (2007) aponta que, desde 2000, o mercado editorial brasileiro de revistas femininas vive a expansão das edições populares com preço de até R\$ 1,99.

De acordo com dados do IVC (2010), em 2007, as revistas populares registraram uma expansão de 11% no mercado. A revista *Sou Mais Eu* contribui para esse processo e se destacou no segmento popular por trabalhar com jornalismo colaborativo.

Apesar de não ser uma novidade dentro do jornalismo, as possibilidades interativas e criativas da internet, que fomentaram a emergência do prosumidor, foram determinantes para que as mídias tradicionais criassem novos e mais amplos espaços de participação, como é o caso da *Sou Mais Eu*, cuja totalidade do conteúdo envolve diferentes níveis de participação das leitoras. De acordo com Sílvia Matos, “a revista é um espelho, que reflete um novo mundo, do novo consumidor” (CAPERUTO et al, 2007, p.8). E, uma das ânsias desse prosumidor se refere, justamente, a um consumo participativo. Nesse modelo, o leitor ocupa a tríplice posição de pautar, produzir e consumir produtos midiáticos.

A existência de leigos colaborando com jornalistas na produção de notícias não é um fenômeno necessariamente novo no campo da comunicação social. Antes da internet, essa colaboração já se dava por meio de telefonemas, cartas e visitas pessoais às redações de jornais ou mesmo emissoras de rádio e TV. Não eram raras as denúncias, exclamações e sugestões de reportagem que chegavam aos jornalistas, que as filtravam e avaliavam a possibilidade de transformá-las em textos noticiosos, sendo eles os atores principais nas etapas de apuração e redação do que seria divulgado. Na época, quando os poderes constituídos já não davam conta de amparar, investigar, denunciar e, se fosse o caso, punir, recorria-se automaticamente aos órgãos que se autoproclamavam enquanto um quarto poder no universo das instituições sociais. Se a colaboração é, assim, uma prática antiga, o mesmo não se poderá dizer da expressão jornalismo colaborativo, que ganhou vida e expressividade no estágio de desenvolvimento que sucedeu a sociedade industrial, para o qual a literatura registra denominações tão diferenciadas quanto sociedade pós-moderna, informática, do conhecimento ou informacional, entre outras. (ZANOTTI, 2010, p.30)

Para Holanda et al (2008), o jornalismo colaborativo é caracterizado por mecanismos criados pelos veículos de comunicação que promovem o envolvimento do público em diferentes etapas dos processos de produção, coleta, análise e distribuição de notícias.

Verifica-se a potencialização da interação com o público, bem como a mudança de seu papel no ciclo informativo. Mesmo existindo a seletividade na publicação do que é enviado por amadores, a abertura aos cidadãos nas seções colaborativas tem formato inédito. Nesse sentido, percebe-se uma ruptura que envolve parte importante da lógica comunicacional tradicionalmente seguida no jornalismo. (BELOCHIO, 2008, p. 3-4)

No caso da *Sou Mais Eu*, este processo não ocupa apenas uma parte da produção jornalística, mas é o modelo predominante. Todo o conteúdo da revista advém da colaboração das leitoras. Mais que isso, as leitoras protagonizam as histórias sugeridas como pauta. Assim, uma leitora que tenha sua história contada pela revista participa de quase todas as etapas passíveis de colaboração, envio da pauta, cobertura (neste caso como fonte no processo de entrevista) e envio de fotos para documentação da matéria.

A colaboração do cidadão na produção jornalística pode ser enquadrada em conceitos referenciais que são abordados por Aroso:

Existem vários conceitos próximos do jornalismo participativo, tais como “jornalismo cidadão”, “jornalismo colaborativo”, “jornalismo open-source”, “wiki-jornalismo”, “jornalismo cívico” e “jornalismo público”. Apesar das diferenças, há um traço em comum: todos se referem a uma atividade pelo qual o cidadão ou grupo de cidadãos desempenha um papel ativo no processo de reunião, análise e disseminação de notícias e informação. (AROSO, 2013, p.3)

De acordo com a proposta de Aroso (2013), é importante esclarecer que, no caso da revista, não há participação integral no processo decisório que acontece na reunião de pauta ou no fechamento editorial. A leitora envia a carta ou email, sugerindo sua história de vida como pauta, contudo, a seleção e a decisão do que vai ser publicado ainda está nas mãos do veículo de comunicação. Esta inadequação terminológica é esclarecida quando Aroso (2013) fala que:

[...] algumas das potencialidades que são atribuídas ao jornalismo participativo são as seguintes: fuga aos ditames das agendas políticas e dos media; antídoto para os media controlados, concentrados e dominados por elites; visão diferente e mais completa dos acontecimentos; aproximação entre os media e os seus públicos; aumento da confiança da comunidade nos media. (AROSO, 2013, p.4)

A característica colaborativa da revista nos conduz ao pensamento de que os meios de comunicação de massa não puderam ignorar: nas novas mídias o insignificante pode ser autobiografado, publicado e lido. Exemplo da importância

dessa inversão é a fala de Kaíke Nanne, que foi diretor de redação da revista *Sou Mais Eu*: “Para nós, jornalistas, a revista provoca uma reflexão, já que aqueles que sempre vimos como consumidores de conteúdo tornam-se produtores” (CAPERUTO et al, 2007, p.7).

A ordem causal entre a participação do cidadão nas redes sociais e o desejo de se retratar e de ser retratado também nas mídias tradicionais (rádio, televisão, jornal e revista) não pode ser estabelecida separadamente ou linearmente. Ambas fazem parte de uma reação em cadeia. Integram um mesmo processo comunicacional cujas partes dissociadas não dão conta do todo. A fase é de digestão de uma ideia incômoda para os meios de comunicação tradicionais, que requer desapego da verticalidade de antigas posições (emissor-receptor). Mais que um interesse de adesão às tendências, a inclusão do consumidor-produtor revela-se um pré-requisito de sobrevivência.

2.4.1 Revista *Sou Mais Eu*

No cenário econômico em transformação, as ‘eu-mídias’ e, certamente, outros fatores de ordem política, impuseram, aos meios de comunicação de massa um reposicionamento que integrasse o novo-consumidor-produtor. Na lucrativa imprensa feminina, a resposta veio em 2006. Antes focada em mulheres da elite dominante (política, social e cultural), viu-se pressionada a olhar para baixo. Resultado: uma das maiores potências do mercado editorial, a Editora Abril, foi pioneira no processo de abertura para a figura da mulher marginal, ainda que seja, por ora, apenas uma fresta de intenções dúbias.

Depois de dois anos de pesquisa, a Editora identificou as principais tendências do mercado editorial global: o crescente interesse por histórias de pessoas comuns e a necessidade de interação com o público no papel tanto de leitor quanto de produtor de conteúdo. O resultado apontou para a tendência: publicações *real life*, termo de origem inglesa utilizado para produtos da indústria cultural focados no cotidiano de pessoas comuns e que têm o conteúdo elaborado pelos próprios leitores, que são remunerados pelas matérias enviadas.

O segmento *real life* é tão representativo na Inglaterra que no ano de 2005 as quatro maiores publicações do gênero venderam semanalmente 2,6 milhões de exemplares, abrangendo 38% (174.106 milhões de exemplares) do

mercado das revistas semanais femininas. Estas publicações superaram, em circulação, as do segmento “celebridades”, que atingem 37% (167.278 milhões de exemplares). Todas as grandes editoras britânicas, como: Emap, IPC, Northern & Shell, possuem ao menos um título que disputa esta fatia de mercado. (CAPERUTO et al, 2007, p.4)

O estudo de tendências possibilitou que, em 23 de novembro de 2006, fosse lançada a revista *Sou Mais Eu*. A publicação surgiu como aposta no potencial de consumo das classes C e D. De acordo com Caperuto et al (2007), a publicação foi anunciada pela equipe comercial como o maior lançamento da Editora nos últimos dez anos. “A revista atraiu seu público-alvo e os anunciantes com a proposta inédita na América Latina: o conteúdo totalmente feito pelos leitores” (CAPERUTO et al, 2007, p.4).

Os argumentos de venda da revista explicitam a publicação como uma aposta comercial pautada no conteúdo. Isto é, as identidades e as subjetividades das mulheres não são sequer citadas. O fato da revista ter seu conteúdo produzido pelas leitoras é a estratégia competitiva para vender espaços publicitários e disputar a atenção do público consumidor.

As mulheres da classe C não formam um grupo homogêneo e a Editora Abril publica revistas que falam com cada uma delas! [...] Sou Mais Eu faz parte da Rede M, uma rede que une o conteúdo das 22 marcas femininas da Editora Abril. (PUBLIABRIL, 2012, p.9)

Quatro anos depois do lançamento da *Sou Mais Eu*, a editora-chefe na época, Flávia Martinelli, fez uma avaliação da revista no site oficial⁷ da publicação:

Quando foi lançada, em 2006, a revista inovou por publicar apenas histórias recebidas por leitores e pagar por isso. Agora, acrescentamos a esse modelo o jornalismo de serviço. [...] O público da classe C sente falta de se ver retratado em revistas. Sou Mais Eu! supre essa necessidade e está alinhada com a tendência dos reality shows, blogs e vídeos na Internet.

A fala de Martinelli revela que o surgimento da revista não esteve atrelado somente às tendências do mercado editorial, mas que considerou as mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridas no Brasil da última década. Prova disso é que Martinelli aponta duas questões como cruciais: a ânsia do público classe C de ser retratado e a comunicação pessoal na internet como uma tendência que merece atenção por parte das mídias impressas. Sobre isso, é possível afirmar que a revista

⁷ <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/soumaiseu>

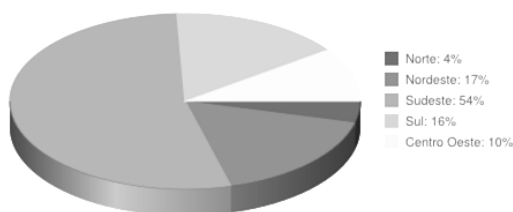
surgiu não somente de uma demanda de leitura, mas respondeu a uma demanda primordialmente social, o desejo de sair da invisibilidade:

Além de sonhar com a fama, outro sonho, o de não mais se dissolver e permanecer dissolvido na massa cinzenta, sem face e insípida das mercadorias, de se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas. (BAUMAN, 2008, p.22)

Desde a sua primeira edição, a revista foi comercializada a R\$ 1,99, o que vem na contramão das revistas femininas voltadas à elite que chegam a custar R\$ 16,00. Isto é, a proposta de inclusão da mulher de classe C não seria focada somente no conteúdo e na forma, mas estaria também preocupada em ser comercializada a um valor acessível às suas leitoras.

A *Sou Mais Eu* acompanhou o crescimento das publicações voltadas à classe C. O “[...] grande crescimento das revistas semanais a partir de 2006 se deve ao segmento popular, de preço inferior a R\$ 4,99, que depende basicamente de venda avulsa e com quase nenhuma participação de vendas por assinaturas” (IVC, 2011, p.9). No mídia kit das Revistas Femininas Populares da Abril (PUBLIABRIL, 2012) consta um perfil do público alvo da revista *Sou Mais Eu*: 90% são mulheres, sendo que destas 49% pertencem à classe C e 36% classe B. São casadas (45%) e que trabalham fora (55%), com idades entre 20 e 44 anos (MARPLAN/EGM apud PUBLIABRIL, 2012). Para conquistar este público leitor, a *Sou Mais Eu* investiu pesado na divulgação a partir de *slogans* como “histórias reais como você nunca viu”, a “revista mais ousada do Brasil” e “nossa missão é ser palco para as pessoas comuns contarem suas histórias extraordinárias” (PUBLIABRIL, 2012, p.19)

Gráfico 1 - Perfil de leitores por Região



Fonte: IVC - janeiro-outubro 2012

De acordo com o gráfico, o alto índice de leitura no Sudeste (54%) poderia justificar o fato da maioria das mulheres retratadas no período observado (julho-2012 a janeiro-2013) serem residentes no Estado de São Paulo. As paulistas protagonizaram 111 matérias. O segundo lugar ficou com o Rio de Janeiro, com 21, seguido do Paraná, com 15, em terceiro lugar. Os estados de Minas Gerais e Santa Catarina ficaram empatados com 11 enquanto Ceará, Bahia e Amazonas sucedem-se com 6, 5 e 4 matérias, respectivamente. No fim da fila, Alagoas e Tocantins tiveram cada um apenas uma história publicada.

A mesma justificativa não caberia para a Região Sul (17%) que apresenta baixo índice de leitura muito próximo ao percentual de 16% da região Nordeste. Se o perfil do leitor norteasse realmente a definição das matérias, nordestinas e sulistas teriam índices similares de representação, o que não acontece.

O importante, diante deste quadro comparativo, é enfatizar que a diversidade brasileira é pouco presente nas revistas de circulação nacional. Existe, assim como acontece na padronização do idioma, uma uniformização. O estudo revelou que as mulheres que "contam suas histórias extraordinárias" (PUBLIABRIL, 2012) são mulheres do Sul e Sudeste, mesmo que os índices de leituras sejam praticamente iguais entre Sul e Nordeste.

2.5 TEXTOS JORNALÍSTICOS EM PRIMEIRA PESSOA

As narrativas do eu não são novas na imprensa. Surgiram e se notabilizaram nos anos 70 com reportagens de Gay Talese e Tom Wolfe, ícones do chamado Novo Jornalismo norte-americano. "O inédito é a generalização do eu na grande imprensa, até em redutos da tradição como o *The New York Times*" (CASTILHO, 2005).

Durante décadas a imprensa foi quase um sinônimo de texto na terceira pessoa. Na imprensa, a adoção do foco narrativo em terceira pessoa é um artifício que pretende conferir impessoalidade e objetividade ao texto. Assim, o jornalismo se apropria da noção de não-pessoalidade como um recurso diretamente relacionado à imparcialidade da informação veiculada. Em Benveniste (1988), o uso da terceira pessoa é, justamente, a "não pessoa".

"A nova postura diante do texto na primeira pessoa entrou na agenda da grande imprensa e das principais universidades norte-americanas movidas pela

pressão dos *weblogs*, onde os autores são ao mesmo tempo protagonistas” (CASTILHO, 2005). O autor relata ainda que a rede de televisão americana ABC criou um espaço chamado *First Person* (Primeira Pessoa) onde o protagonista se dirige diretamente à audiência, sem a participação do jornalista. Castilho (2005) afirma que é cada vez maior o número de jornais que substituem o relato de repórteres pelo dos protagonistas.

A transformação levantada acima por Castilho se assemelha à proposta da *Sou Mais Eu*, com a diferença de que na revista, apesar do texto em primeira pessoa, o jornalista permanece como mediador.

O uso da primeira pessoa no jornalismo obedece a algumas regras. Nos depoimentos tipificados como testemunho ou confissão, o entrevistado fala em primeira pessoa a partir de trechos entre aspas. O uso do ‘eu’ no jornalismo “ocorre em depoimentos extensos dos entrevistados em que o texto é escrito como se fosse deles, restringindo-se o jornalista a ouvir, transcrever e editar” (COIMBRA, 2002, p.46).

Os manuais de redação aconselham que, no caso do jornalista optar por divulgar o depoimento em primeira pessoa, escreva uma abertura que apresente o entrevistado como portador do ‘eu’ enunciado no texto. Esta estratégia deixa claro o modelo adotado. A jornalista Thais de Mendonça Jorge esclarece que nesta modalidade de “depoimento ou entrevista testemunhal na qual o entrevistador se apaga para deixar falar o outro [...] todo o depoimento vem entre aspas, com uma breve abertura para introduzir o assunto” (JORGE, 2012, p.115). Depois disso, inicia-se o relato do entrevistado. Este esquema de texto dá a entender que o depoimento é resultante da mediação, de uma escuta, e não se refere propriamente a uma escrita identitária.

Assim, de modo geral, textos jornalísticos do tipo depoimento apresentam uma abertura que identifica tal relação e estabelece o contrato de leitura, o que não ocorre nas reportagens da revista *Sou Mais Eu*.

O ponto crítico identificado na *Sou Mais Eu* reside na não-explicidade da estratégia que, diferentemente das iniciativas americanas citadas no início deste tópico, mantém a figura do jornalista. Na página da revista esta relação, entre um protagonista que fala e um repórter que escreve, não é apresentada claramente ou, pelo menos, com a mesma estratégia dos textos da grande imprensa em que as falas dos entrevistados aparecem entre aspas.

Não há, portanto, um grande entre aspas que englobe o texto, o que remete à ideia de uma escrita sem mediações. Não há prefácio. O que se identifica são dois nomes, o do repórter no topo da página e o do protagonista no início do texto. A ausência da abertura textual pode ser comparada a um livro sem prefácio no qual se estabeleça o pacto autobiográfico. “O prefácio se constrói inteiramente a partir de um deslocamento de papéis, o autor atribui ao modelo o produto de seu trabalho” (LEJEUNE, 2008, p.182). Assim, os textos publicados não prefaciam a relação que separa as identidades dos sujeitos, de um lado o repórter e, de outro, a protagonista.

A função do prefácio é, primeiramente, a de pacto “referencial” (o modelo existe e eu falei com ele), ‘autobiográfico’ (através de minha escuta e transcrição, é com você, público, que ele aceitou falar) e ‘etnográfico’ (ele não pertence ao mundo da escrita). (LEJEUNE, 2008, p.181)

Lejeune destaca outra característica importante:

O prefácio, de outra parte, constrói rapidamente um retrato do modelo e, sobretudo, qualifica sua palavra [...] De fato, essa apresentação serve para produzir a impressão ‘realista’ (o modelo no texto vai ‘se assemelhar’ com seu retrato falso ‘extratexto’ que é o prefácio, esse desdobramento de um mesmo discurso sendo um procedimento clássico para sugerir a semelhança do discurso com o ‘real’) (LEJEUNE, 2008, p.182)

A ausência do pacto coloca de lado um detalhe importante da produção textual: quem escreve é o jornalista, que escutou o entrevistado, portanto, a matéria não resulta de uma criação direta, mas de uma mediação. A problemática decorrente deste modelo de texto em primeira pessoa residiria na ausência de um “entre aspas” que englobasse a totalidade do texto.

As aspas são adotadas nas matérias jornalísticas para separar as declarações do entrevistado das informações jornalísticas contidas no restante do texto. As matérias da *Sou Mais Eu* no formato em que se apresentam poderiam estar num grande entre aspas, que seria possibilitado por uma abertura do texto, por um prefácio.

2.5.1 Identidades de Escrita

Considerando-se que a revista trabalha na perspectiva do jornalismo colaborativo, vale retomar Aroso quando esta afirma que no “cenário participativo, o papel do jornalista será: avaliar, editar e publicar o material produzido pelos cidadãos, à semelhança do que faz com qualquer outra fonte de informação” (AROSO, 2013,

p.5). De outro lado, complementa que “só devemos falar em jornalismo participativo quando existam efectivamente jornalistas” (RODRIGUES, 2009, p. 4450). Aplicando-se as ponderações de Aroso (2013) e Rodrigues (2009) à proposta de jornalismo colaborativo da *Sou Mais Eu*, mesmo que o texto apareça em primeira pessoa, não há um carácter subjetivo e autoral na matéria jornalística porque o modelo adotado pela revista não prevê uma autonomia do cidadão na escrita do texto.

Na página da revista, a presença de dois nomes próprios (um do jornalista e outro do entrevistado) fragiliza o pacto de leitura porque “todas as questões de fidelidade (problema de semelhança) dependem da questão da autenticidade (problema de identidade) que gira também em torno do nome próprio” (LEJEUNE, 2008, p. 27). Portanto, os nomes próprios do entrevistado e do jornalista promovem a ambiguidade em relação ao uso da primeira pessoa no texto.

O conceito ‘eu’ não existe e o ‘ele’ também não existe “e, de maneira geral, nenhum pronome pessoal, possessivo, demonstrativo [...] remete a um conceito, mas exerce simplesmente uma função que consiste em remeter a um nome ou uma entidade suscetível de ser designada por um nome. (LEJEUNE, 2008, p.21)

Neste momento, chega-se ao ponto que interessa ao estudo, a discussão das identidades de escrita visto que, diante do esclarecimento de Aroso (2013) e Rodrigues (2009), surge o impasse do uso da primeira pessoa como integrante da encenação de uma escrita que não pertence ao entrevistado, mas aparece como sendo dele.

Lejeune (2008) afirma que a autobiografia pressupõe identidade entre o nome do autor impresso na capa, o narrador e a pessoa de quem se fala. Neste caso, considerando-se esta relação, a matéria jornalística em primeira pessoa (considerada como autobiográfica) não constituiria um gênero autêntico por não contemplar este tripé identitário proposto por Lejeune.

O autor do texto é, na maioria das vezes, aquele que o escreveu: mas o fato de escrever não é suficiente para ser declarado autor. Não se é autor incondicionalmente. Trata-se de algo relativo e convencional: só se torna autor quando se assume, ou alguém lhe atribui a responsabilidade da emissão de uma mensagem (emissão que implica sua produção) no circuito de comunicação. A determinação do autor depende tanto das leis desse circuito quanto da materialidade dos fatos. A questão se complica pelo fato de a noção de autor remeter tanto à ideia de iniciativa quanto à de produção e que a produção pode ser ela dividida (igualmente ou hierarquizada) entre várias pessoas. Enfim, o estatuto de autor tem diferentes aspectos, suscetíveis de serem dissociados, e eventualmente também compartilhados: a responsabilidade jurídica, direito moral e intelectual, a propriedade literária

(e os direitos financeiros a ela vinculados), e a assinatura que, simultaneamente, remete ao problema jurídico e faz parte de um dispositivo textual (capa, título, prefácio etc.), através do qual o contrato de leitura é estabelecido. (LEJEUNE, 2008, p.124)

Se o jornalista ‘ouve, transcreve e edita’, o texto publicado é resultante das técnicas objetivas do jornalismo e escolhas subjetivas do redator associadas às imposições da norma culta. O sujeito real, em termos de linguagem, é apagado para ceder espaço a um sujeito reconstruído, adequado a um modelo de produto jornalístico. A equalização das vozes apagaria principalmente os modos de dizer que refletem aspectos identitários e subjetivos da pessoa entrevistada:

As palavras empregadas por uma personagem [entrevistado] não transmitem somente aquilo que significam literalmente. Servem também para caracterizá-la porque além do significado literal, de um sentido de base, [...] têm ainda valores sócio-contextuais. Valores sócio-contextuais são [...] imagens subsidiárias (daqueles que as empregam costumeiramente ou das situações nas quais tais falantes estão implicados) que se superpõem ao sentido das palavras. (COIMBRA, 2002, p.108)

Quando Coimbra (2002) enfatiza que o jornalista se restringe à mediação do relato não considera que esta ‘restrição’, que ambiciona uma “narrativa limitada às percepções, pensamentos e sentimentos do narrador” (COIMBRA, 2002, p.46), abriga muito mais as referências de linguagem do mediador do que propriamente do entrevistado. Em termos de linguagem, a subjetividade e a identidade linguística preservadas no texto são as do jornalista. Assim, o eu da história real não coincide com o eu da linguagem na matéria, editada pelo jornalismo.

Na teoria da enunciação, Benveniste contesta a ideia de linguagem como instrumento de comunicação e defende a existência do “homem na língua” porque “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1988, p. 285). A linguagem faz parte da natureza humana que se constitui a partir da consideração do outro, um ‘eu’ que existe em relação a um ‘tu’. Benveniste aponta a intersubjetividade, presente na relação dialógica que se estabelece na enunciação como condição primordial para a afirmação do caráter subjetivo da linguagem. Assim, “o sujeito é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição” (FLORES, 2004, p. 221)

Benveniste considera a subjetividade a partir da noção de pessoalidade. “A instalação da subjetividade na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria da pessoa” (BENVENISTE, 1988, p.290). A teoria da enunciação benvenistiana implica que um sujeito coloque a língua em funcionamento de maneira individual. Portanto, “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como eu” (BENVENISTE, 1988, p.289). Desse modo, é possível perceber em Benveniste (1988), que a subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como sujeito, apropriando-se da língua de maneira individual. Cada locutor, a seu modo, empresta da língua índices especiais (pronomes, verbos e advérbios) capazes de revelar o caráter subjetivo da linguagem.

Nas palavras de Benveniste (1989, p. 68-69),

[...] em toda a língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando- explicitamente ou não- o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele* uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda.

Benveniste defende que o locutor, ao acionar estas especificidades da enunciação, transforma-se em sujeito, não como sujeito empírico, mas sujeito na linguagem.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito. (BENVENISTE, 1988, p.286)

Partimos desta perspectiva de uso da primeira pessoa (*eu*) como marca da subjetividade, de um sujeito que aciona as possibilidades da língua de maneira individual, para apresentar o foco narrativo da revista, que é em primeira pessoa. Expliquemos melhor esta relação. A problemática decorrente deste texto em primeira pessoa reside no simulacro dele resultante. A invisibilidade do eu real, cuja subjetividade (nos termos de Benveniste) apareceria no texto, promove uma espécie de linguagem de fachada que poderia ser lida a partir da metáfora das *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino. Nesta obra, Calvino descreve, entre tantas outras cidades incríveis, Moriana, que “consiste somente de um lado de fora e de um avesso, como uma folha de papel, com uma figura aqui e outra ali, que não podem se separar nem se encarar” (1993, p.97). Assim como essa cidade de Calvino, as páginas da revista

movimentam dois eus em desencontro. Para o leitor parece que quem escreve é o entrevistado. Mera encenação de linguagem. A matéria jornalística promove uma linguagem que serve como cenário sem espessura. De cada lado, estão colados eus que nunca se encaram verdadeiramente. São faces opostas de um mesmo texto.

Ao falar em simulacro de linguagem, a referência é o pensamento de Jean Baudrillard (1991), filósofo que cunhou o termo como a alucinação desestabilizada e estetizada da realidade, estágio da representação em que o real é pervertido e mascarado. Para ele, “dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro se refere a uma presença, o segundo a uma ausência” (1991, p.9). Nesse sentido último, ao se apropriar de um eu que não lhe pertence, a *Sou Mais Eu* reiteraria o simulacro de Baudrillard. Constituir-se-ia como uma cidade invisível de Calvino, ou seja, fora do plano da realidade.

A premissa de uma linguagem de fachada pode ser alinhada à crítica tecida por Spivak à intermediação da voz subalterna. Sandra Regina Goulart de Almeida, no prefácio de *Pode o Subalterno Falar?*, ressalta que:

Spivak refere-se ao fato da fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediado pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a) [...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). (SPIVAK, 2010, p.14)

Seria oportuno, então, retomarmos a pergunta de Spivak: pode, de fato, (na *Sou Mais Eu*) a subalterna falar?

2.5.1.1 A relevância da mediação

Nos anos 1970, relatos coletados por jornalistas resultaram numa nova modalidade de reportagem em que o repórter se apaga para ceder espaço às vozes populares. Desde o surgimento do *new journalism* nos anos 70, o uso da primeira pessoa nas reportagens é identificado nas práticas da imprensa. De um lado o repórter que fala como sujeito no texto e de outro surgem os relatos em que o jornalista sai de cena e o entrevistado toma frente ao texto.

Na França, escritores também investiram nesta tendência, o que resultou em coleções populares como *La Mémoire Du Peuple* - A memória do povo e *La France dês Profondeurs* - A França profunda.

A exemplo da enquete jornalística, Lejeune apresenta um método de mediação que permite aos que não escrevem, camponeses, operários e artesãos, a possibilidade de sair do silêncio autobiográfico. O pesquisador aborda uma técnica de transcrição em que os relatos são gravados e, posteriormente, transformados em texto. A narrativa é realizada a dois. Diante da dificuldade de enquadramento deste tipo de escrita numa categoria, Lejeune propõe que

O mais simples é empregar a expressão 'relato de vida' [...]. O termo tem a vantagem de deixar em suspenso dois pontos cruciais: o problema do 'autor' (único ou múltiplo. Aquele que escreveu ou o outro?) e o do meio de comunicação (fala e/ou escrita?). Essa indeterminação pode ser tomada como signo da ambiguidade desses textos falados-escritos a dois. (LEJEUNE, 2008, p.114)

A coleta de relatos de vida resulta numa dupla valorização, aquela que diz respeito ao sujeito que fala sobre suas memórias e aquela que dá visibilidade ao grupo social ao qual o falante pertence. Assim,

[...] os modelos escolhidos se sentem valorizados por essa escuta, que, às vezes, os surpreende ("minha vida não é interessante"), mas quase sempre encontra neles um desejo não saciado de tomar a palavra. Mas, obviamente, a iniciativa de enquete não é reversível, mas uma relação unilateral, sem reciprocidade. A memória pura ou a fala autêntica coletada tem dois 'sujeitos' que a sustentam: quem, fugidamente, apenas durante a enquete, se lembra e fala, e quem escuta, constrói a lembrança e a incorpora ao universo da escrita. (LEJEUNE, 2008, p.146)

Vejamos um exemplo:

Eu trabalhava como boia-fria na colheita de café e algodão no Mato Grosso. Passei fome muitas vezes. Fiquei viúva aos 22 anos, com três filhos pequenos pra criar, e tinha medo de que minhas crianças vivessem esse mesmo sofrimento. Foi então que, em 1983, conheci um moço que me convidou para ser faxineira e cozinheira na casa dele em Florianópolis, Santa Catarina. Não pensei duas vezes: deixei as crianças com minha avó, peguei uma trouxa de roupa e me mandei. Na minha cabeça, eu estava deixando aquele inferno para trás e indo ao encontro de uma vida melhor. Mas eu não imaginava que as coisas não seriam fáceis. (SOU MAIS EU, 338, p.21-22)

O texto acima ‘pertence’ à Aparecida Maria da Silva, mulher que vive da reciclagem de lixo na cidade catarinense de São José. Aos 51 anos, ela teve a oportunidade de textualizar sua vida de migrante boia-fria. Ao ler o trecho introdutório de suas memórias, poderíamos imaginar que ele integra um diário íntimo ou um caderno pessoal. Longe disso, suas palavras estão impressas em papel brilhante e, por assim se materializarem para leitura, alçam Aparecida a um novo *status* de visibilidade midiática ainda não experimentada.

O ‘eu’ apresentado no texto ocupa um entre-lugar. O ‘eu’ não pertence plenamente à Aparecida porque não foi ela que tomou frente ao texto, fazendo dele veículo das marcas singulares da sua linguagem. O ‘eu’ também não pertence plenamente ao jornalista, que tece a trama textual com sua linguagem, formação e técnica, mas a vida que está no texto não foi experimentada por ele. Este ‘simulacro do eu’, ativado no exemplo de Aparecida, é cenário e síntese do apagamento do sujeito pela linguagem.

Se olharmos para o texto jornalístico da revista como resultante de uma elaboração literária (Lejeune, 2008), é possível analisar a ausência prefacial a partir dos ganhos que sua presença traria para o contrato de leitura.

Por mais ordenada que seja, essa apresentação tem a vantagem de separar completamente os dois papéis, de mostrar claramente o que fez o entrevistador, de distinguir retrato e auto-retrato ao invés de fundi-los em um discurso inverossímil atribuído ao modelo [...]. (LEJEUNE, 2008, p. 180)

Lejeune trabalha com duas figuras importantes para a análise autoral em relação aos relatos de vida de pessoas que não dominam a escrita. São *nègré*⁸ e modelo. Este último é o portador do relato. É o entrevistado que, reduzido ao estado

⁸ *Nègre* seriam os colaboradores não assumidos; eram literatos que melhoravam ou elaboravam o texto de autobiografias de homens célebres ou políticos.

de fonte, “pode se deixar levar pela memória, uma vez que está liberado das restrições ligadas à comunicação escrita” (LEJEUNE, 2008, p.119). Do outro lado está o redator que deve se colocar a serviço de uma escuta e uma escrita, de modo a estruturar o relato em um texto e “escolher o modo de enunciação, um tom, um certo tipo de relação com o leitor, elaborar a instância que diz - ou parece escrever - eu”. (LEJEUNE, 2008, p.120).

Além disso, essa memória seria realmente a do modelo? Certamente, em seu conteúdo e forma: mas não na forma de sua forma, se posso dizer assim. A partir do momento em que é fixada em um texto escrito, essa memória natural se torna passiva. O ato de escrita assumido por um outro põe em evidência a ausência de iniciativa e de um projeto, o fato de que essa memorização não é um ato criador e que não tem nenhuma serventia para aquele que lembra, ainda que desperte nostalgia ou veleidades. (LEJEUNE, 2008, p.147)

A relação entre as entrevistadas pela revista *Sou Mais Eu*, o jornalista e o texto produzido por ele é, justamente, o fato de que a escrita do segundo permite que chegue ao leitor o relato de vida do primeiro. “O modelo e o *nègre* só podem chegar ao estatuto de autor através dessa mediação”. (LEJEUNE, 2008, p.125).

A mediação do *nègre* será, portanto, dissimulada, ou então, se for confessa, atenuada ou metamorfoseada. O *nègre* tem má reputação: vítima de um sistema que o explora, ele é, ao mesmo tempo, tal como a prostituta, seu bode expiatório. [...] Hoje, o *nègre* é visto menos como “escritor público”, advogado ou ator de causas alheias e mais como uma espécie de dono de brechó ou maquilador, um especialista em “*pret-à-porter*” ou do “sob medida” autobiográfico. (LEJEUNE, 2008, p.126-127)

De qualquer modo, é preciso considerar que para Lejeune “todo o relato autobiográfico é o produto de uma negociação entre uma oferta e uma procura. Quando escrevemos nossa vida, desempenhamos, ao mesmo tempo, dois papéis aqui repartidos entre dois indivíduos” (2008, p.158). O tratamento conferido pelo jornalismo ao relato de vida padece da mesma divisão, que o coloca no centro da disputa entre duas vozes autorais.

É, portanto, em relação ao nome próprio que devem ser situados os problemas da autobiografia. Nos textos impressos, a enunciação fica inteiramente a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu nome na capa do livro e na folha de rosto, acima ou abaixo do título. É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: marca única no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo texto escrito. Em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome (LEJEUNE, 2008, p.23)

A quem pertence o 'eu' da linguagem? Àquele que vivenciou a história ou ao jornalista que a escreve? Quem é o autor? A resposta a estas perguntas pode estar na fala do editor François Maspero: “uma vida tem apenas um autor [...] o autor é a pessoa que vivera aquela vida suficientemente dolorosa ou exemplar para ser apresentada ao público e que assumira aquele relato diante do gravador” (MASPERO apud LEJEUNE, 2008, p.115).

A colaboração turva de maneira perturbadora a questão da responsabilidade, chegando a atentar contra a noção de identidade. A tendência tanto do modelo quanto do redator é acreditar ser o principal, senão o único, “autor” do texto. [...] O modelo acaba se comportando como se tivesse escrito (caso muito frequente), o redator acaba acreditando que viveu (caso menos frequente) ou, pelo menos, vendo o modelo como sua criatura. (LEJEUNE, 2008, p.123)

Os desencontros das identidades autorais no texto promovem outro desencontro, agora com o leitor. Isso acontece porque “diante de uma narrativa de aspecto autobiográfico, a tendência do leitor é, frequentemente, agir como cão de caça, isto é, procurar as rupturas do contrato (qualquer que seja ele)” (LEJEUNE, 2008, p.26).

Vale destacar que para além da questão autoral, do 'eu' que se refere a um nome próprio, um ponto importante é a consideração de que a revista se apresenta como representante de vozes marginais, de histórias reais.

[...] duplicidade é necessária à mediação. O talento do entrevistador consiste em saber manter o equilíbrio entre seus dois papéis, a instância externa (pesquisador) e a instância interna (narratário). O que pode ser visto de fora como um simulacro de complacência corresponde de fato a um difícil trabalho de escuta, de atenção e de deciframento. Sem esse trabalho, não haveria nem emissão do relato de vida, nem retransmissão possível. (LEJEUNE, 2008, p.156)

Não há como negar na mediação a necessidade da edição, que trabalha em prol da compreensão do texto e permite que ele chegue ao leitor. A grande questão de respeito ao eu linguagem é: seria possível ao jornalismo da revista *Sou Mais Eu* seguir o modelo proposto por Dantas no prefácio de *Quarto de Despejo*?

Fui o responsável pela compilação do texto. Do diário foram extraídos os trechos que considere mais significativos, mas sem lhes alterar a forma. A repetição da rotina, da miséria da favela, seria exaustiva. Aqui e ali mexi na pontuação, assim como na grafia e na acentuação de algumas palavras,

quando isso se tornava necessário a uma melhor compreensão do texto. E foi só.

Para Lejeune, o relato de vida, que envolve a figura de um modelo e de um entrevistador-redator, faz da escuta um processo de mediação, visto que “a fita só coleta a fala do modelo: o resto (atitude, olhares, gestos, etc) está associado ao discurso só para quem fez a entrevista” (LEJEUNE, 2008, p.157).

O apagamento da singularidade do entrevistado, presente nos demais meios de comunicação impressa, agrava-se pelo rompimento do pacto autobiográfico e a quebra de contrato de leitura. Este agravamento acontece através do desencontro entre nome próprio, eu gramatical e eu real. No caminho entre o sujeito e sua versão revistalizada, surgiria uma ficcionalização linguística do eu no jornalismo?

2.6 RELATOS DE VIDA

Entende-se que, ao ouvir o relato de vida, o pesquisador (ou o jornalista) toma contato com a linguagem que representa não somente um indivíduo mas sua classe social, em tudo que ela abriga, seus pertencimentos e exclusões.

2.6.1 O tratamento textual dos relatos de vida

Uma das formas de valorização da voz do entrevistado se dá pelo tipo de tratamento a ser realizado pelo entrevistador. Lejeune propõe três modalidades básicas de transcrição: proximidade da fala, a meio caminho da fala e a elaboração literária. Estas metodologias serão utilizadas no próximo capítulo. Portanto, é importante conhecê-las:

a) Proximidade da fala: é um caminho perigoso na medida em que pode produzir um “efeito grotesco”, que pode ser considerado somente para textos curtos. Em textos longos, a transcrição próxima da fala pode afastar o leitor por se tornar ilegível. Assim, “uma preocupação com a literariedade só se justifica no âmbito de uma sociolinguística e demanda então um tipo diferente de anotação e análise” (LEJEUNE, 2008, p.166). Juliette Minces exemplifica

que “mostrar um imigrante falando um francês incorreto não é ser infiel a ele, é simplesmente uma outra forma de racismo” (MINCES apud LEJEUNE, 2008, p.167).

b) A meio caminho da fala: nesta modalidade de tratamento textual é realizada uma varredura no discurso. A intenção é adaptá-lo à comunicação escrita, desconsiderando hesitações e repetições presentes em abundância na linguagem oral. “Eles podam as repetições e as formas orais (negações com um só termo, frases segmentadas), sem suprimi-las por completo, isto é efetuam um início de estilização” (LEJEUNE, 2008, p.168). Decorre deste trabalho de transcrição uma montagem que emprega a língua padrão. “Suprimem-se ou atenuam-se os elementos que perturbam demais a comunicação do ‘código’ de chegada (o escrito), mas tenta-se [...] permanecer fiel ao que foi dito” (LEJEUNE, 2008, p.168). Tenta-se ‘a meio caminho da fala’ preservar a lógica narrativa original e o ritmo da fala, mesmo nos casos em que se opte pela correção quase completa (sintaxe) ou completa (ortografia e pontuação).

Na avaliação do autor,

Essa solução intermediária tem a grande vantagem de possibilitar a circulação de relatos de vida sob uma forma prática, econômica e que não é de fato infiel, tanto dentro da comunidade científica, quanto em relação ao grande público. Ela tem naturalmente seus limites [...] Literariamente, ela é muito mais legível e menos condescendente que a transcrição ‘muito próxima’, mas, em textos longos, acaba se tornando cansativa. (LEJEUNE, 2008, p.169)

c) Elaboração literária: quando de antemão o objetivo é a publicação de um livro, este tipo de acabamento é mais fiel às intenções primárias da escuta. Contudo, “o problema é criar um modo de narração que conserve o sabor e o tipo de presença que tem o discurso oral reportado, mas que conserve a legibilidade e o prazer de uma narrativa escrita” (LEJEUNE, 2008, p.170). Apesar de a elaboração literária montar cenas, trazer a percepção dos subentendidos, analisar e descrever ambientes, o resultado é um texto ficcional.

Interessante notar a aproximação entre esta modalidade de tratamento e o processo de edição jornalística. Lejeune (2008), ao falar do livro de Jean-Claude Loiseau, afirma que a narrativa não é reconstruída, mas o que se propõe é uma enquete narrativizada, segundo a técnica jornalística.

De fato, o pesquisador, ao apagar as perguntas, não irá apagar sua presença, mas desdobrá-la. No texto, seu lugar permanecerá marcado por um vazio. Vazio que o leitor irá preencher ocupando a posição de ouvinte [...] que percebe o discurso do modelo não como dirigido diretamente a ele, mas como um discurso reportado. Esse efeito de leitura é induzido pelo pesquisador a partir do novo espaço que ocupa no texto: o enquadramento. (LEJEUNE, 2008, p.170).

O desdobramento do entrevistador não apaga sua presença. Assim, subexistem no texto modelo e pesquisador. O mesmo desdobramento acontece na enquete jornalística em que o discurso é reportado. O apagamento das perguntas não exclui o jornalista do texto mas o coloca nas entrelinhas do enquadramento. A mediação jornalística (ou do pesquisador) é necessária nesses casos porque possibilita a autobiografia dos que não escrevem.

O estudo dessas três modalidades de mediação dos relatos de vida é pertinente nesta pesquisa tanto pelas técnicas de coleta quanto pelas modalidades de transcrição. Esta relação entre a escuta e a escrita estabelecida agora nos permitirá compreender melhor o modelo adotado pela revista. Os relatos de vida que aparecem materializados nos textos da *Sou Mais Eu* podem ser analisados a partir dos modelos propostos por Lejeune. Assim, será também a partir deles que, no último capítulo, analisaremos a matéria protagonizada por Melita Luzia Santos.

Frente a essa possibilidade de mediação alternativa identitária, queremos aqui inserir a reflexão de como o relato de vida, para além da ciência e da literatura, se faz presente no jornalismo. Se o relato de vida é o caminho que possibilita a representação midiática dos que não escrevem segundo as normas, a internet seria o atalho capaz de suprimir os deméritos da mediação?

CAPÍTULO 3

DA ESCRITA ÍNTIMA À AUTOPUBLICAÇÃO VIRTUAL

Na costura invisível da escrita autobiográfica permanece latente uma estratégia de sobrevivência. Refugiado numa espécie de máquina do tempo, de papel ou de *bits*, palavra a palavra, o homem se remete ao futuro. Narra seus dias findos e, assim, tenta organizar os fragmentos de sua existência menor. Na página, ou a tela, tenta em vão conter a corrosão do tempo e registrar o vivido cotidianamente. Na pulsão de falar de si, em segredo ou para o outro, garante sua parcela de eternidade através da linguagem. Forjado nas tramas do relato pessoal, inscreve-se numa modalidade de existência perene, a da representação estética.

A caneta tenta conter o avanço das horas. "Na incessante sede de descrever-se podemos reconhecer a mesma luta contra o tempo cronológico que passa indefectível" (MOREA apud MACIEL, 2004, p.6). Àquele que preserva suas memórias, a escrita reserva a ilusão de uma inversão desejada. O dia a menos para o homem é um a mais para o corpo forjado em meio às palavras, tramado nas entrelinhas. Esta permuta seria capaz de perfazer no texto um corpo simbólico, imaterial, que sobreviveria ao último dia de seu autor? Combate-se a morte com a flecha da escrita.

O parentesco com a morte é peculiar às antigas narrativas. Desde a epopeia grega, destinada à imortalidade mítica do herói, até *As Mil e Uma Noites*, subjaz o desejo da eternidade.

De uma outra maneira, a narrativa árabe - eu penso em *As Mil e Uma Noites* - também tinha, como motivação, tema e pretexto, não morrer: falava-se, narrava-se até o amanhecer para afastar a morte, para adiar o prazo desse desenlace que deveria fechar a boca do narrador. A narrativa de Shehrazade e o avesso encarnado do assassinio, e o esforço de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo da existência. Esse tema da narrativa ou da escrita feitos para exorcizar a morte, nossa cultura o metamorfoseou; a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele estaria consumado na própria existência do escritor. (FOUCAULT, 2009, p.7)

Para além dos grandes textos, a ideia da autonarrativa como tentativa de vencer a morte pode ser identificada na leitura do *Pacto Autobiográfico* de Philippe Lejeune. "É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-egendrar. Um caderno no qual nos contamos [...] é uma

espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá” (LEJEUNE, 2008, p.264).

O exercício de si através da escrita íntima tornou possível ao ser humano, matéria frágil e finda, eternizar-se. Relidos em diários famosos ou preservados na intimidade familiar, os diaristas gozam da possibilidade de subsistência ou ‘sobre-existência’, em suas memórias e confissões. Além de deixar vestígios de sua vida para o futuro, motivos menos ambiciosos movem o diário: conservar a memória, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar e, simplesmente, escrever.

"Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do eu" (MOISÉS, 1982, p.50). A imprecisão formal marca a escrita autobiográfica por refletir, de certa maneira, a subjetividade da imprecisa alma humana: sempre incompleta, redundante e conflituosa. Na dificuldade de uma delimitação, recorremos ao maior estudioso do tema. Lejeune propõe que “ligeiramente modificada, a definição de autobiografia seria: [...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2008, p.14).

O autor esclarece ainda que a autobiografia é “toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma dessas categorias: memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato ou ensaio” (LEJEUNE, 2008, p.14-15). A partir desta delimitação, quando mais adiante falarmos de textos jornalísticos que contam uma história de vida escrita em primeira pessoa, apesar a mediação jornalística, estamos falando de autobiografia. Do mesmo modo quando abordamos as escritas de si na blogosfera, consideramos que os diários virtuais são também autobiografias que, apesar de não repousarem na intimidade do papel ou na publicidade de um livro, agitam-se na virtualidade com os mesmos objetivos de engendrar, constituir, registrar as memórias daquele que escreve.

3.1 NARRATIVAS PESSOAIS: DE ONDE VIERAM E PARA ONDE VÃO?

No rastro histórico das práticas da escrita de si, Foucault (2006) destaca os *hypomnemata*, arquivo pessoal onde o indivíduo documentava leituras, pensamentos e frases de outrem. Contudo, o autor alerta que tais cadernos permitiam a constituição de si a partir da recolha do discurso do outro e não da narrativa de si. Desta última, pistas históricas podem ser encontradas “pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma”. (FOUCAULT, 2009, p.153). Uma carta enviada para aconselhar, insultar ou consolar o destinatário constitui uma espécie de treino de si que é realizado pelo emissor. A palavra endereçada ao outro serve à subjetividade do escritor. Neste aspecto, Foucault afirma: “a carta que, na sua qualidade de exercício, labora no sentido da subjectivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como ‘bem próprio’, constitui uma objectivação da alma” (FOUCAULT, 2009, p.151).

Como confissão, memória ou exame, as autonarrativas entram na história da subjetividade moderna como busca, ou obrigação, de enunciar uma verdade sobre si. Lejeune (2008) aborda historicamente dois grandes movimentos de interiorização. O primeiro: a autovigilância, preconizada no século 4 por Santo Antonio, considerado pai da prática do diário íntimo. “No início os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem na esfera privada, depois na individual, e, enfim, na mais secreta intimidade” (LEJEUNE, 2008, p.261). O diário se pôs a serviço da pessoa. O segundo movimento, registrado no século 18, trata do aprimoramento de si através do relato a um confidente. Neste período era comum que os diaristas lessem seus diários para outras pessoas ou confidenciassem suas memórias através de cartas.

Segundo Gay, seria incorreto falar em escrita íntima antes do século 18. “Pense, por exemplo, como a idéia de privacidade era até fisicamente impensável em famílias cujos membros eram obrigados a dormir juntos num mesmo quarto, algo comum no século XVIII” (GAY, 1998, p. 23). Nesse sentido, Araújo (2008) reforça ainda que:

Não havia lugar para o homem pensar-se a si mesmo como sujeito do saber até fins do século XVIII. O século XVII estava mergulhado na ciência geral da ordem, preocupado em classificar e organizar a multiplicidade dos seres em quadros unificadores (ARAÚJO, 2008, p.107).

É interessante notar que a transformação dos costumes e até mesmo da arquitetura e mobiliário das casas foi determinante para que a escrita íntima conquistasse adeptos. "Detalhes como quartos privativos ou escrivaninhas com chaves [...] serviram para que a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se em tudo o que a remetesse à busca do 'eu' no cotidiano e nas artes" (GAY, 1998, p.24).

Ao investigar documentos do século 19 na Biblioteca Nacional da França, Lejeune identificou textos biográficos e autobiográficos de religiosos, médicos, engenheiros, artistas, homens letrados e comerciantes. Lejeune afirma que “essas pessoas se tornam proprietárias de suas vidas, podem organizá-las, apresentá-las como carreira ou destino e fazer delas um espaço de transmissão de valores sociais” (2008, p.132).

Virgínia Woolf esclarece que:

[...] perto do século XIX, a consciência de si mesmo se desenvolvera a ponto de que era um hábito dos homens de letras descreverem o que lhes passava pela mente em confissões e autobiografias. Também suas vidas foram escritas, e suas cartas foram publicadas após a morte deles. (WOOLF, 1985, p.67)

Percebe-se que o universo da escrita se restringe aos 'homens das letras'. A autonarrativa, fechada nos círculos intelectuais e nas classes dominantes, relegou a vida dos operários, artesãos e camponeses à obscuridade. Vivências individuais e de classe, não mereciam ser escritas e impressas. Mesmo a voz operária, responsável pelos poucos registros da época, não assume tons individuais. As autobiografias de militantes que viveram entre 1848 e 1871 eram voltadas ao despertar de uma consciência de classe e difusão de valores revolucionários. Esses textos eram marcados por uma contradição infeliz porque não chegam à classe operária sem a mediação da classe dominante. “Não há, portanto, autobiografia ‘popular’ no século 19, porque não existia para ela nem público, nem circuito de difusão” (LEJEUNE, 2008, p.134). No século 19, acreditava-se que memórias e histórias pessoais não seriam capazes de gerar interesse de leitura nem transmitir valor.

O discurso sobre elas permanecerá apenas na memória de seu grupo (seu vilarejo, seus pares) e raramente irá além desse círculo. Enclausuradas em seu meio, suas vidas não tem o tipo de individualidade próprio para suscitar interesse, em geral vinculado à mobilidade e ao êxito social. (LEJEUNE, 2008, p.132-133)

Escrever e publicar a narrativa da própria vida nas mídias impressas foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado às elites.

Os relatos autobiográficos [...] constituem o espaço que se elabora, se reproduz e se transforma numa identidade coletiva, as formas de vida próprias às classes dominantes. Essa identidade se impõe a todos os que pertencem ou se integram a essas classes e relega as outras a uma espécie de insignificância. (LEJEUNE, 2008, p.131)

Mesmo no século 19, época em que a educação começa a chegar às classes populares, e ainda hoje, em pleno século 21, o espaço de publicação impressa da autobiografia se fecha para o analfabeto ou pouco escolarizado. Importante é compreender que esta restrição não se refere meramente à escrita como conhecimento ‘técnico’, mas diz respeito ao seu caráter histórico e político, capaz de promover um silenciamento estratégico, cômodo e interessante às classes dominantes.

A questão das autobiografias populares esbarra nos domínios da escrita. Para Lejeune o entrave da alfabetização e da aculturação esconde outro problema: o do circuito de comunicação que não veicula a voz do povo:

Por que esse silêncio? Por que não sabiam ler nem escrever e transmitiam sua memória oralmente? Seria ingênuo pensar isso. A instrução se difundiu em larga escala no século 19. Mas quem sabia ler e escrever usava sua instrução para outros fins, sob outras formas: por que, ou para quem, teriam eles escrito seus relatos de vida? O problema da alfabetização e da aculturação esconde um outro problema: o do circuito de comunicação impresso e da função dos textos e dos discursos que passam por este canal. Esse circuito está nas mãos das classes dominantes e serve para promover seus valores e ideologia. (LEJEUNE, 2008, p.131)

A partir desta perspectiva, é possível compreender que o tratamento conferido pela imprensa às classes populares é permeado pelas mesmas práticas e discursos. O pobre e sua vivência são vistos e tratados de cima para baixo. O homem do povo “é imaginado no discurso jornalístico e romanesco das classes dominantes e nutre tanto seus sonhos (principalmente os camponeses), quanto seus pesadelos [...]”. (LEJEUNE, 2008, p.133). Constata-se, portanto, que o vivido por camponeses, operários e funcionários têm pouca ou nenhuma possibilidade de ser escrito e publicado apartado dos interesses das classes dominantes. Assim, no campo literário e na pesquisa científica, não houve, por longo tempo, interesse de audiência e de mediação em relação aos relatos de vida dos homens do povo.

A escrita como elemento de articulação do processo de inclusão-exclusão, de visibilidade e apagamento, norteou a investigação de Foucault, que estudou pequenos textos do século 16 e 17 tratando de:

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornaram a não ser pelo efeito de múltiplos acasos, tais são as infâmias que eu quis juntar aqui alguns restos. (FOUCAULT, 2009, p.102)

Os textos estudados por Foucault demonstram que, mesmo que de alguma forma o homem popular tenha sido escrito, esta escrita aparece permeada pelo interesse do poder intervir sobre ela.

Momento importante, aquele em que uma sociedade atribuiu palavras, maneirismos e grandes frases, rituais de linguagem, à massa anônima do povo, para que possa falar de si mesmo – falar publicamente e sob a tripla condição de esse discurso ser dirigido e posto a circular no interior de um dispositivo de poder bem definido, de fazer aparecer o fundo até então quase imperceptível das existências e de, a partir dessa guerra ínfima das paixões e dos interesses, dar ao poder a possibilidade de uma intervenção soberana. (FOUCAULT, 2009, p.123)

O interesse do poder sobre os textos das classes populares aparece de outra forma nos estudos de Lejeune. Ele afirma que o circuito oficial de publicações na França se apropriou da fala popular ocasionando o sucesso de depoimentos transcritos ou reescritos de camponeses e artesãos. O autor afirma ainda que essa apropriação contribuiu para o fracasso de autobiografias e depoimentos de autodidatas escritos desde o início de 1900.

3.2 DIÁRIOS DO SÉCULO 20

As autobiografias permaneceram apartadas dos grandes textos literários até o alvorecer do século 20. O 'século das memórias' se abre ao universo narrativo centrado na primeira pessoa. Apesar disso, ao colocar a escrita a serviço dos pequenos dias do ser humano, os gêneros confessionais foram relegados à sombra como literatura íntima menor, como é possível constatar na fala de Paul de Man:

Tornar a autobiografia um gênero literário é elevá-la acima do status literário de mera reportagem, crônica ou memórias e conceder-lhe um lugar, embora modesto, entre as hierarquias canônicas dos maiores gêneros literários. Isso não se dá sem algum embaraço e, uma vez comparada à tragédia, ou épica

ou poesia lírica, a autobiografia sempre parece pouco reputada e auto indulgente, sendo incompatível com a dignidade monumental dos valores estéticos. (apud CARLOS; ESTEVES, 2009, p.29)

O diário como autobiografia revela um além-texto, isto é veicula o que extrapola a questão intratextual e situa o sujeito a partir do contexto social vivenciado. Elizabeth W. Bruss em *Autobiographical Acts*, livro publicado originalmente em 1976, critica o abuso classificatório dos críticos e defende que, além da natureza linguística, “aquilo que a autobiografia é depende em parte daquilo que ela *não é*, do modo geral ao qual se liga a outros tipos de atividades presentes no seu contexto de origem ou se diferencia delas” (BRUSS apud CARLOS e ESTEVES, 2009, p.13). Portanto, a partir de Bruss, entende-se que existe a necessidade imanente de se buscar o caráter sociocultural do diário, sua importância na constituição da subjetividade e da identidade do sujeito que escreve. Mais que isso, nesta pesquisa, busca-se compreender de que modo os elementos **extratextuais** se revelam nas escolhas formais empreendidas no texto.

A literatura registra inúmeros diários publicados. Entre os mais conhecidos, selecionamos quatro diários femininos em que o viés sociocultural da autobiografia pode ser abordado como uma marca identitária.

Entre os muitos diários que ganharam reconhecimento no século 20, o de Annelise Frank (1929-1944) se destaca. Ela começou a escrever regularmente em 14 de junho de 1942. Dos 13 aos 16 anos, manteve uma escrita ritual que revelou, além da sua experiência pessoal do Holocausto, a afetividade relacionada à manutenção de um diário. Ela escreve: "Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda". Em comentário acrescentado em 28 de setembro de 1942, ela confidencia:

Até agora você tem sido um grande apoio para mim, como também tem sido Kitty [amigo imaginário], para quem tenho escrito com regularidade. Esse modo de manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os momentos de escrever em você. Ah, estou tão feliz por ter você comigo!

Um caderno de capa quadriculada em vermelho, laranja e cinza foi o melhor amigo de Anne. A ele a menina confidenciou pormenores da rotina de medo e preocupação com a fome e a morte. Segundo Lobo (2007), o estilo do diário muda quando, em março de 1944, Anne ouve no rádio um apelo de que os judeus guardem seus depoimentos para serem publicados após a guerra.

Publicados sob o título *Diário de Anne Frank*, os relatos se tornaram símbolo do sofrimento judeu durante o Holocausto. O diário foi traduzido em 55 idiomas. Hoje, existem páginas nas redes sociais que publicam diariamente trechos do livro e os internautas compartilham suas experiências de leitura da obra. Certamente, Anne Frank, apesar de sonhar ser escritora ou jornalista, jamais imaginou que suas memórias chegassem tão longe no tempo. Sairiam do papel para a virtualidade do Facebook⁹.

Em terras brasileiras, *A Minha Vida de Menina* merece destaque por apresentar um fim de século 19 marcado pelo declínio da mineração e o surgimento de ofícios que se situavam entre a escravidão e o regime salarial. O diário constrói um Brasil particular, a partir do cotidiano pitoresco de uma adolescente. Aconselhada pelo pai, aos 12 anos, Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, começa a escrever seu 'romance pessoal', vivido na província Diamantina, Minas Gerais.

Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu diário o que penso ou vejo acontecer. Ele me disse: Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações. Se eu não tivesse esse caderno poderia guardar na memória o caso tão engraçado que vi ontem? (MORLEY, 1998, p. 68)

O primeiro registro acontece numa quinta-feira, 5 de janeiro de 1893. Do início ao fim, a tônica bem-humorada é marcante. Escrito até 1895, o diário de Morley foi publicado no século 20, em 1942. A escrita despretensiosa e simples de *A Minha Vida de Menina* conquistou admiradores entre leigos e críticos.

Famoso, admirado e bem humorado. Entre as qualidades do diário de Morley, somente as duas primeiras se repetem na escrita da favelada Carolina Maria de Jesus. A dor, a fome e a pobreza não permitem o humor, mas abrem campo para uma linguagem-verdade, dura como a vida na favela.

Os diários escritos entre julho de 1955 e janeiro de 1960 ganharam notoriedade inicialmente em trechos publicados na *Folha da Noite* e na revista *O Cruzeiro*. Mais tarde, em agosto de 1960, aconteceu o lançamento do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Para além dos 'erros' e hipercorreções, a narrativa fragmentada e forte conquistou o mundo. Em 1982, *Diário de Bitita*, o segundo da autora, foi publicado originalmente na França sob o título *Journal de Bitita*. As

⁹ <https://www.facebook.com/pages/o-diario-de-anne-frank/234478143289560>

características da linguagem, mantidas no primeiro diário, foram editadas tornando o texto menos fragmentado e com 'erros' ocasionais.

Mais recentemente, o diário da ex-prostituta conhecida por Bruna Surfistinha colocou em xeque quem não acreditava que a vida infame (considerando-se a acepção conferida ao termo aqui neste estudo) não encontrasse público leitor ou não fosse lucrativa. Em 27 de abril de 2006, o jornalista Larry Rohter publicou no jornal *The New York Times* um artigo que é a síntese deste pensamento. O texto *Aquela que Controla seu Corpo Pode Irritar seus Compatriotas* aborda o impacto da obra no meio editorial e a popularidade alcançada pelo livro. A trajetória de Raquel Pacheco (nome real de Bruna) começou um ano antes da publicação de Larry Rohter. Ela se tornou uma celebridade primeiramente na internet com mais de 10 mil acessos na sua página pessoal. Depois do meio virtual, veio a publicação do livro *Doce Veneno do Escorpião: O Diário de Uma Garota de Programa* em que Bruna traz histórias que não entraram no *blog*. O sucesso na internet se repetiu também no livro, que atingiu 140 mil exemplares, somente em 2006.

Examinando a história dos diários femininos em território nacional, Luiza Lobo aponta que “a verdadeira diglossia existente entre norma culta e a fala popular e a dificuldade de acesso a uma boa educação de base explicam a quase inexistência de diários de mulheres publicados no Brasil” (LOBO, 2007, p.87). Contudo, os exemplos citados dão conta de que as autobiografias marginais estão na ordem do dia das editoras. No mundo todo, nas últimas décadas, os diários, as memórias e as autobiografias se tornaram, juntamente com os romances, “as leituras preferidas pelo público” (AGUIAR, 1997, p.165). Assim, temos no século 21 um ambiente editorial mais aberto à literatura íntima e que, aos poucos, se abre para as autobiografias marginais.

Diante da complexidade do mundo, da política, da ciência e dos acontecimentos sociais, por que a vida íntima desperta tanto interesse? Talvez Souza indique uma resposta. Afinal, “a escrita do eu pode ser definida como uma forma de salvação do homem dos nossos dias em um mundo que já descrê de projetos de salvação coletiva” (SOUZA apud MACIEL, 2004, p.6).

Anne Frank mantinha um diário para combater o medo. Morley escrevia para registrar os dias de uma infância colorida em Diamantina. Carolina aspirava publicar um livro e ir morar numa casa de alvenaria. Bruna desejava expor sua queda. Com

motivações e condições diferentes de escrita, elas puderam colocar suas vidas em palavras. Seus dias, dores e alegrias, são lidos hoje, no impensado século 21.

3.3 À SOMBRA DO HOMEM

Para que seja possível compreender porque os *blogs* são importantes canais de subjetivação feminina na contemporaneidade, é indispensável abordar as matrizes socioculturais da condição marginal feminina.

A constituição da mulher como ente periférico na História é o ponto desencadeador de uma discussão que expõe marcas residuais do masculino, certamente sob rasura, mas (ainda) dominante. A compreensão da determinação do feminino a partir do masculino é um viés que não pretende promover uma ingênua inversão sexista, mas uma consciência conjuntural. Argumentamos que a condição de subjugação da mulher e o seu apagamento ou minorização no universo da escrita é produto de uma construção fortemente marcada pelo agravante arbitrário do gênero mas que se ramifica (e se complica) quando associada a questões raciais, linguísticas e de classe. Importante entender que esta trama de exclusões, sustentada por muito tempo, começa a ruir com novos espaços de escrita que se abrem na imprensa feminina e na internet.

Os discursos históricos que secundarizaram a mulher a partir de uma oposição dura em relação ao homem podem ser encontrados nos estudos do historiador americano Thomas Laqueur (2001), que investigou a noção de divisão sexual como um constructo cultural. Na obra *Inventando o Sexo*, Laqueur versa sobre a hierarquização entre os sexos como uma construção a-histórica, constatação que nega a perspectiva naturalista ou biologizante da inferioridade feminina.

Para os gregos, havia um único sexo, o masculino. A mulher era a sua inversão imperfeita. Disso Laqueur constata que “em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado” (2001, p.189). O pesquisador afirma também que a ideia de que homens e mulheres são categorias sexuais diferentes é recente. A divisão social dos sexos nasce no berço iluminista do século 19 motivada muito mais por questões políticas do que por evidências científicas. As explicações reducionistas resultaram de uma conjunção histórica específica centrada nas divisões entre público e privado, certo e errado, normal e anormal, homens e mulheres.

O cenário social contemporâneo ainda é fortemente marcado por tais binariedades, representações residuais hegemônicas que atravessaram os séculos e ainda nos arrebatam no evento privado menor e, também, nas situações sociais mais complexas. A condição sexual é critério de avaliação, normalização, categorização. Nesse ciclo, a comunicação tem sido hábil em absorver e reforçar os padrões desejáveis, aceitáveis.

Mais especificamente, a imprensa feminina contribui para este processo. Surgida em meados século 19, ela ainda carrega as marcas do ambiente político em que foi gestada. Prova disso é o fato de ainda se articular em torno de papéis moldados a partir de um sujeito fundador. Ele é insígnia segregária de um resíduo indesejável, que ainda serve de matriz do seu reverso dominado, a mulher-negra-marginal. Esta desqualificação, nomeadamente simbólica, é potencializada por fatores que não são, em nenhuma medida, naturais, mas construídos discursivamente.

Stuart Hall aborda a questão das identidades, ou da identificação, como processo que ocorre dentro e não fora do discurso. Hall afirma que:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria no passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões 'quem somos nós' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e 'como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios'. (HALL, 2000, p.108-109)

Hall salienta ainda que uma identidade se afirma a partir da repressão daquilo que a ameaça. "Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois polos resultantes – homem-mulher, etc." (LACLAU apud HALL, 2000, p.110). Entende-se que, sob esta perspectiva, no esforço de afirmar uma identidade masculina, a feminina deveria ser apagada. Os discursos e as práticas que entornaram uma masculinidade dominante trataram de aniquilar o feminino como que se ele ameaçasse uma espécie de poder sexista.

3.3.1 A (in)determinação do feminino

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.7). A frase emblemática da filósofa existencialista Simone de Beauvoir sintetiza o lugar social da mulher como construção cultural. Em diferentes tempos e sociedades, em torno de valores predominantemente masculinos, orbitaram os sentidos do feminino. O papel secundário, complementar, coadjuvante ocupado na História foi resultante de uma secundarização artificial da mulher em relação ao homem nas esferas pública e privada.

A noção de diferença sexual se consolidou a partir da lógica perversa de que os homens, mais fortes fisicamente, seriam superiores. A mulher, de constituição mais fraca, deveria acomodar-se à esfera privada, gozando as benesses da maternidade e afazeres do lar. O 'mundo lá fora', por muito tempo, foi masculino. Resultado: a história do mundo é a história dos homens. A mulher, inserida em uma estrutura patriarcal que tratou de confiná-la ao casamento, foi emudecida e relegada a uma existência menor e a uma representação ínfima nos relatos históricos.

Segundo Sexo, título da obra lançada em 1949 por Beauvoir, representa o marco inaugural e um indício de que a eterna dicotomia poderia (deveria) ruir. A filósofa, valendo-se do artifício do texto, outro reduto masculino, confrontou a ideia de um determinismo biologizante. Beauvoir denunciou as pressões socioculturais que desde cedo domesticavam e restringiram a mulher a papéis sociais estáticos: mãe, esposa e, ocasionalmente, freira.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; [...] nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. Neste sentido, há verdade no *slogan* que a condena a permanecer "uma terna criança"; também se dizia dos operários, dos escravos negros, dos indígenas colonizados que eram "crianças grandes", enquanto não os temeram. (BEAUVOIR, 1967, p.364)

Na citação acima, a ligação que Beauvoir estabelece entre a secundarização feminina e a imagem do negro e do indígena promove a reflexão sobre a subjugação maior imposta àqueles que, para além a secundarização feminina, são impactados também pela questão racial.

Vale inferir que, apesar deste tópico se dirigir à questão do feminino, entende-se que “o gênero não é algo constituído sempre de maneira coerente ou consistente [...] o gênero interage com modalidades raciais, de classe, etnossexuais e regionais de identidades constituídas discursivamente” (BUTLER apud ALMEIDA, 2002, p.1).

Já para Linda Nicholson, “nunca temos um único conjunto de critérios constitutivos da ‘identidade sexual’ a partir do qual se possa inferir alguma coisa sobre as alegrias e as opressões inerentes ao ser mulher” (2000, p.9).

Fato é que dificilmente conseguimos abarcar todos os elementos que, somados ou associados, tratam de diminuir a mulher em diferentes aspectos da vida social e íntima. As perdas resultantes da opressão feminina comportam, certamente, o seu apagamento e impossibilitaram que ela fosse escrita, representada. Como medir quantos romances 'elas' não escreveram? Como saber quantas singularidades se apagaram à sombra da escrita, da dominação masculina? O desejo de reverter esta, e tantas outras exclusões, fez nascer o movimento feminista.

3.3.2 O feminismo

Há quem afirme que, em 1792, Mary Wollstonecraft foi a primeira a plantar a semente do feminismo. No texto *A vindication of the right of woman*, ela reivindica igualdade de direito entre os gêneros. A solução para tal problema estaria no fim do bloqueio à formação intelectual feminina. A educação propiciaria às mulheres condições profissionais que ampliariam seus horizontes para além do casamento. Segundo Oliveira (2009), o pensamento de Wollstonecraft não encontrou adeptos entre os seus contemporâneos.

A profound conviction that the neglected education of my fellowcreatures is the grand source of the misery I deplore, and that women, in particular, are rendered weak and wretched by a variety of concurring causes, originating from one hasty conclusion. The conduct and manners of women, in fact, evidently prove that their minds are not in healthy state; for, like the flowers which are planted in too rich a soil, strength and usefulness are sacrificed to beauty; and the flaunting leaves, after having pleased a fastidious eye, fade, disregarded on the stalk, long before the season when they ought to arrived at maturity. One cause of this barren blooming I attribute to a false system of education, gathered from the books written on this subject by men who, considering females rather as women than human creatures, have been more anxious to make them alluring mistresses than affectionate wives and rational mothers; and the understanding of the sex has been so bubble by this specious homage, that the civilized women of the present century, with a few exceptions, are only anxious to inspire love, when they ought to cherish a nobler ambition, and by their abilities and virtues exact respect. (WOLLSTONECRAFT apud OLIVEIRA, 2009, p.10)

Wollstonecraft demonstra que a preocupação com a questão da obliteração da mulher em favor de uma masculinidade hegemônica já promovia inquietações

muito antes do feminismo se apresentar como potência emancipatória. Na segunda metade do século 20, o feminismo surge como “[...] portador de um devir feminino que diz respeito não só a todos os homens e às crianças, mas, no fundo, a todas as engrenagens da sociedade” (GUATTARI; HOLNIK, 1996, p.93). O movimento é considerado por Stuart Hall (2005) um dos grandes descentramentos da pós-modernidade. O feminismo contesta, e (por assim fazer) desestabiliza, a ideia de superioridade masculina, o que impacta diretamente sobre a ideia de um sujeito fundador ou do sujeito dominante, aquele que é homem, branco, heterossexual.

O feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: [...] abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças (HALL, 2005, p.45-46).

aponta que o feminismo se coloca em oposição à filosofia ocidental por sua totalização opressiva e sistematização repressiva. A autora propõe a desconstrução filosófica do sujeito transcendental da metafísica ocidental. Richards afirma que, atuando neste sentido, o feminismo surge como um “cenário propício à revalorização do outro (e da outra), que a modernidade tinha marginalizado de seu império da razão e da verdade dominantes” (RICHARDS, 2002, p.159).

A teórica feminista Judith Butler reconduz o debate sobre a crise do sujeito do feminismo e defende o uso do termo ‘mulheres’, no plural, que “designa um campo de diferenças indesignável, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e re-significação” (BUTLER, 1998, p.36). A compreensão fluida de uma contra-mulher serve não de instrumento de oposição, mas como devir desconstrutor de um feminino fundador. Este ‘tornar-se’ justifica a impossibilidade de encerrá-la num conceito ou sentença definidora. O termo contra-mulher, como expressão sob rasura, revela-se adequado porque suas indefinições, deslocamentos e re-significações convivem ainda com o indesejável resíduo do feminino subalternizado.

Butler (1998) defende que a ideia de enquadramento na concepção de sujeito não é uma ambição feminista e entende que a crítica ao sujeito é um modo de interrogar uma premissa, uma posição que nos é dada de antemão. Assim, qualquer

enquadramento ou fechamento seria novamente uma opção fundamentalista, universalista. Butler defende que:

Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida; e a fantasia de que o seja só pode desconhecer suas relações constitutivas refundindo-as como o domínio de uma externalidade contrabalançadora. Com efeito, pode-se levar em conta a afirmação de Luce Irigaray de que o sujeito entendido como uma fantasia de autogênese é sempre masculino. Do ponto de vista psicanalítico, essa versão do sujeito é constituída por meio de uma espécie de rejeição ou mediante a repressão primária de dependência do maternal. E tornar-se um sujeito com base nesse modelo não é, com certeza, um objetivo feminista. (BUTLER, 1998, p.24)

Butler ainda enfatiza que “a construção de sujeitos-posições funciona para excluir as mulheres da descrição de um tipo diferente de opressão, aquela que é efetuada pelo apagamento que fundamenta a articulação do sujeito emancipatório” (BUTLER, 1998, p.33). Assim, não podemos nos fixar no terreno fácil das definições fechadas, até mesmo as que pretendem afirmar a mulher emancipada pós-moderna.

O feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: [...] abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças (HALL, 2005, p.45-46).

Diante da domesticação do feminino é preciso olhar para a negação das exclusões e opressões com olhar crítico, assim como alerta Butler (1999), porque as posições fixas, mesmo aquelas que retiram a mulher do campo dos oprimidos, redundam num apagamento ou numa negação dos resquícios de uma masculinidade e etnicidade dominantes. Esta inferência nos reconduz à Spivak, afinal, “a construção ideologia do gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito não tem história e não pode falar, o sujeito feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (2010, p.67). Esta articulação entre visibilidade e apagamento, vozes e silêncios, é agora é somada ao ‘agravante’ racial. Lembrando que tanto as questões de gênero quanto as de raça resultam de um discurso histórico fundado em categorias.

A história tem sido, em sua maior parte, um discurso fundamentalista. Com isso quero dizer que suas explicações parecem impensáveis se não tiverem como base algumas premissas, categorias, ou hipóteses fundamentais. Esses fundamentos (não importa sua diversidade, ou quais sejam eles em um determinado momento) não são questionados e são tidos como inquestionáveis; são considerados permanentes ou transcendentais. [...] Na verdade na mente de alguns fundamentalistas, o niilismo, a anarquia e a

confusão moral resultam da ausência de fundamentos, que têm o status (se não a definição filosófica) de verdades eternas. (SCOTT, 1999, p.29)

Muito antes de norte-americanas, em 1968, queimarem *soutiens* em Atlantic City¹⁰, Beauvoir levantou bandeiras que ainda são pertinentes se considerarmos que, mesmo que menos explicitamente, as divas das revistas ainda servem ao mito do eterno feminino e da supremacia racial.

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (BEAUVOIR, 1967, p.7)

Com o conhecimento da existência das reivindicações do feminismo desde Wollstonecraft, no século 18, passando pelas jornalistas-ativistas do século 19 no Brasil, até o movimento feminista no século 20, seria de causar espanto que, em outubro de 2012, a adolescente paquistanesa Malala Yousfzai fosse baleada na cabeça dentro de um ônibus escolar. Ela se tornou alvo dos Talebans por lutar pelo direito das mulheres à educação. O caso de Malala somente ao passado histórico. Contudo, faz-se necessário admitir que, na relação entre mulheres ocidentais e orientais, as últimas estão em franca desvantagem.

3.3.3 Três ordens do feminino

Gilles Lipovetsky analisa a presença da mulher na história a partir de rupturas contempladas (ou categorizadas) em três ordens do feminino. A primeira mulher (reclusa, domesticada, perigosa, propriedade do homem) seria, para Lipovetsky (2000), a imagem depreciada, e a mais extensa, da história da humanidade. A partir do século 16, surge a segunda mulher, enaltecida pela beleza. Fragilizada e idealizada pelo amor romântico, ela continuaria subordinada, ocupando papéis autorizados pela classe masculina dominante.

¹⁰ O episódio conhecido como *Bra-Burning*, ou A Queima dos Sutiãs, reuniu cerca de 400 ativistas do WLM (*Women's Liberation Movement*) contra a realização do concurso de Miss America em 7 de setembro de 1968, em Atlantic City, no *Atlantic City Convention Hall*, logo após a Convenção Nacional dos Democratas. A 'queima', efetivamente, não aconteceu.

O movimento feminista propiciou, segundo Lipovetsky (2000), a emergência da 'mulher indefinida', a Terceira Mulher. Com isso, o filósofo francês prenuncia o fim possível das predefinições com o surgimento da 'sujeita de si', contudo,

[...] o modelo da terceira mulher não coincide de modo algum, é preciso sublinhar, com o desaparecimento das desigualdades entre os sexos, especialmente em matéria de orientação escolar, de relação com a vida familiar, de emprego, de remuneração. (LIPOVETSKY, 2000, p. 238)

A 'terceira mulher' encontra eco nas palavras de Spivak quando, ao falar da crítica feminista, a autora infere que “uma imagem da mulher está em questão – uma imagem cuja predicação mínima como algo indeterminado já está disponível à tradição falocêntrica” (2010, p.10). Esta 'imagem disponível' possibilita uma noção do masculino sob rasura, não mais como definidor magno, mas agora carregado de subterfúgios e artifícios discursivos. Apesar de muitas vezes se mostrar escancarado, sem meias palavras. Esta seria uma explicação possível para o fato de que, no mercado de trabalho e na política, “a presença marginal das mulheres no topo da pirâmide é um fenômeno universal, fortemente marcado, tão manifesto no setor público quanto no setor privado: quanto mais se sobe na escala hierárquica, menos há mulheres” (LIPOVETSKY, 2000, p.265).

Diante do conhecimento desta polarização, vale aqui arriscar um caminho dialético entre Beauvoir, Carolina, Bourdieu e Lipovetsky. Mesmo diante das conquistas públicas e privadas, da dominação masculina ser discutível, não se pode abandonar totalmente a tese do segundo sexo de Beauvoir. Negar a mulher indefinida redundaria numa escolha falaciosa. Assim, a proposta viável é pensar que, num país de dimensões continentais, marcado pela desigualdade social, subexistem as três ordens do feminino propostas por Lipovetsky.

Em alguma medida, resiste um segundo sexo em rasura e em confronto com as reorganizações discursivas da 'dominação masculina' apresentada por Bourdieu. Dito de outro modo, muitas mulheres contemporâneas, chefes de família, líderes políticas e profissionais de carreira desfrutam do *status* de pós-mulher indefinida de Lipovetsky. Outras mulheres ainda convivem e são modeladas pelo arcaico, subordinadas à condição de segundo sexo, seja pela subjugação 'meramente' simbólica seja pela imposição da lei do mais forte (a cada duas horas uma mulher é

assassinada no Brasil¹¹). A moldura masculina que traça o desenho ideal de comportamento é a mesma que define o lugar da mulher na sociedade e na mídia.

Uma vez que os estereótipos sexuais resistem mais na base do que no topo, as tarefas de execução permanecem mais marcadas pelos clichês sexuais do que as funções superiores. Afinal, fica-se menos surpreso de ver uma mulher ocupando a função de chefe de Estado do que a de pedreira ou encanadora; uma mulher dirigente de empresa espanta menos do que uma mulher pintora de construção (LIPOVETSKY, 2000, p.275).

Exemplo desta situação, o relato de Márcia Cristina da Silva, mestre de obras carioca, que teve sua história de vida publicada pela *Sou Mais Eu*, demonstra que, mesmo nas profissões de base, a figura feminina sofre as pressões impostas pelo masculino modelar.

Numa obra, não há diferenças entre os sexos. Isso é o que eu preciso provar todos os dias na minha profissão. Trabalho há cinco anos na construção civil. Comecei como apontadora, controlando a produção e o serviço dos peões [...] Adoro o ramo da construção civil desde os meus 8 anos, quando meu pai, que era pedreiro, começou a me levar para o trabalho dele. [...] Meu chefe pediu para eu segurar o choro porque obra era lugar de homem. Mostrar fraqueza é inadmissível. Fiquei com raiva ao ouvir essas palavras, mas me deram um objetivo: provar que mulheres também podem mandar numa obra. (SOU MAIS EU, Ed. 222, 2011, p.14)

O estudo de Lipovetsky data a primeira década dos anos 2000. A distância no tempo não torna sua fala menos atual, afinal, a ruptura parcial da centralidade masculina em alguns setores sociais, inclusive na política, propiciou que, em 1º de maio de 2013, o discurso da presidente Dilma Rousseff, veiculado em rede nacional de rádio e televisão, fosse iniciado com a saudação: "trabalhadoras e trabalhadores brasileiros". A cena protagonizada por uma mulher seria impossível há algumas poucas décadas. O discurso da chefe de Estado, certamente incômodo, estabeleceu uma inversão e uma inclusão. Sobre a inversão: o substantivo feminino precede o masculino. Sobre a inclusão: o discurso se dirige distintivamente às trabalhadoras e não somente aos trabalhadores como uma massa indiferenciada e masculina.

¹¹ A cada duas horas, uma mulher é assassinada no País: Dados constam do Mapa da Violência de 2012 e mostram que, em uma lista de 87 países, o Brasil é o sétimo que mais mata. [...] Na maioria dos casos, o assassino é o namorado, marido ou ex-companheiro, que mata dentro de casa, após já ter cometido pelo menos um ato de agressão. [...] As estatísticas mostram que, seja qual for a idade da mulher, quem a agride mora em sua casa ou faz parte de sua família. Até os 9 anos, ela é vítima dos pais de sangue ou criação. Quando se torna adulta, corre o risco de ser espancada pelo marido ou ex. E, já idosa, acaba maltratada pelos próprios filhos. (FERRAZ, 2012)

O enunciado e sua enunciadora indiciam avanços que não podem ser negados, principalmente no topo da pirâmide. “Quanto mais aumenta a parcela de manipulação dos símbolos e do imaterial, mais os estereótipos enfraquecem, quanto mais se afirma a materialidade dos processos de produção, mais os mecanismos sexistas dominam” (LIPOVETSKY, 2000, p.275).

Assim, a condição subalterna da mulher é mais presente e forte para além do topo das empresas, das organizações e instituições políticas. É na base social que o domínio do masculino resiste, o que permite a afirmação de que as mulheres representadas pela *Sou Mais Eu* pertencem a este universo onde as pressões sexistas persistem.

3.3.4 Mulheres Consoantes

Quase na mesma época em que a feminista Beauvoir formula textos polidos por uma educação fina e burguesa, sua contemporânea, Carolina Maria de Jesus, escreve também sobre a condição feminina marginal. Enquanto a francesa fala de cima, a brasileira fala de um lugar social desvalorizado e de um espaço físico degradado, a favela do Canindé.

A voz de Carolina equaliza o tom da marginalidade feminina com o que ela tem de mais grave e real. A diferença de lugar de enunciação entre Carolina e Beauvoir não as distancia em termos de crítica ao masculino dominante. Carolina também percebe uma História que valoriza os ‘grandes homens’. “Quando eu era menina [...] só lia os nomes masculinos como defensor da patria” (JESUS, 2010, p. 55). As limitações de escrita, resultantes de uma condição social menor(izada), não afetaram ou impediram que o pensamento da negra favelada e da filósofa branca se encontrassem para tecer a crítica à sociedade modelar que subtraiu a mulher da História.

No *Quarto de Despejo*, Carolina de Jesus, ao se comparar com mulheres casadas da favela, descortina questões sobre as quais Beauvoir teoriza. Carolina reconhece o papel de destaque dos homens nos livros e, apesar de na infância ter sonhado mudar de sexo, revela-se consciente da condição minorizada da mulher. Carolina, que é chefe de família e cria seus filhos sem pai, sente orgulho por não viver sob o domínio masculino:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite quando elas pedem socorro eu tranqüilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que me impunham eram horíveis (JESUS, 2010, p.16-17).

O relato autêntico (e polêmico para a época) traz para a realidade da mulher pobre brasileira nuances do discurso fundador de Beauvoir. Ambas tecem a crítica do sujeito dominante masculino, que secundarizou, e ainda secundariza, a mulher em diferentes aspectos sociais. Assim, apesar deste estudo falar de outro tempo e outro lugar, o masculino ainda é central. Política, trabalho, moda e mídia são ainda focos de domínio do masculino.

[...] não se trata de uma problemática simbólica – no sentido da teoria freudiana, que interpretava certos símbolos como sendo fálicos e outros maternos – e sim de algo que está no próprio coração da produção da sociedade e da produção material. Eu qualifico o devir feminino por se tratar de uma economia do desejo que tende a colocar em questão um certo tipo de finalidade da produção das relações sociais, um certo tipo de demarcação, que faz como que se possa falar de um mundo dominado pela subjetividade masculina, no qual as relações são marcadas pela proibição desse devir. Em outras palavras, não há simetria entre uma sociedade masculina, masculinizada, e um devir feminino. (GUATTARI; HOLNIK, 1996, p.73).

Guattari e Holnik reiteraram o mesmo tipo de pensamento de Beauvoir. Ninguém nasce mulher, torna-se mulher, sendo que este tornar-se, este devir, ocorre sob a chancela de uma sociedade masculinizada e não masculina. Hoje, é possível afirmar com certa folga que o devir feminino encontra novas barreiras. Os discursos sectários ganharam arestas atenuantes. Nos interstícios, nas subintenções, nas exclusões e menorizações de uma sociedade androcêntrica sobrevivem determinismos sexistas. Neste sentido, Bourdieu, ao tematizar a constância da eternização da arbitrária dominação masculina, afirma que:

[...] a questão da permanência ou da mudança [...] da ordem sexual é, de fato, a importação e a imposição desta alternativa ingênua e ingenuamente normativa que levam a perceber, contra toda evidência, a constância relativa das estruturas sexuais e dos esquemas através dos quais elas são percebidas como uma maneira condenável e imediatamente condenada, falsa e imediatamente refutada [...] de negar e de condenar as mudanças desta situação. (BOURDIEU, 2010, p.5)

Ainda sobre a relação de permanência ou mudança do domínio masculino, Bourdieu complementa que:

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social. Conseguiu romper o círculo do esforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou justificar. (BOURDIEU, 2010, p.106)

Em Guattari e Holnik, a mudança de perspectiva dura entre feminino e masculino pode ser revolucionada a partir de uma compreensão de posições em condição de devir, de tornar-se. Esta ideia não inverte a relação de poder mas rompe com antigas estruturas e agrega possibilidades intercambiantes de gênero, raça e classe:

A ideia de devir está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Para mim, esta é a mola-mestra da problemática das minorias: é uma problemática da multiplicidade e da pluralidade, e não uma questão da identidade cultural, de retorno ao idêntico, de retorno ao arcaico. (GUATTARI; HOLNIK, 1996, p.74).

A aposta num estado de transição conduz a reflexão desta pesquisa para o campo aberto do 'tornar-se mulher', que na contemporaneidade aponta para uma constituição contínua. É perceptível aqui que identidades fluidas, fora do eixo feminino-masculino, são as mais aceitáveis, visto que se constituem, sem se fechar, na noção de processo, passagem, movimento. Delimitar, encerrar, uma noção de mulher seria aceitar estados estáticos que 'per-fazem' uma mulher minorizada, subalternizada.

3.4 A MULHER PELOS DOMÍNIOS DA ESCRITA

Na primeira metade do século 19 já havia uma imprensa direcionada à mulher no Brasil. É o caso dos jornais *O Espelho Diamantino*, no Rio de Janeiro, e *O Espelho das Brasileiras*, em Recife, todos fundados e dirigidos por homens. O fato de existir uma imprensa que se pautava no feminino não colocava a mulher na dianteira da escrita. Nesta época, as mulheres não tomavam a palavra, os textos sobre elas e para elas eram escritos por homens:

As revistas femininas existem desde que surgiram revistas no país. Elas começaram a aparecer aqui e ali sem muito alarde, geralmente feitas e escritas por homens. [...] É certo que houve, também, nesse período [século XIX e primeira metade do século XX], publicações feitas de mulheres para mulheres, preocupadas com sua condição na sociedade e seus direitos, mas são poucas e a maioria tem vida curta (SCALZO, 2011, p.33).

Ainda no século 19, a escrita feminina ganha visibilidade através do jornalismo. O *Jornal das Senhoras*, publicação iniciada em 1º de janeiro de 1852, contestava a hegemonia masculina na direção dos veículos de imprensa: “Ora, pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?” (DINIZ, 1852, p.1). Na primeira edição, a feminista argentina Juana Manso, idealizadora do Jornal, destaca que “sua intenção é tratar dos direitos da mulher, questionar sua posição de inferioridade no casamento, e abrigar textos literários” (COLASANTI, 2012, p.221). O *Jornal das Senhoras* tratava das belas-arts, literatura, moda, mas tinha como intuito ideológico despertar a consciência das leitoras para condições educacionais difíceis e acesso restrito ao mercado de trabalho.

Na esteira crítica do *O Jornal das Senhoras* surgem outras publicações do gênero como *O Sexo Feminino*, *Bello Sexo*, *Eco das Damas*, *Miosótis*, e *A Mensageira*.

E quem ali escreveu contribuiu não apenas para a nascente literatura brasileira, como teve um papel social na defesa da igualdade, da educação, e naquele feminismo que apenas se esboçava. Muitos homens escritores também passaram pelo jornalismo; para eles, porém, não era, como para as mulheres, a opção única, e sim uma escolha entre outras. (COLASANTI, 2012, p. 221)

O descontentamento em relação à indiferença da imprensa, e da sociedade, em relação à mulher leva Julia Albuquerque Sandy Aguiar, no jornal *Bello Sexo*, a se dirigir aos homens redatores criticando o abandono dos 'homens das letras' em relação às capacidades dos gênios femininos:

[...] peço-vos licença por instantes para cumprir um dever de cortezia para com todos os ilustres senhores redactores das folhas diárias e periódicas [...] Senhores redactores. Eu sou a primeira que conheço o acanhamento da minha inteligência e instrução, e por isso a ousadia que tomo em apresentar em público esta folha, que por força será imperfeita em todos os lugares por onde a minha pobre penna tem de marcar o meu pensamento; mas eu só tenho em mente obrigar o meu sexo a vir a imprensa concorrer com o seu contingente para o progresso social, para esse grande bem público, e assim fazer com que se desenvolvam grandes intelligencias, grandes capacidades, grandes gênios que existem no meu sexo, olhados com pia indiferença, abandonados pelos homens de letras, esquecidos pela fraqueza de sua constituição própria. (AGUIAR, 1862, p.1)

Numa época em que predominavam jornais e revistas femininas que tratavam de frivolidades, em 1873, Francisca Diniz lança o semanário *O Sexo Feminino*, com a tiragem de 800 exemplares vendidos por assinatura, na cidade de Campanha, Minas Gerais. A primeira edição foi estrategicamente publicada em 7 de setembro, data que “serviria para marcar uma época não menos memorável, conforme frisa a jornalista: a independência do sexo feminino” (DINIZ, 1873, p.1). Desde a primeira edição, o semanário deixou explícita a intenção de abrir caminho para as mulheres nos domínios da escrita: “em vez dos paes de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar cosinhar, varrer a casa etc etc, que mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar [...]” (DINIZ, 1873, p.1). O jornal, que teve sua última edição em 30 de setembro de 1890, destacava a necessidade de educação, trabalho e voto femininos.

Homens têm sido os criadores das formas de escrita pública e têm avaliado e controlado o acesso do que é publicado. Também aos homens, muito mais do que às mulheres, tem sido garantido o acesso à educação, o que garante o acesso ao discurso escrito público. (GANNETT, 2002, p.96)

O acesso à educação foi um entrave não somente ao processo de emancipação feminina, mas também à expressão escrita delas. Gannett (2002) enfatiza que o *status* negativo da mulher escritora resulta da discriminação histórica. Assim, ao relegar a mulher à esfera privada, o homem garantia sua hegemonia linguística e política (GANNETT, 2002). Tanto é assim que a primeira legislação brasileira que versava sobre a educação feminina é de 1827 e permitia acesso das mulheres às escolas elementares, impedindo-as de ingressar no ensino secundário. Somente em 1879, o governo lhes concedeu acesso à educação superior. Ademais, somente no alvorecer do século 20 a equiparação escolar seria alcançada.

3.4.1 Lugar e Escrita

Dois fatores favoreceram Francisca Senhorinha da Motta Diniz em sua escrita: a amizade com D. Pedro II e a tipografia do esposo José Joaquim da Silva (NUNES, 2008). Nisso, vale observar que a jornalista tinha um espaço favorável à escrita e condições materiais para colocá-la em circulação.

No ensaio literário *Um Teto Todo Seu*, publicado em 1929, Virgínia Woolf sugere, justamente, que a falta de renda e de um lugar de escrita impossibilitaram a existência de grandes escritoras. Neste texto, a romancista inglesa, convidada para duas conferências em escolas de Cambridge, Inglaterra, faz uma reflexão profunda sobre sujeição intelectual feminina que determinou o afastamento entre mulher e literatura. Woolf aborda as barreiras que inviabilizaram que o período elisabetano produzisse uma escritora equivalente a Shakespeare.

Nem pensar que qualquer mulher da época de Shakespeare tivesse o gênio de Shakespeare. Isso porque um gênio como Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e humildes. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não nasce hoje nas classes operárias. Como poderia então ter nascido entre as mulheres cujo trabalho começava [...] quase antes de largarem as bonecas, que eram forçadas a ele por seus pais e presas a ele por toda força da lei e dos costumes? (WOOLF, 1985, p.64).

Envolvida na investigação sobre o tema *Mulheres e Ficção*, Woolf questiona: “Por que um sexo era tão próspero e o outro tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições para a criação de obras de arte?” (WOOLF, 1985, p.35). As questões levantadas pela romancista inglesa sinalizam que as condições materiais do homem o colocam em posição favorável à escrita, enquanto que à mulher seria impossível “fazer fortuna e ter treze filhos” (WOOLF, 1985, p.31).

A autora enfatiza que não havia para a mulher um quarto silencioso onde pudesse escrever. A escrita feminina deveria acontecer em meio ao movimento da sala de estar. Um sobrinho que escreveu as memórias da escritora Jane Austen relata que a obra da tia “é surpreendente, pois ela não tinha um estúdio próprio para onde pudesse ir, e a maior parte do trabalho deve ter sido feito na sala de estar comum, sujeita a todo tipo de interferência e interrupções corriqueiras” (WOOLF, 1985, p.88-89). Disso, Woolf conclui que, mais importante que questionar o talento, há que se perceber que por muitos séculos a mulher não teve dinheiro, espaço e tempo para escrever.

Como não pensar sobre o efeito da pobreza e do espaço físico degradado na obra de Carolina de Jesus? Ela também almejava um local para que, no seu barraco, pudesse se dedicar à escrita: “Ganhei umas tábuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar meus livros” (JESUS, 2010, p.86).

Retornando à Woolf, é perceptível que não existia inferioridade intelectual limitante e sim a inviabilidade material na casa. Em meio a sucessivos partos e à rotina

diária, não havia um lugar de escrita no qual a mulher pudesse produzir grandes obras sem que fosse interrompida.

Analisando o cotidiano que apagou a autoria feminina da literatura, Woolf aponta que o século 16 afastou a mulher dos domínios da escrita. Somente duzentos anos depois, o cenário começou a se modificar quando “literatas com ânsias de escrever” (WOOLF, 1985, p.86), mulheres de classe média, passaram a ganhar dinheiro com literatura. Woolf relata esta descoberta descrevendo uma cena em que ela caminha pelo Museu Britânico. Procurando por escritoras, decepçiona-se ao passar por inúmeras prateleiras sem encontrar uma obra sequer assinada de autoria feminina. Somente na seção de obras do século 19 surgem os primeiros nomes. Virgínia Woolf critica a incômoda ausência da escrita feminina por tanto tempo. Revela também uma insatisfação com a inexpressiva presença de personagens femininas marginais nas obras masculinas. Tanto como autora quanto como objeto da criação literária, a mulher obscura está fora do quadro de registro das Belas Letras:

Todas as vidas infinitamente obscuras permanecem por registrar [...] quer das mulheres nas esquinas com as mãos nas cadeiras e os anéis incrustados nos dedos inchados, falando com uma gesticulação semelhante ao balanço das palavras de Shakespeare; quer das vendedoras de violetas e de fósforos e das velhas encarquilhadas paradas nos vãos das portas; ou das moças errantes [...] (WOOLF, 1985, p.118)

Os tempos são outros e algumas barreiras apontadas por Woolf se mantêm indigestamente atuais. Ademais, por entre um labirinto de barreiras circulam boas novas que podem ser lidas em *Ser mulher e escritora no Brasil*, de Marina Colasanti. No texto a autora aborda a ambiguidade da condição de escrita feminina brasileira. O cenário nacional é apresentado como incerto: ao mesmo tempo que revela facilidades, impõe dificuldades. As facilidades são justificáveis porque os preconceitos em determinadas situações são reduzidos. Por exemplo, atualmente, existem creches para as escritoras deixarem seus filhos. Além disso, em termos de educação, as universidades têm grande número de mulheres. Outra vantagem: elas leem mais. As dificuldades de ser escritora no Brasil se articulam a partir de preconceitos que são a matriz de diferentes obstáculos:

E porque faltam creches, e as mães de família acumulam trabalho na rua e trabalho doméstico, pouco podendo contar com a ajuda do companheiro, quando existe um. Porque até tempos recentes – falo de uma geração apenas –, havendo poucos recursos para a educação dos filhos, esses recursos eram canalizados para os meninos. Porque as meninas, mais que os meninos, são

mantidas em casa para ajudar a cuidar dos irmãos menores. Porque a gravidez adolescente é cada dia mais frequente, afastando as jovens do estudo e das possibilidades profissionais. E porque entre os pobres, os mais pobres são sempre as mulheres, e a extrema pobreza não favorece a vida literária. Pobreza e miséria, também atingem os homens, é claro. E tampouco lhe favorecem o acesso às letras. Mas enquanto encontramos muitos escritores brasileiros de sucesso oriundos das classes mais carentes, os exemplos femininos são reduzidíssimos. As escritoras brasileiras pertencem quase exclusivamente à classe média. (COLASANTI, 2012, p. 218)

Fácil. Difícil. Nem cá nem lá. As palavras de Colasanti desnudam exatamente a noção de entre-lugar da escrita feminina. Tornar-se escritora deveria ser fácil em tempos que se levantam as bandeiras de uma nova masculinidade. Contudo, todas as vozes acionadas neste capítulo revelam que houve avanços que não foram, nem são, definitivos.

Esse entre-lugar, este espaço sob rasura, ainda é alvo de muitas dúvidas, afinal, "a cultura escrita e o poder amiúde parecem estar intimamente ligados [...] A cultura escrita é uma habilidade positiva ou suas implicações são amplamente opressoras? Poder para quem, e que tipo de poder (prático, simbólico, burocrático)?" (THOMAS, 1998, p.43). Rosalind Thomas (1998) ao enfatizar a ligação entre escrita e poder e, logo depois, lançar duas perguntas cruciais, justifica sua presença nesta reflexão. Isso porque é possível sugerir uma resposta às questões levantadas. Sim, a escrita é uma habilidade positiva, porém opressora. A partir do que foi exposto até o momento, há como afirmar com folga que esta opressão é resultante de um exercício de poder que, certamente, é prático, simbólico e burocrático. Ponderando-se que, da cultura clássica até a contemporaneidade, as Letras e o poder estiveram em mãos masculinas, a opressão da cultura escrita é exercida sobre as mulheres e, também, homens das classes subalternas. Os caminhos da escrita, principalmente da escrita feminina, ainda são pedregosos.

Até o momento, falávamos de algumas dessas barreiras na escrita literária e na publicação formal. Enfocávamos a 'mulher escritora', entretanto, é chegado o momento de, no próximo tópico, fecharmos a questão enfocando as possibilidades de autopublicação feminina no ambiente virtual, mais especificamente nos *blogs* pessoais.

3.4 JANELAS PARA AUTONARRATIVAS MENORES

Ao teorizar sobre a sociedade espetáculo na década de 60, Guy Débord formula a crítica sobre os efeitos de dominação das imagens do consumo capitalista. Para Débord, na segunda metade do século 20, os sujeitos abandonaram os sentidos do ‘ser’ iluminista e do ‘ter’ capitalista para, enfim, ceder à sedução do ‘(a)parecer’ na sociedade de consumo. O que naquela década de predominância de mídias massivas encarnava uma síntese hipnótica sobre o receptor, hoje se materializa como potência de autonomia e engajamento.

O advento democratizante da Internet foi decisivo neste processo de elevação do espetáculo à sua potência crítica máxima, e reversa, como aponta Almeida:

Do email aos sites, passando pelos chats e pelos blogs, a Internet é um amplo arsenal de possibilidades, assim, no espaço virtual [surgem] novas formas de expressão das individualidades assim como comunidades de indivíduos com interesses comuns. (ALMEIDA, 2010, p.57).

Frente ao hibridismo das novas mídias e das identidades forjadas em meio ao território livre da internet, a crítica de Débord (1997) à superexposição ainda é válida. A apropriação simbólico-alienante dos valores de consumo persiste sob outras formas de dominação. Mas a impossibilidade de controle total do oprimido é uma realidade que tem como facilitador a tecnologia da comunicação em rede. Agora o marginal se representa na virtualidade. Diante das resistências possíveis, entende-se que a sociedade espetacular também produziu avanços não calculados. Entre as agradáveis surpresas, merece destaque a posição defendida por Lejeune, que milita em favor das diversas manifestações de escrita pessoal, inclusive das estratégias de autopublicação no meio virtual:

*Mas a verdade é que desde os anos 60 o ritmo de mudança dos meios de comunicação se acelerou, e muito mais coisas e pessoas se tornaram visíveis, por outro lado, criou-se na Internet o que chamei de ‘intimidades de rede’ (com a possibilidade de entrar como ator, em um nível microscópico, no turbilhão da comunicação). É verdade, portanto, que estamos num momento de rápida mudança. Mas não se deve manter um discurso de lamentação (superexposição, perder força, fragmentar) como se as formas anteriores da intimidade fossem naturais e melhores. O eu não é algo estável que se exprimiria de um modo mais um menos completo conforme os meios de comunicação: o próprio eu é produzido e modelado pelos meios de comunicação. (LEJEUNE apud COELHO *et al*, 2010, p.199)*

O cenário massivo em que o sujeito ocupa a posição generalizada de receptor-consumidor, por adestramento ou resposta aos estímulos, está em xeque. Thompson (2000) condena esta perspectiva do sujeito integralmente absorvido, anulado, pelo *status quo*. Bauman estabelece crítica similar. Pautado numa dialética entre sedução e resistência, sujeito e objeto na sociedade do consumo, o autor aponta que “o fetichismo da subjetividade tal como, antes dele, o fetichismo da mercadoria [...] caem diante do mesmo obstáculo: a teimosia do sujeito humano, que resiste bravamente às repetidas tentativas de objetificá-lo” (2008, p.30).

Facebook, Twitter, MSN, Skype, Youtube, Orkut, blogs, flogs e vlogs enredaram os periféricos na nova sociedade do espetáculo. A Internet é mais que um protocolo de informação em rede. É a síntese de novas sociabilidades conectadas.

Os saberes humanos, apontados por Lévy (2000), indicam que chegamos a um tempo em que tais resistências se explicitam e renovam. Lévy aponta que a humanidade passou por quatro tipos de saberes: o ritual (ou místico), encarnado como a comunidade viva; o saber dos livros; o saber da biblioteca (sob domínio do sábio ou erudito) e, na contemporaneidade, o saber dinâmico da biblioteca desterritorializada. Com a internet retornamos à comunidade viva, onde somos produtores e receptores ativos no processo de comunicação.

A partir de Lejeune, Thompson e Bauman, entende-se que, o espetáculo de Débord merece revisão, não uma negação. A sociedade capitalista-consumista está ganhando contornos democratizantes, pelo menos no que tange à Internet. Indicativo disso é a pesquisa do DataFolha divulgada em abril de 2012. Os resultados estabelecem a relação entre internet, redes e classes sociais no Brasil. O estudo aponta que dos 84 milhões de brasileiros que acessaram a internet no período 2011-2012, 42% têm renda entre 2 e 5 salários mínimos. Neste intervalo, houve aumento de 53% de alcance na classe C. Entre as redes sociais, o *Orkut* é o mais acessado por internautas das classes D e E. Os internautas que não possuem ensino fundamental são os que mais acessam esta última rede social.

“Claro que tenho tendência a achar virtudes na Internet, que favorece a iniciativa individual, a intervenção pessoal e a vida associativa: é um meio de comunicação com espírito de maio de 1968” (LEJEUNE, 2008, p.346). Há que se concordar com Lejeune, principalmente no que tange às possibilidades autonarrativas inauguradas no âmbito da blogosfera. Portanto, no próximo tópico trazemos uma das virtudes da internet.

3.5 VIRTUDE DA VIRTUALIDADE: A MENORIZAÇÃO DO AUTOR

Com a invenção da imprensa por Gutenberg, no século 14, multiplicaram-se os textos em circulação. A distância entre leitores e livros diminuiu, o mesmo não se pode afirmar entre autores e prensa. No entanto, o século 20 eliminou por completo custo da publicação. Com apenas alguns cliques, a internet abriu o caminho fácil e sedutor da autopublicação. Para assombro dos puristas, o poder da escrita sai do reduto editorial para cair no campo da escrita comum, nas mãos do pouco alfabetizado e do escritor talentoso sem recursos. A escrita ganha o gosto popular.

Entre as inúmeras possibilidades de compartilhamento, colaboração e publicação, está o *blog* ou diário virtual. “Se olharmos a história do diário íntimo, veremos que o computador está realizando o sonho de uma série de pioneiros que esbarram nos limites do caderno” (LEJEUNE, 2008, p. 334). Antes do *blog*, possibilitado tecnicamente no início dos anos 2000 pelo surgimento da *web 2.0* ou *web* escriturável, o diário íntimo permaneceu atrelado ao papel ou, no computador, 'engavetado' em meio a outros tantos arquivos de texto.

A mudança de suporte (do papel para a tela) implica não apenas uma transposição do manuscrito para o espaço online, mas em uma geração de múltiplas possibilidades de novas formas de comunicação e constituição de identidades. (MARTINO, 2010, p. 176)

Com o *blog*, uma nova sociabilidade é inaugurada ao abrigar, e adaptar, uma prática antiga, a confissão.

O fato de os *blogs* confessionais exporem na tela a vida íntima, antes restrita às páginas secretas dos diários clássicos, não deveria ser visto como um corte na história do diarismo, mas apenas uma adaptação do diário aos valores dos tempos atuais e às novas tecnologias existentes. No entanto, é preciso estar atento a motivações novas para a escrita de tais “diários”, como usá-los para promover a sociabilidade, algo completamente descolado das motivações que levavam alguém a escrever um diário clássico. (BATISTA, 2008, p.13)

Schittine (2004) explica que a transição do diário de papel para o diário na internet não aconteceu automaticamente. Antes de colocar suas memórias na *web*, os diaristas experimentaram o diário em arquivos de texto, os quais ficaram ainda restritos à intimidade. “De certa forma, o *blog* surgiu como um sistema de disponibilização de textos e fotos na *web* menos complexo e mais rápido, o que

facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento técnico” (SCHITTINE, 2004, p.13).

A “primeira onda da web escriturável” dar-se-ia na primeira fase de acesso dos diaristas on-line à rede, em meados da década de 1990, quando a linguagem de feitura de páginas era o html, que exige conhecimentos mais específicos para criação e postagem de páginas pessoais. A “segunda onda da web escriturável” ocorre quando surgem ferramentas, como o blogger, interfaces que facilitam o processo de feitura e postagem dos ciberdiários. (OLIVEIRA, 2002, p. 21)

O primeiro *blog* criado na internet ainda existe e mantém a estrutura original, que não tinha como objetivo trazer a história de vida do seu desenvolvedor, Jorn Barger. Criado em 1997, o *blog* agrupava sites com sugestões de *web logs*, indicações de links interessantes para pesquisa (TELLES, 2009). A vida longa deste *blog* não é regra. Grande parte dos *blogs* é efêmero. “Na verdade muitos diários duram apenas alguns meses. E isso é normal. É como a vida. O diário é amiúde uma atividade de crise. Meio em contradição com projeto de recrutar um público a longo prazo” (LEJEUNE, 2008, p. 363). Apesar de grande parte dos diários virtuais ter vida curta, em 2010, a blogosfera já somava mais de 132 milhões de *blogs*. De Barger para cá, muita coisa mudou. Não demorou para que os *blogs* encontrassem sua identidade e abrissem espaço no campo da opinião e da expressão individual.

Uma das primeiras apropriações que rapidamente se seguiu à popularização dos *blogs* foi o uso como diários pessoais, documentado por vários autores [...] Esses *blogs* eram utilizados como espaços de expressão pessoal, publicação de relatos, experiências e pensamentos do autor. Ainda hoje, o uso do *blog* como um diário pessoal é apontado por muitos autores como o mais popular uso da ferramenta (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p.28)

De acordo com Pedro Doria (apud LOBO, 2007), existem três gerações de blogueiros: a primeira é formada por especialistas em informática que trocavam informações sobre sites; a segunda geração é dos diários pessoais e a terceira é a dos *blogs* de notícias. Atualmente, segundo Schittine (2004), os blogueiros costumam dividir os *blogs* em três estilos: jornalístico, pessoal e de serviços, sendo que muitas vezes surgem híbridos que os misturam. Assim,

Os blogues abrangem toda gama de assuntos e de estilos. Um pode ser um comentário apressado sobre acontecimentos correntes, numa área específica. Outro poderá mostrar uma série de meditações pessoais, ou de reportagens e comentários sobre política [...] (GILLMOR, 2005, p.23)

Entre os estilos e gerações apontados, interessa-nos aqui a segunda geração de diários pessoais (SCHITTINE, 2004), principalmente no que se refere aos *blogs* femininos, que têm como principal tema na rede brasileira o cotidiano e a autobiografia (LOBO, 2007). Esta modalidade pode ser dividida em dois tipos: um primeiro que relata ações e novidades do dia a dia, sentimentos e projetos e um segundo que se refere à escrita ficcional de poesia e prosa (LOBO, 2007).

Gillmor destaca a característica pessoal como predominante na blogosfera, visto que “até agora, os blogues têm sido um meio de comunicação usado principalmente a título individual [...] os blogues individuais mais populares atraem milhares de visitantes por dia” (GILLMOR, 2005, p. 47). O aspecto pessoal, e individual, dos blogs nos conduz às possibilidades de subjetivação e identificação possíveis na virtualidade. Nesse sentido, é importante interpretar o *blog* a partir da proposta de Döring (apud SIBILA, 2003), em que os *blogs* são compreendidos como elementos identitários de um indivíduo na rede.

Sibila (2003) inspira-se em Marshall McLuhan, especificamente na teoria dos meios como extensões do homem, para afirmar que os *weblogs* são extensões da personalidade de seus autores e são formas de apresentação do 'eu' no ciberespaço.

Mais relevante do que as classificações técnicas é o papel do *blog* como espaço de subjetividade e de identidade.

As narrativas pessoais, há séculos, são uma das mais poderosas configurações da identidade. Nelas o autor organiza-se a si mesmo em uma narrativa coerente, construindo, nas linhas, uma representação, uma *persona*, daquilo que se pretender ser [...] Não é de se estranhar, portanto, que esse tipo de autonarrativa tenha migrado para o ambiente online. (MARTINO, 2010, p. 175)

A partir de Sibila, Schittine, Döring e Lobo, é possível entender que no *blog* há um sujeito-autor que desenvolve uma escrita de si, identitária e em fluxo. O caráter 'em construção' do *blog* permite que ele seja regularmente atualizado para refletir as últimas configurações do *self* (SIBILA, 2003). Isto é, há uma constante atualização do eu e de sua identidade a partir da possibilidade de publicação em tempo real. É possível reescrever, editar, apagar e, assim, construir uma identidade móvel. Esta dinâmica não é possível no diário no papel, em que a página arrancada deixa marcas da escrita sobre a página que permaneceu. A rasura ou a palavra apagada pela

borracha não são disfarçáveis. No diário virtual, o sujeito se reescreve sem rasuras aparentes.

3.5.1 Evasão de privacidade

Nós, cidadãos do século 21, testemunhamos uma abertura à literatura pessoal na virtualidade. Se no século 19 a leitura pública de diários e memórias era comum, a internet ampliou globalmente o público interessado nas autobiografias e saciou, através dos *blogs*, a ímpeto narcísico de visibilidade. Percebe-se, portanto, que há uma mescla de interesses e de espaços. O público e privado se misturam (SIBILA, 2003).

O fenômeno de uma intimidade que se abre ao público não é exclusividade do diarismo virtual, “é frequente e está no mundo de várias maneiras. A presença, cada vez maior, dos *reality shows* na televisão [...] mostra quanto interesse o público tem pela intimidade alheia” (SCHITTINE, 2004, p. 32). É importante perceber que esta curiosidade não é restrita à vida dos famosos, das lendas douradas, para usar um termo foucaultiano, mas é protagonizada por “pessoas comuns parecidas, o quanto possível, com o próprio público” (SCHITTINE, 2004, p. 32). As lendas douradas estão sendo substituídas pelas lendas negras, pelo infame, ou sujeito comum. O público quer ler, participar e comentar vidas, que como a dele mesmo, estão à mercê do falível destino. Um modelo vertical de comunicação, experimentado nas grandes narrativas heróicas protagonizadas pelo ídolo, cede espaço a um modelo horizontal, de sujeito para sujeito.

Portanto, experimentamos um momento histórico em que as ‘Verdades’ são desconstruídas e reconstruídas em ‘verdades’ de sujeitos comuns e suas experiências legítimas. Considerando-se a horizontalidade que marca as novas sociabilidades virtuais, assim como a narrativa histórica está se abrindo à experiência singular em primeira pessoa, podemos identificar também na internet uma guinada subjetiva, nos termos abordados por Beatriz Sarlo (2007).

Os *blogs* pessoais revelam traços da necessidade de **auto-representação** de quem escreve, o que dialoga com um certo *voyerismo* do leitor. “Alguns se perguntam se estaremos diante de uma era de *voyeurs* [...] O único fim das pessoas ao ler os *blogs* e os *fotologs* diários seria viver a emoção dos outros através da observação do

virtual [...]” (LOBO, 2007, p.59). Pelos *blogs*, os sujeitos comuns ganham vez, voz e um público leitor. Escrevem e postam seus dias e dilemas. Não só publicam, mas anseiam pela resposta, pelo comentário, pela palavra do visitante eventual ou pelo retorno do assíduo. Assim, o *blog* é essencialmente dialógico pois

Só existimos em relação. A Internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro! [...] o apelo ao outro, os contadores de visitas...Mas também o fato de que os diaristas se lêem entre si. É o que eu chamo campo de amizade: não apenas de relações duais, mas espírito de grupo, solidariedade. Bom, então é claro que não é igual ao caderno. Mais uma lista: 1) a regularidade, sem isso você perde seu público); 2) desejo de seduzir (claro, você está no palco); 3) a autocensura (diferenciar os diários-crônicas dos diários íntimos de fato). (LEJEUNE, 2008, p.343)

Para Martino (2010) os *blogs* pessoais podem ser decorrentes de uma sociedade pautada na imagem em que ‘existir’ significaria ‘aparecer’. “A exposição de si – em um *blog*, em um vídeo do *YouTube*, ou mesmo no *Twitter*, pode ser vista como uma consequência do domínio da imagem nas relações sociais” (MARTINO, 2010, p.177). Contudo, vale acrescentar à visão de Martino que a sociedade do espetáculo, da imagem, antes pautada na televisão, hoje se articula nas redes sociais, lugar ocupável tanto pelo famoso quanto pelo infame, o sujeito comum. Assim, a espetacularização da intimidade do marginalizado pelo mercado editorial e pelos veículos de comunicação de massa é hoje uma realidade que o valoriza em suas possibilidades autorais.

Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu por meio de recursos performativos, que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobre tudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. Não parece se tratar, portanto, de uma introspecção à moda antiga, ou seja: uma sondagem absolutamente privada nas profundezas enigmáticas do eu com objetivos de conhecimento de si, dos outros, da vida e do mundo. Mais do que uma carta remetida a si mesmo, fundamentalmente secreta e introspectiva, então, os “diários íntimos” da Internet constituem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante. (SIBILIA, 2002, p.8)

Mesmo diante da certeza de que os *blogs* modificaram o diário, existem características comuns entre eles, a começar pelo registro. Nos *blogs* confessionais, segue-se o mesmo ritual, com dia, mês, ano e até hora, minuto e segundo de publicação. Se no papel o movimento é linear, dia após dia, na internet o tempo rompe com o espaço. Temos aí o diário virtual como vestígio de um ‘eu’ que se narra e se publica em tempo real.

Os *blogs* [...] em geral têm atualizações diárias, que podem ser alteradas até mesmo minuto a minuto, com inserção de textos ou comentários. Configura-se assim um caso bastante novo de escrita interativa, hipertextual, a diversas mãos, em crescente espiral construída através da inserção entre autores e leitores visitantes (LOBO, 2007, p.23)

Os relatos virtuais também são semelhantes aos dos diários de papel, a diferença está no alcance que o ciberespaço proporciona. Lobo (2007) fala que no Brasil os *blogs* começaram em 2001, mas se tornaram uma febre no ano seguinte, justamente quando começam a surgir os diários virtuais. Nesse sentido, o sucesso dos *blogs* pode estar associado também à curiosidade que a exposição desperta.

3.5.2 Diálogo entre pares

Os *blogs* têm como uma das características mais relevantes a “partilha entre iguais” (GILLMOR, 2005) e esta, certamente, é a grande revolução promovida pela *web 2.0*, possibilitando ao cidadão comum uma plataforma gratuita de publicação. Tim O’Reilly (2005) afirma que “um dos aspectos mais intensamente comentados da era *web 2.0* é o crescimento dos *blogs*”.

A partir desta possibilidade tecnológica, a publicação gratuita na internet, acontece uma revolução midiática e social. A produção de conteúdo sai das mãos dos especialistas e se torna gratuita e descomplicada, o que acaba por empoderar midiaticamente o cidadão comum que fala a outros cidadãos comuns.

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. [...] A máxima é: “minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano”. (LEMOS, 2002, p.9)

O blogueiro escreve não somente para si, mas para o outro, para milhares de destinatários sem rosto cujas vozes aparecem nos comentários e nos compartilhamentos. Esta indiferenciação oferece conforto. Segundo Schittine (2004), nesta relação acontece a interação sem a exigência, nem sempre desejada, da interação face a face. O que importa, portanto, é comunicar-se com o outro, falar e ser ouvido. “O diarista não quer um público apenas para ler suas confissões, como num livro. Ele quer um público com o qual possa estabelecer um diálogo” (SHITTINE, 2004, p.221).

Desejo de exposição e ânsia de consumo da experiência alheia estão em lados diferentes do mesmo espetáculo. “O novo diário íntimo, o *blog*, gera um relacionamento de via dupla entre um autor disposto a contar sua vida íntima e um público desconhecido que se propõe a ler sobre ela e comentá-la” (SCHITTINE, 2004, p. 16).

Surge uma comunicação pessoal que pode ser produzida a partir de qualquer plataforma móvel ou fixa. Mais do que sair das mãos dos especialistas em informática, o *blog* possibilita um deslocamento ainda maior, a dissolução dos polos de recepção e emissão unilateral. Lemos (2002) enfatiza que

a emergência dessas páginas pessoais está associada a novas possibilidades que as tecnologias do ciberespaço trazem de liberação do polo da emissão, diferentemente dos *mass media* que sempre controlaram as diversas modalidades comunicativas. Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos *mass media*) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social. (LE MOS, 2002, p.2)

Assim, a publicação no *blog* e a sua frequência parecem estar ligadas muito mais à ideia de contato do que de importância dos fatos compartilhados. Bernd (1992) afirma que a identidade não se pode separar da alteridade, ou seja, da relação com o Outro. Martino acredita que na blogosfera há um encontro de identidades que pode gerar uma dupla alteração – autor e leitor, que formam uma dupla identidade.

Nos diários virtuais, o autor menor se dirige a um destinatário global, isto é, a todo aquele que possa acessar a internet. Neste contexto de correspondência, podemos acionar Spivak (2010) quando ela afirma que auto-reapresentação do subalterno não se efetua na ausência dialógica. Isto é, a voz subalterna precisa de um ouvinte, um receptor, do contrário não se legitima. É possível concluir, portanto, que a blogosfera permite um ambiente aberto à voz subalterna, que pode ser ouvida por pares e não pares. Seria possível afirmar, então, que se existe um lugar em que é possível ao subalterno falar. Este lugar, na internet, é a blogosfera.

3.5.3 A linguagem do *blog*

El *weblog* o *blog*, como es comúnmente conocido, es otro tipo de prosa discursiva em forma digital que nos hace replantearnos um género que originalmente surgió cuando escribir era realizar marcas físicas sobre superficies físicas. El *blog*, la última invención de Internet, tiene una importancia capital para cualquier interesado en el hipertexto puesto que, em

parte, proporciona el primer instrumento ampliamente disponible para impulsar al tipo de lector-autor activo [...]. (LANDOW, 2009, p.112)

A consideração de que existem leitores cativos e outros ocasionais justifica a predominância de narrativas em tom de conversa. A exemplo das cartas, o diário virtual tem um destinatário do qual se espera uma resposta. A abertura à interação acontece a partir de uma linguagem muito oralizada. “Essa oralidade de certos diários *on-line* está presente em muitos diários de adolescentes que escrevem como falam”. (LEJEUNE, 2008, p.344). Shittine (2004), no entanto, afirma que o *blog* “foge das características tradicionais de um diário de adolescente, e mesmo o texto curto, rápido e a linguagem informal são usados, na maioria das vezes de forma analítica e crítica.

A tela do monitor é a moldura iluminada e especular que permite recriar a linguagem [...] essa escrita reinventa a lei e promove a reflexão e o autoconhecimento, pois abre à dimensão dialógica e até superpolifônica, que não é regida pela autoridade do autor patriarcal do texto (LOBO, 2007, p.66)

Assim, além de ser influenciada pelo meio, a escrita pautada na naturalidade da fala já faz parte da essência da linguagem do diarista.

O próprio meio de comunicação, com suas ferramentas e facilidades, instaura uma escrita mais rápida, informal e direta, na forma de posts, pequenos fragmentos, opiniões e comentários. Essas mudanças, que aparentemente parecem objetivar o diário íntimo e afastá-lo de sua função confessional, são na verdade as marcas de uma nova maneira de escrever sobre si próprio, mas ao mesmo tempo comunicando ao outro. (SHITTINE, 2004, p.23)

Na internet, escrita e oralidade se encontram na multiplicação de possibilidades de singularização. O *blog* e a linguagem que neles se desenvolve são provas de que “todos os domínios da vida social estão sendo modificados pelos usos disseminados da internet” (CASTELLS, 2004, p.225). Diferentemente dos meios de comunicação de massa, é possível vislumbrar no ambiente virtual um sujeito ocupa uma posição impossível até o advento da *web 2.0*, a de produtor de conteúdo.

[...] todo um verdadeiro turbilhão de novidades, que ganhou o nome de “revolução da web 2.0” e acabou convertendo você na personalidade do momento. (...) É sob essa rutilante nova luz, porém, que certas formas “anacrônicas” de expressão e comunicação tradicionais – como as mencionadas trocas epistolares, os diários íntimos e até mesmo as conversações – parecem voltar à tona em roupagem renovada. São os e-mails versões atualizadas das antigas cartas? (...) E os *blogs*, pode-se dizer que são meros *upgrades* dos velhos diários íntimos? Versões renovadas daqueles cadernos de capa dura, rabiscados com tanta paciência como persistência pelo seu zeloso dono, muitas vezes à luz trêmula das candeias, para neles registrar todas as confissões e segredos de uma vida? (SIBILIA, 2007, p.1)

Os *blogs* promovem uma forma descomplicada de publicação de textos, fotos e vídeos. Abrem um novo espaço de **auto-reapresentação**, de constituição de subjetividade e de identidade. “A tela que brilha não leva só a uma catarse pessoal, mas também a um processo de compreensão do mundo através da rede infinita da escrita” (LOBO, 2007, p.67). Isso ocorre de modo que singular e social, em constante renegociação nas identidades contemporâneas, encontram-se paradoxalmente inscritos na fluidez da internet, ambiente comunicativo aberto, não somente à simples interação entre os leitores e blogueiros, mas à expressão dos inaptos à escrita meticulosa do impresso.

Os *blogs* e a linguagem pragmática das redes sociais de modo geral contribuem para a deslegitimação e desconstrução das grandes narrativas, evento apontado por Lyotard (1990) como intrínseco à pós-modernidade.

Sobre a escrita no *blog*, Luiza Lobo (2007) detalha que:

A linguagem é comum e evita qualquer apelo à idealização, ao sublime, ou a uma estética que implique simbolização. Sendo a dessublimação uma das características do pós-moderno, o prazer da escrita depende da espontaneidade, do comentário sobre o momento de diálogo. O *blog* utiliza a linguagem corriqueira e uma estética ligada ao presente, ao existencial. O “não complica!!!” faz parte do pragmatismo que rege a era pós-moderna, que vem substituir as elucubrações filosóficas e as dúvidas metafísicas das grandes narrativas (LOBO, 2007, p.72)

Certamente, os limites da escrita das Belas Letras, abordados por Barthes nos anos 60, ainda fazem parte do jogo. Contudo, na virtualidade todas as peças estão no tabuleiro. Peões e cavalos têm o mesmo valor que reis, rainhas e bispos. A blogosfera seria, então, o espaço expressivo de uma linguagem identitária, visto que a liberdade das escrituras virtuais rompe, desde os anos 90, as barreiras impostas pelos meios impressos. Lobo (2007) afirma que o modo com que os grupos se comunicam no *blog*, “na mídia impressa, ou seria proibido ou rejeitado para publicação, ou seria impossível de realizar devido à linearidade do texto impresso [...]” (LOBO, 2007, p.111).

Gillmor enfatiza que a escrita no *blog* é um dos fatores que impulsionam estas narrativas na internet, visto que “o que os melhores blogues individuais tendem a partilhar é a autenticidade - são peças claras, escritas por seres humanos, imbuídas de genuína paixão humana” (GILLMOR, 2005, p.46), em “funcionamento de verdade”, para usar uma expressão de Foucault.

A escrita *on-line*, especificamente nos *blogs*, pode ser usada como uma importante fonte de autoconhecimento identitário. [...] As pessoas revelam sentimentos, pensamentos e desejos para os outros e para si mesmos. E quando observam como esse outro reage àquilo que revelam ser, são informados do quanto vale aquilo que são. (MENDES, 2008, p.190)

A ausência de uma narrativa mestra linear (SHAH, 2005) permite a definição conceitual do *blog* como um artefato cultural, na medida em que proporciona a pessoas se expressarem sem o crivo, sem a mediação.

Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não-violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mutuamente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram (SHAH, 2005).

Ao compreender o *blog* como um artefato cultural, é possível situá-lo como uma das possibilidades da cibercultura, termo cunhado por Pierre Lévy e que significa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas e atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (LÉVY, 2010, p.17), que é “um espaço aberto à interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p.97). Assim, a consideração do *blog* como artefato cultural pode ser melhor compreendida quando Lévy (2010) esclarece que a “comunicação interativa de todos com todos é em si um forte indício de que a totalização não ocorrerá, que as fontes serão sempre mais heterogêneas [...]” (LÉVY, 2010, p.136).

As qualidades e potencialidades do *blog* como artefato cibercultural possibilitaria ao diarista virtual uma espécie de empoderamento através do fluxo horizontal de linguagem. Aquele que escreve *on-line* participaria do processo, ao mesmo tempo político e cultural, que Foucault denomina menorização do autor, em que o sujeito comum entra em discurso a partir de sua linguagem singular.

Apreender estes processos de menorização da categoria de ‘sujeito’ passa por uma desconstrução [...] Para se perceber minimamente a transformação do Singular em Discurso é preciso repensar as categorias utilizadas, nomeadamente a de gênero literário (a biografia e autobiografia), e em geral todas as categorias filosóficas. (FOUCAULT, 2009, p.13)

Quando o singular entra em discurso no *blog*, todos os ‘erros’, gírias, regionalismos e todo tipo de afronta ao purismo da língua são possíveis. O autor virtual, valendo-se da guinada subjetiva pós-moderna (SARLO, 2007), extrapola os

limites autorais tradicionais para se expressar na qualidade de sujeito menor, de autor menor na internet.

Diante desta dinâmica autoral possibilitada pela escrita de si na virtualidade, seria possível identificar uma voz do escritor? A voz seria para Alvarez (2006) uma marca pessoal que extrapola o estilo e espelha a fusão entre mente e corpo. Seria uma presença do escritor no texto. O autor segue dizendo que a voz não é aquela que se quer ouvir, mas é aquela que subverte não só os clichês literários e convenções sociais: "também subverte os clichês e as convenções nos quais você mesmo desejaria acreditar" (ALVAREZ, 2006, p.34). Citando Philip Roth em *The Ghost-Writer*, Alvarez afirma que "a voz é o veículo por meio do qual o escritor se expressa como entidade viva" (2006, p.34).

Alvarez esclarece ainda que a única área em que o escritor autêntico nunca mente é na própria arte de escrever, que revela sua presença singular. Para Alvarez a presença na página importa mais do que estar presente naquilo que se descreve ou narra. A voz seria um além-conteúdo que, através da forma deixa vestígios, pistas da existência única de quem a escreve: "[...] uma linguagem autossuficiente é desenvolvida, e tem suas raízes somente nas profundezas da mitologia pessoal e secreta do autor [...] Sua moldura de referência é biológica ou biográfica, e não histórica" (ALVAREZ, 2006, p.74).

Na escrita virtual estaria presente a voz do escritor, esse além-conteúdo, além-forma, principalmente se considerarmos que Luiza Lobo enfatiza que "a linguagem do *blog* é análoga à da própria existência; ela busca acompanhar o ritmo da vida e atingir a máxima simultaneidade com esta" (LOBO, 2007, p.17). Lobo compara a linguagem do *blog* à da literatura estabelecendo as diferenças entre elas.

A diferença da linguagem do blog e a literatura é que esta é uma forma de arte fabricada, ardilosa, mistificadora, reinventada [...] Por outro lado, a linguagem da chamada geração web não tem a pretensão de abarcar todo o acontecido, porque não quer abolir a separação entre o vivido e o escrito. (LOBO, 2007, p.32)

No ambiente do *blog*, o relato autobiográfico, antes privilégio do sujeito soberano em sua função-autor, seria uma conquista do autor menor. Já ao jornalista e ao escritor 'tradicional' caberia a concepção de autor maior, daquele que domina as normas e as técnicas, cujo espaço discursivo é legitimado em seu caráter artificioso, inacessível ao autor menor.

Retomando os infames, as lendas negras de Foucault, nos *blogs* pessoais são publicadas histórias da vida, relatos do cotidiano e narrativas de dias inglórios. Através da escrita virtual, o blogueiro exercita a si mesmo na conquista um espaço autoral inédito.

Desde há cem anos, toda escritura é assim um exercício de domesticação ou de repulsão em face dessa forma-objeto que o escritor encontra fatalmente no seu caminho, que ele tem de olhar, enfrentar, assumir e que não pode jamais destruir sem se destruir a si mesmo como escritor. (BARTHES, 1984, p.118-119)

A autopublicação em tempo real não enfrenta as restrições do mercado editorial. Neste sentido, o nível de domesticação da linguagem no *blog* é zero.

3.5.4 A linguagem cifrada

O ambiente virtual, ao inventar formas cifradas de comunicação, impacta diretamente a visão purista da escrita. Lobo aborda esta “revolta contra as regras formais” (2007, p. 32) como uma das importantes características da linguagem nos *blogs*.

Os blogs usam uma linguagem oral, viva, abreviada, cifrada. Um dos aspectos positivos é de que reforçam as práticas da escrita e contrabalançam o avanço da oralidade da cultura de massa nesta fase pós-alfabetizada que vivemos. (LOBO, 2007, p.32)

Para recuperar a emoção, a escrita no *blog* “utiliza os meios gráficos que dispõe” (LOBO, 2007, p.33). A linguagem cifrada abrange a simplificação das palavras com supressão de algumas letras como por exemplo o uso de ‘rs’ para riso, ‘vc’ para você, ‘abs’ para abraços. Os acentos e as maiúsculas também são deixadas de lado. As emoções são grafadas, segundo Lobo (2007), com a repetição de vogais que imitam o jeito exaltado de falar, por exemplo, no lugar de beijo, o blogueiro escreve beijoooooooo ou bjssss.

Tudo isso vem junto com a simplificação e a premência da linguagem da mídia e se combina com a linguagem especializada e particular desenvolvida por estes *peer groups* (pessoas da mesma geração e classe social que partilham um interesse comum. A linguagem dos blogs descarta ‘a praga dos acentos’ da língua portuguesa. (LOBO, 2007, p.32)

A genealogia da escrita virtual confere a possibilidade de singularização. Essa modalidade contemporânea de diário público é exemplo da anti-domesticação da

linguagem, campo aberto ao autor menor. O povo, o pobre e o pouco letrado, pode tecer e publicar textos sobre si na linguagem que os representa.

“Onde quer que se esteja, o homem é igual. O mundo virtual não o torna melhor nem pior” (LEJEUNE, 2008, p.346). Impossível não concordar com esta frase. Podemos, porém, ampliá-la: nem melhor nem pior, mas, certamente, diferente, principalmente quando quem escreve encontra na internet um espaço de escrita que por muito tempo lhe foi negado.

3.5.5 Blogs Femininos

Em *Mass Culture as Woman: Modernism's Other*, Andreas Huyssen (1986) afirma que, desde o século 19, a cultura de massa é associada às mulheres enquanto a arte, a verdadeira arte, é uma prerrogativa masculina. Em grande parte do século 20, é perceptível a manutenção desta perspectiva do feminino subjugado através de uma representação depreciativa. Contudo, é preciso perceber que, a exemplo do que foi abordado anteriormente, com o advento da internet publicável, os polos de emissão e recepção foram rompidos. Agora, as mulheres são prosumidoras. Podem tomar frente às representações do feminino e romper com as restrições no campo das artes, e da escrita, impostas por uma sociedade patriarcal que construiu historicamente a equívoca ideia da inferioridade intelectual feminina. Os *blogs* são espaços de expressão e de construção de si (SIBILIA, 2003), a partir dos quais ecoam discursos pessoais que foram há muito tempo inibidos pelos meios de comunicação de massa (LEMONS, 2002).

A necessidade de reagir contra o antigo, o patriarcal, levou muitas mulheres, nos seus *blogs*, à autoconfissão, e ao resgate da memória pessoal, o que também reflete a memória política do seu tempo, criando uma nova história das mentalidades. (LOBO, 2007, p.67)

O resgate do caminho percorrido por elas no campo da literatura e do jornalismo neste capítulo preparou campo para discutirmos o empoderamento do sujeito feminino através da escrita em *blogs* pessoais. “O movimento dos *blogs* permite tudo isso: o conteúdo das mensagens trocadas depende de cada um e de todos nós. A nova ética ruma para a libertação utópica que esse veículo pode proporcionar às mulheres” (LOBO, 2007, p.123). Além de uma política do feminino, é possível ler esta nova ética, considerada a partir do diário virtual, como uma

possibilidade de **auto-representação**. Assim, os textos rápidos e curtos dos diários virtuais se constituem, como observa Schittini (2004), biografemas ou unidades mínimas de biografia.

Nos *blogs*, os biografemas, compostos pelo próprio eu e não por um biógrafo, constituindo-se de textos curtos, pessoais, [...] tudo isso com um estilo próprio. Ao mesmo tempo, estes *blogs* ou autobiografemas compõem *insights* ou fluxos da consciência típicos de um diário redigido na primeira pessoa. (LOBO, 2007, p.53)

Mais do que um rompimento das barreiras de gênero, o *blog* amplia as possibilidades de representação de mulheres de diferentes estratos sociais. Assim, as limitações de raça, credo e domínio de uma variedade prestigiada de língua caem por terra. “Essa retomada do elo da intimidade perdida permite inventar um novo discurso, próprio e independente da barreira dos estereótipos e comandos sociais” (LOBO, 2007, p. 67).

Assim, com a escrita de si nos diários virtuais, a mulher deixa de ser objeto da representação e passa a se dizer, a falar sobre si, a ser o sujeito do texto tanto em termos gramaticais quanto em termos identitários. Para Contardo Calligaris,

O sujeito que fala ou escreve sobre si [...] não é o objeto (re)presentado por seu discurso reflexivo, mas tampouco é o efeito, por assim dizer, gramatical de seu discurso. Falando e escrevendo, literalmente, ele se produz. Narrar-se não é diferente de contar uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo. (CALLIGARIS, 1997, p. 49)

A escrita nos *blogs* é fonte importante de engendramento identitário. “É através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural” (LOBO, 2007, p. 51). No caso dos *blogs* femininos a questão de uma identidade feminina de escrita é de suma importância para esta pesquisa.

[...] as mulheres estão se confessando publicamente. Isto é uma grande novidade diante dos séculos de repressão feminina. É a ruptura da noção de proibição dessa nova geração de mulheres. Elas criam seus próprios limites. Além disso, os diários na internet têm aspecto teatral e narcisista, que está representado pela tela do computador. A tela é um espelho para a mulher. Outra peculiaridade é que os *blogs* representam uma comunicação imediata. A instantaneidade da comunicação, o que Jameson Fredric chama de ontologia do presente, está inserido nessa mídia. (LOBO, 2008)

Isabel Ventura, depois de estudar os objetivos e a linguagem de cinco *blogs* femininos portugueses afirma que os diários virtuais:

São atos políticos porque contam, partilham e reivindicam um determinado espaço que assume uma identidade de gênero. Não se pode dizer que as mulheres têm um papel mais intimista do que os homens. Não há grandes distinções, mas sim, motivações individuais. Usam os *blogs* para assumir um papel político, ainda que inconsciente, ao adotarem uma posição. No fundo é uma forma de dar recados, de comunicar. O *blog* hoje é um acesso a um espaço público que, apesar de ser limitado, é ilimitado ao mesmo tempo. (VENTURA apud OLIVEIRA, 2009, p.65)

Para as mulheres, depois de séculos de repressão, de apagamento, a internet tem sabor de libertação. Lobo (2007) afirma ainda que a caligrafia caprichada dos diários antigos, que tanto orgulhava as famílias burguesas, foi substituída por uma escrita apressada, digitada noite adentro.

“*Weblogs* constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem para a sua própria audiência” (MARLOW, 2004, p.3). É possível afirmar que a liberdade da internet possibilita a constituição de identidades autorais. As mulheres se tornam autoras na medida em que encontram na internet um lugar de escrita e de publicação, além de uma audiência com a qual dialogam.

Mesmo que estejam em suas casas, à noite, após um dia de trabalho ou de dedicação aos afazeres domésticos, ela consegue, pela tela do computador, ir a outros lugares. Surge a figura de uma escritora que pode pertencer a diferentes camadas sociais e, assim, se expressar a partir de diferentes ‘locais e qualidades’ de escrita. “A hipertextualidade arranca a escritora do mundo privado do diário tradicional e a lança no meio público-privado do *blog*. Nessa travessia do espaço local para o sideral, há também uma mudança ideológica e política” (LOBO, 2007, p.71). Na esfera política, poderíamos dizer que não há uma modalidade de escrita privilegiada. Todas as escritas ganham espaço na virtualidade. Esta virtude da virtualidade permite que em qualquer lugar do mundo, a partir de todos os lugares sociais, homens e mulheres minimamente alfabetizados ou com alto grau de escolaridade, possam tecer e publicar autonarrativas virtuais.

Na virtualidade, a mulher escreve em primeira pessoa. É autora de textos com os ‘erros e acertos’ que somente a escrita identitária contém. A autenticidade “[...] a autenticidade [...] não se pode lê-la superficialmente porque ela se revela em detalhes que os olhos não captam com facilidade” (ALVAREZ, 2006, p.106). Assim, a superfície do ‘erro’ é a matéria do jornalismo e das Belas Letras. A profundidade dele se remete à linguagem naturalizada que traz as marcas da existência de quem a escreveu. A linguagem dos *blogs* (BLOOD, 2000) atribui uma voz distinta e uma personalidade aos

diários virtuais e aos seus autores. Em busca desta voz que se revela através da escrita é que se dá a análise comparativa do próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

LINGUAGENS COMPARADAS

Percorrermos até aqui o caminho sócio-histórico que relegou a mulher a uma representação menor em relação ao homem. Esta secundarização restringiu também os espaços de escrita e, por conseguinte, a presença da mulher na literatura e no jornalismo. Retratamos também um cenário em que a internet, mais especificamente o *blog*, figura como espaço aberto às múltiplas linguagens. Neste ambiente profícuo de vozes marginais, os diários virtuais legitimaram a escrita feminina em sua potência autoral.

Nos discursos midiáticos, entre os quais circulam textos jornalísticos, predominam aqueles em que a mulher ganha destaque ao trilhar caminhos antes restritos aos homens. Exemplo disso são matérias que abordam conquistas no campo empresarial, político ou cultural. Em contraponto a estas abordagens 'politicamente corretas' estão aquelas representações, imagéticas e textuais, em que a mulher é construída como fêmea ideal, espetacularizada pelo discurso e pela técnica. Nenhuma dessas imagens midiáticas da mulher chega perto do que seria a maioria esmagadora das mulheres brasileiras. Portanto, as marginais também o são na imprensa.

[...] O que predomina ainda é um descompasso entre o que se diz sobre a mulher e o que a mulher de fato vivencia no mundo concreto. E nessa disjuntiva o elemento determinante são as condições materiais de vida. Somente a partir de uma transformação decisiva nesse terreno será possível observar uma transformação efetiva no discurso dos *mass media* em relação à mulher. (GARCIA, 2007, p.20)

Ao lançar luzes sobre o feminino-popular, binômio carregado de marginalidade em suas duas faces, a *Sou Mais Eu* retiraria da sombra representacional identidades que são atravessadas por relações de gênero e raça que contextualizamos até o momento. O espaço restrito da mulher na escrita jornalística e literária se torna ainda mais estreito se considerarmos que o domínio da 'língua legítima' é outro fator excludente.

Quando mulheres comuns aparecem na grande imprensa com suas histórias publicadas em primeira pessoa, acontece uma espécie de empoderamento representacional. Contudo, vamos agora estudar a linguagem textual resultante desta representação a partir da hipótese de que a mediação jornalística é válida por veicular

identidades marginais mas com perdas em termos de identidade linguística de suas protagonistas.

Antes de analisarmos comparativamente o *blog* Saída de Emergência e a matéria com o relato de vida de Melita Luzia Santos, vamos estudar textos de outras mulheres publicados na revista com o objetivo de explorar com outros sujeitos os parâmetros de linguagem estabelecidos para a análise principal.

4.1 ESTUDO DE LINGUAGEM

Partindo do pressuposto de que vivenciamos um alçamento representacional no jornalismo popular e na blogosfera, faz-se necessário agora estudar como tais representações são textualizadas e acionam diferentes identidades linguísticas.

De acordo com detalhamento e argumentação realizada no primeiro capítulo, as análises que aqui serão realizadas partem do modelo de linguagem marginal de Carolina de Jesus em *O Quarto de Despejo*. É pertinente reforçar que esta obra foi selecionada por ser uma narrativa de si, escrita por uma mulher marginal, publicada com edições mínimas. Esta opção metodológica está calçada numa proposta de análise horizontal. Seria incoerente estudar a voz periférica a partir de parâmetros que lhe são estranhos e excludentes, o que certamente ocorreria numa análise linguística tradicional.

Adotamos, portanto, a matriz de linguagem carolínea também por considerá-la apropriada à discussão teórica estabelecida por Barthes em *O Grau Zero da Escritura*, visto que o autor afirma que a forma da linguagem situa o lugar social do escritor. Assim, a narrativa de si (em grau zero de escritura) presente no diário de Carolina de Jesus figura como exemplo de uma linguagem marginal, capaz de apontar um além-conteúdo, uma verdade que emerge na forma escrita do texto.

A partir de um *corpus* de mil páginas compiladas na pesquisa documental realizada entre julho de 2012 e janeiro de 2013, empreendeu-se uma investigação qualitativa. Foram selecionados quatro textos para estudo de linguagem. Na seleção buscou-se identificar histórias de exclusão econômica, social, racial e sexual. Este encaminhamento teve como base o trabalho realizado por Foucault em *A Vida dos Homens Infames*, no qual o autor procurou

[...] personagens [que] fossem elas mesmas obscuras; que nada as tivesse predisposto a uma notoriedade; que não tenham sido dotadas

de nenhuma das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem àqueles milhões de existências que estão destinadas a não deixar rasto. (FOUCAULT, 2009, p.96-97)

A exemplo dos infames de Foucault, nada nas histórias eleitas predispõe tais mulheres à notoriedade: nascimento, fortuna, heroísmo ou genialidade. Os imperativos categóricos de exclusão (gênero, raça, condição física e econômica) também foram decisivos no processo de triagem. Portanto, para além dos elementos formais da linguagem, analisamos aqui o contexto, a origem e o lugar social das protagonistas da reportagem, visto que tais marcas são determinantes em termos de status de linguagem. Mais que isso, mesmo na revista, as marcas sociais, apagadas no texto, acabam por determinar o espaço que as protagonistas ocupam na hierarquia das páginas, na escolha dos enfoques e no tratamento das imagens.

Considerando que desde o início desta pesquisa abordamos a triangulação do método dialético e o pensamento barthesiano de que a forma revela um além-conteúdo, manteremos nas análises a seguir uma abordagem que não se atém somente à forma, mas considera como o sociocultural impacta o textual.

Os trechos separados para análise abrigam histórias de miséria, homossexualidade, violência e criminalidade. Fato é que tais relatos não são maioria na revista, que traz editoriais como humor em quadrinhos, histórias de amor, sexo, trabalho e moda. A dieta da capa é o gancho comercial da publicação. Em torno dela orbitam temas menos comerciais, em meio aos quais foram extraídos três dos quatro textos. Cada mulher das narrativas selecionadas recebe um 'nome carolíneo' no intuito de estabelecer um elo identitário entre a protagonista da matéria jornalística e a escritora marginal Carolina Maria de Jesus.

Os textos selecionados da revista serão analisados a partir dos seguintes elementos formais:

- a) Pontuação: revelaria um ritmo mais duro ou mais veloz da voz do escritor;
- b) Extensão das frases: conotaria o nível de domínio ou não de construções mais complexas, o que apontaria para um grau de instrução maior ou menor;
- c) Ortografia: aspecto da língua que apontaria o lugar social de quem escreve, oferecendo pistas quanto ao nível de alfabetização e de marginalização;

d) Léxico: revelaria pistas quanto à idade, região geográfica de origem, época, pertencimento ou não a determinados grupos de linguagem aos quais determinadas palavras podem ser associadas;

Os critérios de análise elencados acima não significam que se pretende discutir a língua. Busca-se, a partir dessas pistas formais, estudar os mecanismos de linguagem jornalística em contraposição ao modelo de escritura em grau zero, sem mediações ou edições.

Justamente porque a escritura carrega marcas do lugar social do escritor, as análises comparativas da forma, apresentadas a seguir, são permeadas por reflexões sobre o contexto sociocultural responsável por forjar identidades e representações marginais.

As análises são realizadas a partir de trechos da revista e do diário de Carolina de Jesus.

4.1.1 Carolina-faminta

“Penado que o pobre há de comer o que encontra no lixo ou então dormir com fome” (JESUS, 2010, p.34). A fome, que é tema recorrente no *Quarto de Despejo*, também é ponto de partida da história da artesã Luanda Bianco. Ela, a exemplo de Carolina, relata o sofrimento por não ter comida para alimentar seus filhos. A condição de exclusão social foi determinante para que este fragmento de vida figurasse aqui.

É preciso ler este trecho da reportagem sobre a história de vida da artesã Luanda Christina Almeida Bianco, 32 anos:

Meu filho de 4 anos me olhou e disse: “mãe, tô morrendo de fome!”. Não tinha nem arroz para dar a ele. O jeito foi enganar: “querido, vamos dormir?” Daí amanhã, quando acordar, a gente janta e almoça ao mesmo tempo”. Eu já não sabia mais o que fazer. Além de Ycaro, tinha Yasmin, com 6 meses.[...] Só quem passou fome entende o valor que isso tem! (SOU MAIS EU, Ed.318, 2012, p.22)

E logo em seguida o Diário de Carolina:

A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2010, p.32)

Comparemos a linguagem da reportagem de Luanda com a de Carolina. Poderíamos iniciar a reflexão estabelecendo a aproximação temática entre os dois relatos. Carolina e Luanda narram a cena em que um filho que pede comida. No caso da reportagem, a inclusão do discurso direto, em que a frase da criança é colocada entre aspas, é um recurso de escrita muito acionado pelo jornalismo. O uso do discurso citado assemelha-se muito mais à linguagem jornalística do que ao português popular. Assim, se nos ativermos à forma como Carolina narra a cena, sem recorrer às aspas, poderíamos supor que, numa linguagem em funcionamento de verdade, Luanda relataria de modo diverso ao que foi publicado. Uma construção do tipo “o Ycaro pediu comida” ou “o Ycaro disse que estava morrendo de fome” seria possível. O uso das aspas também sugere a presença de um ouvinte, o repórter.

O discurso citado funciona como autenticador do testemunho de quem fornece a informação. O efeito de credibilidade se dá porque se “o texto conta uma história e usa a personagem para lhe dar veracidade, o leitor tenderá a confiar mais nas informações que lhe estão sendo transmitidas - não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação” (MARTINS, 1992, p.25). Apesar das aspas sugerirem que a fala do entrevistado é fiel, observa-se que Martins e Garcia aconselham o jornalista:

Embora as declarações entre aspas devam transcrever com fidelidade as palavras do entrevistado, adapte o texto às normas gramaticais, acerte as concordâncias, elimine as repetições muito freqüentes e contorne os vícios de linguagem. A menos, claro, que haja alguma razão para se manter literalmente o texto. (MARTINS, 1992, p. 26)

O jornal não pode reproduzir passivamente erros de português e agressões evidentes à lógica ou aos fatos. Quando alguém fala errado, deve-se corrigir no texto, exceto se houver motivo para manter o erro – e então é sempre preciso apontá-lo ao leitor. (GARCIA, 2000, p. 41)

As aspas separam quem disse de quem ouviu e/ou escreveu. Se tomarmos como ponto de referência a linguagem ‘carolínea’, a evidenciação dessas instâncias, que no texto jornalístico é promovida pelas aspas, é menos recorrente na escrita (não mediada) em primeira pessoa.

Mais adiante, Luanda diz: “Daí amanhã, quando acordar, a gente janta e almoça ao mesmo tempo”. A frase que se quebra no entre vírgulas demonstra uma preocupação com a forma e com a pontuação do texto. Seria pertinente supor que se

Luanda tomasse frente ao texto teríamos algo do tipo: “daí amanhã quando acordar a gente janta e almoça ao mesmo tempo”. O contraponto deste tipo de construção está no texto de Carolina, que não recorre a nenhuma vírgula. Ela usa abundantemente o ponto. Esta é uma característica que pode ser observada em toda a obra *Quarto de Despejo* em que a autora fragmenta o relato em inúmeras pequenas sentenças. A pontuação da obra de Carolina tende a naturalizar, e oralizar, o relato.

As frases curtas também são marca da linguagem jornalística, que faz uso delas como facilitador de leitura. Apesar disso, as construções breves de um e de outro resultam de intenções diferenciadas. Os efeitos também o são. Enquanto no jornalismo a frase objetiva direta se refere à leiturabilidade da matéria, na obra de Carolina ela confere legitimidade à voz autoral.

4.1.2 Carolina-dançarina

O relato analisado a seguir foi selecionado por dois motivos. O primeiro diz respeito à idade. Aos 78 anos, Helena Prioste Pimenta seria pouco interessante ao jornalismo, a não ser que figurasse como personagem menor de uma reportagem sobre aposentadoria, idosos abandonados ou doentes. O segundo critério tange à questão da condição física especial. Helena foi acometida por paralisia infantil logo nos primeiros meses de vida. Os fatores de marginalização midiática, idade e condição física foram determinantes para que Helena fosse selecionada.

Sua situação ímpar pode ser observada no trecho da reportagem:

Passei quase toda a minha infância sem ir à escola. Não porque eu não quisesse ou não fosse capaz. Mas era deficiente física e no colégio da minha cidade não havia salas de aula no piso térreo. Só construíram uma quando eu estava com 9 anos, mas era para alunos com QI baixo [...] Tive paralisia infantil com 10 meses de idade. Perdi o movimento da perna esquerda. Até os 5 anos, eu só engatinhava. Aí, meu avô fez um par de muletas para mim e resolveu me ensinar a andar. (SOU MAIS EU, 315, p.30-31)

Trecho do Diário de Carolina:

Deixei o leito as 5 horas, preparando as crianças para ir na festa da rua Javarés (...) Dei comida para a Vera. O João não quis a minha comida. Disse:
- Eu vou comer lá na festa. A comida de lá deve ser melhor do que a da senhora.
Ele não gosta de festa. Mas se ele sabe que vai ter comida é o primeiro a insistir e faz questão de levar a sacola. [...] passei na Dona Julita para dizer-lhe que nós íamos a uma festa. Pensei: deve ser banquete porque São Luiz Rei de França convidava o povo para comer preparava um banquete. [...] Os que não ganhou cartão ficou chorando e dizendo que não tinha sorte [...] Puseram umas

tábuas na calçada e forraram com jornaes e puzeram os pães em cima.
(JESUS, 2010, p.69)

Na análise dos trechos, percebe-se que ambas lançam mão de frases curtas, a exemplo dos relatos orais espontâneos desencadeados por perguntas do tipo: Como foi seu dia? Como foi sua vida?

No caso de Carolina, o texto é fragmentado como se realmente estivesse elencando fatos, conversando com alguém (repórter, leitor ou o próprio diário). No caso de Helena, as sentenças também são breves, mas apresentam acabamentos como acentuação e pontuação corretas, além do uso de conjunções, que tornam o texto mais coordenado.

A não utilização da crase por parte de Carolina também é marcante, não somente neste trecho, mas em toda a obra *Quarto de Despejo*. Enquanto Carolina escreve “deixei o leito as 5 horas”, Helena escreve “passei quase toda a minha infância sem ir à escola”. Poderíamos supor que o uso ‘correto’ da crase no segundo caso é resultante do acabamento conferido ao texto para torná-lo publicável.

Na verdade, a reprodução das palavras do discurso outro é, na maioria das vezes, encarada como a totalidade do ato de enunciação que fica reduzido aos seus elementos verbais. Além disso, o caráter mimético do discurso direto na imprensa é limitado pela conduta normativa da prática jornalística que se coloca como instância defensora da correção gramatical do idioma.
(GRILLO, 2003, p.6)

Outro aspecto pertinente é a grafia das palavras. No segmento “forraram com jornaes e puzeram os pães em cima” há dois ‘erros’ ortográficos que, certamente, seriam corrigidos na revista, visto que a cada edição a *Sou Mais Eu* convoca suas leitoras a participar sem preocupação com a escrita.

Veja como é fácil participar. Não é preciso caprichar no texto. Isso é com a gente! Escreva do seu jeito, sem se preocupar com erros. Se sua história for aprovada pela nossa equipe, um repórter da revista vai entrar em contato com você para entrevistá-la.

Esta chamada da revista, que é publicada em todas as edições, indicaria dois caminhos. Por um lado, confirma a mediação da linguagem na matéria. A carta envidada pela leitora seria a sugestão de pauta para uma possível cobertura. De outro lado, a mensagem estimula a participação, independentemente do domínio da escrita. Este estímulo, inicialmente, é positivo, visto a exigência quanto à escrita afastaria muitas mulheres da possibilidade de publicação.

4.1.3 Carolina da Capa

A história de Ariela Lopes Messias, estudante de Ribeirão Preto, São Paulo, foi selecionada para análise por representar um tipo de inclusão que a revista *Sou Mais Eu* realiza e que norteia as capas. Todas as edições trazem em destaque uma mulher que sofria com o excesso de peso e emagreceu.

As histórias de luta contra o peso ancoram comercialmente a revista. São matérias muito vendáveis em termos de relato e de imagem, pois, depois de conquistarem a perda de peso e passarem por uma produção, figurino e maquiagem, as mulheres se enquadram ‘adequadamente’ nos padrões estéticos difundidos pela grande imprensa feminina.

Estes apontamentos mercadológicos, que representam muito da imagem da revista, não poderiam ser ignorados em qualquer reflexão mínima sobre a Publicação até porque eles também revelam as pressões impostas por uma percepção de peso ideal. Assim, dentro deste contexto, a mídia pode ser compreendida também como

[...] lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a uma aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo [...] de que modo deve ser feita a nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós os negros, as mulheres, pessoas de camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas. (FISCHER, 2002, p.153)

Apesar de parecer uma ideia ‘seculovintista’ ligada à emergência das mídias, as representações do feminino como belo sexo são notadas desde o século 15 em obras como *Nascimento de Vênus*, de Boticelli. No século 16, escritores se dedicaram a exaltar a beleza da mulher em minúcias. Exemplo disso são os “brasões”, poemas celebravam parte a parte o corpo feminino. Clement Marot inaugura o gênero com um poema dedicado ao ‘belo mamilo’, *Beau Tétin*. Lipovetsky ressalta que na época “as próprias mulheres tomam a pena para maravilhar-se com sua beleza [...] Marguerite de Navarre faz uma mundana dizer: ‘Amo meu corpo, perguntai-me por quê. Pelo belo e agradável o vejo’” (2000, p.119) .

Os séculos que separam Navarre de Ariela Lopes Messias (Figura 5) não impedem que as semelhanças entre as narrativas sejam vistas como desconectadas

da história sobre as representações do feminino. Os pontos em comum são insígnias do belo sexo ainda eternizado nas nossas falas mais corriqueiras, mas que não satisfazem às expectativas de mudança. Exemplo disso é a leitora Renata Fernandes, de São José dos Campos, São Paulo. Em carta enviada para a *Sou Mais Eu*, ela critica: “acho que a revista erra ao pagar R\$ 1.000 para as histórias de ex-gordas. Essa ênfase toda é lamentável. Histórias de superação merecem muito mais” (SOU MAIS EU, 2011, Ed. 230, p.3). O descontentamento da leitora é verificável num simples passar de olhos sobre algumas das 24 capas analisadas neste estudo. Em termos de exemplo, seguem duas capas que ilustram a questão:

Figura 1 - Capa com Ariela Lopes Messias



Fonte: Sou Mais Eu, Edição 318, 20 de dezembro de 2012

Figura 2 - Capa da revista Sou Mais Eu



Fonte: Sou Mais Eu, Edição 302, Agosto de 2012

Depois desta reflexão em termos de conteúdo, vamos à forma, pensando Ariela (Figura 1) a partir da 'linguagem carolínea'. Na revista, a reportagem sobre a jovem é iniciada assim:

Meu medo de morrer virou desespero quando fui parar no pronto-socorro depois de um aumento brusco de pressão. Eu tinha só 24 anos...aquele foi o dia do meu basta! Cansei daquela tortura e decidi correr atrás da minha felicidade, de uma nova identidade.[...]Hoje, aos 26 anos, depois de ter perdido metade de mim, descobri que amo meu corpo de mulher e adoro cuidar dele. Passei a gostar de sair na rua, passear e me relacionar com as pessoas. (SOU MAIS EU, 318, 2012, p.14-15)

No Diário, ao despertar de um sonho, Carolina o descreve:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. [...] Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. [...] Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. [...] Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer [...] (JESUS, 2010, p.40)

O medo da morte é o elemento desencadeador dos dois textos. Para além dessa fronteira temática, a tentativa de relacionar experiências de vidas tão antagônicas revela o abismo que as separa. A primeira mulher relata o sofrimento e a reclusão promovidos pelo excesso de comida. A segunda confidencia o medo de morrer por ser obrigada a comer lixo. O excesso e a falta do alimento as separam

drasticamente. O encontro possível entre elas se dá pelos caminhos da linguagem, na necessidade da autonarração como catarse.

No tocante à linguagem, as narrativas seguem por caminhos diferenciados em termos de construção frasal. A brevidade das sentenças de Carolina contrapõe-se às frases mais extensas de Ariela. Tomemos a primeira frase de cada texto como ponto de comparação. Carolina introduz o assunto de forma objetiva: “Passei uma noite horrível”. Já a abertura do texto de Ariela se diferencia pela extensão: “Meu medo de morrer virou desespero quando fui parar no pronto-socorro depois de um aumento brusco de pressão”. O contraste entre as aberturas dos textos é marcante e indica uma provável edição. Tomando-se a ‘linguagem carolínea’ como referência, é possível afirmar que, num processo de escrita não-mediada pelo jornalismo, Ariela teria escrito: “Meu medo de morrer virou desespero. Fui parar no pronto socorro com pressão alta. Ela subiu de brusco”.

4.1.4 A negra na capa

É preciso admitir que os meios de comunicação referendam e reproduzem concepções do eu e do outro, do corpo e da alma, dos pertencimentos e das exclusões. Apesar dos avanços das discussões feministas e raciais, a mídia do século 21 ainda é pautada na exaltação de um modelo forjado a partir do sujeito dominante, o homem-branco-ocidental. Essa tipificação redundava numa dupla exclusão: de gênero e de raça.

Esta prática excludente nos permite situar a mulher negra na cena midiática como a marginal por excelência. Sua presença surge branqueada por uma produção fotográfica ou relegada às páginas internas das mídias impressas. As capas são o espaço privilegiado reservado às mulheres brancas. Mas, mesmo estas últimas, têm sua imagem editada, maquiada e simulada para servir ao desejo masculino através da exposição do corpo, dos gestos e das posturas. Para além desta distorção, a produção da “garota da capa” ajusta a imagem da mulher à moldura social das elites, apagando as pistas de identidade que não sejam interessantes comercialmente.

A imprensa feminina costuma se articular em torno de papéis e só de alguns papéis. [...] tal discurso não poderia versar sobre mulheres determinadas, individualizadas, com nome, profissão, personalidade própria. Os papéis apresentados pertencem à mulher/condição feminina, à mulher genérica, sem tempo, espaço nem classe. É apenas a mulher moderna, feliz em cumprir seus papéis predeterminados com a ajuda dos bens que a civilização

proporciona. A mulher é pasteurizada, 'universalizada, em nome do consumo. (BUITONI, 2009, p.209)

A imagem predominante de um sujeito vendável, audível, representável na arte e na mídia promove o silenciamento da voz e o apagamento da imagem da mulher-negra-marginal. Na relação gênero-raça, é preciso entender que “nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe” (HALL, 2003, p.346). Dito isso, defende-se que a secundarização da mulher na sociedade é agravada midiaticamente a partir do fator racial.

Pautando-se neste alerta crítico, um olhar mais afiado sobre as capas das edições de junho de 2012 a janeiro 2013 (Anexo A) revela que, entre as 24 edições, apenas a número 323 traz uma mulher negra na primeira página. A estratégia de venda marcada por um branqueamento explícito das capas entra em conflito com as centenas de mulheres negras que protagonizaram matérias das páginas internas da *Sou Mais Eu*. Esta afirmação se alinha com a constatação de Buitoni, que diz:

A mulher brasileira mesmo não frequenta as páginas da imprensa a ela dedicada. [...] Hoje, assistimos a descaracterização total da mulher brasileira. A mulher apresentada como modelo é a mulher multinacional, globalizada. As capas de nossas revistas, mesmo trazendo manequins brasileiros, parecem capas similares norte-americanas ou europeias. (BUITONI, 2009, p.210)

A reprodução de uma imagem colonizada pode ser identificada na revista *Sou Mais Eu*, que confere à mulher negra um *status* menor ao relegá-la a um confinamento midiático, nas páginas internas da publicação. Esta prática editorial, que secundariza a figura da mulher negra, reproduz uma forma de representação que é histórica e literária

O fato das mulheres negras dificilmente figurarem na capa da *Sou Mais Eu* é parte de um complexo constructo sócio-histórico-literário que ainda está por ser rompido, afinal, como destaca Hall, “a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica” (2005, p.63). Esta categoria discursiva encontra campo fértil na rede de discursos midiáticos.

Assim como a literatura, a imprensa feminina não é um à parte da sociedade. Seu microambiente revela tensões macrossociais e macro-históricas que requerem desvendamento. Parece existir um acordo tácito que promove a omissão e a exclusão em diferentes instâncias. Sem a pretensão de localizar causa e efeito, é fato que a

representação da mulher negra na mídia está na mesma frequência de realidade inclusiva nos discursos e excludente nas práticas.

O papel dos meios de comunicação e das tecnologias de informação permitiu ampliar o debate sobre os problemas enfrentados por diferentes setores da sociedade. Mas, esses mesmos meios ainda apresentam dificuldades em relação ao acesso e aos benefícios para os grupos excluídos e sem recursos para o seu consumo. (AMNB, 2013, p.16)

Neste cenário a mulher negra seria o que Spivak (2010) denomina subalterna da subalterna. Isto é, mesmo que o discurso pretensamente ético e oficial defenda a igualdade de posições, a discriminação em relação à mulher negra e pobre se dá de forma velada. Contudo, a cada edição que chega às bancas com mulheres brancas, magras e sorridentes, as escolhas ideológicas denunciam uma prática avessa aos discursos.

A edição 311 da *Sou Mais Eu* é exemplar na evidenciação da linha editorial do veículo. Na capa está Priscila Silveira, 21 anos, branca, fotógrafa, de Florianópolis, Santa Catarina. Isabel Ferreira, 41 anos, negra, caseira de sítio, moradora de São Sebastião, Distrito Federal está na página 19. A história de Priscila ocupa a capa e mais duas páginas internas. Na foto, a jovem está bem maquiada, sorridente com pose de garota da capa. A matéria de Isabel ocupa uma página. Na imagem que ilustra a reportagem ela está de chinelos de dedo. Uma rua de terra é o cenário onde Izabel aparece de cócoras abraçada ao seu cachorro, que também é parte da história que ela relata.

Figura 3 – Recorte da matéria de Isabel Ferreira



Fonte: Sou Mais Eu, Edição 311, Novembro de 2012

Na comparação entre de Izabel Ferreira e Priscila Silveira chamam atenção fatores que podem ser analisados de forma associada: cor da pele, região geográfica

de origem e idade. A mais jovem e branca, moradora de um Estado do sul do Brasil, que, como enfatizado anteriormente, é também privilegiada em termos geográficos, ocupa a vitrine, a capa. A beleza europeizada de Priscila é um artifício de venda da revista. A imagem idealizada e coordenada a uma *hexis* corporal de fêmea servil contribui para o consumo da revista nos mesmos moldes das demais publicações femininas que são pautadas na ideia de perfeição, juventude e magreza.

Figura 4 - Capa com Priscila Silveira



Fonte: Sou Mais Eu, Edição 311, novembro de 2012

A presença de Isabel nas páginas internas revela uma estratégia de opressão similar ao que acontece na sociedade em que o negro, o idoso e o pobre são excluídos em diferentes âmbitos: política, economia, cultura, religião, entre outros. No caso de Isabel, ela comporta todas essas características, as quais não recebem maquiagem ou tratamento. Sua condição marginal está *in natura*. O chão de terra, o cachorro vira-lata, a postura corporal de cócoras e o sorriso desdentado reproduzem seu espaço social. A justaposição dessas duas mulheres impõe outra questão: qual representação seria ideal? Uma imagem identitária, sem maquiagem ou produção? Optamos por concluir que nem a encenação extrema nem a realidade crua suprem as necessidades de representação dos periféricos. Certamente, a imagem ideal é aquela que seja mais digna, que não resulte da mentira da produção nem da crueldade da exclusão. Da mesma maneira que as manobras linguísticas extremas resultam num apagamento das identidades, as manipulações radicais de imagem recaem no mesmo erro. Mas o

que seria uma imagem digna? Não existem fórmulas perfeitas. Contudo, a mais próxima do ideal, deveria ser aquela que não privilegiasse uns e depreciasse outros como acontece no caso de Isabel e Priscila. Seria aquela em que todos recebessem o mesmo tratamento, que não houvesse um esvaziamento da identidade de classe e que, ao mesmo tempo, fosse franca com o leitor, sem diminuir a negra em relação à branca.

Vamos a outro exemplo que ilustra bem a questão e que, apesar de fugir ao recorte inicial de pesquisa, é pertinente devido à grande presença de negras nas páginas internas. A publicação de 21 de março de 2013 traz na capa Débora Nunes, branca, 29 anos, professora e técnica de enfermagem, Nova Odessa, São Paulo. Nas páginas 12 e 13, a loira de 1,82m de altura, bem maquiada, veste peças em tafetá e joias douradas. Na reportagem, Débora fala sobre a dieta que a fez perder 65 quilos. Nas páginas 32 e 33 está Tania Mara, negra, 52 anos, pedagoga, de Goiania, Goiás. Na reportagem Tania conta a história de como se casou com um assassino que conheceu na prisão. Na comparação entre as duas entrevistadas, percebe-se a branca relatando sua história feliz de emagrecimento e conquista da beleza enquanto a negra narra um romance marginal.

Fica claro que, a exemplo do que diz Dulcília Buitoni, "num país de mestiços, a negra raramente surge em revistas femininas, a não ser como manequim exótico" (BUITONI, 2009, p.209). A esta fala poderíamos adicionar, no caso dos exemplos abordados, que a mulher negra se torna interessante quando portadora de uma história de violência, pobreza ou dor.

Uma das exceções em termos de capa é a edição 323, que traz a carioca Marieli Nepomuceno. Além dela, as páginas 8, 20 e 26 são protagonizadas, respectivamente, Gisella Venâncio, Josiane da Rocha Lima e Márcia Neres, todas mulheres negras.

Figura 5 - Capa com Marieli Nepomuceno



Fonte: Sou Mais Eu, edição 323, 21 de março de 2013

A predileção pelos tons de pele mais claros, pelas mais jovens e que conquistaram a magreza, não é totalmente defensável, visto que inúmeras mulheres negras, com mais idade e fora do padrão-magro, protagonizam reportagens da revista. Se o processo de planejamento e edição de um produto midiático depende de escolhas editoriais, que são controladas desde a reunião de pauta até a edição do texto e das imagens, seria adequado afirmar que os critérios seletivos pendem para as imagens estigmatizadas do feminino. Com base na argumentação e exposição apresentada aqui, fica explícito que esta triagem atende a valores racialmente excludentes. O processo editorial enquadra as mulheres retratadas na moldura do desejo do sujeito soberano: o homem-branco-ocidental. Como apontam Carranço e Borges (2004), o jornalismo é um ‘espelho infiel’ do negro, e certamente, da mulher negra brasileira.

A representação da mulher na imprensa brasileira foi objeto da investigação de Dulcília Buitoni. A pesquisadora analisou os principais veículos do segmento. Além de estabelecer uma recuperação e documentação históricas, Buitoni realizou uma análise semântica sobre os textos e imagens. A partir do tratamento jornalístico conferido às mulheres em diferentes décadas do século 20, a pesquisadora estabeleceu categorias de estudo. Duas dessas categorias postuladas são “a liberada e a marginal”. Para analisar a marginal, Buitoni traz o caso de uma mulher do povo, que teve sua história publicada na imprensa feminina alternativa:

Nos anos 70, Girse não seria objeto de uma reportagem, empregada doméstica, moradora de um barraco na periferia de São Paulo, suas ações não mereceriam destaque jornalístico. Mas em 1977 ela pode ter uma página inteira de um tablóide alternativo. Talvez seja pouco, talvez ainda seja uma iniciativa de dominadores para dominados, afinal, não podemos negar que as redatoras pertencem à elite intelectual, em sua maioria. De qualquer maneira, a “ascensão” de Girse a personagem jornalística representa um avanço em relação aos caminhos até então seguidos pela imprensa feminina não só brasileira como estrangeira. Ainda não é um jornalismo praticado pelo povo, pela própria comunidade. Ainda é algo de cima para baixo, uma espécie de concessão, ou melhor, reconhecimento de uma realidade. Se houver resquícios de paternalismo, pelo menos não se resume na atitude assistencialista de outras reportagens que mostram vidas miseráveis. (BUITONI, 2009, p.127)

Buitoni infere que as 'vidas miseráveis' são desvalorizadas quando se resumem às matérias assistencialistas. Contudo, o retrato da mulher alinhado à figura de mulheres estrangeiras configura outra modalidade de desqualificação, que é tanto social quanto racial. As manobras para o apagamento das pistas de sua identidade real são claras. Na *Sou Mais Eu* a imagem da mulher pobre ganha adereços e artifícios cosméticos que retocam as marcas que denunciariam sua identidade de classe. Ocupando a capa, espaço nobre, elas recebem uma produção similar às revistas de moda (maquiagem, cabelo e figurino). A direção de fotografia também é conduzida no sentido de reproduzir o discurso visual próprio desse segmento. Um observador menos atento confundiria facilmente a *Sou Mais Eu* com outras revistas que trazem modelos ou atrizes em destaque. Este ajuste de imagem reitera também outro fato apontado por Buitoni: a presença de sujeitos do povo é marcada por um olhar de cima para baixo.

Na relação de derrotas, de 'personagens menores', a mulher acumula perdas ainda mais graves, enredadas por uma representação idealizada, marcada por um feminino servil, prostrado ao deleite masculino ou às estratégias de consumo. A mulher de papel não representa a mulher real mas a coloca como

Segundo sexo. Segunda imprensa. Secundário, secundária. Sempre um segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo. Admitamos que assim seja. No entanto, das folhas artesanais ao produto industrial, a imprensa feminina tem potencialidade de atingir o gênero humano. (BUITONI, 2009, p.21)

A reflexão de Buitoni aponta para a hipótese de que a mesma imprensa, que confinou o feminino à moldura arquetípica, midiática e mitológica, pode ser antídoto para o veneno que ela mesma formulou. O modelo de imprensa desinteressada pela

mulher marginal é predominante, mas não é o único possível. Apesar disso, é necessário um afastamento, um olhar desprovido de um otimismo exacerbado. A iniciativa da *Sou Mais Eu* exige uma postura crítica porque as análises realizadas até o momento explicitam uma ênfase para as brancas em detrimento das negras, pelo menos no que diz respeito às capas.

Ademais, de acordo com o debate promovido aqui, o tratamento das imagens (ou a ausência dele) também evidencia uma disparidade. A conclusão de que a imagem da negra é obliterada em prol da reiteração de discursos (textuais e imagéticos) alinhados a um etnocentrismo hegemônico na mídia nos reconduz à Spivak quando ela questiona: “o que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p.85).

4.1.5 Carolina homossexual

A seleção do trecho abaixo teve como critério definidor a questão das minorias sexuais, as quais também o são nas representações literárias, históricas e midiáticas. Com a intenção de ir além dos limites impostos pela imagem estereotipada daqueles que não pertencem ao sujeito heterossexual hegemônico foi selecionada esta história de amor homossexual.

Trecho da reportagem Aline Wirtz, 36 anos:

Conheci a Catherine no colégio, aos 14 anos. Ela tinha 15. Ficamos três anos juntas. Aí ela se apaixonou por outra. Mudei de cidade, perdemos contato e me casei com um homem. Dez anos depois, recebi a visita dela no meu trabalho. Mas eu não estava preparada. Se passaram outros 10 anos até eu procurá-la de novo. Meu casamento estava em crise. Aí ficamos juntas. (SOU MAIS EU, 2010, Ed.184, p.8)

Trecho do Diário de Carolina:

Quando eu era menina meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra [...] Então eu dizia para a minha mãe:
- Porque a senhora não faz eu virar homem?
Ela dizia:
- Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.
Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção.
Mas o arco-iris estava sempre se distanciando.
(JESUS, 2010, p.55)

Em termos de linguagem, o efeito de oralidade do texto de Aline Wirtz acontece a partir da utilização de frases do tipo “aí ela se apaixonou”, “aí ficamos juntas”. O uso do termo “aí”, com o mesmo tipo de função do advérbio ‘então’, confere um tom coloquial e confessional ao texto. A característica oral é quebrada na porção final do parágrafo em que ela diz: “se passaram outros 10 anos até eu procurá-la de novo”. Muito provavelmente Aline diria, ou poderia escrever, “se passou 10 anos até eu procurar ela de novo”.

Em situação similar Carolina diz “quando eu era menina meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra”. Caso este trecho fosse levado para a revista, certamente, seguiria a mesma construção do texto de Aline. Podemos supor que ficaria assim: “meu sonho era ser homem para defendê-lo”.

Na linguagem oral, ou no português popular, o uso do pronome oblíquo é quase inexistente. Na obra de Carolina o uso do “lhe” é até excessivo e muitas vezes deslocado. Exemplo disso, na mesma página reportada no trecho acima, ela escreve: “Encontrei com ele outra vez, perto do depósito e disse-lhe [...]”. Talvez, este uso seja resultante do volume de leitura de Carolina que, segundo ela, vivia para ler e escrever. “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (JESUS, 2010, p.27).

Entre os trechos de Carolina e Aline há uma aproximação temática, sob perspectivas e motivações diferenciadas. Carolina rememora uma cena de infância. Relata o desejo de se tornar homem, de mudar de sexo. Do diálogo com a mãe surge a constatação de que os heróis da história, os defensores da pátria, são homens. Na história de vida de Aline Wirtz, o retorno de um amor de adolescência restitui sua homossexualidade. Muito mais do que pela linguagem, a abordagem e o conteúdo do texto chamam a atenção por representar o enfrentamento ao preconceito sexual. O fato é que, para que chegássemos a ler este tipo de depoimento fora dos veículos segmentados, muitas barreiras foram rompidas, mesmo que parcialmente.

4.2 IDENTIDADE DE LINGUAGEM DE MELITA LUZIA SANTOS

Este tópico ambiciona, primeiramente, ceder espaço à história de vida e de escrita de Melita Luzia Santos. Seria incoerente que, diante de tantas críticas à secundarização do sujeito, recorrêssemos ao mesmo artifício quando é chegada a nossa vez. As preocupações com a extensão do texto cederam lugar ao desafio de contar uma vida e não reduzi-la a um relato apressado.

Em momento posterior à seleção e aceite de Melita em participar da pesquisa, muitas coincidências surgiram. Tanto ela quanto Carolina Maria de Jesus são de Minas Gerais, das cidades de Santa Luzia e de Sacramento, respectivamente. Ambas criaram seus filhos sem marido e encontraram na escrita um caminho para aliviar os males da alma. Passaram por dificuldades, trabalharam muito, enfrentaram fome (ou a proximidade dela). Carolina tentou várias vezes publicar seus escritos com grandes editoras. Melita buscou jornais locais e foi recusada. Do encontro com Audálio Dantas, surgiu o livro que projetou Carolina para o mundo. O *blog* Saída de Emergência, que tem seguidores em Portugal, Suíça e Japão, despertou o interesse do jornalismo da *Sou Mais Eu*, que a contatou para a reportagem.

A narrativa oral de Melita Luzia Santos foi registrada durante entrevista gravada em áudio em 18 de julho de 2013, às 14 horas, na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais. Apesar da supressão de pequenos trechos repetitivos, a linguagem e a estrutura da narrativa original foram preservadas. A transcrição do relato de vida foi realizada a partir da técnica “a meio caminho da fala”, apresentada no capítulo anterior. Nesta modalidade de tratamento textual são desconsideradas as hesitações e repetições presentes na abundância da oralidade. O texto na íntegra pode ser lido no Apêndice D.

A investigação presencial foi rica ao agregar à pesquisa teórica o sabor experiência do contato com o ‘sujeito real de pesquisa’, que só se admite verossimilhante no face a face, situação que torna perceptível a naturalidade das respostas, o sotaque, as pausas e as ênfases. Como captar sorrisos, lágrimas, humores, emoções, enfim, o sujeito e sua singularidade senão por este caminho? Tais observações capturadas no espaço físico e social concreto da protagonista ofereceram elementos que fomentaram uma compreensão contextual do sujeito de pesquisa e de alguns fragmentos, vestígios, de sua identidade.

Vamos ao relato:

"Meu nome é Melita Luzia Santos. Eu nasci em 5 de fevereiro de 1962, em Santa Luzia, que é região metropolitana de Belo Horizonte. É uma cidade histórica, embora não seja assim tão conhecida como cidade histórica. [...] Aqui onde que eu moro mesmo, eu sempre morei neste bairro, em casa diferente, mas sempre morei no mesmo bairro, todo mundo conhece a gente. Não é mesmo? Então, eu cresci do lado de uma fonte que tem até hoje, mas eles mudaram um pouco o jeito lá. É um chafariz e lá se chama Fonte da Intendência.

A gente morava do lado da minha vó, mãe do meu pai. Eu lembro que lá, em 1969, tenho na minha mente ainda o dia em que o primeiro homem pisou na Lua. Nessa época eu acho que a gente já tinha, era uma das poucas casas que já tinha televisão. Chegava à noite, o pessoal vinha assistir televisão na casa da gente. [...]

Eu sempre me destaquei dos meus irmãos na escola. Foi meu pai que veio da roça. Ele teve pouquíssimos estudos, que antigamente minha mãe se ralava assim também. Eles viviam mudando de lugar porque o pessoal que mora na roça trabalha com fazendeiros. Aí mudava de uma fazenda pra outra. Então não parava em escola. Meu pai tem um estudo muito básico mesmo. Ele escreve de tudo e é cego de um olho porque quando ele era jovem ele bebia muito. [...] Ele fazia questão da gente saber ler e escrever.[...]

Tem outras coisas também que eu lembro assim da nossa infância. É, por exemplo, eu e meus irmãos, meus cinco irmãos, nenhum de nós tem dentes bons, porque a gente não foi ensinado, por exemplo, a escovar dente, "né"? Hoje os meus filhos têm dentes maravilhosos e eu não tenho. Agora que eu estou podendo, começando a cuidar dos dentes. [...] Tinha um banheirinho feio, eu lembro que o meu pai deu à gente uma barra de sabão e uma escova. Agora não sei se era uma escova pra cada um, não sei. É a única vez que eu lembro de escovar dente. [...] A gente foi, sempre estudou em escola pública, inclusive eu estudei, uma escola que existe que até hoje é... ela era um orfanato e hoje a gente fala creche. Porque, era umas meninas... Muitas são minhas amigas até hoje [...] eram órfãs que moravam nesse orfanato da falecida dona Marili Moreira. Era uma mulher que ela recolhia as meninas, ficava ali até dezoito anos e lá elas aprendia tudo. Então nós todos estudava nessa escola. Eu me lembro até hoje. Só que agora, é de um outro jeito, porque a Dona Marili não tá viva também.

Hoje chama Asilo São Gerônimo. Existe até hoje [...] mas funciona como uma creche mesmo pras mães que têm que deixar as crianças lá pra trabalhar. Então nós

fomos alfabetizados ali, mas já entramos sabendo ler e escrever. Pelo menos eu, Ângela e Leda, meus dois irmãos Carlos e Ruberson, eu não lembro se eles foram da época que eles pegavam pesado com a gente.

Então, tudo começou ali com o meu pai, e ele era uma pessoa, ele era muito bravo. Era muito mulherengo também, então minha mãe sofreu muito com ele. Então, eu até brinco que minha mãe é como se fosse o saco de pancadas dele. Tudo assim, ele nunca encostou, nunca bateu nela, mas ele humilhava ela muito com palavras.

Quando meu irmão mais novo nasceu, ele quase morreu e ela também. Então, minha mãe nunca mais teve saúde. Minha mãe era costureira da “alta sociedade” aqui de Santa Luzia. É porque toda cidade histórica também tem uma sociedade. Hierarquia. Que é até hoje. Mandam na cidade [...] Quando minha mãe morreu, ela não sabia dar uma barrinha mais numa calça porque ela foi ficando sem saúde. Quando minha mãe faleceu, aí que meu pai reconheceu o quanto que ela era valorosa. [...]

Eu sempre destaquei por causa dos meus irmãos. Por exemplo, assim, na escola. [...] na minha época, tinha que tirar dez. Era a nota máxima. A [minha] menor nota era nove e meio. Eu nunca precisei apanhar não, mas meus irmãos apanhavam demais. Eu lembro do meu pai batendo. Eu apanhei em algumas coisas sim mas é porque eu não sabia falar decor alguma coisa. [...] na escola eu destacava. Lembro quando eu fui pra quinta série. Tinha prova de seleção pra entrar no colégio. [...] Eu tirei o primeiro lugar no colégio todo. Nossa! Aquilo foi uma coisa pra família. Então, desde pequena eu venho destacando. Eu não gosto de falar isso, mas eu não posso negar. E aí a família toda tem essa coisa comigo, quando precisa de alguma coisa é: “Ai. Procura a Melita. A Melita deve saber. Ela que sabe. Melita deve saber”.

[...] Eu era uma pessoa muito triste. Detestava a noite. Quando eu voltava do trabalho eu já ficava dentro do quarto e ficava ali chorando. Foi aí que eu comecei a escrever mais. Porque eu já escrevia. Quando eu tinha namorado, eu escrevia muitas coisas pra ele. Às vezes coisa triste, às vezes coisa alegre. Sei lá. Nem lembro. [...] A mãe dele guarda até hoje. Isso deve ter uns trinta e cinco anos mais ou menos. A irmã dele falou que a mãe dele guarda. Mas outras coisas que eu escrevi também joguei fora. [...]

Quando eu fui trabalhar fora, eu continuava muito triste. E aí eu saía, mas aí divertia ali, mas aí voltava pra casa, aquela tristeza. Sabe quando a gente fala assim: Ah, tem um milhão de pessoas a sua volta, mas você é sozinha? Eu era assim, e eu

sou muito fechada até hoje. Quando eu falo assim, eu sou tímida. Ninguém acredita. Mas eu sou incapaz de chegar perto de uma pessoa. [...] Por isso que eu gosto de colocar tudo no papel. É mais fácil [...].

Como eu sempre tive facilidade de aprender as coisas, aí eu era líder de tudo. Eu falo que eu só não fui líder de homem, porque tem que ser homem pra trabalhar com homens. Na igreja eu sempre fui líder. Trabalhava muito com pessoas. Tinha que preparar estudos, essas coisas. [...] E tive a oportunidade de escrever muitas crônicas também, escrevi muito lá na igreja.

Na igreja foi que eu conheci meu ex-marido também. Com um ano e meio, menos de um ano e meio de namoro, a gente casou. [...] Na época eu ganhava mais que meu ex-marido, que ele era da polícia, como é até hoje, e eu não queria ficar parada. Foi quando eu comecei com aquela ideia do geladinho, que a gente aqui chama “chup-chup”. [...] Quando não tinha ninguém vendendo por perto, eu fazia os geladinhos diferentes, que eu não fazia só com o suco igual às outras pessoas, eu usava produto de sorvete. O pessoal comprava até mole sabe, não dava tempo de congelar. Então eu vendia muito. Aí eu falei assim, vamos fazer sorvete, botar “produtinho” de sorvete. Aí meu ex-marido comprou um freezer pequeno, comprou uma batedeira e aí eu comecei a fazer o sorvete. E foi mesmo aí que ele viu que a coisa podia render o meu dinheiro e aí ele começou a investir. Pegou um empréstimo para descontar no salário dele, no salário da polícia e pagou a primeira máquina da gente em quatro anos e eu sempre trabalhando em casa e trabalhando na igreja, que eu sempre falei que eu sou muito ativa mesmo, então eu fazia várias coisas. O tempo foi ficando mais escasso e a gente começou a trabalhar demais. A gente não tinha carro, mas aí começou a entrar dinheiro porque o negócio 'tava' dando certo. Então, meus meninos também já 'tavam' na escola, que eu já tinha outro filho também e todos os dois eram pequeninhos.

Mas aí, a questão do casamento. Quando a gente adquiriu o primeiro carro, aí já não foi mais a mesma coisa porque, infelizmente, eu mesma falo que foi o dinheiro que atrapalhou o nosso casamento porque aí ele já não era mais aquela pessoa simples de antes. [...] Ele ficou muito frio. Infelizmente, ele era muito mulherengo. Eu nem devia ter casado com ele, mas aí casei, sabendo que ele era assim.

Então, chegou... Nós tivemos nove anos juntos. Nos separamos uma primeira vez por causa de uma mulher também e aí nove meses depois [...] ele voltou. Vivemos mais um ano e pouco. Aí separamos mesmo. Então, foi que começou a minha luta.

Eu morava de aluguel, mas como eu não fui conseguindo pagar o aluguel, que eu fiquei sozinha com as crianças, então voltei pra casa do meu pai. E foi nessa época, uns dois ou três anos depois que eu já morava na casa do meu pai, que eu comprei um computador e tive a ideia do blog porque eu sempre pensava num negócio. Eu tinha muitos recortes de revista e eu colecionava aquelas revistas de negócio também, principalmente aquela “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”.

Eu tinha isso na cabeça. Só que eu nunca pensei em blog. Não sabia o que era blog, e só quando eu comprei, fiquei fuçando muito que eu descobri que eu podia fazer um blog. Veio a ideia do blog de ver, saber que tinham outras mulheres talvez do Brasil que poderiam tá na mesma situação que eu. Pelo Orkut eu comecei a conhecer algumas com situações idênticas à minha. Até questão de traição, mulheres que tinham ficado sozinhas, os pais abandonou os filhos. Era mais ou menos a mesma coisa.

Após a morte da minha mãe, ele [o pai] voltou pra roça, na cidade de Jabuticatuba, que é uma cidade vizinha daqui. [...] Eu tenho muito, um pouco, a ver com ele nessa questão de, às vezes, até o talento que eu herdei dele...essa questão de escrever. Como ele foi jornalista por quarenta anos, aqui na cidade, quando na época não havia assinatura de revista e tudo, ele era o único agente dos Diários Associados aqui da cidade. Então, ele entregava jornal com uma bicicleta “né” aquele montão de bicicleta, a gente era criança, a gente ajudava ele, às vezes, a levar, ele dava uns dez jornais pra gente levar, num lugar, em alguns lugares. [...]

Desde criança a gente ajudou ele. [...] Como ele trabalhou quarenta anos sem nunca tirar férias, porque não tinha jeito. Não tinha outra pessoa que entregava jornal na cidade naquela época. Como não tinha assinatura, era tudo anotadinho. Eu lembro que o [...] dinheiro ficava todo em casa, quando pagava. [...] Então eu lembro que a gente ficava ali fazendo a contabilidade, ou seja, ele deixava aquele monte de moeda e as cédulas, a gente que separava: os filhos e a mãe (a esposa). A gente que separava tudo pra ele e ele que fazia as contas tudinho pra pagar o [jornal] Estado de Minas [...].

Quando minha mãe faleceu, que aí eu já “tava” morando na casa dele, aí ele já foi embora pra esse lugar. E chegando lá, ele, deve ter uns... Está beirando uns dez anos que ele mora lá. Jabuticatuba. E lá, o vilarejo... Jabuticatuba é uma cidade, parece pequena, mas lá tem muita área verde. Então, a cidade, o pessoal pensa que é tipo assim: uma pracinha e a cidade ao redor da pracinha, mas não é. Esse é o

centro [...] Na zona rural tem muitos vilarejos. E ele mora num desses vilarejos chamado “Casa de Telhas”. Lá se chama “Casa de Telhas”, porque lá surgiu a primeira casa que tem telha [...] Então é aquele pessoal bem antigo mesmo que trabalha na roça, que planta. Embora se você for lá hoje você não acha, por exemplo, uma horta. Eu falo que tem luz lá hoje, mas lá só tem, por exemplo, uma mercearia, que eles chamam de venda até hoje. Tem um telefone só, o telefone público. E que, quando a gente quer falar com algum morador a gente liga, o dono da mercearia atende e manda chamar a pessoa. Celular tem que subir no morro pra pegar. Não é todos que pegam. Só falta a internet chegar lá, mas é meio difícil. Então é assim, o lugar é um paraíso, maravilhoso, tem rio tal, vai muitos turistas. Aí ele chegou lá e ele falou assim: “Gente esse negócio aqui tá muito parado. Eu vou inventar um jornalzinho”.

Ele chegou com essa ideia aqui em casa. Veio atrás de quem? Da Melita, porque ele sabia que eu gosto de escrever. Então ele começou assim fazendo... “Ah! Vamos começar escrevendo umas mensagens”. Chegou perto de alguns moradores que são uns vizinhos dele, e falou assim: “Ah, posso fazer uma piada com você?” E esse pessoal autorizava. Começamos a escrever algumas orações. “Como cidade de interior tem muitas festas religiosas, vamos colocar esses calendários religiosos, como se fosse jornalzinho de bairro mesmo, de escola”. Então ele começou, ele criou isso e a gente pegava a máquina de escrever que sempre teve lá em casa. Inclusive a gente ganhou, depois ganhamos mais uma de leitores dele. Começou a escrever isso e eram duas folhas A4 grampeadas. A gente datilografava e tirava “xerox”. São poucas cópias, só pra aquele vilarejo. Ele é que bancava. Aí ele foi e falou assim, vou ver se consigo alguém pra ajudar. Foi na fazenda no “Zé Bétio” e esse moço começou a ajudar. Acho que com vinte ou trinta reais. “Ah, vou te ajudar”. E aí a gente criou o anúncio dele e hoje são oito anos já que tem esse jornalzinho. Hoje tem doze páginas, o último jornalzinho... e é um jornalzinho mensal, porque a gente não tem condição pra fazer nem muitos exemplares. [...] o último teve quarenta e cinco anúncios que meu pai consegue [...]

A gente não corre atrás de mais nada. Hoje eles que escrevem, mandam e-mail pra gente, porque não está mais só em “Casa de Telhas” mais. Ah, inclusive [...] o jornal se chama “O Caditeense” porque como o pessoal de Minas já diminui as palavras e como lá é uma zona rural onde a gente fala roça mesmo, o pessoal do campo eles pensam assim... Se a gente perguntar alguém onde que você mora, ele fala eu moro em Caditeia e aí a gente pensou assim, quem mora em Caditeia é

“caditeense”, e aí ficou esse jornal. [...] O jornal chega em vários lugares lá, e da cidade mas não em todos os bairros, porque a gente não tem muita condição. Então, essa ideia surgiu dele “né”, de escrever isso e hoje eu chamo meu pai de jornalista da roça porque de jornaleiro ele virou jornalista e realmente, é um jornalzinho assim que, como o pessoal é da roça e da cidade. [...] Então acaba que, eu também escrevo nesse jornal, sou a redatora. Uma das coisas que o pessoal mais elogia é o editorial e algumas matérias.[...] Meu pai corre atrás da notícia também, por isso que ele tem oitenta e dois anos, mas ele não “parece”, porque ele é muito ativo, ele anda muito e daí ele corre atrás da notícia sim. Por exemplo, teve uma pessoa ilustre na cidade, ele procura a família daquela pessoa e a gente monta a história, a pessoa dá os dados e ele traz bem básico pra mim. Chega aqui eu monto a história da pessoa e a gente faz em capítulos. [...] E aí, a gente faz história de pessoas que já morreram que a gente chama de “História do nosso povo” e tem o: “Gente que faz” que é uma pessoa que “tá” viva, mas que fez alguma coisa de destaque, por exemplo, um comércio que é muito conhecido. [...]

Voltando ao blog também, tem o blog e têm o jornal. Eu tenho que me dividir entre os dois. Só que o jornal eu escrevo uma vez por mês, só que me toma bastante tempo também. Às vezes eu falo assim: Ai meu pai “ta” me tirando do sério, porque ele joga a responsabilidade toda pra cima de mim. Ele traz alguma coisa lá, por exemplo, ele traz escrito na linguagem dele, que como eu falei ele não teve muito estudo, aí algumas palavras eu tenho até que traduzir. Ele monta um texto, aí eu tenho que fazer consertar tudo direitinho de modo que as pessoas entendam também. Então assim, eu escrevo pras duas coisas também, pro jornal e pro blog.

Como dito anteriormente, o relato de vida de Melita Luzia Santos traz à tona alguns fragmentos de sua identidade. A ligação com a cidade natal, Santa Luzia, está para sempre registrado no seu segundo nome. Logo no início, a entrevistada se refere ao local de nascimento. Depois, cita as características peculiares aos espaços (a “Fonte da Intendência”, a escola em que ela foi alfabetizada - Asilo São Gerônimo, a casa da avó e do pai, o vilarejo Casa de Telhas). Acrescenta ainda que nasceu, cresceu e vive até hoje no mesmo bairro."

Terminada a gravação do relato de vida, durante uma longa caminhada pelo Centro Histórico de Santa Luzia, com ladeiras de paralelepípedo ladeadas por belos casarões de onde surgiam crianças curiosas nas janelas, Melita fez questão de mostrar a Fonte, a Mansão da Baronesa, o local onde era a casa da avó e a escola

de órfãos. O passeio, marcado por um tom de entrevista informal, evidenciou a forte ligação de Melita com os lugares da cidade.

Merece destaque, no relato, a construção de uma identidade ligada à escrita. Na infância, a cobrança severa por boas notas, em que a escrita surge como uma obrigatoriedade tanto por parte da escola quanto por pressão do pai jornalista. A imposição cede lugar à redação como forma de canalizar uma tristeza que, segundo Melita, tinha origem na “braveza” paterna. Em seguida, vieram as cartas endereçadas ao namorado e que permanecem preservadas até hoje pela mãe do rapaz. Com o trabalho na igreja, a escrita aparece no preparo dos estudos.

Desde pequeninha eu acho que com 4 ou 5 anos a gente não tinha ainda ido pra escola ... eu sou a mais velha dos cinco. Mas meu pai, veja como tudo começou com meu pai, ele mesmo não tendo estudo ele comprava antigamente tinha umas cartilhas que a gente falava. Então, ele começou a ensinar a gente em casa. [...] Ele fazia a gente escrever sabe, eu não lembro se eu ficava escrevendo sobre mim, acho que não. (APÊNDICE C, RESPOSTA 1)

Quando eu era criança eu escrevia muita cartinha pra uma tia que eu tinha no Rio de Janeiro. Talvez daí surgiu o hábito mesmo. Eu sempre quando ... deixa eu ver...com uns vinte e poucos anos quando eu me converti né, então, eu passei a ser quase que uma conselheira pras pessoas. Se tem alguém triste, eu sempre escrevo um recadinho ou uma carta...hoje pelo Facebook pela internet. Eu sempre fiz isso ... de escrever pras pessoas...então mesmo o blog que eu tenho hoje, muita gente fala “eu mudei o meu pensamento depois que você escreveu aquelas palavras. Então pra mim, eu melhoro. Se estiver triste, colocar ali no papel, eu já melhorei demais depois que eu coloquei no papel o que eu tava sentindo (APÊNDICE C, RESPOSTA 5)

[...] escrevia muitas coisas é, como eu era uma pessoa deprimida... por exemplo, eu trabalhava fora e quando eu chegava em casa (minha família toda fala isso até hoje) eu entrava para dentro do quarto e ficava lá chorando. Daí eu escrevia muito. Eu tinha um namorado que namorei quatro anos [...] EU ESCREVI UM CADERNO PRA ELE [...] Eu sei que a mãe dele, desse ex-namorado guarda tudo que eu escrevi até hoje [...] Eu penso assim: nossa deve ter muita coisa DE AMOR LÁ! mas deve ter muita coisa triste, coisa que nem eu tenho ela tem! Só que eu não tenho contato com essa pessoa mais. Mas eu tinha, não era esse tipo um diário não, igual muitas meninas, isso aconteceu no dia de hoje, DIÁRIO! Eu não tinha não, mas eu escrevi muuuta coisa, e quando eu me converti, porque eu assim, eu creio que, que Jesus mudou minha vida... é aí eu já não era triste mais! Eu, hoje eu sei lidar com, com a tristeza... né. Então, aí não sei porque joguei tudo fora! Hoje eu arrependo!... Sabe! Porque eu queria vê... aquele ali era a outra Melita,... mas não é?}am coisas boa não, eram só minhas tristeza mesmo que eu colocava no papel. (APÊNDICE C, resposta 7)

O pai retorna à cena, convidando-a para assumir a redação do jornal *O Caditeense*. Depois disso, em 2009, o *blog* Saída de Emergência fecha o ciclo ao possibilitar a Melita uma escrita pessoal de alcance global. Na virtualidade, ela divide

sua experiência com pessoas desempregadas ou mulheres que enfrentam situações semelhantes àquela vivenciada por ela no passado.

Geralmente agora eu só posso escrever lá pela meia noite porque durante o dia eu não tenho tempo mais e legal foi que [...] Os leitores foram acompanhando a criação do meu brechó, vendo que meu tempo foi ficando escasso, bom que eles foram vendo eu criando o meu próprio negócio, foi o que eu queria passar para eles, que gente pode ter um negócio dentro de casa, então no início eu postava todo o dia, era um diário mesmo, então agora hoje, as vezes eu fico mais de uma semana sem postar, aí eu mesmo vou lá, e agora não to com tempo, as vezes me falta inspiração mesmo, porque to preocupada com alguns negócio algumas coisas, aí vou ponho um texto de auto ajuda, ou as vezes falo assim, to sem assunto, mas quando vou ver escrevi uma postagem enorme, entendeu, então mas agora, Hoje, só consigo postar à noite, e não é todo dia mais por falta de tempo. (APÊNDICE C, resposta 15)

[na internet] A Mel é quase que uma celebridade, e aqui é... o pessoal como eu te falei, aqui em Minas a gente fala, "não põe, não bota fé na gente". Até os meus filhos mesmo. Às vezes, eles veem, por exemplo, até o caso de eu estar ganhando dinheiro com o blog hoje. Eu preciso da ajuda deles, e não, eles não tem força de vontade de me ajudar. Então, eu tenho que me virá sozinha. Com questão às outras pessoas, a família principalmente, eles sempre falavam assim: "Melita não sai do computadoroorrrr!"; "que que essa menina só fica fazendo no computador". Eu sempre falei assim: "ó, um dia vocês vão ver o fruto" [...] três anos depois tá dando fruto e muito, até financeiro. (APÊNDICE C, resposta 13)

Em termos de identidade linguística, foi possível identificar que a entrevistada aprecia o modo de falar do mineiro. Comenta o fato dos falantes suprimirem algumas palavras, encurtarem ou emendarem outras. Melita exemplifica: "[...] o jornal se chama "O Caditeense" porque como o pessoal de Minas já diminui as palavras [...] Se a gente perguntar alguém onde que você mora, ele fala eu moro em Caditeia e aí a gente pensou assim, quem mora em Caditeia é "caditeense", e aí ficou esse jornal". Além do encurtar das palavras que a entrevistada cita, muitas de frases de Melita abrigam outra particularidade, a supressão de termos: "na escola eu [me] destacava", "fiquei fuçando muito [até] que achei", "aí [eu] [me] divertia ali". Ponderando sobre estes modos de dizer, como não lembrar do trechinho do poema de Oswald de Andrade que citamos na página 39: "para telha dizem teia"?

A apreciação acima associou o relato pessoal, respostas do questionário e da entrevista em profundidade. Intentamos, dessa forma, reunir uma multiplicidade de elementos, ou fragmentos identitários, que fornecessem pistas para uma análise mais afinada dos textos que seguem no próximo tópico. Longe de imaginar que atingimos uma síntese do sujeito, acreditamos apenas que esta incursão foi indispensável, pois subsidiou muitas asserções que ousamos tecer mais adiante.

4.2.1 Melita Luzia Santos e Maria Carolina de Jesus

No início deste tópico enumeramos os fatores que motivaram a designação de Melita para o estudo. A proximidade ocasional entre as histórias de vida e de escrita das protagonistas Melita Luzia Santos e Carolina Maria de Jesus foi acolhida positivamente, principalmente agora que, antes de comparar blog e revista, tentamos estabelecer comparação entre as linguagens de ambas. Como Carolina é a matriz de linguagem marginal deste estudo, avaliamos agora em que medida a escrita das duas se aproxima ou se afasta. Vale enfatizar que Melita estudou até o segundo grau e Carolina até o segundo ano primário. Para realizar este exercício quanto à forma separamos trechos com temas similares em termos de conteúdo.

QUADRO 1

CAROLINA MARIA DE JESUS	MELITA LUZIA SANTOS
Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo. ...Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operários. (JESUS, 2010, p.29) Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. mas quem manifesta que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. (JESUS, 2010, p.37)	Portanto, as dicas deste blog não tem a finalidade de mostrar que uma pessoa pode ganhar "rios" de dinheiro da noite para o dia, mas, elas podem funcionar como "Saída de Emergência" num momento difícil. No desespero, muitas vezes não conseguimos ver que bem diante de nossos olhos, ou melhor, dentro da nossa casa está a solução, e por isso, vou tentar mostrar que existem grandes oportunidades para trabalhar a partir de nossa própria casa, muitas vezes com pouco ou quase nenhum capital, podendo até mesmo, um dia, estas atividades se tornarem o sustento da sua família. Espero que todo o conteúdo do blog seja de grande utilidade para vocês. (ANEXO C)

No Quadro 1, ambas falam de suas motivações de escrita. Elas pretendem, cada uma a seu modo, ajudar seja o favelado seja o internauta desempregado. Na comparação entre os textos, nota-se que Carolina imprime um ritmo mais rápido e direto através de frases curtas. Como dissemos no segundo capítulo, esta característica é muito particular à linguagem carolínea. Frases à queima roupa e diálogos rápidos. Carolina muda muito rapidamente de tema e, muitas vezes, promove rupturas de leitura que chegam a passar um tom duro ao discurso. Tais predicados da

escrita da favelada, certamente, são reflexo de uma rotina também dura de catadora. Da verdade que se agita no extra-conteúdo da escrita resulta uma narrativa fragmentada pela abundância de pontos.

Melita escreve frases extensas, repletas de vírgulas, que orquestram vários períodos intercalados. As sentenças conduzem a narrativa mais longe. O efeito parece ser de uma fala sem fôlego, levada pela emoção. Esta característica também é própria da fala de Melita, perceptível durante a entrevista em profundidade. Podemos acrescentar expressões muito características da blogueira como "ganhar rios de dinheiro da noite para o dia"; "passado já está morto e enterrado", e "não conseguimos ver que bem diante de nossos olhos". Essas são pistas de um jeito de falar e de escrever muito peculiar à sabedoria popular, ricamente povoada por ditados, chavões e frases feitas. Como foi possível observar no relato de vida transcrito anteriormente, Melita se mantém muito conectada com a cultura rural de origem, preocupada inclusive em resgatar, no jornal *O Caditeense*, as "histórias do nosso povo".

Na linguagem carolínea é perceptível uma tentativa de preciosismo, certamente influenciada pela leitura de obras literárias que ela encontrava em meio ao lixo que lhe provinha o sustento: "faço isto em prol dos outros". Esta expressão está antagonicamente misturada a outras mais naturalizadas, capazes de produzir sentenças como "Ha dias que não vinha policia aqui na favela, e hoje veio, porque o Julião deu no pai (2010, p.45)"; Outro exemplo desta mistura é a frase "Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para ajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais".

No quadro 2, logo abaixo, é perceptível identificar em Carolina um jogo constante entre uma linguagem mais característica do seu grupo social ("as roupas corava") e, logo em seguida, construções mais ornamentadas ("perguntou-me").

QUADRO 2

CAROLINA MARIA DE JESUS	MELITA LUZIA SANTOS
-------------------------	---------------------

Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: - O que escreve? Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. Ele disse: Escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão. (JESUS, 2010, p.23)	Em 2009 resolvi fazer este blog tendo como base a minha experiência de vida, pois foi por causa das dificuldades que tenho passado até hoje que eu tive que aprender a me virar. (ANEXO C)
--	---

No trecho acima está retratado um recurso habitual na obra de Carolina, os diálogos. Outra vez, localizamos a influência da literatura. Melita, por outro lado, prefere o texto corrido, inclusive sem recuos de parágrafos, o que é próprio da escrita na internet.

QUADRO 3

CAROLINA MARIA DE JESUS	MELITA LUZIA SANTOS
22/05/1958 Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. Eu não saí para arranjar dinheiro . Passei o dia escrevendo [...] Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorria as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi a lagrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. (JESUS, 2010, p.42)	16/11/2012 <u>A dor é inevitável. O sofrimento é opcional...</u> Olha só isso, amigos...que declaração mais linda do meu filho mais novo. Cada vez que eu leio, eu choro. Só para editar essa postagem, chorei 4 vezes, rrsrs. Queria muito que as coisas tivessem sido diferentes para nós, mas não foi. Então, é difícil aguentar tudo calada, amigos. [...] Não sofro pelo passado, pelas perdas, pq o passado já está morto e enterrado, e aqueles que nos prejudicaram já estão perdoados. Fico triste às vezes, pelo presente mesmo, pq é muito difícil conviver com o desprezo, de ver negado aos meus filhos o que por direito é deles. (ANEXO C)

No Quadro 3, a temática é mais emocional. Ambas falam das tristezas e, principalmente, da preocupação com o sofrimento imposto aos filhos. Na escrita de Carolina, duas palavras aparecem grafadas 'incorretamente': inconciente e deslizar. Considerando ainda a grafia, Melita, por sua vez, integra no seu texto peculiaridades do 'internetês', a linguagem abreviada da internet. São exemplos disso: pq, vc, rrsrs. Blogueira, ela se dirige ao internauta, chamando-o de amigo, o que promove um texto em tom dialogal. Carolina também fala com o leitor: "Eu prefiro empregar o meu

dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: Muito bem, Carolina!" (JESUS, 2010, p.74).

A exemplo do que abordamos teoricamente, é perceptível nos diários tanto de Carolina quanto de Melita, um desejo de escrita para além da literatura íntima. Elas desejam que suas experiências de vida, suas lágrimas, cóleras e sorrisos sejam lidos. Nesses dois trechos elas dividem com o leitor suas angústias cotidianas: "Foi lá que eu vi a lagrimas deslizar dos olhos dos pobres" e "cada vez que eu leio, eu choro. Só para editar essa postagem, chorei 4 vezes, rrsrs". Ao escreverem sobre si, elas lançam suas palavras ao outro lado da tela ou do papel. É perceptível o desejo de estabelecer um contato, promover uma escuta que acate a voz do diarista. Esta questão é abordada por Melita:

Eu escrevo... e eles voltam para agradecer. Tem algumas postagens que não têm nenhum comentário (muito difícil) mas tem umas que têm muitos comentários. Então, eles agradecem às vezes por uma palavra que eu deixei lá, que às vezes eu coloco textos para levantar a autoestima ou, então, que foi uma dica também. Eles voltam para agradecer, ou então pra tirar alguma dúvida. Então a importância é isso que eu vou, vou responder sempre. Eu sempre respondo a todos. Só no início do blog, aí eu não sei, quando que eu não sabia mexer [...] que eu sou bem leiga ainda. (APÊNDICE C, resposta 10)

Em termos de construção, as frases "queria muito que as coisas tivessem sido diferentes para nós, mas não foi" e "eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu" são muito parecidas. Poderíamos até arriscar que ambas poderiam ter sido escritas por Melita. Ou não, as duas poderiam ser de Carolina. Percebemos que, cada uma em sua época, traz para a linguagem escrita o sofrimento humano sob um viés particular.

Os modos de dizer de Carolina estão suturados à vida na favela, ao lixo catado de sol a sol e ao fantasma da fome. Os saberes cotidianos de Melita forjam palavras que abrigam vivências, alegres e tristes, dos lugares de pertencimento, seja do interior de Minas Gerais e seja da internet, território livre (de todos e de ninguém). Ambas colocam em pauta as opressões do 'mundo masculino' e o desafio de ser mãe e escritora no Brasil. Melita teve a felicidade de experimentar as virtudes da virtualidade nos anos 2000, uma época que propiciou a ela, debaixo de "um teto todo seu", falar de si para o mundo. Carolina, por estar num grande centro urbano, mesmo que na Favela, foi 'descoberta' por Audálio Dantas. Tão próximas e tão distantes, elas

se encontram aqui, no papel, para dar voz ao subalterno pelos não menos ásperos caminhos da pesquisa acadêmica.

4.3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS LINGUAGENS: MATÉRIA JORNALÍSTICA E PERFIL DO BLOG

Antes de estabelecer quaisquer reflexões quanto ao Blog ou à matéria jornalística, comparando-as, comentando-as, primamos por trazer a avaliação de Melita sobre ambas as produções textuais. Pautando-se nisso, este tópico se apresentará do seguinte modo: primeiramente, a reportagem é transcrita, seguida da avaliação pessoal da entrevistada sobre a escrita jornalística e as repercussões após publicação; depois, o texto do perfil do Blog é transcrito, seguido de uma apreciação efetuada por Melita. Somente num terceiro momento acontece a comparação entre as duas linguagens.

4.3.1 A matéria

A transcrição abaixo traz a íntegra do trecho redigido em primeira pessoa na reportagem de Melita Luzia Santos, inclusive o cabeçalho identificador. A página com imagens e texto complementar “da Redação” pode ser encontrado no Anexo B.

Editoria: Superação
Reportagem: Helena Dias

Título:
 Divorciada, criei estratégias para sair do sufoco

Subtítulo:
 Fiz geladinhos, artesanato e abri um brechó. Com minhas saídas de emergência consegui criar meus filhos e levar uma vida digna. Ensino quem precisa!

Entrevistada:
 Melita Luzia Santos (49 anos, autônoma, Belo Horizonte, MG)

Texto da reportagem:
 Há fases na vida em que bate o desespero. Parece que as portas se fecham. A gente se vê sem saída e aí vem a sensação de que só nos resta sentar e chorar. Isso aconteceu comigo há nove anos, quando me divorciei. Desempregada e sem preparo para o mercado de trabalho, estava com 40 anos, duas crianças para criar e não podia pagar uma babá. A pensão alimentícia que eu recebia do meu ex mal pagava a comida do mês. Para piorar, eu tinha levado à falência o único ganha pão que o meu marido me deixou: uma sorveteria. Eu me perguntava: E agora? Precisava de uma saída de emergência! Urgente!

Parei para pensar e resolvi investir em algo que eu pudesse fazer sem sair de casa. Sou péssima administradora, mas fui eu que comecei o negócio da sorveteria, fazendo geladinhos. E, naquele momento, sozinha voltei a produzi-los. Também passei a fazer artesanatos simples, como sabonetes e lembrancinhas para festas, que eu vendia para conhecidos. E deu certo! Consegui bancar as necessidades básicas dos meus filhos sem entrar no vermelho.

Meus trabalhos não me deixaram rica, mas me fizeram enxergar que SEMPRE existem soluções para sairmos do sufoco. E é por acreditar nisso que compartilho minhas experiências no blog saída de emergencia.blogspot.com. Meu objetivo é ajudar outras mulheres a encontrar uma luz no fim do túnel. Para tudo se dá um jeito!

Perdi o marido, meu negócio faliu e fiquei sem emprego

Me casei aos 27 anos. Fui compradora em uma empresa até meu filho Isaac nascer. Depois, parei de trabalhar. Meu marido era militar e nos sustentava. Mas como eu queria ter meu próprio dinheiro, vendia geladinhos da janela do meu quarto. O negócio fez sucesso. Meu marido viu ali uma oportunidade e montamos uma sorveteria. Em pouco tempo, inauguramos a segunda. Eu cuidava da produção dos sorvetes e do atendimento ao público. O dinheiro era com ele.

Com o fim do meu casamento de 12 anos, cada um ficou com uma sorveteria. Nossa casa era alugada. Fui morar com meu pai levando meus dois filhos. Mas no ano seguinte, 2002, descobri que não levava jeito para administrar. Acabei gastando mais do que entrava e tive de fechar a sorveteria. Foi aí que me vi sem chão, com meus meninos de 7 e 10 anos para criar.

No desespero, voltei a fazer e vender geladinhos

Cheguei a passar necessidade. Atingi o fundo do poço quando uma amiga minha apareceu de surpresa para almoçar. Eu não tinha nada na geladeira! Fiquei com vergonha e desabei. Naquele mesmo dia, resolvi que precisava tomar uma atitude. E se faltasse comida para os meus filhos? Nem pensar! Me pus a fazer geladinhos e meus sabonetes e sachês artesanais. Comentei o negócio com meus conhecidos e coloquei uma placa no muro da casa do meu pai. No primeiro mês consegui pagar uma conta de luz com o dinheiro que ganhei numa encomenda de lembrancinhas para festa. Também comecei a anotar em um caderninho todos os meus gastos do mês. Assim, fiquei mais organizada. E meu negócio foi capaz de manter. Apreendi a me virar com R\$1000,00 por mês. Não é uma fortuna, mas consigo pagar a comida e outras necessidades básicas da minha família.

Meu filho mais velho já é técnico em eletrônica

Vivo dos meus negócios há nove anos. E diversifiquei minhas saídas de emergência. Além dos geladinhos, passei a trabalhar com sorvetes caseiros e doces. Apreendi a fazer velas decorativas e aproveitei a onda da reciclagem para criar várias peças, de arranjos de cabelo a porta-trecos. E o mais legal: abri um brechó de roupas usadas em um cômodo da casa de meu pai, onde vivo com meus filhos. Desde 2008, vendo roupas usadas a preços bem acessíveis. É um sucesso!

Graças aos meus negócios, meus filhos puderam ter uma infância e uma adolescência dignas. O mais velho, de 20 anos, já se formou no curso técnico de eletrônica e o mais novo, de 17, acabou de terminar o ensino médio. Eles trabalham fora e ajudam em casa.

Ajudo outras mulheres a sair do sufoco com ideias do meu blog

Há cerca de três anos, consegui comprar um computador. Assim, descobri o mundo da internet e quis compartilhar minha experiência. Mostrar saídas para outras pessoas é uma satisfação para mim. No meu blog, publico soluções que já testei e outras pesquiso na internet.

Minha especialidade é dar ideias para quem quer vender ou oferecer um serviço sem sair de casa. E as internautas adoram! Me emocionei quando recebi o email de uma leitora que tem um filho bebê e o marido está desempregado. Ela fez meus geladinhos e conseguiu botar comida em casa!

É gratificante ser um exemplo para outras mulheres. No ano passado, meu blog foi eleito como um dos 30 melhores do Brasil no concurso Topblog. Adivinha em qual categoria fui selecionada? A de empreendedorismo! Hoje digo sem medo: só passa sufoco quem quer! Sempre existe uma saída de emergência. (SOU MAIS EU, 2011, Ed. 324, p.24-25)

4.3.1.1 Melita avalia sobre a matéria jornalística

As leitoras que desejam ter suas histórias publicadas mandam email, carta e ou podem realizar um cadastro no site onde podem se tornar colaboradoras frequentes. No caso de Melita Luzia Santos, o caminho entre o contato e a matéria foi diferenciado. Ela relata que:

[...] Já era leitora da revista. Porque tenho o hábito de ler e gostava das histórias reais, principalmente as de superação e de negócios. Eu já tinha escrito sim para a revista há anos atrás, mas nunca obtive retorno. A repórter Helena Dias, ao me encontrar no Orkut, estava procurando uma pessoa com um negócio de sucesso, e ao me convidar eu esclareci para ela que eu não tinha ainda um negócio de sucesso, (eu já tinha tido) mas que eu tinha uma história de superação. Então, ela apresentou minha história à redatora chefe e depois de uma reunião decidiram pela matéria comigo. (APÊNDICE A, RESPOSTA 2)

Helena me enviou umas perguntas, eu respondi e ela montou um texto. Antes de publicar, me telefonou e leu para mim para minha aprovação. Me orientou quanto às fotos. Leu para mim o texto editado para eu aprovar. (APÊNDICE A, RESPOSTA 5)

Como abordamos anteriormente, ao conferir uma visibilidade midiática fugaz às suas "leitoras-protagonistas-colaboradoras", a revista promove uma espécie de experiência do espetáculo. A repercussão das matérias e comentários das participantes e de leitoras aparecem, em todas as edições, na página 2. Melita aborda a repercussão da reportagem em sua vida:

Com os meus leitores e amigos virtuais foi um sucesso. Na ocasião, cheguei a ser convidada por um programa de televisão para ser entrevistada, mas quando eu disse que era de Minas Gerais, eles desistiram pois só chamavam pessoas de São Paulo. Já na minha cidade, pouquíssimas pessoas ficaram sabendo, inclusive consegui comprar apenas 5 revistas pois as bancas não recebiam mais do que isso. Tive que ir em Belo Horizonte e foi muito difícil conseguir mais dez exemplares. Até comentei com elas depois, a Helena e a Marcela, dizendo que é muito difícil conseguir a Sou Mais Eu aqui em Minas Gerais. E as pessoas não ficaram sabendo porque não fiz alarde, sou uma

pessoa simples. Só os conhecidos e familiares é que tiveram acesso à revista. (APÊNDICE A, Resposta 12)

Posteriormente, a matéria de Melita ganhou três outras notinhas na página de comentários.

Ainda saíram mais três notinhas em exemplares posteriores sobre a minha matéria. Uma na edição seguinte, uma um ano depois (eles me ligaram pedindo autorização), mas em 2012, por acaso, descobri que havia saído mais uma nota acerca da minha matéria. Uma amiga leitora da revista, comprou o exemplar e postou no Orkut para mim.

Eu fiquei surpresa e detestei a publicação, primeiro por não ter sido comunicada e por ter sido um depoimento falso que poderia me prejudicar. Não consegui comprar um exemplar e pedi à minha amiga de São Paulo, que escaneasse a página e enviasse para mim. O texto que me chateou muito dizia o seguinte: “não pára de crescer o número de visitantes do meu blog onde “divido com minhas leitoras as delícias e dificuldades da vida de solteira e mãe de duas crianças” e também “hoje sou convidada para dar entrevistas em programas de televisão e sou homenageada em blogs”. Estou me sentindo o máximo”. _Esta primeira parte, mexeu muito comigo, me chateou mesmo, pois como eu disse à redatora chefe, se alguém da minha cidade que me conhece lesse um texto deste, imaginaria que eu estivesse tendo uma vida de prazeres ilícitos. Até brinquei com ela dizendo que eles me fizeram sentir uma “quenga” que era uma mania nacional falar assim, pois na época estava sendo transmitida a novela Gabriela. Disse a ela que eu não tinha duas crianças em casa, eu tinha dois rapazes já de 19 e 22 anos e que eu não estava sendo convidada para programa nenhum de televisão e recebi apenas uma homenagem num blog do Japão, o “Brasileira, sim Senhor”.

Eu achei, nessa ocasião, que eles erraram demais comigo. Deveriam ter RELIDO a matéria original e prestado atenção que já tinham se passado 11 anos depois que me divorciei e que meus filhos tinham crescido. O fato de falarem que eu estava dividindo as “delícias da vida de solteira” foi horrível, pois sou evangélica e sou uma mulher de respeito, não só na minha cidade, mas com os meus leitores. Depois de um ano da publicação da matéria, eu poderia estar até casada, não é verdade? E aí, como ficaria essa expressão quando o meu marido, se existisse, lesse uma coisa dessas? Expus tudo isso para ela e pedi uma retratação na edição seguinte. E ela simplesmente me disse que eu era uma leitora que nunca tinha dado problema para eles e que a revista nem estava em circulação mais, pois era semanal, e nessa altura, já tinha acabado. Então, eu disse a ela que perdoava, e que eles poderiam ficar sossegados porque sou da paz, mas que tivessem mais cuidado com as suas publicações, pois eu não entraria na justiça com um processo contra eles, mas outra pessoa talvez sim, e até afirmei que sabia de alguns processos contra a revista, pois pesquisei na internet e descobri.

Indagada sobre se seu texto poderia/deveria ser publicado sem edições Melita responde:

No meu caso sim! Porque creio que eu sei escrever bem! Mas se fosse outra pessoa que não tem habilidade para escrever, aí com certeza, mas sem mudança na história porque você substituir palavras sem mudar o conteúdo não é verdade. (APÊNDICE B, Resposta 51)

Questionada sobre a duplicidade de nomes próprios no cabeçalho da matéria, e a possibilidade de um conflito de identidade de escrita, Melita responde:

Eu acho que fica meio detupardo porque fica parecendo que foi a repórter que escreveu. [...] Então poderia ser igual a você falou. Ela falar, Melita me relatou que ela fazia isso e aquilo. Então é fica parecendo mesmo que, que não é a pessoa, foi uma história montada. [...] a Sou mais Eu falha, eu acho que falha nisso, porque fica parecendo que não é a gente que está falando. (APÊNDICE B, RESPOSTA 34).

Melita explicita o impacto de algumas incoerências do texto, que, segundo ela, não refletem o que foi dito à reportagem:

[...] Essa frase mesmo falando que eu sou péssima administradora. [...] Ninguém precisava falar. Eu não gostei mesmo porque eu não falei isso. Eu falei que eu não sabia administrar [...] outra coisa que ela colocou que eu fali o negócio que o meu marido tinha deixado para mim. [...] Então se eu venho por exemplo de uma separação, que foi uma coisa difícil de superar. Os problemas todos meus vieram disso. Eu coloquei para ela: eu fiquei com uma sorveteria e ele com outra, não ele que deixou aquilo. Foi uma partilha por causa do divórcio. Não foi ele que me deu. [...] Ela colocou como eu fali um negócio que o meu marido me deixou! Então, poderia me prejudicar, talvez até me prejudicou. Eu que não ligo muito para essas coisas. (APÊNDICE B, RESPOSTA 36).

4.3.2 O texto do perfil do *blog*

A transcrição abaixo traz a íntegra do trecho redigido em primeira pessoa no link perfil do *blog* “Saída de Emergência”.

Meu nome é Melita, mas podem me chamar de Mell. Tenho 51 anos, sou dona-de-casa, divorciada, Microempreendedora Individual e tenho dois filhos que são a minha alegria de viver. Em 2009 resolvi fazer este blog tendo como base a minha experiência de vida, pois foi por causa das dificuldades que tenho passado até hoje que eu tive que aprender a me virar. A idade e a experiência (mesmo tendo) não colaboraram para que eu conseguisse um emprego fixo, e pensão alimentícia (quando havia) mal dava para os alimentos. Enfim, eu não sou ex-mulher de nenhum famoso jogador de futebol, apesar do "ex" ter se dado bem na vida e me deixado sozinha com dois filhos pequenos. Assim, me tornei uma "pãe" (pai e mãe), e além de cuidar deles, teria que trabalhar. Sem solução, tive que me virar sozinha e há cerca de doze anos venho me desdobrando para criar, educar e ajudar no sustento dos dois homens da minha vida. O que você faria se tivesse que viver tempos de vacas magras? Se precisasse trabalhar e não pudesse sair de casa? Por causa disso enfrentei momentos de desespero, angústia, ansiedade e profunda depressão, mas teve que haver uma saída para mim, e eu lhe digo que para você que enfrenta situação parecida, também há. Entitulei o blog de "SAÍDA DE EMERGÊNCIA" porque tive que descobrir que meu sustento tinha que sair de dentro da minha casa pois precisava cuidar dos meus meninos. Não, não fiquei rica! E nem quero, porque o dinheiro acabou com o meu lar! Sei muito bem que dinheiro ajuda, mas não sabendo usá-lo, traz infelicidade. O dinheiro compra a cama, mas não paga o sono.

Faço de tudo um pouco e nunca fiquei parada. Como o emprego fixo se tornou difícil, me virei como pude com meus "bicos" até me tornar dona do meu próprio negócio. O que ganho pode ser pouco, mas é justo. Aprendi a administrar. Ganho meu dinheiro honestamente e o melhor, dentro da minha casa, tudo formalizado e assim posso cuidar melhor dos meus (agora) rapazes! Depois destes anos todos cuidando deles sozinha e sempre trabalhando, agora estamos na fase do quadro se inverter e meus filhos passando a ser responsáveis pelas nossas despesas, mas assim mesmo continuo ajudando com meu negócio próprio. Portanto, as dicas deste blog não tem a finalidade de mostrar que uma pessoa pode ganhar "rios" de dinheiro da noite para o dia, mas, elas podem funcionar como "Saída de Emergência" num momento difícil. No desespero, muitas vezes não conseguimos ver que bem diante de nossos olhos, ou melhor, dentro da nossa casa está a solução, e por isso, vou tentar mostrar que existem grandes oportunidades para trabalhar a partir de nossa própria casa, muitas vezes com pouco ou quase nenhum capital, podendo até mesmo, um dia, estas atividades se tornarem o sustento da sua família. Espero que todo o conteúdo do blog seja de grande utilidade para vocês. (ANEXO C)

4.3.2.1 Melita avalia o papel do blog em sua vida

A partir da constatação teórica sobre o diário virtual enquanto gênero de escrita autobiográfica, que permite a autopublicação da vida infame longe das implicações ideológicas, econômicas e linguísticas do mercado editorial, foi formulada a seguinte pergunta: "Você que está escrevendo a sua história de vida na internet?" Ao que Melita respondeu:

Com certeza, porque mesmo eu não postando diariamente mais porque eu sempre coloco aonde vou, o que tem acontecido, se eu estou triste ou se estou alegre, se eu obtive uma vitória. Como eu falei, os leitores foram acompanhando, eu mesmo criando meu próprio negócio que hoje já é próprio. Até a questão do microempreendedor porque eu quero ai quem dera... Se todo mundo entendesse que é tão fácil ir lá e se transformar um microempreendedor individual. Eu fiz até acho que foi quatro capítulos e eu coloquei "A Saga" porque foi tão difícil. É fácil, mas aqui no caso da minha cidade foi difícil porque a prefeitura mesmo não colabora com uma coisa que eu tô vendo. Então assim, eu creio sim porque é a história da minha vida. (APÊNDICE B, Resposta 53)

Você acredita que sem a internet a sua história de vida chegaria a tantas pessoas no Brasil e no mundo?

Nossa com certeza! Com certeza, porque [...] não é só no Brasil, tem várias pessoas de outros países que escrevem pra mim, e às vezes a gente acha que a coisa tá difícil só no Brasil, porque to falando no caso do blog porque, que são dicas pra trabalha em casa, pra pessoas que não tão conseguindo emprego, então aqui em Santa Luzia mesmo por exemplo, eu fico com vontade de ir lá no Facebook e colocar assim, é os jornais de santa Luzia não dão valor ao Santo de casa, e vem uma lá do Paraná pra dar, entendeu, porque eu mesma já entrei em contato com um dos jornais daqui e eles nunca me procuraram... entendeu, pra mostrar porque assim eu não to ali querendo mostrar que eu escrevo, eu to querendo ajudar as pessoas, mas é através do blog e o objetivo é sair da internet também, que esta prestes a acontecer

isto, mais aí tudo pelos meu méritos porque eu não tenho ninguém pra ajudar. (APÊNDICE B, Resposta 18)

O papel da internet na abertura de espaços de escrita e publicação para sujeitos midiaticamente e socialmente periféricos recebeu um tratamento enfático nas abordagens teóricas. A questão foi lançada à entrevistada da seguinte forma: Você acredita que sem a internet pessoas de baixa renda teriam outros espaços na imprensa, na mídia com um todo?

Não, é muito difícil. [...] Não vejo solução não. [...] Igual a eu mesma. Não procurei um **jornal** da cidade? Porque eu queria expor uma coisa. Eu sou uma pessoa, tem várias outras pessoas aí, que têm talento que se mostrou [...] A internet é como se fosse uma praça, todo mundo tá vendo. [Grifos nossos. Os trechos em negritos correspondem às ênfases de voz verificáveis na gravação da entrevista] (APÊNDICE B, Resposta 19)

Quando a pergunta é sobre o papel do Blog na sua vida, Melita tateia palavras e responde com lágrimas nos olhos:

Agora você me pegou. Hum... aí meu Pai! Como é que eu vou responder isso? Ai, pra mim é tão **importante**, porque como eu te falei eu tenho vontade de escrever um livro desde criança, desde pequena, quando eu descobri esse mundo da escrita, e eu tenho facilidade de escrever porque eu lia muito, eu leio muito, hoje eu não leio muitos livros porque tem a facilidade da internet, até um livro a gente encontra na internet eu posso baixar, então tem muita informação, é a eu falo pras pessoas que elas me procuram porque eu sou muito informada, eu queria que todo mundo fosse assim, então assim pra mim tem um papel muito importante porque eu sinto que ele é o **meu livro!** quando eu comprei o computador eu falei assim, não agora eu vou escrever um blog, que eu nem sabia que existia blog né, que como eu falei eu sou muito leiga mesmo, então eu falei, esse aqui vai, vai é como se eu estivesse escrevendo o meu livro, e se Deus quiser ele vai virar um livro. [Grifos nossos. Os trechos em negritos correspondem às ênfases de voz verificáveis na gravação da entrevista] (APÊNDICE B, Resposta 17)

A internet é um divisor de águas na história da comunicação. Transformou o diário íntimo, tornando-o público e publicável. Certamente, para os 'autores menores da nova mídia' existe, certamente, um antes e um depois, revolucionariamente diferentes. Ponderando sobre esta questão, foi elaborada a seguinte questão: Existe uma Melita antes do blog e outra depois?

Ah. Com certeza. Veja quando eu comecei a escrever o blog, acho que três anos atrás, eu tinha **muito** mais lutas do que hoje, só que eu já tinha vencido algumas né, então isso me deu mais animo pra escrever pra ajudar as outras mulheres, que no caso no início era só para as mães sozinhas. Eu convivendo com os leitores, mesmo pela internet, que são poucos os que assim que eu

conversei por telefone, então, é mais pela internet mesmo! Então, fui vendo o quanto que eu tinha pra pôr para fora mesmo. [...] (APÊNDICE B, Resposta 23)

As respostas de Melita, na simplicidade da fala do sujeito comum, alinham-se às incursões teóricas que exigiram conexões complexas enredadas pelas exigências de uma escrita acadêmica. O campo e o sujeito real confirmaram as reflexões sobre a escrita de si, constante no terceiro capítulo e a aspiração de saída da massa indiferenciada e infausta, abordada a partir de Foucault. Reportamos aqui palavras de uma vida que sonha publicar um livro, dividir tristezas e alegrias e falar com outro.

Clara também é a insatisfação com a edição textual que acabou por representá-la de modo diverso às expectativas que fomentaram o contato com a revista. Melita não se vê representada legitimamente na reportagem e se desagrada com as manobras de imagem ocorridas nas notas publicadas posteriormente. Por outro lado, o blog tem um papel decisivo em sua vida e encontra eco nas suas ânsias de escrita, de ajudar mulheres em condição similar e de manter contato com outras pessoas.

É importante a reflexão sobre a especificidade dos resultados obtidos. Se a entrevistada fosse outra, poderíamos obter outros achados. Não há como afirmar sem riscos que a insatisfação com a representação é uma reação predominante entre as entrevistadas, mas é um resultado possível quando falamos em mediação, seja ela qual for.

Depois de exposta a visão de Melita, no próximo tópico é realizada a análise comparativa, que configura o objetivo final desta pesquisa.

4.3.3 Análise comparativa do blog e da matéria

Para a materialização da análise comparativa, a partir das transcrições integrais supracitadas (matéria: p.145 e blog: p.149), foram selecionados segmentos narrativos similares.

O objetivo é comparar as linguagens sem realizar uma análise linguística aprofundada, contudo, trazemos um ou outro elemento de pontuação e ortografia, considerando-os na medida em que eles refletem maneiras próprias de cada indivíduo se expressar. Está em pauta, portanto, a identificação dos modos de dizer particulares a cada enunciador e as características de escrita que revelem singularidades ou abriguem vestígios de uma vivência social.

O estudo considera a linguagem jornalística a partir da modalidade de transcrição apontada por Lejeune como ‘elaboração literária’. Às comparações diretas sobre ambas as linguagens são acrescentadas respostas tanto do questionário quanto da entrevista em profundidade.

QUADRO 4

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Melita Luzia Santos (49 anos, autônoma, Belo Horizonte, MG) (ANEXO A)	Meu nome é Melita, mas podem me chamar de Mell. Tenho 51 anos, sou dona-de-casa, divorciada, Microempreendedora Individual e tenho dois filhos que são a minha alegria de viver. (ANEXO B)

O Quadro 4 traz a abertura da reportagem e do texto do perfil. O primeiro trecho é formatado de acordo com o padrão de diagramação, em que todas as entrevistadas são identificadas por um cabeçalho que contém nome, idade, profissão, cidade e Estado. Chama a atenção o fato do nome da cidade estar equivocado, no lugar de Santa Luzia, região metropolitana de Minas Gerais, está a capital Belo Horizonte. A partir do relato de vida de Melita, em que fica claro o apego à cidade, ao bairro e aos vilarejos que a cercam, é plausível afirmar que ela jamais cometeria este erro se estivesse à frente do texto. Mais que mero lapso, para Melita isso impacta diretamente na sua identidade. Quando questionada sobre a questão ela responde: "algumas coisas eu não concordei, porque teve algumas mudanças no que eu escrevi.

(APÊNDICE C, RESPOSTA 30, p.151). Tanto no questionário, aplicado em maio de 2013, quanto na entrevista em profundidade, ela demonstra descontentamento:

O fato da Helena [jornalista da Revista Sou Mais Eu] “LER” pelo telefone o texto dela com a minha história, me fez perder a atenção em alguns pontos e aí algumas coisas saíram erradas na matéria. Por exemplo, saiu errado o nome da minha cidade, pois eu não moro em Belo Horizonte, moro na região da Grande BH, cidade histórica Santa Luzia. (APÊNDICE A, RESPOSTA 11)

Algumas coisas foram deturpadas [...] há coisas mínimas por exemplo o nome da cidade foi trocado. Mas não sei porque o pessoal de fora, não considera Santa Luzia como cidade pensa que é bairro de Belo Horizonte. Foi colocado Belo Horizonte. São coisas mínimas, mas pra gente que mora na cidade [...] (APÊNDICE B, RESPOSTA 30).

Ainda sobre o Quadro 4, é possível identificar que o modo de identificação inicial no Blog é intimista. A blogueira inicia o texto com seu apelido, deixando de lado sobrenome. "Meu nome é Melita, mas podem me chamar de Mell". Ela continua: "tenho 51 anos, sou dona-de-casa, divorciada, microempreendedora Individual" enquanto na revista ela é apresentada sinteticamente como autônoma. O fato dela se colocar primeiramente como dona-de-casa é de suma importância para a continuidade do relato de vida porque foi a partir da necessidade de permanecer em casa que ela reconduziu sua vida depois do divórcio. Foi pelo fato de estar 'sob um teto todo seu' que ela pôde criar seus filhos, comprar um computador e escrever seus textos tanto para o *blog* quanto para o jornal.

Outro fator importante no texto do *blog* é que os dois filhos no início do relato, o que não acontece na revista. A leitura de outras postagens revela que os filhos vêm em primeiro lugar para ela e, geralmente, figuram no início dos textos. Disso podemos entender que quando Melita fala por si a casa e os filhos fazem parte da introdução: "tenho dois filhos que são a minha alegria de viver". Durante a entrevista em profundidade, antes da gravação da entrevista, ela disse: "Entre. Entre. É aqui que eu moro com meus meninos. Nesse cantinho [logo ao lado da porta] é que eu escrevo pro meu *blog*".

QUADRO 5

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Há fases na vida em que bate o desespero. Parece que as portas se fecham. A gente se vê sem saída e aí vem a sensação de que só nos resta sentar e	[...] enfrentei momentos de desespero, angústia, ansiedade e profunda depressão, mas teve que haver uma saída para mim, e eu lhe digo que para você que enfrenta situação

chorar. Isso aconteceu comigo há nove anos, quando me divorciei. (ANEXO B)	parecida, também há. [...] Enfim, eu não sou ex-mulher de nenhum famoso jogador de futebol, apesar do "ex" ter se dado bem na vida e me deixado sozinha com dois filhos pequenos. (ANEXO C)
--	---

O desespero é o tema do Quadro 5. A comparação entre as duas modalidades de escrita revela, por parte da revista, frases curtas e diretas "Há fases na vida em que bate o desespero. Parece que as portas se fecham. A gente se vê sem saída e aí vem a sensação de que só nos resta sentar e chorar". Quando Melita aborda este mesmo tema no *blog* as expressões "há fases na vida" (que a colocam longe do acontecimento) e da referência à terceira pessoa do plural em "só nos resta" dão lugar a uma linguagem mais viva em que o uso da 'primeira pessoa do singular' confere uma sensação de envolvimento direto, de sofrimento real. Vejamos: Melita diz "[...] enfrentei momentos de desespero, angústia, ansiedade e profunda depressão, mas teve que haver uma saída para mim, e eu lhe digo que para você que enfrenta situação parecida, também há. [...]" Enquanto na revista o relato é mais distanciado e fragmento por frases curtas, o texto virtual é mais oralizado e longo. Há uma conversa com o leitor, o que não acontece na linguagem jornalística que a inclui em primeira pessoa, de modo complementar, no fim do parágrafo: "Isso aconteceu comigo há nove anos, quando me divorciei". Ainda na comparação desses trechos, o divórcio também aparece de forma muito parcial e afetiva no relato de Melita: "Enfim, eu não sou ex-mulher de nenhum famoso jogador de futebol, apesar do 'ex' ter se dado bem na vida e me deixado sozinha com dois filhos pequenos". Na reportagem o divórcio surge de forma mais objetiva: "Isso aconteceu comigo há nove anos, quando me divorciei".

QUADRO 6

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Eu me perguntava: E agora? Precisava de uma saída de emergência! Urgente! (ANEXO B)	O que você faria se tivesse que viver tempos de vacas magras? Se precisasse trabalhar e não pudesse sair de casa? (ANEXO C)

O sexto quadro apresenta as dúvidas que surgiram com o divórcio. Na matéria jornalística a questão se apresenta da seguinte forma: "Eu me perguntava: E agora? Precisava de uma saída de emergência! Urgente!". Novamente percebemos as

sentenças curtas, inclusive de uma palavra só, característica que não se repete na linguagem de Melita. Outro recurso de pontuação que não pertence à escrita da entrevistada é o uso de dois pontos. Na reportagem, as perguntas são introspectivas enquanto no *blog* elas são lançadas ao leitor, o que explicita a necessidade de engajá-lo, de aproximá-lo do relato: "O que você faria se tivesse que viver tempos de vacas magras? Se precisasse trabalhar e não pudesse sair de casa?". A vontade de contar sua história, de falar para pessoas que vivem uma história similar à dela, parece ser a motivação de escrita no *blog*:

[...] hoje eu sei que tem muitas leitoras que vivem mais ou menos o que eu vivi, porque o blog inicialmente ele foi escrito, o objetivo era pras mães, que não, que tinham filhos pequenos, eram sozinhas e não podiam sair pra trabalhar, mas hoje a maioria dos leitores são desempregados! Então, é, ele pode trabalhar fora mas ele não consegue uma vaga no mercado de trabalho, então tudo o que eu falo lá é mais voltado pra eles mesmo! Mesmo que seja, porque tem muitos pais por exemplo, que está desempregado, ai eles escrevem, "Mel eu preciso de socorro" eles fazem assim comigo mesmo... é ai eu falo aquilo as vezes é, e alguma coisa, que eu to passando uma luta e eu volto, ai vai um pai de família entra no comentário e fala alguma coisa, né e até no comentário ou na postagem mesmo, eu vou usa aquela, aquela situação minha pra ajudar eles, porque eu sempre mostro que vou dar a volta por cima, que eles podem também! (APÊNDICE B, RESPOSTA 12)

O uso da expressão "vacas magras" também é um empréstimo da linguagem oral popular. Tais empréstimos, muito próprios do texto de Melita, não aparecem na revista. Sobre a linguagem do *blog*, ela comenta:

[...] só os leitores da revista que acessaram o blog ficaram vendo que eu falo desse jeito e que eu escrevo desse jeito, mas na Revista não passou isso não. (APÊNDICE B, RESPOSTA 35)

Lógico que não são todas as postagens que eu escrevo assim (ocê, procê), (meus amor) porque é o jeitinho mineiro, que a gente fala, então eu sempre começo (Oi meus amô!) [...] então assim, é o jeito que eu converso [...] mineiro tem até a mania de cortar as palavras pelo meio e diminuir tudo, *ligusim*, *bunitin*. Então eu sempre coloco assim. (APÊNDICE B, RESPOSTA 14)

[...] porque no blog foi eu que escrevi que falei mesmo e na Revista teve...ela colocou lá com as palavras dela. Embora passou lógico, passou muita coisa. Mas [...] às vezes uma mudançazinha já mudou alguma coisa. (APÊNDICE B, RESPOSTA 44)

[...] Mas é não tem nada a ver do jeito de eu falar porque o nosso sotaque é assim,. Entendeu? Então, não é que eu estou escrevendo errado...É a cultura. Não é um erro de português. (APÊNDICE C, RESPOSTA 47)

QUADRO 7

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
---------------------	--------------------------

Me emocionei quando recebi o email de uma leitora que tem um filho bebê e o marido está desempregado. (ANEXO B)	Assim, me tornei uma "pãe" (pai e mãe), e além de cuidar deles, teria que trabalhar. (ANEXO C)
---	--

Outra característica de linguagem muito própria de Melita, que pode ser confirmada tanto no texto do perfil quanto nos demais textos do *blog* (Anexo C), é a expressão "pãe" (quadro 7), neologismo corrente para se referir à mulher que acumula as funções de pai e mãe. Inclusive, durante a entrevista informal, que por não ser gravada deixa o entrevistado mais à vontade para se expressar, Melita utilizou várias vezes esta palavra.

Mas se chegar alguém aqui de manhã, ou no fim de semana e feriados, são atendidos do mesmo jeito. Vou lá, abro a porta e atendo. Depois fecho novamente e continuo meu trabalho de pãe (é pãe mesmo) e de dona de casa divorciada. Não fiz divulgação, gente, mas mesmo assim deu certo. (ANEXO D, p.164)

Questionada sobre o sotaque mineiro e outras expressões singulares como "pãe", que estão presentes no blog e ausentes na reportagem, a entrevistada respondeu.

Eu acho que [a reportagem] poderia ter citado pelo menos um pouquinho sim. Só falado que eu falo assim porque lendo a matéria não dá para perceber mesmo. Lógico que eu acho assim no blog é uma coisa porque eu interajo com as pessoas e na revista não tem jeito de por um comentário ali. Então, assim poderia ter colocado apenas um trecho. Ela [a jornalista] escreve do jeito que fala [...]. (APÊNDICE C, RESPOSTA 38)

Apesar de não realizar uma escuta da voz singular do entrevistado e de seus modos de dizer, a revista parece pretender uma aproximação de uma linguagem popular genérica. Uma abertura de linguagem muito recorrente na revista são as orações iniciadas com pronomes oblíquos átonos, o que não é aceito pela norma culta. Em diversas reportagens esta característica se repete. Em especial na matéria em análise, temos a comparação que indica o mesmo uso tanto pela reportagem (me emocionei quando recebi o email de uma leitora) quanto pela entrevistada no blog: "Assim, me tornei uma "pãe" (pai e mãe)". Em outros momentos do texto jornalístico temos outros achados: "Me casei aos 27 anos"; "Me pus a fazer geladinhos e meus sabonetes e sachês artesanais";

Outras reportagens trazem 'desvios' que podem ser exemplificados nos seguintes títulos: "Meu casório custou R\$ 6 mil graças ao meu *blog*" (edição 356,

setembro de 2013); "Aos 65, não consigo usar o cartão de idosa no busão!" (edição 287, maio de 2012); "Botei meu marido preguiçoso pra trabalhar" (edição 334, abril de 2013). Com relação a este último exemplo na matéria de Melita também aparece o verbo botar: "Ela fez meus geladinhos e conseguiu botar comida em casa!". Na escrita de Melita no blog (Anexo D) não há nenhuma ocorrência do verbo. Esses exemplos parecem construir muito mais uma encenação caricata do que reflexo de uma preocupação em preservar as características identitárias da linguagem do entrevistado, de modo que existe outro forçoso nivelamento, o da estereotipização do sujeito popular homogêneo.

QUADRO 8

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Desempregada e sem preparo para o mercado de trabalho , estava com 40 anos, duas crianças para criar e não podia pagar uma babá. A pensão alimentícia que eu recebia do meu ex mal pagava a comida do mês.	A idade e a experiência (mesmo tendo) não colaboraram para que eu conseguisse um emprego fixo, e pensão alimentícia (quando havia) mal dava para os alimentos.

No Quadro 8, o tema é a falta de emprego. Ao passo que a revista a apresenta como desempregada e "sem preparo para o mercado de trabalho", no texto de Melita o fator etário veio em primeiro lugar. Importante perceber que ela acrescenta que tinha experiência, mas que isso não colaborou para que ela encontrasse um emprego fixo. A diferença de abordagem, do modo de dizer, é clara. De um lado a reportagem prioriza o fato de não haver dinheiro para pagar a babá enquanto que o foco de Melita recai sobre uma questão mais básica, a alimentação da família. Na própria reportagem a questão ganha destaque no trecho: "Cheguei a passar necessidade. Atingi o fundo do poço quando uma amiga minha apareceu de surpresa para almoçar. Eu não tinha nada na geladeira! Fiquei com vergonha e desabei".

QUADRO 9

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Graças aos meus negócios, meus filhos puderam ter uma infância e uma adolescência dignas. O mais velho, de 20 anos, já se formou no curso técnico de eletrônica e o mais novo, de 17, acabou de terminar o ensino médio. Eles trabalham fora e ajudam em casa.	Depois destes anos todos cuidando deles sozinha e sempre trabalhando, agora estamos na fase do quadro se inverter e meus filhos passando a ser responsáveis pelas nossas despesas, mas assim mesmo continuo ajudando com meu negócio próprio.
---	--

No Quadro 9, o tema abordado é a criação dos filhos que, agora adultos, colaboram com o sustento da casa. Um aspecto de linguagem que pode ser apontado como diferenciador entre os textos é o uso do gerúndio. Enquanto a linguagem jornalística não aciona esta modalidade de conjugação verbal, Melita usa em abundância: cuidando, trabalhando, passando, ajudando. Outro aspecto distintivo é a extensão das frases. Novamente, na linguagem do *blog* observa-se uma longa frase composta por vários períodos enquanto na revista aparecem três frases. Em termos de pontuação, enquanto a frase de Melita tem uma vírgula e um ponto, na reportagem aparecem quatro vírgulas e quatro pontos. Outra formação que não aparece na linguagem da entrevistada é a concordância nominal mais complexa como é dada no segmento "uma infância e uma adolescência dignas". Este tipo de redação é própria de usos mais elitizados da língua. Notadamente, este tipo de recurso textual não aparece no *blog*.

QUADRO 10

REVISTA SOU MAIS EU	BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA
E agora? [...] E, naquele momento, sozinha voltei a produzi-los. [...] E se faltasse comida para os meus filhos? [...] E meu negócio foi capaz de manter. [...] E as internautas adoram!	Por causa disso enfrentei momentos de desespero, angústia, ansiedade e profunda depressão, mas teve que haver uma saída para mim, e eu lhe digo que para você que enfrenta situação parecida, também há. [...] No desespero, muitas vezes não conseguimos ver que bem diante de nossos olhos, ou melhor, dentro da nossa casa está a solução, e por isso, vou tentar mostrar que existem grandes oportunidades para trabalhar a partir de nossa própria casa, muitas vezes com pouco ou quase nenhum capital, podendo até mesmo, um dia, estas atividades se tornarem o sustento da sua família.

Em termos de característica de escrita, no quadro acima, é possível comparar os usos da conjunção "e". Na matéria o uso da conjunção aparece de forma recorrente no início das frases. Melita não usa este recurso nenhuma vez. Por compor frases com períodos compostos, aciona a conjunção no decorrer da frase, iniciando orações. Mesmo considerando esta especificidade, é importante ressaltar que em termos quantitativos, o uso do "e" é menos recorrente no *blog*.

CAPÍTULO 5

ÚLTIMAS PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LINGUAGENS

Nestas palavras conclusivas, a introdução desta pesquisa, que explicita uma de certa inspiração foucaultiana, merece ser retomada. Figuram aqui as frases derradeiras de Foucault. Nelas vislumbramos a síntese de uma aspiração do filósofo, que parece ser, em meados do século 20, uma previsão das possibilidades que hoje identificamos na internet:

Virá o dia em que toda esta desproporção se irá ver suprimida. O poder que se exercerá em nível da vida quotidiana já não será o de um monarca próximo e distante, todo-poderoso e volúvel, fonte de toda a justiça e objeto de que seja sedução for, simultaneamente princípio político e força mágica; será constituído por uma rede fina, diferenciada, contínua, onde se disseminam as diversas instituições da justiça, da política, da medicina, da psiquiatria. E o discurso que se irá formar então já não terá uma teatralidade artificial e inepta; desenvolver-se-á numa linguagem que terá a presunção da observação e da neutralidade. O banal será analisado de acordo com a grelha eficaz mas cinzenta da administração, do jornalismo, da ciência; sob condição de ir procurar os seus esplendores um pouco mais longe, na literatura. (FOUCAULT, 2009, p.123)

Estaríamos, através do advento do *blog*, e da internet de modo geral, experimentando o momento desejado por Foucault? Distante das amarras editoriais, das censuras e das inconsistências das mediações, haveria agora espaço midiático para que o 'eu' periférico se textualizar a partir de uma linguagem identitária, capaz de revelar em palavras os vestígios do singular e do social vividos? Poderá um dia o jornalismo, prática forjada sob a grande nuvem da indústria cultural, hábil na construção do real, e também na sua espetacularização, abandonar as técnicas e ouvir a voz do subalterno?

Partimos dessas indagações para iniciar esta conclusão.

Diante da influência das técnicas da cobertura e redação jornalísticas, é ordinária a afirmação de que a matéria resulta numa linguagem mais objetiva que a do *blog*. Fato é que a análise do modelo proposto pela revista, com o uso da primeira pessoa, explicita uma incômoda objetividade. Por que incômoda se no jornalismo esta é quase que uma obrigatoriedade? Expliquemos: o jornalismo de referência investe na busca de uma escrita imparcial, muito aplicável aos textos em terceira pessoa. Nesta perspectiva, deparamo-nos com um tipo de jornalismo que pretende, mesmo que falaciosamente, apagar as marcas da subjetividade do jornalista no texto. De

outro lado, o jornalismo literário ganha *status* ao usar a primeira pessoa (do jornalista). Contudo, no jornalismo popular, no qual situamos e estudamos a *Sou Mais Eu*, quando a primeira pessoa do entrevistado é tomada, sem que haja um rompimento com as estratégias de redação em terceira pessoa, a objetividade deixa de fazer sentido. O uso da primeira pessoa aparece como um artifício que serve para a venda de um produto na banca de revista, o que, conseqüentemente, revela uma despreocupação em relação às subjetividades e identidades que são acionadas pelo operacionalização do 'eu'. Temos, portanto, na *Sou Mais Eu*, um texto jornalístico em primeira pessoa, não um relato de vida em linguagem identitária.

Em termos teóricos, defendemos aqui que uma narrativa identitária em primeira pessoa requer uma presença do narrador-protagonista no texto. Esta especificidade seria possível, entre outros fatores, a partir das pistas do “eu real” na forma textual, afirmação que consolidamos teoricamente em Barthes (1986) e reforçamos em Alvarez (2006). Este autor nos diz que a voz do escritor existe quando é capaz de revelar no texto uma existência quase que carnal daquele que escreve. Quando levamos tais considerações para a análise das narrativas do eu no estudo de caso, concluímos que a revista, apesar de acionar o eu da protagonista, não preserva a linguagem identitária. Resulta desta afirmação que Melita estaria presente no texto apenas como elemento gramatical. O 'eu' construído no texto não encontra referente verossímil (linguisticamente) no mundo real. Se em Baudrillard vimos que simular é fingir ter o que não se tem, podemos afirmar que o repórter simula, pois não tem o 'eu' que enuncia. O nome do jornalista não é o nome ao qual se refere o 'eu' enunciado no texto. Não há identidade entre eles. Portanto, não poderia representá-lo legitimamente em termos de linguagem identitária. A exemplo do que enfatiza Spivak, os agenciamentos da voz subalterna não permitem que ela seja realmente ouvida, e, portanto, sob esta perspectiva, mesmo quando mediado, o subalterno não poderia falar, ser representado legitimamente.

A cobertura da história, realizada por telefone e email, constitui um fator limitante. A ausência do jornalista no ambiente social do entrevistado elimina a possibilidade de uma mediação a meio caminho da fala, como propõe Lejeune (2008). Não há, portanto, a exemplo do que recomenda Coimbra (2002), como ouvir a voz, perceber as particularidades, atentar-se às emoções e, depois disso, realizar o exercício de pensar com quais palavras aquele sujeito seria capaz de escrever a própria história. Resulta da ausência do jornalista uma ausência do sujeito no texto.

Argumentamos em Lejeune (2008) que, ouvir o sujeito em situação de 'vida real', buscando preservar parte de uma linguagem crivada por 'erros', evitaria (ou minimizaria), em alguma medida, aquilo que optamos por denominar como desencontros narrativos em primeira pessoa.

Para além das questões formais, é importante frisar nesta conclusão que o afastamento do jornalista resulta, entre outros fatores, em erros de conteúdo. Considera-se que, na trama textual, forma e conteúdo se articulam na representação do sujeito. Afinal, se o jornalista realiza uma escuta centrada no sujeito e na linguagem que este mobiliza no relato de vida, certamente, perceberá elementos linguísticos e extralinguísticos que são singulares. Então, quando, na análise, entra a questão do erro em relação ao nome da cidade, Belo Horizonte ao invés de Santa Luzia, por exemplo, não há somente um lapso de conteúdo. Este ponto revela um afastamento do repórter em relação ao sujeito da matéria jornalística. Se o repórter fosse até a cidade de Melita, caminhasse pelas ladeiras de paralelepípedo e ouvisse a voz e as palavras da entrevistada, nunca esqueceria o léxico particular que ela aciona para contar sua história é herança dos lugares peculiares de sua infância numa cidade do interior mineiro, Santa Luzia. A protagonista e suas palavras seriam revolucionariamente diferentes se sua vida tivesse raízes na capital. Certamente, Belo Horizonte e Santa Luzia aderem ao repertório linguístico falares e modos de dizer, e identidades de escrita e de fala, totalmente diferentes. Negar o lugar, sob a perspectiva identitária, é negar a pessoa real. Assim, ao errar o nome da cidade, a revista desconstrói a identidade do sujeito para, na linha seguinte, narrá-lo em primeira pessoa. Dito de outro modo, o afastamento do lugar, a entrevista por email e telefone, distanciou o repórter da protagonista e da possibilidade de reter uma linguagem identitária. Aqui situamos a ligação entre a linguagem identitária e a abordagem que realizamos sobre o conteúdo.

Em muitos casos, a mediação dos que (habitualmente) não escrevem é necessária, indispensável, mas, como defende Lejeune (2008), realizá-la requer uma escuta que respeite a circunstância do entrevistado, o que dificilmente é possível acontecer diante da impaciente indústria cultural, ávida por produzir mercadorias jornalísticas vendáveis.

Acatar o desafio de estudar as linguagens da revista a partir do *Quarto de Despejo* tornou possível compreender que a trajetória de escrita de ambas, Carolina de Jesus e Melita Luzia Santos, apresenta encontros e desencontros. Cada uma a

seu tempo, pôde escrever e ser lida, com e sem edições. Em diferentes momentos históricos e lugares sociais, representaram uma abertura à escrita marginal. Entretanto, uma diferença em especial merece menção. Carolina alimentava o desejo de sair do Canindé. Negava a favela. Detestava os favelados. Já Melita, na contramão disso, não nega seu espaço social, valorizando-o, enfatizando-o. O desejo de ascensão não é social e sim representacional. Mais que ânsia de visibilidade, o *blog* Saída de Emergência revela o desejo de dividir suas experiências de superação e a vontade de escrever sobre si. Enquanto Melita revela um "quero ser ouvida", Carolina roga "quero sair daqui". A escrita carolínea é desejo de fuga da favela enquanto a de Melita reforça sua identidade com o lugar e valoriza o vivido. Veicular uma linguagem identitária seria possível somente quando o subalterno toma frente à escrita, como na obra de Carolina de Jesus, como no blog de Melita Luzia Santos.

A internet, que retirou o repórter da rua, facilitando o acesso de informações em tempo real, também o apartou dos lugares de pertencimento e da comunidade de fala tão importantes para uma aproximação da linguagem de Melita e de boa parte das mulheres representadas na *Sou Mais Eu*.

No *blog* Saída de Emergência o fator humano está presente num 'eu' que fala a partir de uma linguagem em funcionamento de verdade. São permitidas as expressões características do interior mineiro e as inovações linguísticas do internetês. A forma textual é movida pela energia da indignação, o ânimo de quem reconstruiu a vida e a franqueza de quem se empodera da linguagem em primeira pessoa. Tons emocionais, lágrimas e risos (*rs rs rs*) estão grafados. Apesar de menos presentes do que na linguagem carolínea, os 'erros' gramaticais e ortográficos são permitidos. O purismo é excluído, desconstruído, para que o sujeito comum se erga e tenha mandato de fala ao tecer, numa linguagem em funcionamento de linguagem, narrativas de si. Na somatória hipertextual das postagens, Melita escreve sua biografia pública, aberta e relacional. Experimenta o uso livre da linguagem fora da cultura grafocêntrica. Integra o movimento pós-moderno de menorização do autor em que o subalterno pode escrever e ser lido por pessoas do mundo todo sem que para isso precise desfrutar do *status* do Grande Autor, predominante nos circuitos editoriais tradicionais. *Saída de Emergência* faz parte de uma nova realidade de visibilidade dos autores menores, não como veiculadores de uma escrita desprestigiada, mas como pessoas que escrevem com liberdade sem que para isso precisem se enquadrar na categoria de 'Grande Autor'.

No caso de Melita, a comparação entre os textos, na internet e na revista, permite que se ressalte o papel do *blog* como desencadeador de uma nova realidade da literatura pessoal. Melita, que possibilitou a análise entre os dois lados da representação, beneficiou-se das potencialidades da blogosfera como campo aberto a diferentes textos, desde o mais erudito até o pouco ou nada ornamentado. De outro lado, protagonizou uma narrativa em primeira pessoa no jornalismo popular. A comparação entre os textos subsidia a asserção de que o subalterno, homem ou mulher, ao ter a possibilidade de escrever sem que esta escritura passe pelo crivo e pelas restrições impostos aos textos jornalísticos e literários, traz à tona identidades linguísticas livres, atendendo às aspirações de Foucault e Barthes. Melita e seus pares poderiam agora experimentar, no *blog*, uma conquista autobiográfica decisiva para que a mulher, especialmente a subalterna, após séculos de opressão, escreva sobre si.

No *blog*, como foi possível constatar na análise comparativa, o protagonismo de linguagem é maior. Em textos próximos do eu real, o sujeito comum pode se expressar sem mediações e com uma facilidade impensável antes do advento da internet. Ademais, diferentemente do estrelato fugaz promovido pelas narrativas mediadas nas mídias tradicionais, o *blog* permitiria uma construção subjetiva contínua, diária, em tempo real. Portanto, a possibilidade de organização do eu através da escrita de si, em perspectiva similar ao diário íntimo tradicional, é reconfigurada e ampliada pelo caráter dialógico, plural, público. No *blog*, haveria uma vontade de protagonismo real, mesmo que permeado pelas paisagens ficcionais que servem de pano de fundo às narrativas que tecemos sobre nós mesmos. As fronteiras, certamente nebulosas, entre o eu real e o eu imaginado ou idealizado, não foram postas em discussão aqui porque toda autonarrativa envolve, em maior ou menor medida, uma reinvenção de si pelas palavras. Na internet, não somos cópias de nós mesmos, talvez o contrário disso. Certo é que, na autonarrativa, somos sempre representação. A vantagem do *blog* reside no fato de que as palavras do eu textualizado foram imputadas pelo sujeito real da narrativa, por aquele que é, por assim dizer, dono do relato de vida. Consideramos, portanto, que quando o sujeito real toma frente aos textos sobre si temos aí uma linguagem mais humana.

O estudo de caso revelou que há na revista uma potência de representação daquela que é minoria na mídia, mas é maioria no mundo real. A mediação, certamente, é o método que torna possível e viável a presença daqueles que não escrevem ou

daqueles que, mesmo escrevendo, não conseguiriam tecer uma história sobre si sem um mediador. A *Sou Mais Eu* inclui a subalterna, o que é indubitavelmente positivo enquanto propósito, porém, apaga sua identidade linguística (e outras marcas dela decorrentes) em favor do simulacro jornalístico em que o 'eu' real é tomado por um 'eu' encenado, reconstruído, e, principalmente, homogeneizado pela linguagem. Dito de outra forma, mesmo quando aquele que não domina a língua é incluído na mídia, sua fala é editada, sua escrita é corrigida, as marcas identitárias de uma dada linguagem, que o representa, são apagadas. O heterogêneo é homogeneizado no texto e na imagem. A narrativa jornalística em primeira pessoa movimenta dois eus em (des)encontro através de uma linguagem de fachada, a exemplo da cidade-símbolo de Calvino.

A ideia do simulacro pode ser arrematada a partir da análise dos Estados de origem das protagonistas das matérias. A pesquisa documental apontou que mulheres de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas e Santa Catarina são as mais presentes. Constatando-se que aquelas que residem no eixo Rio-São Paulo são predominantes. O fator logístico de produção da matéria, deslocamento das equipes e custos envolvidos, poderia, certamente, justificar o desequilíbrio representacional tão forte entre as diferentes regiões brasileiras. Contudo, isso não se sustenta se considerarmos que muitas matérias, a exemplo daquela que motivou o estudo de caso, são realizadas por telefone e por email. Assim, o modelo de produção adotado pela revista acata coberturas não presenciais, o que, em tese, poderia ser positivo por viabilizar a inclusão de diferentes histórias de mulheres dos mais diferentes lugares do Brasil. Em contrapartida, o aspecto negativo deste artifício seria, como já ficou dito, a ausência do repórter no local da cobertura, o que inviabiliza uma abordagem imersiva e em profundidade na realidade do entrevistado. Esta prática parece distante do jornalismo popular.

O modo de cobertura distanciado pode ser o indício de que, na tentativa de focar o cidadão comum, tirando os holofotes dos artistas, políticos e especialistas, a revista reforça ideologias presentes nas matérias jornalísticas veiculadas por outras mídias. Estaríamos diante de um cenário jornalístico constituído por um mesmo discurso sob nova roupagem? No meio do caminho, tomando e cedendo, a *Sou Mais Eu* seria o entre-lugar midiático da mulher marginal. Em outras palavras, é um espaço linguagem e de representação válido e importante, mas que, para se manter, ainda atende às estratégias comerciais e simbólicas do mercado de publicações femininas.

Ainda resistem as exclusões e as opressões apontadas por Spivak e Buitoni. A luz lançada sobre o sujeito obscuro dura pouco. Rapidamente ele retorna à escuridão inicial. No momento em que este texto é lido, certamente, muitas histórias publicadas pela *Sou Mais Eu* ficaram para trás. É o lado obscuro do espetáculo. As luzes se apagam. O público vai embora e o protagonista retorna a sua invisibilidade original.

Se Bourdieu asseverou que “os dominados estão fadados ao silêncio ou ao discurso arrevesado” (2008, p.59), hoje, poderíamos atualizá-lo dizendo que estamos em vias de quebrar o silêncio dos dominados de modo arrevesado já que os discursos, a exemplo do que faz a *Sou Mais Eu*, redundam numa nova modalidade de silenciamento e de apagamento do sujeito pela linguagem. Afirmamos isso a partir da análise realizada no capítulo anterior em que avaliamos a linguagem de mulheres muito diferentes. Um olhar superficial nos revelaria as diferenças entre elas (a homossexual, a pobre, a ‘ex-gorda’ e a idosa deficiente), mas um mergulho na heterogeneidade conduz às estratégias de homogeneização forjadas através da escrita. Isto é, na mediação, apesar do simulacro que mantém um ‘eu’ que se refere ao nome próprio da entrevistada, a linguagem, a edição e todas as escolhas formais são do jornalista e do jornalismo.

Ao analisar os textos na revista, não encontramos o que Foucault denomina ‘palavras-vida’. Expliquemos. Se os textos das entrevistas fossem trocados, permutados, a moldura linguística caberia a qualquer uma delas, ou a todas elas. Não estaríamos, portanto, diante de Helena Prioste Pimenta falando ou escrevendo. No texto em primeira pessoa, não é Helena quem fala. Lemos sua história de vida contada por um terceiro que, como um ventríloquo, manipula e dá voz à marionete sem que para isso precise mexer a boca. Em outras palavras, não há como dizer “esta é uma palavra muito particular de Aline Wirtz”; “Ariela Lopes Messias se expressa desse modo” ou “este jeito de dizer revela o lugar social de Luanda Bianco”. Os trechos das matérias jornalísticas estudadas conduzem mais às ausências que às presenças, ao apagamento mais que à visibilidade.

A partir da *Sou Mais Eu*, constata-se que antigas amarras foram rompidas, mas ainda persistem práticas jornalísticas que contribuem para a delimitação de espaços de pertencimento e exclusão a partir da língua. A idealização formal, que condena o ‘erro’ e quem erra, é o produto de um amplo movimento histórico que inviabilizou (e ainda inviabiliza) à grande massa o domínio mínimo de uma variedade de língua de prestígio e sua veiculação autobiográfica. O ‘outro heterogêneo’

defendido por Spivak emerge apenas como manobra publicitária necessária à oferta de um produto midiático comercializado ao preço do apagamento das identidades, da dominação pela (in)visibilidade.

O cenário comunicacional mais democrático experimentado por Melita, e por outros tantos sujeitos comuns, movimenta uma guinada subjetiva, tal como a define Beatriz Sarlo. O estudo de um sujeito real na sua cidade natal e, logo em seguida, de sua representação no jornalismo e no ambiente virtual, permite-nos concluir que, para além de identidades falsas na internet, o *blog* foi determinante para uma abertura às narrativas em primeira pessoa. Isto é, aquele que escreve, veicula no texto as marcas textuais do grupo social de pertença, resultante do desejo de se contar, de se dizer e o faz a partir de suas experiências singulares. O *blog* confere mandato de fala ao 'outro heterogêneo', que pode circular numa rede polifônica aberta às autonarrativas não mediadas, ao engendramento subjetivo, possível na confortável distância que mantém dos limites impostos pelo purismo de linguagem, classe, tempo e gênero. O 'texto imperfeito' veicula identidades marginais e abre espaço ao sujeito comum. Nesta mistura de liberdades, a linguagem é 'enriquecida' pelos modos de dizer próprios ao meio *online*. Singular e social se encontram para legitimar a relevância dos diários virtuais como o novo espaço para as narrativas autobiográficas. Através do *blog*, parece que estamos muito próximos do tempo sonhado por Foucault, em que toda desproporção será suprimida e o poder poderá ser exercido no nível da vida cotidiana. Presenciamos a primeira década de uma época em que, a exemplo do que definiu Barthes como marca da literatura contemporânea, através das escolhas formais, o verbo do homem e do escritor se reconciliarão num grau zero da escritura.

Para desencanto dos puristas, a cidadela da escrita começa a ser tomada.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **A constituição do sujeito**. In: Foucault e a crítica do sujeito. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2008, p.93-131.
- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AGUIAR, F. (org.). **Gêneros de fronteira**: cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.
- AGUIAR, J.A.S. **O Bello Sexo**. Jornal Bello Sexo, edição 1, nº 1, Rio de Janeiro, 1862.
- ALMEIDA, M.A. **Mediações tecnossociais e mudanças culturais na sociedade da informação** in Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre o corpo, mídia e novas tecnologias. Org. Ana Lúcia Castro. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2010.
- ALVAREZ, A. **A voz do escritor**. Trad. Luiz Antonio Aguiar, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.
- ARTICULAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DO BRASIL. AMNB. **Mulheres Negras em Primeira Pessoa**. Disponível em www.amnb.org.br/admin/biblioteca/Mulheres%20Negras%20na%20primeira%20Pessoa%20site.pdf. Acesso em 20 de maio de 2013
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022. **Informação e Documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- AMARAL, A; RECUERO R. e MONTARDO.S (Orgs.) **Blogs.com: estudos sobre blogs e Comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- AGAMBEN, G. **Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 184.
- AROSO, I.M. M. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais**: um estudo de caso. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf> Acesso em 10 de maio de 2014
- AROSO, I.M.M; CORREIA, F. **A internet e os novos papéis do jornalista e do cidadão**. João Pessoa: Revista Eletrônica Temática, Ano III, Setembro, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

BARTHES, R. **Os novos ensaios críticos. O Grau Zero da Escritura.** São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação.** Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda, 1996.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____. **Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

_____. **Globalização e as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

BATISTA, Patrícia Pereira. **Do diário ao blog confessional: continuidade ou o surgimento de uma nova prática?** Contemporânea, vol.6 Nº03. Rio de Janeiro, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo:** a experiência vivida. São Paulo, Editora A Difusão Européia do Livro, 1967.

BECKER, H. **Falando da Sociedade:** Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. São Paulo: Editora Zahar, 2009.

BENVENISTE, Emile. **Da subjetividade na linguagem.** In: _____. Problemas de linguística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1995a, p. 284-293.

BELOCHIO, V. **A cauda longa da informação e suas implicações no jornalismo:** estratégias comunicacionais, remediação e des-territorialização. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, UMESP, São Paulo, 2008.

BENTA, M.A.S. **A mulher no mercado de Trabalho** in Observatório Social em Revista, Março de 2004, Ano 2, Nº5, Florianópolis. ISSN 1678-152x

BENITES, S.A.L. **Contando e fazendo a história:** a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2002.

BEVERLEY, J. **Subalternidad y representación:** debates em teoria cultural. Trad. Mayrlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagu, Nº 11, Campinas, Unicamp, 1998.

BITTONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo". Trad. Pedro Maia Soares. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

CALLIGARIS, C. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 21, 1998/1.

CASTILHO, C. **A polêmica do Jornalismo em primeira pessoa**. Observatório da Imprensa, Ed. 341, 2005. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_polemica_do_jornalismo_na_primeira_pessoa. Acesso em 20 de maio de 2014.

CALVET, L.J. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. Florianópolis: IPOL, 2009.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo**: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo: Unifem, 2012.

CAPERUTO, A. **Revistas femininas oferecem serviço e informação a preços populares**. Revista Abigraf, 228 - março/abril, 2007.

CAPERUTO et al. **Apareço Logo Existo**: A Revista Sou+Eu sob a ótica da obra A Sociedade do Espetáculo. São Paulo: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2007.

CARRANÇA E BORGES. **Espelho infiel, o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2004

CHARAUDEAU, P. **O discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COELHO, A.C et al . **Dúvidas, erros, surpresas, implicações**: entrevista com Philippe Lejeune. Trad. Mario Tommaso e Ana Amélia Coelho. Revista Criação&Crítica, n.4, 2010.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. 1ª edição, 2ª reimpressão. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COLASANTI, M. **Ser mulher e escritora no Brasil**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.1, n.2, p. 217-225, 2012.

COSTA, C.T. **Novos tempos: um modelo de negócio para o jornalismo digital**. Observatório da imprensa. Ed. 795, Abril, 2014. Disponível em <http://www.publiweb.com.br/marketing-digital/os-50-livros-da-biblioteca-basica-de-marketing-digital/>
Acesso em 24 de abril, 2014

DALCASTAGNÈ, R. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 31. Brasília, julho-dezembro de 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo, comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto. 1997

DINIZ, F.S. M. **A educação da mulher**. Semanário O Sexo Feminino, edição 1, nº 1, Campanha, Minas Gerais, 1873.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**; Trad. Waltensir Dutra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 2ª Edição.

FERRAZ, A. **A cada duas horas, uma mulher é assassinada no País**. O Estado de São Paulo. Acessado em 3 de junho de 2012. Disponível em www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-cada-duas-horas-uma-mulher-e-assassinada-no-pais-,869992,0.htm

FISCHER, R. M. B. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educ Pesq, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./abr., 2002.

FLORES, V. N. **Por que gosto de Benveniste?** Revista Letras de Hoje, v.39, n. 4, p. 30-217, dez. 2004.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 7 Ed. São Paulo: Nova Vega, 2009.

GANNETT, C. **Gender and the Journal: Diaries and Academic Discourse**. New York: State University of New York Press, 1992, 262 p.

GUATTARI, F. e ROLNICK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Editora Vozes. 5ª edição. Petrópolis, 1999.

GANNETT, C. **Gender and the Journal**: Diaries and Academic Discourse. New York: State University of New York Press, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLMOR, d. **Nós, os media**. Editora Editorial Presença, Coimbra, Portugal, 2005

HUYSEN, A. **Mass culture as woman**: modernism's other. In: After the great divide: modernism, mass culture, postmodernism. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 44-62.

HALL, S. **Da diáspora**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

IVC, INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. **Estudo sobre Circulação de Revistas Mercado brasileiro – 2000 a 2010**. São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.anatec.org.br/ivc.pdf> Acesso em 11 de setembro de 2013.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censo 2010**.

JORGE, T.M. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo, Editora Contexto, 2012.

KOVALESKI, N. V.J; TORTATO, C.S. B; CARVALHO, M. G. **Gênero**: flashes de uma construção in Igualdade de gênero, enfrentando o sexismo e a homofobia. Curitiba: Editora UTFPR, 2011.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2010.

LADEIRA, F. F. **A “nova classe média” das favelas brasileiras**. Jornal de Debates do Observatório da Imprensa, Ano 17 - nº 735, São Paulo, 2013

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A.. **Fundamentos de Metodologia Científica**, 3ª edição. São Paulo: Atlas, 2000.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

LAMARCA, G E VETTORE, M. **A nova composição racial brasileira segundo o Censo 2010**. Disponível em <http://dssbr.org/site/2012/01/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>. Acesso em 21 de dezembro de 2013

LANDOW, George. **Hipertexto 3.0**. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 2009.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, C.M. **Carolina e Estamira: mulheres, negras e brasileiras**. Revista Época disponível em <http://colunas.revistaepoca.globo.com/paulomoreiraleite/2006/10/06/carolina-de-jesus-e-estamira-mulheres-negras-e-brasileiras/> acessado em 6 de março de 2013.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet/ Philippe Lejeune; org.: Jovita Maria Gerheim Noronha: trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes . Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2008.

LEVINSON, Paul. **New New Media**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

LIPOVESTSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOBO, L. **Segredos Públicos: os blogs de mulheres no Brasil**. Entrevista à Amanda Wanderley. Olhar Virtual, Ed. 189, UFRJ, Rio de Janeiro, janeiro de 2008.

_____. **Segredos públicos**: os blogs de mulheres no Brasil. Rocco, Rio de Janeiro, 2006.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MACIEL, S. D. et al. "A literatura e os gêneros confessionais" in:____ **Em diálogo: estudos literários e linguísticos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

MARSHALL, L. **Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

MARTINO, L.M.S. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010. 220p.

MENDES, F. M. M. **Blog Pessoal**: a busca da identidade do sujeito no mundo mediado pela internet. Revista Contrapontos, Especial Tecnologia e Inovação Pedagógica, Maio a Agosto, n2, 2008.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2000. Vol.2

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. 10ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NASCIMENTO, E. P. **Vozes marginais na literatura**.io de Janeiro: Aeroplano Editora, 2008.

_____. **É imprescindível que a produção dos escritores da periferia seja reconhecida como literatura**. Entrevista. Revista do Terceiro Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea in Bastos *et al* (org) Editora Torre, Rio de Janeiro, 2011.

NUNES, A. M. **A imprensa oitocentista nas páginas de Dona Francisca Senhorinha**. Revista de linguagem, cultura e discurso. Ano 5 – Número 8. Três Corações: 2008

MARLOW, C. **Audience, structure and authority in the weblog community**. In: Presented at the International Communication Association Conference, may, 2004, New Orleans, LA, 2004.

MILROY, J. **Ideologias linguísticas e as consequências da padronização** in: LAGARES, X. C e BAGNO, M. (org) Políticas da Norma e Conflitos linguísticos. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.

NASSIF, L. **A história do primeiro jornal feminino do Brasil**. Disponível <http://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/a-historia-do-primeiro-jornal-feminino-do-brasil> Acesso em 12 de agosto de 2013

OLIVEIRA, V.M; MARTINS, M.F; VASCONCELOS A.C.F.; **Entrevistas “Em Profundidade” na Pesquisa Qualitativa em Administração: Pistas Teóricas e Metodológicas**. São Paulo: FGVSP, 2012. Disponível em: http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2013.

OLIVEIRA, R.M. **O ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog?** In Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação. Adriana Amaral, Raquel Recuero, Sandra Montardo (orgs.). São Paulo, Momento Editorial, 2009.

PARDOL, M.C.V. **Da marginalidade ao processo de institucionalização: o caso da poesia no sistema literário brasileiro pós-64** In Iberomania, Revista Dedicada a Las Lenguas Y Las Literaturas Iberorrománicas de Europa y América. Nº 56, Max Niemeyer Verlag Tübingen, 2002.

PATTANAYAK, D.P. **A cultura escrita: um instrumento de opressão**. In: OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Ática, 1995, p. 117-120

PNDS 2006. **Plano Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher**. Disponível em <http://www.edicoestoro.net/> acesso 2 de março de 2013.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

PRIMO, A; RECUERO, R. **Hipertexto Cooperativo**: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia, Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-73, Dez, 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf>

PUBLIABRIL. **Mídia Kit das Revistas Femininas Populares Abril**. São Paulo, Editora Abril, 2012.

RENÓ, D. **A narrativa transmídia e a “desgovernabilidade” jornalística**. Editora C&S, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 141-161, jan./jun. 2013

RICHARD, N. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Trad. de Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Dos contos de fadas aos super-heróis**: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. In: **Psicologia e cultura: desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, PUC-RJ, 2001.

SANTAELLA, L. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. 4 Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SCOTT, J. **Falas de gênero: Experiência**. Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, 1999.

SILVA, R.V.M. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SIBILIA, P. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica**. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>> Acesso em 23 de julho de 2013.

_____. **O show da vida íntima na internet:** blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: CAIAFA, Janice; ElHAJJI, Mohammed. (Org.). Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 181-199.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo.** Florianópolis, Combook, 2011.

SCHITTINE, Denise. **Blog:** comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIGNORINI, I. **A questão da língua legítima na sociedade democrática:** um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma linguística indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 169-189

SILVA, R.V.M. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOU MAIS EU. **Divorciada, criei estratégias para sair do sufoco.** Edição 324. São Paulo: Editora Abril, 2011.

SOU MAIS EU. **Mulher pode ser mestre de obras sim!** Edição 322. São Paulo: Editora Abril, 2011.

SOUZA, M. A. S. **O entre-lugar e os estudos culturais.** Revista Travessias, pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte, n1, Cascavel: Editora Unioeste, 2008.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TELLES, André. **Geração Digital:** como planejar o seu marketing para um geração que pesquisa no Google, se relaciona no Orkut, manda mensagens pelo celular, opina em Blogs, se comunica pelo MSN e assiste a vídeos no YouTube. São Paulo: Landscape, 2009.

THOMAS, R. **A cultura escrita e a cidade-estado na Grécia Arcaica e Clássica** in BOWMAN. A.K; WOOLF G. Cultura e Poder no Mundo Antigo. São Paulo: Ática, 1998. 43-64p.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

YIN, R. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GLOSSÁRIO

Bit

Dígito binário, um único 0 ou 1, ativado ou desativado, armazenado no seu computador. Quatro bits formam um *nibble* (termo raramente usado), e 8 bits formam um byte, o equivalente a um único carácter.

Blog

é uma palavra que resulta da simplificação do termo weblog. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa *web* e *log*. *Web* aparece aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que *log* é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir blog como um diário online. Blogs são páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral. Podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e têm normalmente espaço para comentários dos seus leitores. O sucesso deste tipo de páginas da internet resultou muito da existência de modelos de páginas pré-definidos e da facilidade de inserção de conteúdos fornecidos por alguns sistemas de publicação. Esses sistemas são de utilização muito simples e dispensam o conhecimento de linguagens de publicação de páginas na internet como html, por exemplo. Os sistemas mais populares são o Blogger e o Wordpress.

Blogueiro

Nome dado a quem publica num blog

Blogosfera:

Conjunto de blogs.

Chat

Conversa em tempo real através do computador. Em alguns sistemas mais antigos de *chat*, a tela é dividida em duas. Cada parte contém o texto de um dos interlocutores. Novos sistemas permitem a criação de "salas" de conversa em páginas de Web. O Netscape Chat, programa auxiliar do navegador Netscape, permite que várias pessoas troquem mensagens ao mesmo tempo e compartilhem endereços de páginas, permitindo uma forma de navegação em grupo. O *chat* na Internet ficou famoso através dos servidores de IRC (Internet Relay Chat), onde são criadas as várias "salas" ou "canais" para abrigar os usuários.

Ciberespaço

Termo criado pelo escritor William Gibson e inspirado no estado de transe em que ficam os aficcionados de videogame durante uma partida. A palavra foi utilizada pela primeira vez no livro *Neuromancer*, de 1984, e adotada desde então pelos usuários da Internet como sinónimo de rede.

Facebook

Rede social lançada em 2004. O facebook foi fundado por Mark Zuckerberg, estudante da Universidade Harvard. Inicialmente, a adesão ao facebook era restrita apenas para estudantes da Universidade Harvard, e logo foi a muitas universidades individuais.

Fanpage

Fanpage ou Página de fãs é uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no Facebook.

Hipermídia

A definição formal de hipermídia une os conceitos de hipertexto e multimídia. Ou seja, um documento hipermídia contém imagens, sons, textos e vídeos, como qualquer título multimídia. Além disso, usa ligações de hipertextos para permitir que o usuário salte de um trecho para outro do documento ou até mesmo para um documento diferente. O termo hipermídia também é utilizado como sinónimo de multimídia.

Hipertexto

Documento capaz de incluir em seu conteúdo ligações com outras partes do mesmo documento ou

documentos diferentes. As ligações normalmente são indicadas através de uma imagem ou texto em uma cor diferente ou sublinhado. Ao clicar na ligação, o usuário é levado até o texto ligado.

Home page

Muitas pessoas utilizam inadequadamente o termo *home page* para definir qualquer página na World Wide Web. Rigorosamente, uma *home page* é a página de entrada de um Web site, mas o termo pode ser usado também para indicar a página principal de uma determinada seção.

Internet

Criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos EUA como um projeto pioneiro de constituição de uma rede capaz de sobreviver a ataques nucleares, foi-se expandindo até chegar ao tamanho e importância que hoje tem (várias dezenas de milhões de utilizadores).

1. Com inicial maiúscula, significa a "rede das redes", originalmente criada nos EUA, que se tornou uma associação mundial de redes interligadas que utilizam protocolos da família TCP/IP.
2. Com inicial minúscula significa genericamente uma coleção de redes locais e/ou de longa distância, interligadas por roteadores.

Link: ligação entre páginas de Internet ou imagens e textos.

MSN Messenger: é um programa que permite conversas instantâneas entre usuários conectados à Internet em qualquer parte do mundo e que deixará de existir em 2013. O serviço é de propriedade da empresa Microsoft e foi lançado em 1999. Esteve em funcionamento com este nome até o final do ano de 2005, quando foi alterado para Windows Live Messenger. O Messenger surgiu como concorrente do ICQ, o programa precursor das comunicações deste gênero. Conquistou muitos usuários em todo o mundo, sendo que o Brasil é o mercado que ocupa a posição número um, com mais de 30 milhões de pessoas utilizando o serviço.

Posting

Um artigo individual mandado para o grupo de discussão da Usenet ou o ato de mandar um artigo para o Usenet.

On-line: significa estar conectado na Internet. Por oposição a offline, online significa "estar em linha", estar ligado em determinado momento a rede ou a um outro computador. Para alguém, na Internet, "estar online", é necessário que nesse momento essa pessoa esteja a usar a Internet e que tenha, portanto, efetuado o login num determinado computador da rede.

Orkut - rede social filiada ao Google, criada em 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco do Google. O alvo inicial do Orkut era os Estados Unidos, mas atualmente a maioria dos usuários são do Brasil e da Índia.

Redes sociais online:

Uma rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. As Redes Sociais podem operar em diferentes níveis, como, por exemplo, redes de relacionamentos (facebook, orkut, myspace, twitter), redes profissionais (linkedin), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), redes políticas, dentre outras, e permitem analisar a forma como as organizações desenvolvem a sua atividade, como os indivíduos alcançam os seus objetivos ou medir o capital social – o valor que os indivíduos obtêm da rede social.

Site

Endereço das páginas de internet. No mundo virtual, é um lugar cuja porta de entrada é sempre sua home-page.

Twitter

Rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets,

e podem ser enviados por meio do website do serviço, por SMS, por celulares e etc. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que estejam seguindo a pessoa de seu interesse para recebê-las. As atualizações de um perfil ocorrem por meio do site do Twitter, por RSS, por SMS ou programa especializado para gerenciamento. O serviço é gratuito pela internet, entretanto, usando o recurso de SMS pode ocorrer a cobrança pela operadora telefônica. O twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey, e logo ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo mundo. Segundo o grupo de pesquisa norte-americano Web Ecology, a língua portuguesa é a segunda mais utilizada pelo Twitter, apenas atrás do inglês. O twitter também tornou-se muito conhecido pois pessoas famosas utilizam o microblog para comunicar-se com seus fãs.

Web (World Wide Web ou WWW): área da Internet que contém documentos em formato de hipermídia, uma combinação de hipertexto com multimídia. Os documentos hipermídia da www (teia de alcance mundial) são chamados de páginas de Web e podem conter texto, imagens e arquivos de áudio e vídeo, além de ligações com outros documentos na rede. A característica multimídia da Web tornou-a a porção mais importante da Internet.

APÊNDICE A - Questionário preliminar de pesquisa

Data: 27 de maio de 2013

Resposta Via email: melitaluzia@yahoo.com.br | Pesquisador assistente: Luciane Pereira da Silva Navarro

Pesquisador responsável: Miguel Sanches Neto | Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Curso: Mestrado em Identidade, Linguagem e Subjetividade

Entrevistada: Melita Luzia dos Santos | **Resumo da pesquisa:** a proposta básica do projeto é debater a questão autoral na “Revista Sou Mais Eu” em paralelo aos textos publicados por mulheres que escrevem sobre si mesmas na internet. Para tanto, serão entrevistadas mulheres que tenham reportagens publicadas na Revista e que tenham blogs na internet.

1) O que despertou seu interesse na Revista Sou Mais Eu? (não respondeu)

2) Antes da publicação você era leitora da Revista? Por quê?

_Sim, já era leitora da revista

_Porque tenho o hábito de ler e gostava das histórias reais, principalmente as de superação e de negócios.

3) Como foi seu primeiro contato com a Revista? Carta ou email?

_Meu primeiro contato com a revista não foi através de mim. A repórter Helena Dias é que encontrou um link do meu blog numa comunidade do Orkut, entrou para conhecê-lo e achou interessante minha história e me convidou para a matéria.

4) Como foi seu primeiro contato com a Revista? () carta ou (x) email?

5) Por que você decidiu enviar sua história para a Revista?

Eu já tinha escrito sim para a revista há anos atrás, mas nunca obtive retorno. A repórter Helena Dias, ao me encontrar no Orkut, estava procurando uma pessoa com um negócio de sucesso, e ao me convidar eu esclareci para ela que eu não tinha ainda um negócio de sucesso, (eu já tinha tido) mas que eu tinha uma história de superação. Então, ela apresentou minha história à redatora chefe e depois de uma reunião decidiram pela matéria comigo.

6) Depois do recebimento da sua história, como foi o contato da Revista?

Sempre cordial, de ambas as partes, por telefone ou por e-mail.

_Quando ela tinha dúvidas, me enviava um e-mail para esclarecimentos, e eu com ela também.

7) Relate como foi o processo de reportagem.

Helena me enviou umas perguntas, eu respondi e ela montou um texto. Antes de publicar, me telefonou e leu para mim para minha aprovação.

_Me orientou quanto às fotos. Leu para mim o texto editado para eu aprovar.

8) Você acredita que muito ou pouco da sua carta foi aproveitado na reportagem? Comente.

_Acho que ficou faltando muita coisa, foi bem resumido, apesar de que o que enviei não foi muito, mas respondi a todas as perguntas feitas por ela. Algumas coisas que ela mesma me perguntou não foram publicadas.

9) Depois de publicada a sua reportagem, você acha que o texto:

a) () Muito parecido com o da carta (ou email) – parece que você escreveu

b) (x) Pouco parecido com o da carta (ou email) – parece que você escreveu e foi editado

c) () Nada parecido com o da carta (ou email) – parece que não foi você que escreveu

10) Você acha que seria interessante que a Revista publicasse

() A carta original que você escreveu

(x) A carta original que você escreveu com as correções do jornalista

() Somente o texto escrito pelo jornalista

11) Você acha que a reportagem representou bem quem você é na realidade? Comente.

_Em parte. O fato da Helena “LER” pelo telefone o texto dela com a minha história, me fez perder a atenção em alguns pontos e aí algumas coisas saíram erradas na matéria. Por exemplo, saiu errado o nome da minha cidade, pois eu não moro em Belo Horizonte, moro na região da Grande BH, cidade histórica Santa Luzia. Sabei também que eu tinha “falido” a sorveteria que meu marido tinha deixado para mim, e não era verdade, pois ele não me deixou nada, a sorveteria fazia parte da partilha de bens no divórcio e eu disse que sabia trabalhar, mas não sabia administrar, então fechei as portas para não falir. Nessa parte ela publicou que eu era “péssima administradora”.

Eu nunca disse isso e nem me lembro dela ter lido isso para mim quando ao telefone comigo. Por aí, nota-se que ela mudou meu depoimento. Falar que eu não sabia administrar, é uma coisa. Falar que eu sou péssima administradora é outra coisa. Pelo contrário, eu disse que tinha aprendido a administrar no meio das dificuldades.

Na parte em que ela publicou as 10 Saídas de Emergência retiradas do meu blog, ela não publicou o que estava no MEU BLOG. Ela apenas colocou os títulos (que eram meus) mas o conteúdo de cada item, como definição, investimento, preço de venda e lucro não foram meus. Ela escreveu como se fosse eu que tivesse falado, mas não fui eu quem escrevi aquilo. Acho que ela deveria ter retirado das minhas postagens no blog. E também não leu isso para mim, dizendo que ia ser publicado.

12) Como foi a repercussão da reportagem na sua vida?

_Com os meus leitores e amigos virtuais foi um sucesso. Na ocasião, cheguei a ser convidada por um programa de televisão para ser entrevistada, mas quando eu disse que era de Minas Gerais, eles desistiram pois só chamavam pessoas de São Paulo. Já na minha cidade, pouquíssimas pessoas ficaram sabendo, inclusive consegui comprar apenas 5 revistas pois não as bancas não recebiam mais do que isso. Tive que ir em Belo Horizonte e foi muito difícil conseguir mais dez exemplares. Até comentei com elas depois, a Helena e a Marcela, dizendo que é muito difícil conseguir a Sou mais Eu aqui em Minas Gerais. E as pessoas não ficaram sabendo porque não fiz alarde, sou uma pessoa simples. Só os conhecidos e familiares é que tiveram acesso à revista.

13) Você acredita que a edição jornalística melhorou ou piorou o seu depoimento? Foi boa, mas poderia ter sido melhor. Helena é super educada e gentil, mas a edição não foi suficientemente boa, na minha opinião.

APÊNDICE B - Entrevista em profundidade

Data: 18 de julho de 2013
 Local: Santa Luzia, Minas Gerais
 Horário: 14 horas
 Pesquisador: Luciane Pereira da Silva Navarro
 Pesquisador responsável: Miguel Sanches Neto
 Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Curso: Mestrado em Identidade, Linguagem e Subjetividade
 Entrevistada: Melita Luzia dos Santos

1) Melita, você é uma pessoa que gosta de escrever, como você desenvolveu o gosto pela escrita?

Desde pequenininha eu acho que com 4 ou 5 anos a gente não tinha ainda ido pra escola eu sou a mais velha dos cinco. Mas meu pai, veja como tudo começou com meu pai, ele mesmo não tendo estudo ele comprava antigamente tinha umas cartilhas que a gente falava, então ele começou a ensinar a gente em casa, então ele fazia a gente escrever sabe, eu não lembro se eu ficava escrevendo sobre mim, acho que não né? Mas aí ele começou a ensinar a gente. Ele fazia a gente decorar todas as capitais do mundo. Uma coisa interessante é que uma pessoa que veio da roça, que não tinha nem estudo direito. Ele sabe escrever mas ele escreve com muitos erros de português, mas foi ele o responsável, então começou lá bem cedo lá pelos 4, 5 anos. Na adolescência eu já escrevia muito mas eu era muito triste, odiava quando chegava a noite, naquela época eu já devia ser deprimida mas eu não sabia porque eu chorava muito à noite, então eu escrevia muito, coisa que eu nem tenho mais, eu nem tenho mais. Então começou por causa do meu pai.

2) E o que você escrevia?

Ah, eu escrevia poesia, lia, sei que eu só colocava no papel umas coisas tristes tanto que eu joguei fora tudo depois.

3) Qual a função, o papel, da escrita na sua vida. Por que você escreve?

Eu escrevo pra botá tudo pra fora mesmo. Hoje eu escrevo pra ajudar outras pessoas. A escrita pra mim é quase que como um desabafo mesmo.

4) A partir das suas experiências de escrita, você acredita que somente quem tem formação pode ou deve escrever?

Não, de maneira alguma. Tem muita gente que tem uma faculdade e não sabe escrever. Eu mesmo não tenho. Tenho segundo grau incompleto. Eu considero que eu escrevo bem. Nunca fui muito boa de matemática, mas que português eu sou muito boa. Ah...sei lá, acho que as pessoas já nascem com o dom de escrever por isso que eu tenho muita facilidade para escrever e não para falar.

5) Você acredita que o fato de você escrever muda algo em você e em quem lê o que você escreve?

Com certeza. Quando eu era criança eu escrevia muita cartinha pra minha tia que eu tinha no Rio de Janeiro. Talvez daí surgiu o hábito mesmo. Eu sempre quando ... deixa eu ver...com uns vinte e poucos anos quando eu me converti né, então, eu passei a ser quase que uma conselheira pras pessoas. Se tem alguém triste, eu sempre um recadinho ou uma carta...hoje pelo facebook pela internet. Eu sempre fiz isso...de escrever pras pessoas...então mesmo o blog que eu tenho hoje, muita gente fala "eu mudei o meu pensamento depois que você escreveu aquelas palavras. Então pra mim, eu melhoro. Se estiver triste, colocar ali no papel, eu já melhorei demais depois que eu coloquei no papel o que eu tava sentindo

6) Você acha que a escrita é uma terapia para você e para quem lê o que você escreve?

Melita: Acho. Acho não. Tenho certeza, viu? Pra mim é!

7) Antes do Blog que você criou em 2009 você escrevia ou mantinha uma agenda, um diário, um caderno de memórias, algo do tipo?

Tinha sim. Né e como falei eu escrevia muitas coisas é, como eu era uma pessoa deprimida... por exemplo eu trabalhava fora e quando eu chegava em casa minha família toda fala isso até hoje, eu entrava para dentro do quarto e ficava lá chorando. Daí eu escrevia muito eu tinha um namorado né que namorei quatro anos escrevi, eu tinha, EU ESCREVI UM CADERNO PRA ELE né que é e algum tempo atrás depois, depois dele eu casei com outro.

Eu sei que a mãe dele, desse ex-namorado guarda tudo que eu escrevi até hoje nem é o namorado que escreve né, o que guardo foi ela que guardo. Então assim, eu penso assim nossa deve ter muita coisa DE AMOR LÁ! mas deve ter muita coisa triste, coisa que nem eu tenho ela tem! Só que eu não tenho contato com essa pessoa mais né. Mas eu tinha, não era esse tipo um diário não, igual muitas meninas né, isso aconteceu no dia de hoje, DIÁRIO! Eu não tinha não, mas eu escrevi muita coisa, e quando eu me converti, porque eu assim, eu creio que, que Jesus mudou minha vida... é aí eu já não era triste mais! Eu, hoje eu sei lidar com, com a tristeza... né. Então, aí não sei porque joguei tudo fora! Hoje eu arrependo!... Sabe! Porque eu queria vê... aquele ali era a, a outra Melita,... mas não eram coisas boas não, eram só minhas tristeza mesmo que eu colocava no papel.

8) E você acha que nessa escrita que você tinha, que você falou, não era um diário, mas nesses textos que você escrevia tem uma parte da tua história ali registrada que você acha que ficou para trás que se perdeu porque você acabou jogando as folhas fora?

Melita: A, ficou sim, eu não lembro né eu sei que tinha coisas triste, tinha poesia, tinha muitas coisa que eu escrevia mesmo é... algumas, escrevia muitas crônicas, na igreja mesmo não tenho nada, não tenho mais nada.

9) Pensando na sua história de vida e história do blog "Saída de Emergência" qual a ligação entre eles?

Melita: Bom é, o blog foi justamente pra mostrar que existem outras mulheres com a história parecida com a minha né! Porque como eu fique casada 12 anos aí fui traída e aí fique sozinha com duas crianças de 7 e 10 anos... e eu tive que me virar na

vida... porque infelizmente casada o pai já era ausente... então depois de separada aí parece que ele descartou os meninos né, então até hoje 12 anos depois ele é **BEM** ausente, mais aparece né, de vez em quando, porque os meninos cresceram e tal, mas só que aí é... ele, eu pensei assim, então deve ter muitas mulheres neste Brasil à fora que devem passar pela mesma situação que eu tou passando, de não ter uma pessoa pra ajuda... é... de não saber administrar né que eu cheguei a passar necessidades né de não ter comida dentro de casa não por, porque eu na sabia administrar o dinheiro, então eu pensei, deve ter muita gente sim, e como tem, que eu descobri mesmo através do blog, que tem muitas mulheres e hoje, até homens mesmo né colocam casos assim que estão desempregado, então tem muita relação... a minha vida...com... o blog, foi isso a pergunta?

9) No blog você posta mensagens pessoais e publica conteúdos como dicas, textos e outros materiais como o caso da apostila, o que é mais importante dentro do blog para você?

Melita: Ajudar as pessoas. É, eu escrevo, assim, contando, se eu falo ali, sempre onde, tem uma coisa por exemplo, um dia que eu tô triste, eu conto ali que eu tô triste, algumas vezes eu escondo o motivo né! E as vezes eu até falo, quem conhece minha história sabe o que to falando, que geralmente são as pessoas da minha cidade né, e algumas amigas que eu fiz na internet sabem bastante de mim.

10) Qual o papel da interação dos comentários desse contato do público que lê o blog?

Melita: Bom, é sempre eu escrevo... e, eles ou voltam para agradecer né, tem algumas postagens que não tem nenhum comentário muito difícil, mas tem umas que tem muitos comentários, então eles vem agradecer as vezes por uma palavra que eu deixei lá, que as vezes eu coloco textos para levantar a auto estima né, ou então que foi uma dica também, eles voltam para agradecer, ou então pra tira alguma dúvida, né, então a importância é isso que eu vo, vo responde sempre, eu sempre respondo a todos. Só no início do blog, aí eu não sei, quando que eu, eu não sabia mexer, que eu sou bem leiga ainda né, então eu não sabia

11) Você escreve mais para você mesma, como um desabafo ou seu objetivo é estar em contato com outras pessoas, assim como você comentou agora a pouco, fazer amizades e trocar informações?

Melita: Não, eu escrevo mais para ajudar as outras pessoas mesmo! Mesmo que seja, é... falando da minha própria vida NE, como eu falei antes, mas eu sempre no final do texto eu volto aquela, aquela, o tema daquela postagem pra pessoa NE que tá lendo, é mais para ajudar as pessoas mesmo.

12) O conteúdo é bem pessoal por mais que você faz um relato da tua história da tua experiência e no final você faz essa retomada pra pessoa para o leitor, é esse conteúdo acaba sendo mais sobre você mesmo o que você acha disso?

Melita: É, realmente quando não é dica né Luciane, não realmente é porque, é hoje eu sei que tem muitas leitoras que vivem mais ou menos o que eu vivi, né porque o blog inicialmente ele foi escrito, o objetivo era pras mães, que não, que tinham filhos pequenos, eram sozinhas e não podiam sair pra trabalhar, mas hoje a maioria dos leitores são desempregados! Então, é, ele pode trabalhar fora mas ele não consegue uma vaga no mercado de trabalho, então tudo o que eu falo lá é mais voltado pra eles mesmo! Mesmo que seja, porque tem muitos pais por exemplo, que está desempregado, ai eles escrevem, "Mel eu preciso de socorro" eles fazem assim comigo mesmo... é ai eu falo aquilo as vezes é, e alguma coisa, que eu to passando uma luta e eu volto, ai vai um pai de família entra no comentário e fala alguma coisa, né e até no comentário ou na postagem mesmo, eu vou usa aquela, aquela situação minha pra ajudar eles, porque eu sempre mostro que vou dar a volta por cima, que eles podem também! Entendeu?

Luciane: Escrever no blog melhora a alta estima como se fosse uma terapia?

Melita: Pra mim funciona sim, né, e pra muitos que lêem também.

A exposição pessoal ou íntima através do blog é uma vantagem ou uma preocupação?

Melita: Ai, as maiorias das vezes é vantagem... mais em algumas... vezes... me causa preocupação por isso que eu não... me exponho **totalmente**... né, não posso citar nomes, as vezes pode ser alguma coisa que me prejudica né, a minha vida pessoal.. mais é a internet assim mesmo.

13) Aqui no seu bairro em Santa Luzia você é uma pessoa comum, e na internet que é a Mel?

Melita: A Mel é quase que uma celebridade, e aqui é... o pessoal como eu ti falei né... aqui em Minas a gente fala, não põem, não bota fé na gente... né, até os meus filhos mesmo... é, as vezes eles vem por exemplo até o caso de eu estar ganhando dinheiro com o blog hoje... né eu preciso da ajuda deles, e não, eles não tem força de vontade de me ajuda, então eu tenho que me virá sozinha, e com questão as outras pessoas, a família principalmente, eles sempre falavam assim: "Melita não sai do computadorrrrr!" né, "que que essa menina só fica fazendo no computador" e eu sempre falei assim ó, um dias vocês vão ver o fruto... né, e três anos depois ta dando fruto e muito, até financeiro.

14) Quando você escreve no blog, você usa a sua linguagem, muito próxima do jeito que você fala como se fosse uma conversa. fale sobre isso?

Melita: É, e os leitores adoram, lógico que não são todas as postagens que eu escrevo assim né, (ocê, procê), né, (meus amor) né, porque é o jeitinho mineiro, né que a gente fala, então eu sempre começo (Oi meus amo!) é... entendeu então assim, é o jeito que eu converso, do jeito que to conversando com você desde que você chegou aqui né, mineiro tem até a mania de cortar as palavras pelo meio e diminuir tudo, *ligusim*, *bunitin*, então eu sempre coloco assim, agora quando eu vou falar serio, puxar a orelha né, porque eu preciso puxar a orelha deles, dos leitores, porque alguns, como eu tenho relacionamento, Luciane, é as vezes eu vejo que tem gente que não quer sair daquela... de ta pra baixo, ai eu tenho que fazer uma postagem falando igual, por exemplo assim, essa semana uma mulher escreveu pra mim, e eu voltei pra ela falando que ela tem depressão e que o marido dela não valoriza o que ela faz e que ela precisa trabalhar mas ela não tem força, e eu falei você não tem que olhar isso, você tem uma guerreira dentro de você, que você não conhece, e ela respondeu parecia que estava pior ainda, então assim as vezes a pessoa não quer sair daquela... né, então aí nessa hora eu não converso como mineira, entendeu, aí eu coloco **VOCÊ**, entendeu, as vezes na mesma postagem eu misturo o jeitinho mineiro com o jeitinho certinho de escrever né.

15) Como é essa rotina em relação, as ações cotidianas do seu dia a dia e em paralelo a produção do blog?

Melita: Tá. Geralmente agora eu só posso escrever lá pela meia noite... né, porque durante o dia eu não tenho tempo mais né, e legal foi que o pessoal. Os leitores foram acompanhando a criação do meu brechó, né vendo que meu tempo foi ficando

escasso, bom que eles foram vendo eu criando o meu próprio negócio, foi o que eu queria passar para eles né, que gente pode ter um negócio dentro de casa, então no início eu postava todo o dia, era um diário mesmo né, então agora hoje, as vezes eu fico mais de uma semana sem postar, aí eu mesmo vou lá, e agora não to com tempo, as vezes me falta inspiração mesmo, porque to preocupada com alguns negócio algumas coisas, aí vou ponho um texto de auto ajuda, ou as vezes falo assim, to sem assunto, mas quando vou ver escrevi uma postagem enorme, entendeu, então mas agora, **Hoje**, só consigo postar a noite, e não é todo dia mais por falta de tempo.

16) E você se cobra quando não posta?

Melita: Cobro, cobro porque, eu fico, eu me sinto obrigada porque justamente o que eu falo, eles me escrevem pedindo socorro, então eu fico assim, meu Deus a pessoa de estar do outro lado esperando a resposta e eu to... sabe quando aí que eu falo tem muitas pessoa que não voltam para agradecer, mas **MUITAS** voltam... sabe e as vezes eu não consigo, ela não consegue é, é pegar alguma dica né, por exemplo vou pegar e fazer um salgado, talvez ela não faça, mas só de ler o que eu escrevi ela fala que a cabeça dela já mudou.

17) Qual é o papel do Blog na sua vida?

Melita: Ai gora você me pegou né, hum... ai meu Pai, como é que eu vou responder isso... ai pra mim é tão **importante**, porque como eu te falei eu tenho vontade de escrever um livro desde criança, desde pequena né, quando eu descobri esse mundo da escrita, e eu tenho facilidade de escrever porque eu lia muito, eu lei muito, hoje eu não leio muitos livros porque tem a facilidade da internet né, até um livro a gente encontra na internet eu posso baixar, então tem muita informação, é a eu falo pras pessoas que elas me procuram porque eu sou muito informada, eu queria que todo mundo fosse assim (riso), né, então assim pra mim tem um papel muito importante porque eu sinto que ele é o **meu livro!** quando eu comprei o computador eu falei assim, não agora eu vou escrever um blog, que eu nem sabia que existia blog né, que como eu falei eu sou muito leiga mesmo, então eu falei, esse aqui vai, vai é como se eu estivesse escrevendo o meu livro, e se Deus quiser ele vai virar um livro.

18) Você acredita que sem a internet a sua história de vida chegaria a tantas pessoas no Brasil e no mundo?

Melita: Nossa com certeza! Com certeza, porque igual você esta falando mesmo não é só no Brasil, né tem varias pessoas de outros países que escrevem pra mim, e as vezes a gente acha que as coisa ta difícil só no Brasil, porque to falando no caso do blog porque, que são dicas pra trabalha em casa né, pra pessoas que não tão conseguindo emprego, então aqui em Santa Luzia mesmo por exemplo, eu fico com vontade de ir lá no facebook e colocar assim, é os jornais de santa Luzia não dão valor ao Santo de casa, e vem uma lá do Paraná pra dar, entendeu, porque eu mesma já entrei em contato com um dos jornais daqui e eles nunca me procuraram... entendeu, pra mostrar porque assim eu não to ali querendo mostrar que eu escrevo, eu to querendo ajudar as pessoas né, mais é através do blog né, e o objetivo é sair da internet também, que esta prestes a acontecer isto né, mais aí tudo pelos meu méritos porque eu não tenho ninguém pra ajudar né.

19) Você acredita que sem a internet pessoas de baixa renda teriam outros espaços na imprensa, na mídia né com um todo pra se expressarem?

Melita: Não, é muito difícil, muito difícil, não vejo solução não, não vejo isso não, acho que é muito difícil mesmo, igual a eu mesma não procurei um **JORNAL** né, da cidade... porque eu queria expor uma coisa né, eu sou uma pessoa tem várias outras pessoas aí né que tem talento que se mostrado e não o espaço, e a internet é como se fosse uma Praça né, todo mundo ta vendo.

20) Você é uma defensora da liberdade de expressão né, a internet é um meio democrático de comunicação?

Melita: Creio que sim também. Eu falo o que tiver que falar isso faz parte da minha personalidade né, porque eu prefiro ser franca, o que eu tenho que falar, eu falo lógico que medindo as palavras pra não machucar ninguém né, mas a internet facilita isso sim.

21) Quais caminhos ou possibilidades a internet abriu para você além do blog?

Melita: Bom por enquanto não abriu muita coisa né, na internet teve outras pessoas que me conheceram da revista "SOU MAIS EU", pelo Orkut por alguém que tava divulgando meu blog né, tem o caso lá da Elo do Japão também me conheceu também pelo blog, me achou de algum lugar, nem lembro onde ela...

22) Na internet?

Melita:... é na internet né, aí agora que, como eu tenho o brechó e dentro de mim continua aquela vontade de ajudar as pessoas aqui de perto também né, porque eu não quero só ajudar gente de longe, é então através do meu brechó, do meu negócio que eu to criando um trabalho assim com senhoras que eu brinco assim, quero tirar a mulherada da depressão, porque como eu tive, eu acho até que tenho, mas como eu sei lidar com isso hoje, então tem muitas mulheres dentro de casa que eu conheço, né, são moradores aqui do bairro, da cidade conhecidas minhas, que ficam dentro casa chorando achando que é inútil e como eu tenho muita matéria prima, por exemplo eu penso em reunir algumas né e começar a bordar algumas peças minhas mesmo ajudando a elas a ter uma geração de renda né e no caso assim a gente vai vender aquelas peças, elas vão fazer vão ganhar dinheiro com aquilo e vão me ajudar ainda né. Então assim é um projeto, que o que eu falo que o "Saída de emergência" é um projeto de geração de renda, então eu quero colocara isso pra fora. Vai sair pelo meu trabalho porque eu não consegui ninguém pra me ajudar ainda entendeu.

23) Existe uma Melita antes do blog e outra depois?

Melita: A com certeza, é veja quando, quando, eu comecei a escrever o blog... né, acho que treis anos a traz eu tinha **MUITO** mais lutas do que hoje, só que eu já tinha vencido algumas né, então isso me deu mais animo pra escrever pra ajudar as outras mulheres, que no caso no início era só para as mães né sozinhas e ... ai eu convivendo com os leitores né mesmo pela internet, que são poucos os que assim que eu conversei por telefone né, então é mais pela internet mesmo! Então aí eu fui vendo o quanto que eu tinha pra por para fora mesmo... de botar de ensinar né, a passar a transpor as barreiras né os problemas entendeu então assim eu acho que eu fiquei melhor ainda.

24) Qual que é o perfil das pessoas que acompanham o seu blog? Que tipo de pessoa que entra em contato com você?

Melita: Tá! **A maioria** são de pessoas desempregadas ... né, são, algumas entram, deixam o comentário e falam assim, deixam claro que elas, me acharam porque assim hoje já tá fácil de achar na pesquisa né, as vezes você coloca lá “Trabalho em casa” então já aparece o meu “Blade penedo”, ou então coloca a “bolos confeitados” aí já aparece o meu blog... porque de início não era então agora já tem muito tempo então tá fácil de achar. Então as pessoas entram e **só fala que me admira**, ela não entro ali precisando de uma dica para trabalhar em casa né, mais a maioria, Luciane, são de pessoas desempregadas, ou que precisa de uma renda extra, entendeu. Pessoas que são desorganizadas financeiramente, mais a maioria desempregada mesmo!

25) É, você acha que sua a história de luta, o seu dia-a-dia colocado na internet, é, representam... ou são similares nessas histórias com histórias de muitas mulheres brasileiras de classe média baixa?

Melita: Sim, e até de, algumas até de alta mesmo!... porque tem muitas mulheres que **TEM** dinheiro mas não são felizes né, é quando eu coloco lá uma mensagem de autoajuda né, é, isso **TOCA** no coração delas né, porque as vezes elas falam “ eu tenho dinheiro, mais as vezes é,... eu **nunca** trabalhei mas eu queria ter o meu dinheiro”, mesmo ela não precisando né, a pessoa que ter uma utilidade quer, a pessoa parada ela não, ela não ela se sente inútil não é verdade, igual a mesma coisa do idoso, então a maioria é assim mesmo.

FASE 2 – A REPORTAGEM NA REVISTA SOU MAIS EU

26) Antes de ter esta matéria publicada na revista “Sou Mais Eu” você já havia mandado anos antes uma carta para Editora, o que você escreveu nela?

Melita: Foi basicamente um pouco da minha história de superação mesmo! Né, eu sei que eu não pude escrever muito, porque pela internet parece que tem não sei quantos caracteres lá, mais foi um resumo, mas eu nunca obtive resposta.

27) É você acredita que o blog facilitou, o fato que mais tarde você fosse procura da pela revista?

Melita: sim, com certeza, porque a, a Elena Dias né, no caso que era a repórter, ela me encontrou numa comunidade do Orkut, ela **não me encontrou**, ela entrou procurando pessoas com histórias de superação, numa comunidade do Orkut que nem sei qual, e lá tinha alguém que tava falando o meu... indicou o link do meu blog, então que ela foi e entrou, e me encontrou.

28) É você pode relatar o processo da realização da reportagem, como foram os primeiros contatos e processo de evolução da produção da, da matéria?

Melita: Sim, ela, ela mandou um e-mail falando que ela era Elena Dias repórter da Sou mais Eu, e que ela queria fazer matéria sobre histórias de superação, tinha uma outra coisa que eu não to lembrada agora, mais tem nos e-mails que tinha, é porque depois, é pode dizer que foi os primeiros contatos que ela...

Ela se apresenta e te convida para a reportagem?

Melita: ... só que aí eu fui e falei, se você quer falar comigo mesmo, porque eu tenho uma história de superação... entendeu? Aí que ela foi e, e olhou lá, sinceramente não lembro agora, foi, foi por e-mail.

29) É, e como que foi o processo da reportagem?

Melita: Tá, aí foi por telefone né, e, aí ela foi me perguntando tudo e eu fui respondendo, alguma coisa foi por e-mail também, que eu tirei as dúvidas né, mas foi basicamente por telefone e por e-mail.

30) Depois da matéria publicada, qual foi a sua impressão, você foi bem retratada?

Melita: Não! Algumas coisas foram deturpadas né, é... há coisas mínimas por exemplo o nome da cidade né foi trocado né, mais não sei porque o pessoal de fora, não considera Santa Luzia como **cidade** pensa que é **bairro** de Belo Horizonte né, foi colocado Belo Horizonte, são coisas mínimas, mais pra gente que mora na cidade. Você gostaria de fala, você não mora em Ponta Grossa? Então, assim é, **retratou bem** mas algumas coisas eu não concordei, porque teve algumas mudanças no que eu escrevi.

31) Que tipo de coisa?... Por exemplo?

Melita: Por exemplo, falar que eu, que **EU** falei que eu era má administradora né, nunca isso!... Eu falei que é, eu não sabia administrar o dinheiro... né porque, tem a questão da cidade... aí não to lembrada de outras coisas agora.

32) É... quem leu seus textos no blog né, em que você traz o teu jeito mineiro de falar, e lê o texto na revista, parece que são pessoas diferentes falando, você concorda?

Melita: Concorde, é porque no blog não, na revista não mostro nada disso não... mostro não.

33) Na matéria, na matéria lá da revista, o leitor vê no topo da página, o nome do repórter né, e antes do início do texto o teu nome, como o texto é escrito como você tivesse falando. Não é como se o repórter tivesse falando, mas como você mesma estivesse falando. Então, há frases como “eu resolvi”, “minha especialidade”, “eu consegui”. Você acredita que isso gera a impressão para o leitor de que você escreveu e não o repórter?

Melita: Ai não, como é que vou explicar, eu acho que sim, deu para entender que eu tinha falado aquilo... mas acho que pode criar uma confusão sabe, inclusive, aí meu Deus como é que eu vou falar.

34) Na matéria o leitor vê no topo da página o nome do repórter e antes do início do texto o seu nome, né como se texto fosse escrito por você né se você estivesse falando né, tem frases lá, “eu resolvi”, “minha especialidade é”, “eu consegui” né, você acredita que isso gera a impressão de que você escreveu e não o repórter, que você acha desta situação do texto?

Melita: Não, realmente eu acho... eu acho que fica meio detupardo porque fica parecendo que foi a repórter que escreveu. Que mesmo eu falando, inclusive deixa eu lembrar aqui porque eu poderia ter respondido isso antes, ela conferiu comigo o texto todo por telefone, só que como foi pelo telefone passou algumas coisa que não deveriam né então, e quando foi redigido na revista então ficou parecendo que ela escreveu usando as minhas palavras, né então poderia ser igual a você falou ela falar, Melita me relatou, né, que ela fazia isso e aquilo né, então é fica parecendo mesmo que, que não é a pessoa, foi uma histeria montada, né no caso eu não sou jornalista e no meu blog eu entrevisto algumas pessoas e falo, monte um texto sobre a tua experiência para mim, e geralmente as pessoa que não sabem colocar as palavras então eu monto a história **usando** as palavras dela, e deixo um trecho da própria pessoa e falo, é igual na ultima eu fiz, essa são palavras de Daniela né, pra deixar alguma coisa que ela escreveu mesmo, mais todo mundo entende que pra cima ela me passou os dados e eu montei, e eu deixei um trecho dela só até para a pessoa ver, não, não, saiu realmente o que eu falei né, mas a Sou mais Eu falha eu acho que falha nisso porque fica parecendo que não é a gente que está falando. Deu para entender?

35) Você acredita que o fato a entrevista ter sido por e-mail, por telefone, é o repórter não conseguiu perceber assim esse o teu jeito, teu sotaque, enfim quem realmente você é?

Melita: Pois é por telefone ela percebeu! Porque eu agi do mesmos jeito que eu to agindo com você, a gente travou até uma amizade porque foram várias ligações né, é então mas acho que não passou muito a ideia do blog, só os leitores **da revista** que acessaram o blog, ai ficaram vendo que eu falo desse jeito e que eu escrevo desse jeito, mais na revista não passou isso não.

36) O fato da repórter escrever expressões ou palavras que você não disse, até que você acabou de comentar né, é por exemplo a frase, sou péssima administradora, é muda ou afeta a imagem que o leitor tem de você ao ler o texto?

Melita: Com certeza, eu, essa, essa frase mesmo falando que eu sou péssima administradora, eu mesma me préju..., ninguém precisava falar, eu não gostei mesmo né, porque eu não falei isso, eu falei que eu **não sabia** administrar, e se eu contei a história dela, pra ela, que eu, que eu sabia né, outra coisa que ela colocou que eu falei o negócio que o meu marido tinha deixado para mim, né isso, isso era o que eu devia iscutar , então se eu venho por exemplo de uma separação, que foi uma coisa difícil né de superar, os problemas todos meus vieram disso né, eu coloquei para ela, eu fiquei com uma sorveteria e ele com outra, não ele que deixou aquilo foi uma partilha por causa do divórcio não foi ele que me deu né.

Então, assim uma era minha uma era dele e pronto, só que eu não sabia administrar, então eu tive, antes eu coloquei para ela assim, eu antes de falir eu fechei pra não ficar devendo, tendo dívidas, entendeu, ai ela colocou como **eu fali** um negócio que o meu marido me deixou! Né então é poderia me prejudicar, talvez até me prejudicou eu que não ligo muito para essas coisas, é outra coisa que, que quando saiu essa última nota também da revista né, que foi a que eu não consegui ver, que foi uma amiga de São Paulo que mandou para mim também, eu acho que poderia, **aqui** em Santa Luzia que não chega muitas revistas dessas né, como eu te falei da primeira vez eu tive de ir em Belo Horizonte para conseguir a revista porque aqui já não tinha, chega umas dez no máximo. É, e colocou lá que eu tinha uma vida, como é que é?... que eu deixava, deu pra entender assim que eu deixava duas crianças dentro de casa sendo que eu não tinha duas crianças, né porque quando, eu conto a história que eu fiquei com duas crianças, só que passaram doze anos, né então no caso passaram onze anos, em onze anos passaram muitas coisas, **um ano e meio** depois da matéria saiu essa nota, em um ano e meio eu já poderia até tar casada de novo né, então assim falar que eu saia é, que estava curtindo a vida né, eu curtindo a vida e deixando duas crianças dentro de casa isso que deu pra entender, né talvez o pessoal lá da internet não tem nada a ver, mas eu moro numa cidade do interior onde todo mundo sabe da vida de todo mundo e devem ter pensado, essa mulher é doida deixar duas crianças dentro de casa e sai pra balada, né numa época em que concelho tutelar tira a criança da gente, **não é difícil?** Então foi muito mau colocado, essas são duas coisas que eu lembrei.

37) Então você acredita que, por exemplo, mudar as palavras que o entrevistado disse pode mudar o sentido da frase ou que ela é?

Melita: É, com certeza inclusive né complementando a pergunta eu fiz uma postagem que depois vou procurar e te mostrar que eu falei, porque eu entrei em contato com ela e ela me falou assim, não Mel deixa eu falá que foi uma leitora que nunca deu problema pra gente, foi isso que falava né, e já nem tem a revista nas bancas mais! Será?é não tinha, mais muita gente tava com a revista né, e essa é a imagem que eu passo e inclusive eu falei na minha postagem, falei no facebook , que eu tenho muitos amigos e muitos leitores lá que vão no facebook para me conhecer melhor, tanto que eu coloquei no blog, quer me conhecer melhor, entra no meu facebook e eu adiciono, é eu falei assim, a imagem que eu passo para eles é que eu sou uma mulher de respeito, tanto por exemplo agora eu estou sozinha né, eu to sozinha, eu não tenho companheiro. Se eu quisesse eu tinha, mas com eu me dou o respeito sim, eu não deixo qualquer homem me cantar né dar em cima de mim, atualmente a opção é ficar sozinha mais amanhã eu posso querer alguém, mais só que eu não vou pegar qualquer um né pra ter um outro relacionamento, então eu passo uma imagem de respeito e até os meus leitores me respeitam, entendeu, então foi assim uma imagem completamente diferente do que eu passo, então ficou parecendo esta questão de falar que eu deixo duas crianças e tava curtindo a vida, e até brinque que foi bem na época da novela Gabriela eu falei que vocês me colocaram como uma quenga entendeu, e eu falei com elas eu já vi, como eu tenho mania de espia né como eu te falei, eu olhei para ver se tinha acontecido algum outro caso assim, porque eu sei que eles a partir do memento que eu dei uma entrevista ele tem poder sobre aquilo mesmo né, só que eu acho assim que o mínimo que eles podiam falar era assim Melita a gente... tanto que das duas outras vezes que saíram notinhas, elas me telefonaram, a Marcela que eu acho que é a redatora chefe, a gente pode falar sobre você, se repercutiu e tal? Eu falei pode, claro é bom para mim né, não, ai da terceira vez não teve nenhum contato ainda saiu essas coisas, eu falei, em um ano e meio eu poderia estar casada de novo e o que o meu marido iria pensar quando ele lesse isso na revista, ela tá curtindo a vida adoidado, então assim prejudica sim, e não é a imagem que os meu leitores tem de mim não é essa!

38) No blog você usa muito 'mineirês'. Você acha que isso parecesse no texto a reportagem retrataria melhor o seu jeito de ser seria mais você?

Melita: Eu acho que poderia ter citado pelo menos um pouquinho sim, só falado que eu falo assim porque lendo a matéria não da para perceber mesmo né, lógico que eu acho assim no blog é uma coisa porque eu interajo com as pessoas, e na revista não jeito de por um comentário ali né, então assim poderia ter colocado apenas um trecho, ela escreve do jeito que fala né mais ou menos essas palavras.

39) Com relação as Saídas de Emergência do blog que aparecem na revista você falou que elas não correspondem a realidade comente?

Melita: sim porque ela pediu dez dicas né, então eu falei as dez dicas e falei algumas e ela pediu dez comentários também de pessoas que tinham, e na realidade é não, e ela me pediu, Poe exemplo no blog quando eu do uma dica geralmente eu falo, quanto custou é qual que vai ser o custo da receita por exemplo né ou por quanto ela pode vender né, eu ajudo até algumas pessoas me pedem, me ensina a calcular, então eu passei pra ela só que ela foi e colocou outra coisas, ela colocou as dicas, né mais é tipo assim sobre geladinho, mais ela não colocou a minha, ela colocou o título, mais hoje ela pesquisou foi em outro lugar, não foram as minhas dicas.

40) Depois da reportagem foram publicadas você já comentou só se você quer acrescentar né, foram publicadas notas sobre você sem que você soubesse é parece que eles se tornaram ai donos da sua história?

Melita: Não, eu entendo assim né, que a partir do momento que você cedeu agora eu não assinei pra você né, no caso eu não assinei né foi só eu autorizei e pronto, é por isso que eu gosto de, por isso que eu gravei tudo né porque um dia eu poderia precisar, igual eles não tem nada assinado por mim né, mais eu entendo isso que qualquer revista que você cedeu a sua imagem é igual por exemplo a Globo né eu já quis escrever para a Ana Maria Braga, se eu escrever para ela eu já escrevi nos termos lá que eu não vou poder dar entrevista para nem um outro programa, eu acho que não vale a pena porque eu quero divulgar, porque deve sair só na Globo, então assim ai se eles quiserem fotos, igual na Sou Mais Eu ou qualquer outra revista eu entendo isso né porque como eu sou informada mesmo né, eu sei que eles podem pegar as minhas fotos e colocar ali, se quiser pode usar o que eu falei...

41) Tem no site também?

Melita: ... pois é o site eu até procuro de vez em quando, mas eu nunca vi, mais eu acho que as histórias não saem no site não saem mais receita essas coisas é, então assim eu entendo que eles possam usar só que poderia ter pelo menos um mínimo de respeito, só na última vez que eu não fui contactada entendeu?

42) O que você mudaria na reportagem?

Melita: Ai, o que eu mudaria na reportagem. O fato de, poderia é escrever como se eu estivesse falando né porque deu a entender ali que, colocou como se eu tivesse falando mais só que ficou meio deturpado o que eu falei ou então colocar falando assim, Melita é... contando a história da Melita, eles contando a história da Melita né, porque ficou como se eu estivesse falando pois não foram verdade né, mudaria também, se eu dei as dicas, se eu dei, ensinei como calcular custo, deveria colocar o que eu falei né, e eu acho que foi só isso.

43) O texto de abertura do blog tem conteúdo similar ao da reportagem. Qual deles se parece mais com você?

Melita: Do blog

44) Por quê?

Melita: Porque... porque no blog foi eu que escrevi que falei mesmo né, e na revista teve né ela colocou lá com as palavras dela, embora passou lógico, passou muita coisa, mas é o que gente falou antes as vezes uma mudancazinha já mudou alguma coisa. Uma pequena mudança nas minhas palavras né, é igual o fato que eu falei, dela falá, dela escrever lá que eu fali o negócio que o meu marido me deixou né, eu não falei isso, já mudou a história, a minha história **não é essa**, então assim talvez agradou outras pessoas mais não foi a minha história.

45) Você gosta dessa liberdade de escrita que o blog te dá, de você escrever do teu jeito?

Melita: Com certeza, porque tudo o que eu coloco ali é verdade, se eu errar, eu, não aconteceu isso, de mentir, mais se eu mentisse, ou de eu falasse alguma coisa como se eu tivesse falando com você eu iria pedir perdão pelos meus leitores.

46) Com relação aos “erros de português” por acaso se tiver, na internet você tem toda a liberdade de escrever ou certo ou errado, isso você acha interessante não só no seu blog mais outra pessoa que não tenha tanta habilidade de escrita que ela possa se expressar mesmo errando?

Melita: Com certeza, eu mesma eu falo, eu perco o amigo mais não perco a correção não é como eu sempre falei, não sou muito boa de matemática mais sempre fui boa em português, mas às vezes eu, se eu tiver, ó eu vejo assim, eu leio outros blogs né eu acompanho outros blogs e eu vejo muito erro de português eu falo assim, se eu não tiver certeza se aquilo tá certo eu procuro outra palavra sinônima entende, não é porque eu sou boa em português que eu sei tudo né! Então mais eu prefiro colocar tudo **certinho**, deu para responder.

47) Minha pergunta foi com relação às outras pessoas porque às vezes elas não têm habilidade. Por exemplo, o Orkut, que reúne muita gente, às vezes falar é mais importante do que como você está escrevendo, se você está escrevendo certo ou errado. O que importa é que você está se expressando...tá se comunicando.

Melita: Até por isso mesmo eu escrevo lá é porque foram pouquíssimas olha acho que já tive três no máximo quatro pessoas que entraram, é que não foram pra me agradecer nos, nos comentários do blog, teve até um colocando blog de merda né, isso aqui

não ensina nada não, sabe tipo assim os anônimos né mais eu tenho que deixar os anônimos porque tem gente que não tem conta no Google aí não consegue comentar então tem que entra como anônimo, é eles... deu branco!

Melita: justamente porque eu escrevo, pro cê, ocê, meus amo, aí eu fico assim um monte de gente deve estar lendo porque pelas as estatísticas né a tem de 2000 a 3000 pessoa por dia, claro que umas vão em outros portais outros em outros né, aí eu fico assim deve ter gente bem tarimbada mesmo que lê o meu blog e fica caladinho né, até porque a gente entra muito em blog no começo né, então eu fico assim o que que o pessoal deve acha de eu escreve, pro cê, né então porque eu não quero mudar isso né porque eu não estou escrevendo erra eu estou, você não puxa o erre, aqui a gente diminui as palavras né, então assim eu, pra você escrever o seu sotaque é mais difícil, eu acho que não consigo escrever **porrrta** agora pra você é fácil escrever procê não é, então esse é jeito que gente fala aqui em minas, então eu fico meio preocupada se alguém, mas também não tem que dá satisfação não, sabe eu vou continuar escrevendo assim, eu fico preocupada se alguém fica pensando assim: Ah ela gosta muito de corrigir erro, porque eu corrijo sim, por exemplo no Face a gente brinca mesmo coloca a estão crucificando o português não é, a gente fala, aí eu **arrepio** de ver erros de português sabe, fico arrepiada mesmo, eu **detesto**. Mas é não tem nada a ver do jeito de eu falar porque o nosso sotaque é assim, entendeu então não é que eu estou escrevendo errado...

É a cultura não é um erro de português né, igual se eu estiver, se eu for escrever uma palavra por exemplo eu sei que está certo né, assessoria com dois esses e depois dois esses denovo, mais se eu ficar assim mais será que é com cê-cedilha, aí eu procuro outra palavra parecida com aquela porque eu não sei, porque eu tô na dúvida né mais eu escrevo, mas agora deixar de escrever, procê, cocê.

51) Você gostaria que o seu texto fosse publicado sem edições sem mudanças na revista Sou mais Eu?

Melita: No meu caso sim! Porque creio que eu sei escrever bem! Mas se fosse outra pessoa que não tem habilidade para escrever aí com certeza, mas sem mudança na história porque você substituir palavras sem mudar o conteúdo não é verdade.

52) Quem é a Melita do blog e você pode responder num paralelo com que é a Melita da reportagem?

Melita: Ai ai ai, é mesma pessoa, só que o fato dela mudarem algumas coisas que eu falei mudou um pouquinho a história mas não o jeito da Melita porque eu creio, deu para entender lá na matéria que eu sou uma pessoa boa que gosto de ajudar o próximo ... que criei, que meu blog que no caso ali elas estão falando mais do blog do que de mim, só que tivessem que contar um pouco da minha história até chegar no blog, então algumas colocação lá alguma mudança no que eu falei só deu a entender assim só mudou um pouquinho a história mas deu para passar que eu sou essa pessoa a mesma do blog.

53) No blog você traz uma cronologia, 2009, 2010, 2011, até 2013. Você acha que está escrevendo a sua história de vida no blog?

Melita Luzia Santos: Com certeza, porque mesmo eu não postando diariamente mais “né” porque eu sempre coloco aonde vou, o que tem acontecido, se eu estou triste ou se estou alegre, se eu obtive uma vitória “né”, como eu falei, os leitores foram acompanhando, eu mesmo criando meu próprio negócio que hoje já é próprio. Até a questão do microempreendedor “né” porque eu quero aí quem dera... Se todo mundo entendesse que é tão fácil ir lá e se transformar um micro- empreendedor individual. Eu fiz até acho que foi quatro capítulos e eu coloquei “A Saga” porque foi tão difícil. É fácil, mas aqui no caso da minha cidade foi difícil “né” porque a prefeitura mesmo não colabora com uma coisa que eu “tô” vendo. Então assim, eu creio sim porque é a história da minha vida.

APÊNDICE C - Relato de vida

Data: 18 de julho de 2013
 Local: Santa Luzia, Minas Gerais
 Horário: 15 horas
 Pesquisador: Luciane Pereira da Silva Navarro
 Pesquisador responsável: Miguel Sanches Neto
 Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Curso: Mestrado em Identidade, Linguagem e Subjetividade
 Entrevistada: Melita Luzia dos Santos

Então tá. Meu nome é Melita Luzia Santos, eu nasci em 5 de fevereiro de 1962. Ai, 51 ... 51 anos. Eu nasci em Santa Luzia que é região metropolitana de Belo Horizonte e é uma cidade histórica, embora não seja assim tão conhecida como cidade histórica, mas é "né" porque tem muitos casarões e principalmente a que eu moro, praticamente no centro histórico. Mas é uma cidade que hoje não, nenhum dos prefeitos até hoje investiu em turismo. Então é como se fosse uma cidadezinha pequena "né", todo mundo sabe da vida de todo mundo. Aqui onde que eu moro mesmo, eu sempre morei neste bairro, em casa diferente, mas sempre morei no mesmo bairro. Todo mundo conhece a gente, não é mesmo? Então assim, eu cresci do lado de uma fonte "né" que tem até hoje, mas eles mudaram um pouco o jeito lá, é um chafariz e lá se chama "Fonte da Intendência". E a gente morava do lado da minha vó, mãe do meu pai, e eu lembro que lá, em 1969, eu lembro, tenho na minha mente ainda o dia em que o primeiro homem pisou na lua. Nessa época eu acho que a gente já tinha, era uma das poucas casas que já tinha televisão. Chegava à noite, o pessoal vinha assistir televisão na casa da gente sabe, e eu lembro especialmente desse dia que o homem pisou na lua sabe? Ficou todo mundo "né", que eu tinha sete anos "né".

Eu sempre assim, me destaquei "né", dos meus irmãos na escola, como eu contei "né" nas perguntas, foi meu pai que... eu não lembro. Ele veio da roça, então ele teve pouquíssimos estudos, que antigamente minha mãe se ralava assim também "né", que eles viviam mudando de lugar "né", porque o pessoal que mora na roça trabalha com fazendeiros. Aí mudava de uma fazenda pra outra. Então não parava em escola.

Então, meu pai tem assim, um estudo muito básico mesmo. Ele escreve de tudo e, ele é cego de um olho "né", porque quando ele era jovem ele bebia muito. Então quando a gente era criança também, ele não deixava a gente chupar manga e beber leite. O pessoal antigo tem essas coisas "né" até hoje. Porque ele falava que ele perdeu a visão por causa disso. Que ele perdeu a visão, ele ficou acho que em coma, não sei. Acho que é isso que ele conta que ele voltou de um circo, chupou manga e bebeu leite, aí ficou mal e depois disso ele ficou cego. Então, mas só que aí, ele tem pouquíssimo estudo, mas ele comprava cartilhas. Era cartilha, como se fosse hoje livros de alfabetização "né", só que a gente falava cartilha. Ele comprava tabuada pra gente, que a gente não vê fazerem hoje "né"? Então foi antes da gente entrar pra escola, nos todos lá em casa já entramos sabendo ler e escrever, porque ele ensinava. Ele ensinava a gente, é... Eu acho que hoje eu não sei se você me perguntar capital de não... sei, um país aí, talvez eu não sei, mas naquela época eu sabia de todos os países e todos os estados do Brasil. Era tudo eles que ensinou a gente. Então assim, a base que eu tenho de escrita, tudo aí começou com meu pai "né", e a gente não dormia enquanto não sabia tudo de cor e salteado, aí apanhava. Apanhava mesmo, de correia, de vara de marmelo e de cinto, de chinelo, tudo o que podia bater na gente.

Tem outras coisas também que eu lembro assim da nossa infância. É, por exemplo, eu e meus irmãos, meus cinco irmãos, nenhum de nós tem dentes bons, porque a gente não foi ensinado "né", por exemplo, a escovar dente, "né". Hoje os meus filhos tem dentes maravilhosos e eu não tenho. Agora que eu estou podendo, começando a cuidar dos dentes. Mas nenhum de nós "né"... Porque meu pai, eu lembro também quando a gente era criança. Tinha um banheirinho feio, eu lembro que o meu pai deu à gente uma barra de sabão e uma escova. Agora não sei se era uma escova pra cada um, não sei. É a única vez que eu lembro de escovar dente. Então você vê que a cultura deles né... era poucas vezes, mas ele fazia questão da gente saber ler e escrever. A gente foi, sempre estudou em escola pública, inclusive eu estudei, uma escola que existe que até hoje é... ela era um orfanato e hoje a gente fala creche "né". Porque, era umas meninas... Muitas são minhas amigas até hoje ainda que estudaram comigo. Eram órfãs que moravam nesse orfanato da falecida dona Marili Moreira. Era uma mulher que ela recolhia as meninas, ficava ali até dezoito anos "né" e lá elas aprendia tudo. Então nós todos estudava nessa escola. Eu me lembro até hoje. Só que agora, é de um outro jeito, porque a Dona Marili não tá viva também.

É hoje chama Asilo São Gerônimo. Entendeu? Então, existe até hoje, só que aí hoje como é uma creche, parece que tem alguns internos lá. Parece. Mas funciona como uma creche mesmo pras mães que tem que deixar as crianças lá "né" pra trabalhar. Então nos fomos alfabetizados ali, mas já entramos sabendo ler e escrever. Pelo menos eu, Ângela e Leda, meus dois irmãos Carlos e Ruberson, eu não lembro se eles foram da época que eles pegavam pesado com a gente. Então, tudo começou ali com o meu pai "né", e ele era uma pessoa, ele era muito bravo "né", então... Era muito mulherengo também, então minha mãe sofreu muito com ele. Então, eu até brinco que minha mãe é como se fosse o saco de pancadas dele. Tudo assim, ele nunca encostou, nunca bateu nela, mas ele humilhava ela muito com palavras.

Quando meu irmão mais novo nasceu, ele quase morreu e ela também. Então minha mãe nunca mais teve saúde. Então ela foi... Minha mãe era costureira da "alta sociedade" aqui de Santa Luzia né. É porque toda, toda cidade histórica também tem aquela, tem uma sociedade né. Hierarquia né, que é até hoje. Ainda tem até hoje. Mandam na cidade sabe? Então assim, ela costurava. E quando minha mãe morreu, ela não sabia dar uma barrinha mais numa calça, porque ela foi ficando sem saúde e

tal. Mas quando minha mãe faleceu também, aí que meu pai reconheceu o quanto que ela era valorosa “né”. Então assim, eu também, como eu vejo que eu era assim... Eu sempre destaquei “né” por causa dos meus irmãos, por exemplo, assim, na escola. Antigamente... Nem sei quanto que são as notas hoje. É dez, é cem? Não sei. Cem é o total né? Pois é, mas aí na minha época, tinha que tirar dez. Era a nota máxima, aí a menor nota era nove e meio “né”.

Eu nunca precisei apanhar não, mas meus irmãos apanhavam demais. Eu lembro do meu pai batendo e assim, eu apanhei em algumas coisas sim mas é porque eu não sabia falar de cor alguma coisa, mas eu “né”, na escola eu destacava e lembro quando eu fui pra... Que a gente falava quinta série. Então tinha prova de seleção pra entrar no colégio “né”. Então assim, eu tirei o primeiro lugar no colégio todo. Nossa aquilo foi uma coisa pra família né. Então assim, desde pequena eu venho destacando “né”. Eu não gosto de falar isso, mas eu não posso negar “né”. E aí a família toda tem essa coisa comigo quando precisa de alguma coisa é: “Ai. Procura a Melita. A Melita deve saber. Ela que sabe. Melita deve saber”. Então, mas, tudo assim... Isso eu devo ao meu pai “né”. Meus outros irmãos também, assim são normais. Eu não sou a normal, mas eu destaquei mais do que eles “né”. Então eu falo que hoje, o meu filho é a mesma coisa.

Então, só que eu não sei sabe Luciana, se foi porque meu pai era muito bravo ou se era porque eu destacava ou todo mundo “né”, tudo em cima de mim. Mas eu não me sentia valorizada. Então eu fui crescendo uma menina triste, sabe? Nossa eu era muito triste. Não, mas eu acho, no fundo, no fundo, acho que é por causa da braveza do meu pai sabe? Então quando eu era adolescente mesmo. Quando meu pai era cego. Foi essa época que ele perdeu o olho mesmo, que ele... Hoje ele tem uma prótese. Eu lembro que, o prefeito da cidade era meu padrinho de casamento amigo do... Era o meu padrinho de batismo. De nascimento e ele era amigo íntimo do meu pai. Então ele pediu, ele arrumou um emprego pra mim na prefeitura, que eu tinha dezessete anos e ali foi meu primeiro emprego, eu entrei pra ajudar meu pai, porque meu pai tava ficando cego. Mas assim mesmo Luciana, olha têm, pra falar a verdade, olha como que é as coisas. Meu pai ele arrumou aquele emprego pra me ajudar em casa. Eu não lembro. Eu acho que nunca ajudei em casa sabe. Assim, ele não me cobrava.

Então assim, aí depois eu passei a conviver com outras pessoas, aí parece que eu fui ficando mais triste ainda. Aí comecei a namorar. Também nunca fui namorada também não. Tive dois namoros firmes assim e no terceiro que aí eu já casei. Mas eu... Então eu era uma pessoa muito triste. Detestava a noite. Quando eu voltava do trabalho eu já ficava dentro do quarto e ficava ali chorando. Foi aí que eu comecei a escrever mais. Porque eu já escrevia.

Quando eu tinha namorado, eu escrevia muitas coisas pra ele, às vezes coisa triste, às vezes coisa alegre. Sei lá. Nem lembro. São as coisas que eu falei que o... Algumas coisas... A mãe dele guarda até hoje “né” que deve ter uns trinta e cinco anos mais ou menos, e a irmã dele falou que a mãe dele guarda. Mas outras coisas que eu escrevi também joguei fora. Então, depois disso daí, eu fui com vinte e quatro anos, eu sei que a gente saia pra um barzinho.

Eu saía com alguns amigos e tinha um casal que sempre ia na igreja evangélica e eu falava assim... A gente era católico, mas a gente não era praticante não. Inclusive voltando lá atrás um pouco “né”, falando dos estudos “né”... Minha vó, a mãe da minha mãe, era muito beata, católica “né”. Então eu detestava quando chegava a primeira sexta- feira do mês, porque ela chegava na nossa casa quatro horas da manhã pra levar a gente pra missa, que era tipo promessa “né”. Então a gente ia por obrigação e tudo “né”. Ia na missa por obrigação, porque eu era obrigada “né”, mas não era uma coisa agradável pra gente. Então... Mas devo muito a essa vó também, porque todos os livros era ela que conseguia pra gente, ela pedia à outras pessoas que já tinha estudado, porque hoje, todo ano muda os livros. Naquela época não, ficava anos os mesmos livros. Então ela conseguiu pra gente sabe. Todos os nossos livros foi minha vó que conseguiu pra gente. Lógico que o pai ajudava, mas, mais era ela.

Aí então, quando eu fui trabalhar fora e tal, então eu continuava muito triste. E aí eu saía, mas aí divertia alí, mas aí voltava pra casa aquela tristeza. Sabe quando a gente fala assim: Ah, tem um milhão de pessoas a sua volta, mas você é sozinha? Eu era assim, e eu sou muito fechada até hoje. Quando eu falo assim, eu sou tímida. Ninguém acredita. Mas eu sou incapaz de chegar perto de uma pessoa.

Se você nunca tivesse me procurado, eu não te procuraria entendeu? Agora a partir do momento em que eu fiz amizade, aí é diferente. Mas eu tenho dificuldade em relacionamento assim, de criar relacionamento com outras pessoas. Por isso que eu gosto de colocar tudo no papel. É mais fácil. Então, aí um dia eu tava nesse barzinho e esse casal falou assim: Vamo pra igreja. E eu falei assim: Deixa eu ir com vocês? E foi a primeira vez que eu entrei numa igreja evangélica, por isso que eu falo, que eu não sou aquela evangélica radical, de ficar falando de Deus o tempo todo, mas tem sim uma Melita antes que era aquela Melita deprimida e tem a Melita depois daquele primeiro dia, porque eu nunca tinha entrado numa igreja evangélica e aí depois eu falei, nossa porque que eu não vim antes “né”.

Então assim, eu conheci muita coisa, que é o que eu falei pra você, que eu acho que todo mundo tem que ter uma fé. Não importa se você é católica ou espírita, evangélico “né”. Então, tem que ter uma fé. Apesar que eu tenho uma doutrina “né” que eu sigo, mas ninguém obriga... Deus criou a gente com o livre arbítrio “né”? Então, eu sou bem melhor, depois que eu fui pra igreja evangélica, porque eu aprendi muita coisa. Eu sei que dentro das igrejas, seja ela qual for, você é trabalhado, “né”. Então, ali dentro eu aprendi a... Perdi um pouco daquela tristeza, e ali dentro também, eu comecei a trabalhar com pessoas.

Como eu sempre tive facilidade de aprender as coisas, aí eu era líder de tudo. Eu falo que eu só não fui líder de homem, porque tem que ser homem pra trabalhar com homens “né”. Então eu trabalhei com criança, trabalhei com adolescente, com o que a gente fala que é “Junior”, que é de nove a doze anos, trabalhei com as senhoras. Então assim, isso tudo eu tinha que preparar estudos, “né”, então tinha que estudar “né”, tinha que...

Então, na igreja eu sempre fui líder “né”, então trabalhava muito com pessoas. Tinha que preparar estudos, essas coisas. Então eu “tava” fazendo o que eu gostava também “né”. E tive a oportunidade de escrever muitas crônicas também, escrevi muito lá na igreja. E lá na igreja foi que eu conheci meu ex-marido também “né”. Com um ano e meio, menos de um ano e meio de namoro, a gente casou, ele era quase seis anos mais novo do que eu “né”. Aí com um ano... Eu tinha medo de ter filho antes de trinta anos, depois de trinta anos. Naquela época, a gente pensava muito nisso, aí depois de trinta anos é perigoso. Então com vinte e oito... Eu casei com vinte e seis. Quase que eu fico pra titia. Então com vinte e oito, aí eu tive meu primeiro filho e eu trabalhei dos dezessete aos vinte e seis, não, aos vinte e oito eu trabalhei na prefeitura. Eu fiquei bastante tempo e depois eu fui trabalhar numa indústria de papel e papelão aqui. Foi quando eu engravidei do primeiro filo e logo foi um aborto espontâneo “né”, então foi quando não tinha nem um mês de vida. Então, logo depois eu engravidei do meu primeiro. Aí eu saí do emprego “né”.

Então, era sempre ativa na igreja, trabalhando e trabalhava fora. Aí como eu já “tava” sabe acostumada com meu dinheiro aí eu comecei... Eu disse não, eu quero ter alguma coisinha pra fazer em casa, “né”, pra ter meu dinheirinho. Na época eu ganhava mais que meu ex-marido “né”, que ele era da polícia, como é até hoje, e eu não queria ficar parada. Foi quando eu comecei com aquela ideia do geladinho, que a gente aqui chama “chup- chup”. Aí nisso eu tava morando na casa do meu pai “né”. Não posso esquecer do meu pai . Quando eu casei eu morava na mesma rua e depois a gente foi morar lá. Foi quando eu comecei a fazer os geladinhos “né” e nessa época então... Quando não tinha ninguém vendendo por perto, eu fazia os geladinhos diferentes, que eu não fazia só com o suco igual às outras pessoas faziam, eu usava produto de sorvete.

Então, o pessoal comprava até mole sabe, não dava tempo de congelar. Então eu vendia muito, aí eu falei assim, vamos fazer sorvete, botar “produtinho” de sorvete. Aí meu ex-marido comprou um freezer pequeno, comprou uma batedeira e aí eu comecei a fazer o sorvete. E foi mesmo aí que ele viu que a coisa podia render o meu dinheiro “né” e aí ele começou a investir. Pegou um empréstimo para descontar no salário dele “né”, no salário da polícia e pagou a primeira máquina da gente em quatro anos e eu sempre trabalhando em casa e trabalhando na igreja “né”, que eu sempre falei que eu sou muito ativa mesmo, então eu fazia várias coisas. Então, o tempo foi ficando mais escasso e a gente começou a trabalhar de mais “né” e tudo ele... A gente não tinha carro, mas aí começou a entrar dinheiro “né”, porque o negócio “tava” dando certo. Então, meus meninos também já “tavam” na escola, que eu já tinha outro filho também e todos os dois eram pequeninhos.

Mas aí, a questão do casamento, quando a gente adquiriu o primeiro carro, aí já não foi mais a mesma coisa, “né”, porque infelizmente, eu mesma falo, que foi o dinheiro que atrapalhou o nosso casamento “né”, porque aí ele já não era mais aquela pessoa simples de antes, talvez também assim, a pessoa que entra pra polícia, eles são muito trabalhados em questão de disciplina, sei lá, e muda muito a personalidade sabe, ele ficou muito frio, infelizmente ele era muito mulherengo. Eu nem devia ter casado com ele , mas aí casei “né”, sabendo que ele era assim.

Então, chegou... Nós tivemos nove anos juntos, nós separamos uma primeira vez por causa de uma mulher também e aí nove meses depois, ele voltou. Mas nós tinha nos separado mesmo judicialmente e voltou aí nós vivemos mais um ano e pouco, aí separamos mesmo. Então, foi aí que começou a minha luta “né”, e aí eu morava de aluguel, mas aí como eu não fui conseguindo pagar o aluguel, que eu fiquei sozinha com as crianças “né”, então voltei pra casa do meu pai.

E foi nessa época, deixa eu ver... uns dois ou três anos depois que eu já morava na casa do meu pai que eu comprei um computador e tive a ideia do blog “né” porque eu já, eu sempre pensava num negócio, eu tinha muitos recortes de revista, ou eu colecionava aquelas revistas de negócio também, principalmente aquela “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”. Eu tinha isso na cabeça, só que eu nunca pensei em blog, não sabia de blog, o que era blog, e só quando eu comprei, fiquei fuçando muito “né” que eu descobri que eu podia fazer um blog, e que veio a ideia do blog de ver, saber que tinham outras mulheres talvez do Brasil que poderiam “tá” na mesma situação que eu. Pelo “Orkut” eu comecei a conhecer algumas com situações idênticas à minha. Até questão de traição, mulheres que tinham ficado sozinhas, os pais “abandonou” os filhos, era mais ou menos a mesma coisa. E nisso, meu pai já não morava nessa casa mais que tava... Que eu moro até hoje “né”, que hoje mora eu, meus filhos e meu irmão e do outro lado mora minha irmã com a família dela. E meu pai foi. Após a morte da minha mãe ele voltou pra roça, na cidade de Jabuticatuba, que é uma cidade vizinha daqui. Mas ele foi morar na zona rural dessa cidade “né” que é onde... Que ele nasceu.

E a história do meu pai também “né” que eu tenho muito um pouco a ver com ele nessa questão de, as vezes até o talento que eu herdei “né” dele, essa questão de escrever. Como ele foi jornalista por quarenta anos, aqui na cidade, quando na época não havia assinatura de revista e tudo, ele era o único agente dos diários associados aqui da cidade. Então, ele entregava jornal com uma bicicleta “né” aquele montão de bicicleta, a gente era criança, a gente ajudava ele as vezes a levar, ele dava uns dez jornais pra gente levar, num lugar, em alguns lugares entendeu.

Desde criança a gente ajudou ele. Então ele foi pra... Como ele trabalhou quarenta anos sem nunca tirar férias, porque não tinha jeito, não tinha outra pessoa que entregava jornal na cidade “né” naquela época. Como não tinha assinatura, era tudo anotadinho. Eu lembro que ele colocava... O dinheiro ficava todo em casa, quando pagava “né”. Então ele tinha que pagar o... No caso que... Aqui tem o jornal “Estado de Minas” e tinha o “Diário da Tarde e o Diário de Minas” que eu acho que não tem esses dois mais, tem só o “Estado de Minas”. Então eu lembro que a gente ficava ali fazendo a contabilidade, ou seja, ele deixava aquele monte de moeda e as cédulas “né” a gente que separava os filhos e a mãe (a esposa). A gente que separava tudo pra ele e ele que fazia as contas tudinho pra pagar o estado de Minas, os jornais “né”. E quando minha mãe faleceu, que aí eu já “tava” morando na casa dele, aí ele já foi embora pra esse lugar. E chegando lá, ele, deve ter uns... Está beirando uns dez anos que ele mora lá.

Pesquisadora: Qual que é o nome da cidade?

Melita Luzia Santos: Jabuticatuba. E lá, o vilarejo... Jabuticatuba é uma cidade, parece pequena, mas lá tem muita área verde. Então, a cidade, o pessoal pensa que é tipo assim, uma pracinha, e a cidade ao redor da pracinha, mas não é. Esse é o centro “né” então tem muitas... Na zona rural tem muitos vilarejos, e ele mora num desses vilarejos chamado “Casa de Telhas”. Lá se chama “Casa de Telhas”, porque lá surgiu a primeira casa que tem telha, então ficou “Casa de Telhas” “né”. Então é aquele pessoal bem antigo mesmo que trabalha na roça, que planta. Embora se você for lá hoje você não acha, por exemplo, uma horta “né”. Eu falo que, tem luz lá hoje “né”, mas lá só tem, por exemplo, uma mercearia, que eles chamam de venda até hoje, tem um telefone só, o telefone público. E que, quando a gente quer falar com algum morador a gente liga, o dono da mercearia atende e manda chamar a pessoa. Celular tem que subir no morro pra pegar, e não é todos “né” que pegam, aí só falta a internet chegar lá, mas é meio difícil “né”. Então é assim, o lugar é um paraíso, maravilhoso, tem rio tal, vai muitos turistas. Aí ele chegou lá e ele falou assim: “Gente esse negócio aqui tá muito parado. Eu vou inventar um jornalzinho”.

Aí ele chegou com essa ideia aqui em casa, aí veio atrás de quem? Da Melita, porque ele sabia que eu gosto de escrever. Então ele começou assim fazendo... Ah! Vamos começar escrevendo umas mensagens aí, chegou perto de alguns moradores lá “né” que são uns vizinhos dele, e falou assim: “Ah, posso fazer uma piada com você”... E esse pessoal autorizava sabe. Começamos a escrever algumas orações. Como cidade de interior tem muitas festas religiosas, aí vamos colocar esses calendários religiosos, como se fosse jornalzinho de bairro mesmo, de escola. Então ele começou, ele criou isso e a gente pegava a máquina de escrever “né” que sempre teve lá em casa, inclusive a gente ganhou, depois ganhamos mais uma de leitores dele. Começou a escrever isso e eram duas folhas A4 grampeadas e aí a gente datilografava, e tirava “xerox”, são poucas cópias “né”, só pra aquele vilarejo. Aí depois então com o tempo ele disse, vamos ver se... Ele tirava o dinheiro do bolso dele. Ele é que bancava “né”. Aí ele foi e falou assim, vou ver se consigo alguém pra ajudar, e ele foi na fazenda no “Zé Bétio” e esse moço começou a ajudar. Acho que com vinte ou trinta reais, ah, vou te ajudar. E aí a gente criou o anúncio dele e hoje são oito anos já que tem esse jornalzinho, hoje tem doze páginas, o último jornalzinho... e é um jornalzinho mensal “né”, porque a gente não tem condição pra fazer nem muitos exemplares “né” e nem... hoje tem quarenta e cinco anúncios, no último teve quarenta e cinco anúncios “né” que meu pai consegue, e aí, esse jornalzinho hoje... A gente não corre atrás de mais nada. Hoje eles que escrevem, mandam e-mail pra gente, porque não está mais só em “Casa de Telhas” mais. Ah, inclusive “né” o nome do jornal, o jornal se chama “O Caditeense” porque como o pessoal de Minas já diminui as palavras e como lá é uma zona rural onde a gente fala roça mesmo, o pessoal do campo eles pensam assim... Se a gente perguntar alguém onde que você mora, aí ele fala eu moro em Caditeia e aí a gente pensou assim, quem mora em Caditeia é “caditeense”, e aí ficou esse jornal. Tanto que a gente não... Como o jornal hoje não é só desse lugar, ele chega em todas as outras... A gente “temos” correspondentes.

Chega lá têm o ônibus, têm os ônibus dos vilarejos, aí ele coloca... entrega ao motorista, o motorista chega lá e tem um correspondente que deixa nos comércios, deixa nas escolas, entendeu? Então o jornal chega em vários lugares lá, e da cidade mas não em todos os bairros, porque a gente não tem muita condição. Então, essa ideia surgiu dele “né”, de escrever isso e hoje eu chamo meu pai de jornalista da roça, porque de jornaleiro ele virou jornalista “né” e realmente, é um jornalzinho assim que, como o pessoal é da roça e da cidade... Lá é muito, Santa Luzia é uma cidade do interior. Da Jabuticatuba é considerada mais ainda. Lá é assim, quem não receber o jornal fica chateado “né” e é um “xerox” “né”. Só que um “xeroxzinho” bom até conseguir alguém que ajude a gente “né” a elaborar direito, correr atrás de como que pode imprimir isso numa gráfica “né”. Então acaba que, eu também escrevo nesse jornal, sou a redatora “né”, e uma das coisas que o pessoal mais elogia é o editorial e algumas matérias... Eu recolho uns artigos da internet mesmo ou assim... Sempre citando a fonte “né” de onde que nós tiramos, a gente escreve sobre... Meu pai corre atrás da notícia também, por isso que ele tem oitenta. E aí, a gente faz história de pessoas que já morreram que a gente chama de “História do nosso povo” e tem o: “Gente que faz” que é uma pessoa que “tá” viva, mas que fez alguma coisa de destaque, por exemplo, um comércio que é muito conhecido. A gente começa a contar desde quando era um pequeno negócio, até crescer. Fala da família. Tem um que é: “Gente Nossa” que monta tipo uma biografia da pessoa, mas aí a gente já coloca diferente... Nome data de nascimento, casado com quem, filho de quem, o que é que faz, entendeu? Até altura, peso. Coloca isso lá. Mas pra eles Luciane, é uma coisa assim... Lá não tem nenhum outro meio de comunicação. Por incrível que pareça, uma jornalista já tentou fazer um lá e não foi pra frente. Era quatro páginas só também, era impresso na gráfica bonitinho sabe, o da gente não chegava aos pés. Mas cadê? Não tem mais. E o nosso “tá” lá tem oito anos “né”. Então, obra do jornaleiro e através disso, até jornalistas mesmo que pra gente transformar o jornal que não é um jornal “né”, é um periódico. A gente fala um periódico, que sai uma vez por mês, teria que ter um jornalista responsável e tal. Mas a gente não tem nem salário, como que a gente vai pagar um jornalista “né”? Mas, quem sabe um dia pode dar fruto “né” porque o pessoal gosta de receber, gosta de ver as piadas, eles mesmos mandam as piadas pra gente. E não é só “pro” pessoal que a gente fala que é da roça. Hoje mesmo tem muitas pessoas que são advogados, tem pessoas que pagam, que dão contribuição financeira “pro” jornal também e não gostam que f... Fica como anônimos, entendeu? Então Luciane, voltando ao blog também, tem o blog e têm o jornal. Eu tenho que me dividir entre os dois. Só que o jornal eu escrevo uma vez por mês, só que me toma bastante tempo também. Às vezes eu falo assim: Aí meu pai “ta” me tirando do sério, porque ele joga a responsabilidade toda pra cima de mim. Ele traz alguma coisa lá, por exemplo, ele traz escrito na linguagem dele, que como eu falei ele não teve muito estudo, aí algumas palavras eu tenho até que traduzir. Ele monta um texto, aí eu tenho que fazer concertar tudo direitinho de modo que as pessoas entendam também “né”. Então assim, eu escrevo “pras” duas coisas também, pro jornal e pro blog “né”.

ANEXO A - Capas junho, julho e agosto de 2012

Julho 2012



edição 0297



edição 0296



edição 0295



edição 0294

Junho 2012



edição 0293



edição 0292



edição 0291



edição 0290

Agosto 2012



edição 0302



edição 0301



edição 0300



edição 0299



edição 0298

CAPAS SETEMBRO E OUTUBRO DE 2012

Setembro 2012



Outubro 2012



edição 0310

edição 0309

edição 0308

edição 0307

CAPAS DEZEMBRO 2012 E JANEIRO DE 2013

DEZEMBRO DE 2012



edição 0318

edição 0317

edição 0316

JANEIRO DE 2013



edição 0324

edição 0322

edição 0320

ANEXO B - Reportagem Melita Luzia Santos

SUPERAÇÃO
Reportagem: Helena Dias

VOCÊ TAMBÉM PODE GANHAR R\$ 300

Divorciada, criei estratégia

Fiz geladinhos, artesanato e abri um brechó. Com minhas saídas de emergência, consegui criar meus filhos e levar uma vida digna. Ensino quem precisa!

MELITA LUZIA SANTOS,
49 anos, autônoma, Belo Horizonte, MG

Há fases na vida em que bate o desespero. Parece que as portas se fecham. A gente se vê sem saída e aí vem a sensação de que só nos resta sentar e chorar. Isso aconteceu comigo há nove anos, quando me divorciei. Desempregada e sem preparo para o mercado de trabalho, estava com 40 anos, duas crianças para criar e não podia pagar uma babá. A pensão alimentícia que eu recebia do meu ex-mal pagava a comida do mês. Para pagar, eu tinha levado à falência o único ganha-pão que meu marido me deixou: uma sorveteria. Eu me perguntava: "E agora?". Precisava de uma saída de emergência! Urgente!

Parei para pensar e resolvi investir em algo que eu pudesse fazer sem sair de casa. Sou péssima administradora, mas fui eu que comeci o negócio da sorveteria, fazendo geladinhos. E, naquele momento, sozinho, voltei a produzir. Também passei a fazer artesanatos simples, como sabonetes e lembrancinhas para festas, que eu vendia para conhecidos. E deu certo! Consegui bancar as necessidades básicas dos meus filhos sem entrar no vermelho.

Meus trabalhos não me deixaram rica, mas me fizeram enxergar que SEMPRE existem soluções para sairmos do sufoco. E é por acreditar nisso que compartilho minhas experiências no blog www.saidadeemergencia.blogspot.com. Meu objetivo é ajudar outras mulheres a encontrar uma luz no fim do túnel. Para tudo dá-se um jeito!

Perdi o marido, meu negócio falhou e fiquei sem emprego

Me casei aos 27 anos. Fui compradora em uma empresa até meu primeiro filho, o Isaac, nascer. Depois, parei de trabalhar. Meu marido era militar e nos sustentava. Mas como eu queria ter meu próprio dinheiro, vendia

24 Sou mais Fel



As soluções emergenciais que uso para sair do sufoco: brechó, geladinho e sabonete artesanal

geladinhos da janela do meu quarto. O negócio fez sucesso. Meu marido viu ali uma oportunidade e montamos uma sorveteria. Em pouco tempo, inauguramos a segunda. Eu cuidava da produção dos sorvetes e do atendimento ao público. Dinheiro era com ele.

Com o fim do meu casamento de 12 anos, cada um ficou com uma sorveteria. Nossa casa era alugada. Fui morar com meu pai levando meus dois filhos.

Mas no ano seguinte, 2002, descobri que não levava jeito para administrar. Acabei gastando mais do que entrava e tive de fechar a sorveteria. Foi aí que me vi sem chão, com meus meninos de 7 e 10 anos para criar.

No desespero, voltei a fazer e vender geladinhos

Cheguei a passar necessidade. Atendi o fundo do poço quando uma amiga apareceu de surpresa para almoçar. Eu não tinha nada na geladeira! Fiquei morrendo de vergonha e desabei. Naquele mesmo dia, resolvi que precisava tomar uma atitude. E se faltasse

comida para os meus filhos? Nem pensar!

Me pus a fazer meus geladinhos e meus sabonetes e sachês artesanais. Comecei o negócio com os conhecidos e coloquei uma placa no muro da casa do meu pai. No primeiro mês, consegui pagar a conta de luz com o que ganhei numa encomenda de lembrancinhas para festa. Também comeci a anotar em um caderninho todos os meus gastos do mês. Assim, fiquei mais organizada. E meu negócio foi capaz de me manter. Aprendi a me virar com R\$ 1.000 por mês. Não é uma fortuna, mas consigo pagar a comida e outras necessidades básicas da minha família.

Meu filho mais velho já é técnico em eletrônica!

Vivo dos meus negócios há nove anos. E diversifiquei minhas saídas de emergência. Além dos geladinhos, passei a trabalhar com sorvetes caseiros e doces. Aprendi a fazer velas decorativas e aproveitei a onda da reciclagem para criar várias peças, de arranjos de cabelo a porta-trecos. E o mais legal: abri um

Conte pra gente um episódio marcante da sua vida. Veja como enviar a sua história:
www.soumaiseu.com

ias para sair do sufoco!

brechó de roupas usadas em um cômodo da casa do meu pai, onde vivo com meus filhos. Desde 2008, vendo roupas usadas a preços bem acessíveis. É um sucesso!

Grças aos meus negócios, meus filhos puderam ter uma infância e uma adolescência dignas. O mais velho, de 20 anos, já se formou no curso técnico de eletrônica e o mais novo, de 17, acabou de terminar o ensino médio. Eles já trabalham fora e ajudam em casa.

Ajudo outras mulheres a sair do sufoco com ideias no meu blog

Há cerca de três anos, consegui comprar um computador. Assim, descobri o mundo da internet e quis compartilhar minha experiência. Mostrar saídas para outras pessoas é uma satisfação para mim. No meu blog, publico soluções que já testei e outras que pesquisei na internet.

Minha especialidade é dar ideias para quem quer vender ou oferecer um serviço sem sair de casa. E as internetistas adoraram! Me emocionei quando recebi o e-mail de uma leitora que tem um filho bebê e o marido está desempregado. Ela fez meus geladinhos e conseguiu botar comida em casa!

É gratificante ser um exemplo para outras mulheres. No ano passado, meu blog foi eleito como um dos 30 melhores do Brasil no concurso Topblog. Adivinha em qual categoria fui selecionada? A de empreendedorismo! Hoje digo sem medo: só passa sufoco quem quer! Sempre existe uma saída de emergência!



Este é o meu blog! Ajudo muitas mulheres!

Da redação

10 saídas de emergência de sucesso do blog da Melita

Veja dez sugestões para sair do sufoco com pouco dinheiro. Todas as dicas estão no blog da nossa leitora e fazem muito sucesso no mundo virtual. Para conferir na íntegra as receitas com passo a passo, acesse o blog www.saidadeemergencia.blogspot.com. Aproveite!

1 Geladinho No calor, a venda é ótima!
• **Você precisa de:** Suco artificial, açúcar, água e saquinhos para geladinho.
• **Investimento:** R\$ 1 para fazer 20 geladinhos.
• **Preço de venda:** R\$ 0,25.
• **Lucro:** R\$ 4 a cada 20 geladinhos.

2 Ecobags de TNT As ecobags estão substituindo as sacolinhas plásticas.
• **Você precisa de:** máquina de costura e tecido TNT.
• **Investimento:** R\$ 1 por bolsa.
• **Preço de venda:** R\$ 5.
• **Lucro:** R\$ 4 por bolsa.

3 Pirulitos de chocolate Vendem bem na Páscoa e são muito encomendados como lembrancinhas de festas infantis.
• **Você precisa de:** 1 barra de chocolate de 1 kg, palitos, saquinhos e fôrma plástica.
• **Investimento:** R\$ 25 para 50 pirulitos.
• **Preço de venda:** R\$ 1,50.
• **Lucro:** R\$ 50 a cada 50 pirulitos.

4 Marido ou esposa de aluguel Muitas mulheres são solteiras e precisam de ajuda em pequenas tarefas domésticas, como trocar lâmpadas, instalar aparelhos e até fazer a compra do supermercado.
• **Investimento:** nenhum.
• **Preço da visita:** a partir de R\$ 10.
• **Lucro:** R\$ 10 por visita.

5 Foto maluca Feche um pacote com o dono da festa e ofereça o serviço de fotos divertidas. Leve perucas e máscaras. Se puder, invista em uma impressora portátil.
• **Você precisa de:** máquina fotográfica e acessórios divertidos.
• **Investimento:** impressão de foto de R\$ 100.
• **Preço por evento com 100 fotos:** de R\$ 300 a R\$ 800.
• **Lucro:** a partir de R\$ 200.

6 Reforço e aulas particulares Use seus conhecimentos para ganhar uma grana. Pode ser aula de português, matemática, história, línguas e música. Dá para lecionar em casa!
• **Investimento:** nenhum.
• **Preço por aula:** a partir de R\$ 30.
• **Lucro:** a partir de R\$ 30.

7 Brechó de roupas e acessórios Separe roupas usadas, mas bem conservadas, e coloque à venda. Sugira o mesmo aos seus conhecidos e venda as peças na sua loja por consignação. O lucro será dividido: 30% para você e o restante para a dona da peça. Vende muito bem!
• **Investimento:** nenhum.
• **Preço da venda:** a partir de R\$ 5.
• **Lucro:** a partir de R\$ 1,50 por peça.

8 Lingerie Você pode pegar as peças em consignação ou comprar no atacado e revender. Dica: invista em peças para gordinhas. Lucro na certa!
• **Investimento:** R\$ 20 no conjunto.
• **Preço de venda:** R\$ 40.
• **Lucro:** R\$ 20 por conjunto.

9 Feltro para o cabelo Acessório de feltro é superbarato! E tudo que é para o cabelo vende fácil.
• **Você precisa de:** feltro, tiaras e botões.
• **Investimento:** R\$ 6,30 (seis tiaras com flores).
• **Preço de venda:** R\$ 5.
• **Lucro:** R\$ 23,70 em seis tiaras.

10 Sabonetes decorados Vendem muito bem como lembrancinhas.
• **Você precisa de:** sabonete, papel para decupagem e termolína.
• **Investimento:** R\$ 6, para três sabonetes.
• **Preço de venda:** R\$ 4.
• **Lucro:** R\$ 6 a cada três sabonetes.

Foto: reprodução de 10/08

ANEXO C - TEXTOS DO BLOG SAÍDA DE EMERGÊNCIA

99TEXTO DO PERFIL

Minha vida virou um blog...

Meu nome é Melita, mas podem me chamar de Mell. Tenho 50 anos, sou dona-de-casa, divorciada, desempregada e tenho dois filhos que são a minha alegria de viver. Resolvi fazer este blog tendo como base a minha experiência de vida, pois foi por causa das dificuldades que tenho passado até hoje que eu tive que aprender a me virar. A idade e a experiência não colaboram mais para conseguir um emprego fixo, e pensão alimentícia (quando havia) mal dava para os alimentos mesmo. Enfim, eu não sou ex-mulher de nenhum famoso jogador de futebol, apesar do "ex" ter se dado bem na vida e me deixado sozinha na vida com dois filhos pequenos. Assim, me tornei uma "pãe" (pai e mãe). Quem iria cuidar dos meus meninos para que eu trabalhasse fora? Sem solução, tive que me virar sozinha e há cerca de onze anos venho me desdobrando para criar, educar e ajudar no sustento dos dois homens da minha vida, até que o quadro se inverta e eles passem a me sustentar. O que fazer em tempos de vacas magras? Quando você não consegue um emprego ou não pode sair para trabalhar? Houve momentos de desespero, angústia, ansiedade, tristeza e profunda depressão, mas teve que haver uma saída para mim, e para você também há. Entitulei o blog de "SAÍDA DE EMERGÊNCIA" porque tive que descobrir que meu ganha-pão tinha que sair de dentro da minha casa mesmo pois precisava cuidar dos meus meninos. Não, não fiquei rica! E nem quero! Sei muito bem que dinheiro ajuda, mas não traz felicidade. Dinheiro compra a cama, mas não paga o sono. Amo artesanato, faço de tudo um pouco e nunca fico parada. Nunca fiquei à toa, e como o emprego fixo está difícil, me viro como posso nos meus "bicos". Pode ser pouco, mas é justo, ganho com meu trabalho e o melhor, agora posso trabalhar dentro e fora de casa e ainda cuidar dos meus (agora) rapazes! De acordo com as datas de postagem do blog, vcs verão como fui trabalhando e nos sustentando. Enfim, as dicas que trago neste blog não tem a finalidade de mostrar que uma pessoa pode ganhar "rios" de dinheiro da noite para o dia, mas, sim, podem funcionar como "Saída de Emergência" num momento difícil. Vou tentar mostrar que existem grandes oportunidades para trabalhar a partir de nossa própria casa, muitas vezes com pouco ou quase nenhum capital, podendo até mesmo, um dia, estas atividades se tornarem o sustento da sua família. Espero que seja de grande utilidade para vocês (e para mim também).

POSTAGENS DO BLOG

23/04/2011

Matéria comigo na "Sou mais Eu!"

Como todos sabem, fui convidada pela repórter Helena Dias, da revista "Sou mais Eu" (Editora Abril) para uma matéria contando um pouquinho da minha vida e trazendo também algumas dicas do meu blog. Depois de alguns contatos com Helena que é uma gracinha, na semana passada tive a felicidade de ver a matéria publicada na edição número 230. Para mim, foi maravilhoso porque eu sou uma "ilustre desconhecida" das pessoas do mundo real (e acho que continuo sendo, hehe). Sou realmente mais conhecida no mundo virtual, convivo diariamente com pessoas que jamais verei na vida e sou muitíssimo feliz por ver que consigo ajudá-las através do meu trabalho aqui no blog. Por isso, quero agradecer de coração às manifestações de carinho de vários leitores que entraram em contato comigo me parabenizando, e também aqueles que ficaram conhecendo o blog por causa da revista. Agradeço às minhas amigas que fizeram de tudo para comprar um exemplar, mas infelizmente, vários leitores não conseguiram um. Então, estou hoje fazendo uma surpresinha para quem queria ler e não conseguiu. Estou postando as duas páginas para vocês que queriam tanto ler a minha matéria. É só clicar na imagem que aparecerá maior, e aí é só dar mais um click e pronto. Vai dar para ler direitinho. Depois me digam o que acharam. Mais uma vez, muito obrigada e um bjo enorme pra todos.

Meu blog foi criado em 2009, sendo que na época eu estava desempregada. A partir daí várias coisas ocorreram durante este período de modo que precisei alterar o meu perfil, como a minha idade e as ocupações que tive (trabalhos). Para tanto, deixo aqui registrado estas mudanças.

Em 2009 - 47 anos - Fui babá de duas meninas, cuidando delas em minha casa enquanto as mães trabalhavam.

Em 2010 - 48 anos - Continuei sendo babá de uma das meninas que cuidava antes, novamente em casa e no período em que ela ficava na escola eu trabalhava como Monitora de Crianças de 1 a 2 anos na Creche Filhos do Rei.

Final de 2010 para 2011 - Abri as portas do meu brechó na minha casa. Antes vendia dentro de casa mesmo.

Em 2011 - 49 anos - Brechó fechado para reforma da casa. Fui trabalhar numa pizzaria, à noite, como diarista e, aos 49 anos, consegui trabalhar de "Carteira Assinada" depois de seis anos sem registro. Trabalhei de abril/2011 a Jan/2012.

Início de 2012 - 50 anos - Saí do emprego por motivo de saúde (a idade começou a pesar me causando muito inchaço nas pernas pelo fato de trabalhar mais de 8 horas em pé).

Maio de 2012 - Voltei novamente a trabalhar por conta própria com meu brechó, meus geladinhos, artesanatos e outras coisitas mais.

Junho de 2012 - Trabalho com meu brechó e sou babá de duas crianças na minha casa. Temos uma renda bem menor agora, pois meus filhos perderam a pensão do pai, mesmo eles sendo estudantes, sendo o mais novo universitário.

Julho de 2012 - Só trabalho com o Brechó agora. Não deu para conciliar brechó e ser babá ao mesmo tempo.

16/11/2012

A dor é inevitável. O sofrimento é opcional...

Olha só isso, amigos...que declaração mais linda do meu filho mais novo. Cada vez que eu leio, eu choro. Só para editar essa postagem, chorei 4 vezes, rsrsrs. Queria muito que as coisas tivessem sido diferentes para nós, mas não foi. Então, é difícil aguentar tudo calada, amigos. Talvez, algumas pessoas que me conheçam pessoalmente pensem que sofro pelo passado, mas eu esclareço aqui. Não sofro pelo passado, pelas perdas, pq o passado já está morto e enterrado, e aqueles que nos prejudicaram já estão perdoados. Fico triste às vezes, pelo presente mesmo, pq é muito difícil conviver com o desprezo, de ver negado aos meus filhos o que por direito é deles. Então, na vida, é preciso ficar calado e quieto em várias situações, e deixar Deus agir, porque Deus tudo vê. Aquilo que as pessoas desconhecem, mas que acontece, elas não vêem, mas Deus vê. E tenho certeza de que Ele, um dia, quando Ele quiser, vai honrar o nosso silêncio. Com certeza, é nossa confiança nEle que nos sustenta e nos faz caminhar em frente. Não pensem que minha fé não vacila, vacila sim, porque sou humana, tenho sentimentos, mas ainda bem que tenho um objetivo em minha frente, que é vencer. Se porventura tiro os olhos dele, quase desvio dessa meta, dá vontade de desistir. mas a fé que tenho é uma fé firmada. E fé é acreditar naquilo que ainda não se vê, mas sabemos que vai acontecer. Não vivo olhando as circunstâncias da vida, vivo pela fé mesmo. Um dia não vou mais chorar por não ver uma solução. O sofrimento não pode ser visto sempre de maneira negativa, porque as lutas e as perdas também podem se tornar em lucro em nossa vida. Nem sempre compreendemos o sofrimento, as suas vantagens. Tem gente que só murmura, reclama, se faz de coitado. Mas no meio das lutas, mesmo calados, temos que aprender a crescer. Na dor, aprendemos a ser melhores do que éramos. A dor é uma escola e sai aprovado quem quiser. A minha tristeza maior é não poder dar aos meus filhos tudo que eles tem direito nesta vida. Eles poderiam ter uma casa, ter conforto, poderiam ter tudo que quisessem. E creio que pela educação que recebem de mim (pq não é pq cresceram que não educo, educo sim!) jamais deixariam as coisas simples, continuariam sendo estudiosos e trabalhadores como são. Sou suspeita para falar, mas todo pai teria orgulho de ter filhos como eles...Infelizmente, não só meus filhos são rejeitados, mas muitos filhos por este mundo afora. A minha dor é a mesma de muitas mães. Eu só queria entender como essas pessoas que negam meus filhos (pq não é só o pai, como no caso dos meus) conseguem dormir tranquilas. Será que dormem? Têm tudo e ao mesmo tempo não têm nada, então será que podem reclinar a cabeça no travesseiro e dormir sossegadas? Tudo o que tem sido retido na vida deles por quem não quer dar, pode se perder, porque são coisas materiais. O que importa na vida é o que fica, não o que pode ser destruído e desfeito. Mas se por um lado alguém retém o que deles é por direito, do nosso lado nós escolhemos não reter. Nós damos aos outros aquilo que nos negam: o amor, e amor de várias formas, tanto material quanto em forma de sentimento. Eu recebo amor demais dos meus filhos, como é bom isso! Como é bom! É a minha mola propulsora, é por causa deles que eu prossigo. Aqui em casa, além de mãe e filhos, somos amigos. Ouço "mãe, eu te amo" várias vezes no dia e não tem preço que pague isso! Só uma mãe sabe o valor dessa expressão, é o reconhecimento. Essa declaração de amor que vcs leram aí em cima é uma em meio a um montão que já recebi. Tanto eu, quanto meus filhos temos muito para dar em matéria de amor e não o negamos. São várias as formas de dar, pode ser dando uma palavra de apoio, ajudando a realizar alguma coisa ou simplesmente ouvindo. Só não temos dinheiro para dar, rsrsrs O sofrimento na vida não nos deixou amargos, pelo contrário, decidimos ser melhores e queremos ser mais ainda. Sou feliz por meus filhos não serem revoltados com a situação de abandono deles, mas mesmo abandonados não fomos vencidos pelo desespero. Meus filhos cresceram me vendo lutar e estão aprendendo a lutar e conseguir tudo sozinhos, aliás, com a única ajuda que tem vindo de Deus, o nosso Sustentador. Estamos aprendendo juntos a sobreviver, cada dia é uma batalha, mas é ganha, mesmo com lágrimas e vamos ainda colher os frutos que plantamos, e tenho certeza de que serão doces esses frutos. Então, mães sozinhas, não se entreguem ao sofrimento, porque o amanhã chegará. O mundo dá voltas, e aqueles que hoje agem com desprezo podem vir a necessitar de nossa ajuda. E nós, por gratidão, ajudaremos porque somos MÃES, e o amor de mãe é o amor mais próximo do amor de Deus. É um amor que não nega nada. Obrigada, amigos leitores, homens e mulheres, por perder um tempinho lendo este post enorme que não tem nada a ver com dicas de trabalho em casa, mas deu vontade de deixar aqui este desabafo. Bjos no coração. Fiquem na paz e tenham um fim de semana abençoado.